



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**



**O ESPETÁCULO DE IMAGENS NA ORDEM DO DISCURSO
MIDIÁTICO: O CORPO EM CENA NAS CAPAS DA REVISTA VEJA**

TÂNIA MARIA AUGUSTO PEREIRA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Regina Baracuhy Leite

**JOÃO PESSOA, PB
Maio – 2013**

TÂNIA MARIA AUGUSTO PEREIRA

**O ESPETÁCULO DE IMAGENS NA ORDEM DO DISCURSO
MIDIÁTICO: O CORPO EM CENA NAS CAPAS DA REVISTA *VEJA***

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Linguística, sob a orientação da Profª Drª Maria Regina Baracuhy Leite.

Área de concentração: Linguística e Práticas Sociais
Linha de pesquisa: Discurso e Sociedade

**JOÃO PESSOA, PB
2013**

TÂNIA MARIA AUGUSTO PEREIRA

**O ESPETÁCULO DE IMAGENS NA ORDEM DO DISCURSO
MIDIÁTICO: O CORPO EM CENA NAS CAPAS DA REVISTA *VEJA***

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Linguística.

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientadora: **Prof.^a Dr.^a Maria Regina Baracuhy Leite**
Universidade Federal da Paraíba/UFPB

Membro Titular: **Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa**
Universidade Estadual de Maringá/UEM

Membro Titular: **Prof. Dr. Linduarte Pereira Rodrigues**
Universidade Estadual da Paraíba/UEPB

Membro Titular: **Prof.^a Dr.^a Maíra Fernandes Martins Nunes**
Universidade Federal de Campina Grande/UFCG

Membro Titular: **Prof. Dr. Pedro Farias Francelino**
Universidade Federal da Paraíba/UFPB

Aprovada em 12 de abril de 2013.

AGRADECIMENTOS

A escrita estabelece relações fecundas de trocas, que podem ser transitórias, intensas ou não. Embora inquietantemente solitário, o ato de escrever só se afirma e se completa quando consegue estabelecer um diálogo com outras pessoas, com as urgências que invadem a arena social. Portanto, há sempre a presença de outras pessoas no que estamos fazendo, pois não somos nada sozinhos. Por isso, tenho muito a agradecer.

- A *Deus*, pela oportunidade de realizar este trabalho e pela força para enfrentar as dificuldades encontradas durante sua realização. Graças por demolir minhas muralhas e me modificar para alguém melhor; por ter-me dado não o que eu pedia, mas o que eu precisava e merecia; por colocar tantas pessoas boas ao meu lado; por propiciar tranquilidade depois da aflição.
- À Prof^a Dr^a Regina Baracuhy, pela acolhida no Doutorado e pela competente orientação no meu mergulho nas águas profundas da Análise do Discurso. A você, todo o meu respeito e a minha admiração.
- Aos professores, Pedro Navarro, Linduarte Pereira, Maíra Nunes e Pedro Francelino, que aceitaram o convite para compor a Banca Examinadora e se dispuseram a ler esta tese, contribuindo, assim, para o seu aprimoramento.
- Ao Prof. Dr. Nilton Milanez, que sugeriu novos caminhos para o meu trabalho e abriu searas onde eu via apenas deserto.
- Aos companheiros do Grupo CIDADi (Círculo de Discussões em Análise do Discurso), pelos múltiplos apoios recebidos. As leituras e debates realizados no Grupo foram muito proveitosos para a produção deste trabalho.

DEDICATÓRIA

- À minha mãe, por ter me transmitido o conhecimento que não cabe em nenhuma tese. Através de exemplos, ela me ensinou que tudo deve ser feito com amor, dedicação, coragem, sinceridade, honestidade e fé. Com ela aprendi que a educação é algo extremamente importante e que devemos sempre lutar pelos nossos sonhos e não esperar que eles surjam em nossas mãos.
- A Marcelo, por seu amor, companheirismo, apoio, paciência e aceitação do meu longo afastamento, principalmente, durante a escrita deste trabalho.
- Aos meus filhos, Simone, Luiz e Marcelo Júnior, que foram tolerantes com minhas ausências e meus momentos de mau humor devido ao cansaço e horas de sono atrasado. A eles, meu amor e carinho.

Reconheço meu privilégio de conviver com vocês, pessoas tão especiais na minha vida e ter tido todas as condições favoráveis, tanto humanas quanto materiais, para escrever este trabalho. Agradeço-lhes por compartilharem minhas tristezas e alegrias. De alguma maneira, vocês me ajudaram a sonhar, lutar e conseguir realizar meu sonho. Para vocês, MINHA ETERNA GRATIDÃO!

Uma divertida crônica de Luis Veríssimo, intitulada “A Outra”¹, pode ser uma boa explicação para o culto exagerado ao corpo da contemporaneidade.

[...] apavorada com a perspectiva de envelhecer e o marido trocá-la por uma mais moça, fez plástica atrás de plástica, tantas que hoje tem cinquenta anos, mas um corpo de vinte e um rosto de trinta, se você não olhar de perto. Alisou e realizou as rugas, tirou daqui, enxertou ali, levantou acolá – o acolá é sempre o primeiro a cair – e conseguiu: não envelheceu. Mas no outro dia nos contou que o marido a trocou por outra.

Estava inconsolável, só não podia chorar para não desmanchar a maquiagem. Tentamos consolá-la assim mesmo, chamando o marido de tudo. Inclusive de cego, pois quem procuraria outra mulher, tendo uma como ela – corpo de vinte, rosto de trinta – em casa?

As outras mulheres começaram a desenvolver teses sobre o que leva homens mais velhos a procurar mulheres mais moças. Pânico sexual, antes de mais nada. Descontadas, claro, as falhas naturais do caráter masculino, que também se acentuam com a idade. Mas ela que esperasse. Cedo ou tarde, ele se cansaria da mulher mais moça, ou ela se cansaria dele, e...

– Ela não é mais moça! – interrompeu a nossa amiga – Ela é mais velha do que eu!

Abriu-se uma clareira de espanto. O quê? Mais velha? E ela contou que a outra nunca fizera plástica, que a outra nem pintava os cabelos. Era uma senhora grisalha, matronal, exatamente do tipo que ele esperara em vão que ela ficasse, segundo ele mesmo dissera. Sim, porque nossa amiga fora pedir satisfação, pronta, inclusive a bater na outra. Não só não batera como acabara ouvindo conselhos da outra – num tom maternal!

O que mais doera fora o tom maternal.

¹ Crônica publicada no jornal *O Globo* (31/05/2001)

Capa de Revista

Gilberto e Gilmar

Capa de revista, exposta na banca para todos verem.
Um dia, à tarde, andando na rua me surpreendi
Quando numa banca vi um corpo nu, queimado do sol
Conhecido meu, há tempos atrás me pertenceu
Como eu era feliz! [...]

Meu corpo não é meu corpo. É ilusão de outro ser.
Carlos Drummond de Andrade.

RESUMO

Esta tese investiga a espetacularização do corpo na mídia. O objeto de nossa pesquisa é o discurso sobre o corpo e seus sentidos passíveis de análise nas capas da Revista **Veja** que abordam o culto ao corpo. Tendo como pressuposto a compreensão do corpo como um acontecimento discursivo espetacularizado, como uma construção histórica e cultural, sobre a qual se articulam diferentes discursos e saberes, objetivamos analisar de que maneira o corpo é construído discursivamente pela Revista **Veja**. Diante disso, buscamos esclarecer qual corpo essa Revista espetacularizou ao longo dos seus 44 anos de publicação e quais corpos foram excluídos. Também pretendemos refletir sobre como o discurso da Revista é significado, legitimado, reconhecido e mantido através das técnicas disciplinares usadas para adestrar os corpos, dentro do que Michel Foucault denomina Biopolítica. Teoricamente, este trabalho está inserido na terceira época da Análise de Discurso, período marcado por um diálogo entre os pensamentos de Michel Pêcheux e Michel Foucault. Além das contribuições de Foucault, em sua analítica do poder, às teorias do discurso, também nos apoiamos nas formulações discursivas de Jean-Jacques Courtine (2005, 2006, 2008, 2009a, 2009b), no campo dos Estudos Culturais, representados por Bauman (2001, 2005), Hall (2003, 2006), Silva (2003), dentre outros, e na noção de espetáculo, como desenvolvida por Guy Debord (1997). A mídia configura-se como um dispositivo disciplinador, na medida em que cria identidades e parte do princípio de que tais identidades são efeitos do discurso, já que é no interior das práticas discursivas que elas emergem. Cuidar de si na contemporaneidade significa cuidar do corpo, sentir-se bem a partir de regras de conduta e de princípios impostos como verdades e prescrições construídas pela mídia através da exposição incessante das imagens de corpos belos. Constatamos nas capas a atuação de dispositivos disciplinares que ditam formas e hábitos de vida enquadrados no saber/poder. Os corpos apresentados pelo discurso da Revista ordenam um dizer que vai além da estética da beleza, visto que tal discurso produz, estabiliza e faz circular um feixe de sentidos, materializando dizeres sustentados pela memória discursiva, apagando ou deixando implícitos outros.

Palavras-chave: Corpo. Mídia. Espetacularização. Poder. Biopolítica.

ABSTRACT

This thesis investigates the spectacularization of the body in the media. The object of our research is the discourse on the body and its senses can be analyzed on the covers of the *Veja* magazine that address the cult of the body. Based on the assumption the understanding of the body as a discursive event spectacularized, as a historical and cultural construction, on which articulate different discourses and knowledge, we aimed to assess how the body is discursively constructed by *Veja* magazine. Therefore, we seek to clarify which body this magazine spectacularized over its 44 years of publication and which bodies were excluded. We also seek to reflect on how the discourse of the magazine is meant, legitimated, acknowledged and maintained through disciplinary techniques used to train the body, within what Michel Foucault calls Biopolitics. Theoretically, this work is part of the third season of Discourse Analysis, a period marked by a dialogue between the thoughts of Michel Pecheux and Michel Foucault. In addition to the contributions of Foucault, in its analytical power, theories of speech, we also support the discursive formulations of Jean-Jacques Courtine (2005, 2006, 2008, 2009a, 2009b), in the field of Cultural Studies, represented by Bauman (2001, 2005), Hall (2003, 2006), Silva (2003), among others, and the notion of spectacle, as developed by Guy Debord (1997). The media is configured as a disciplining device, as it creates identities and assumes that such identities are effects of speech, since it is within the discursive practices they emerge. Taking care of yourself means taking care of the contemporary body feel good from rules of conduct and principles imposed truths and prescriptions as constructed by the media through exposure incessant images of beautiful bodies. We note the work on the covers of disciplinary mechanisms that dictate forms and habits of life framed in power / knowledge. The bodies presented by the discourse of ordering one magazine saying that goes beyond the aesthetic beauty, since such discourse produces, stabilizes and circulates a beam directions, materializing sayings sustained by discursive memory, deleting or leaving implicit others.

Keywords: Body. Media. Spectacularization. Power. Biopolitics.

SUMÁRIO

TESSITURAS INICIAIS.....	10
O percurso metodológico	18
Constituição do <i>corpus</i>	20
1 PELAS VIAS ABERTAS NA ANÁLISE DE DISCURSO	27
1.1 O lugar de onde falamos.....	27
1.2 A contribuição de Michel Foucault	38
1.3 A arqueogenealogia foucaultiana	42
1.3.1 Sobre a noção de poder	44
1.3.2 Da sociedade disciplinar à sociedade de controle	48
1.3.3 Sobre a noção de Governamentalidade	54
1.3.4 Investimento nos corpos: biopolítica e biopoderes	57
2 O CORPO EM CENA NA REVISTA VEJA	68
2.1 Revista VEJA - um gênero discursivo como suporte textual	68
2.2 Um olhar sobre a Revista VEJA	72
2.3 Do espartilho ao silicone	75
2.4 <i>Body-building</i> : o corpo no século XX	84
2.5 <i>Machine sexy body</i> : o corpo no século XXI.....	100
3 O ESPETÁCULO DE IMAGENS NA ORDEM DO DISCURSO MIDIÁTICO.....	111
3.1 A onipresença do corpo espetacularizado nas capas da VEJA.....	111
3.2 Corpo e intericonicidade: os ecos da imagem	135
3.3 A constituição identitária do sujeito na mídia	145
4 ONDE HÁ PODER, HÁ RESISTÊNCIA: O CORPO GORDO NA MÍDIA	154
4.1 Corpo gordo: normal ou anormal?.....	155
4.2 O discurso sobre o corpo gordo na Revista VEJA	168
4.3 Lugares de resistência	182
TESSITURAS FINAIS	189
REFERÊNCIAS	194

TESSITURAS INICIAIS

Eu não queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso; não queria ter de me haver com o que tem de categórico e decisivo; gostaria que fosse ao meu redor como uma transparência calma, profunda, indefinidamente aberta, em que os outros respondessem a minha expectativa, e de onde as verdades se elevassem, uma a uma; eu não teria senão de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz (FOUCAULT, 2000, p. 7).

Compartilhamos com a epígrafe acima, já que, como somos incentivados a falar, também somos constrangidos a controlar nosso dizer. Somos impelidos pela vontade de começar e, ao mesmo tempo, pelo receio de fazê-lo. Quando entramos no campo do discurso, entramos no campo dos embates. Foucault (2000) nos apresentou os perigos que rondam os começos. Segundo ele, a rarefação dos discursos impõe aos sujeitos algumas regras, para que ninguém entre na “ordem arriscada do discurso” se não satisfizer as exigências impostas.

É entrando nas regras do discurso científico que começamos nossas reflexões sobre o corpo, considerado aqui como acontecimento histórico-discursivo. O corpo nosso de cada dia está circunscrito à ideologia da perfeição e ao imperativo da saúde e da beleza. A tarefa de investigar o corpo na sociedade contemporânea é extensa e complexa, haja vista que ele constitui um tema de fronteira que se encontra em constante transformação e apresenta inúmeros paradoxos. O fato de este tema desencadear tantos problemas indica a extensão do assunto a ser explorado, bem como as diversas abordagens utilizadas nas pesquisas atuais. Dentre elas, destacamos os trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa LABEDISCO², que tem como eixo central os estudos do discurso e do corpo, sob a luz da teoria foucaultiana.

Neste sentido, cabe questionar por que investigar o corpo dentro da Linguística, especificamente no campo teórico da Análise do Discurso (AD), ao qual nosso trabalho está vinculado. Na contemporaneidade, esse campo teórico trabalha com materialidades discursivas diversas, que vão desde os discursos institucionalizados até aqueles do cotidiano, abarcando, dentre outros, o discurso do corpo. Considerando a perspectiva heterogênea do discurso, o corpo pode ser colocado em cena e tomado como objeto de análise, visto que ele está incorporado à “língua de vento” da mídia, da publicidade; inserido nos “espaços discursivos não estabilizados logicamente”; e relacionado aos múltiplos discursos do cotidiano.

² Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo. Grupo coordenado pelo Prof^o Dr. Nilton Milanez, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

A AD introduz o sujeito e a história na reflexão sobre a linguagem. Por isso é um campo adequado para se estudar o corpo, já que não se pode separar sujeito e história na produção dos sentidos sobre o corpo. Os estudos discursivos da linguagem possibilitam pensar e descrever a maneira como, historicamente, se entrecruzam regimes de práticas e série de enunciados sobre o corpo na contemporaneidade. Neste trabalho, a partir das lentes teórico-analíticas do campo do discurso, lançamos um olhar sobre o corpo veiculado nas capas da revista **Veja**, refletindo sobre o discurso que se apresenta em evidência, trazendo à presença o que se mostra ausente, o que é interdito.

Diante das vertiginosas transformações em curso na sociedade pós-moderna, sobretudo, no deslizante terreno da subjetividade, não paramos de nos questionar: “quem somos?” Também podemos nos perguntar: “que corpo nos pertence?”. Não nos reconhecemos mais, nem mesmo no que ainda ontem era nosso cotidiano. Isso devido à liquidez identitária (BAUMAN, 2001), característica da sociedade pós-moderna, que foi invadida pela ascensão da mídia, que privilegia a superfície³ na qual reina um simulacro⁴ e uma excessiva exposição imagética.

Na contemporaneidade, a mídia ocupa um dos lugares centrais na produção das discursividades, formando, parcialmente, a opinião pública, atuando não só como meio de produção e circulação de textos, mas também como fonte de discursos que fundamentam e orientam nossas atuais relações sociais. Considerando a polifonia do discurso midiático, no qual ecoam vozes oriundas de campos de saber legitimados, neste trabalho, pensamos a mídia na instância da manifestação e circulação de discursos (e dos valores que deles decorrem) sobre um corpo magro, jovem, saudável e belo.

No campo acadêmico, os estudos sobre o corpo estão na ordem do dia, não só porque este é um tema instigante, mas sobretudo porque as pesquisas acerca do assunto, nas mais diferentes áreas do conhecimento, refletem o lugar de destaque alcançado pelo corpo dentro da sociedade contemporânea.

³Sobre esse assunto, Maffesoli (1999) defende que o mundo e a sociedade pós-moderna estão centrados na aparência e na banalidade das coisas e tal efemeridade dá razão e sentido à vida cotidiana. O autor postula que o corpo, as roupas são meios de comunicação, e que a vida urbana é a vida das aparências. Ele considera que em nosso tempo está instaurado um hedonismo coletivo, o ideal do *carpe diem* em que tudo deve ser vivido e aproveitado imediatamente. Por ter um grande impacto imagético, a mídia trabalha com a aparência, considerada a primeira camada significativa

⁴ Considerando que a mídia fomenta realidades ilusórias, usamos a noção de simulacro não como sinônimo de falso, mas no sentido de uma coisa estar no lugar de outra, como uma encenação.

No âmbito das Ciências Humanas, o corpo pode ser descrito e apreendido mediante diversos enfoques: como linguagem; mercadoria; foco de coerção social; expressão da cultura; dominação de gênero; identidade social; suporte e objeto de arte; metáfora de estruturas políticas; zona erógena, entre outros. A configuração dos estudos que englobam a corporeidade no presente contexto passa por múltiplos olhares: o corpo narcísico insuflado pelo individualismo exacerbado da era do vazio (LIPOVETSKY, 1983); o corpo disciplinado e vigiado pelas estratégias de controle do saber/poder e foco do biopoder e da biopolítica (FOUCAULT, 2005, 2006a, 2006b, 2008a, 2008c, 2009, 2010); o corpo-imagem, inserido na espetacularização da mídia (DEBORD, 1997); o corpo-identidade, no mundo pós-moderno (HALL, 2006); o *body-building* como nova ética social (COURTINE, 2005); a passagem do corpo-produtor para o corpo-consumidor (BAUMAN, 2008), dentre outros.

Embora venha crescendo o número de pesquisas com essa temática, delimitar o corpo como objeto da investigação é se lançar, a cada dia, numa experiência desafiadora. Experiência que envolve grandes dificuldades e uma série de questionamentos e problemáticas a serem esquadrihadas, desde os domínios médicos, psicológicos, filosóficos, teológicos, passando pela Psicanálise, pela Pedagogia, pelas Artes, chegando à Sociologia, à Antropologia e à História. O corpo, portanto, em função das diversas perspectivas que compõem cada saber institucionalizado, é, de certa maneira, (quase) tudo ou (quase) nada.

O fato de as práticas discursivas sobre o corpo serem contemporâneas justifica nossa análise, já que são práticas conhecidas e com as quais nos defrontamos no cotidiano. É justamente esse o motivo pelo qual demandam análise. É por nos parecer tão óbvio e acessível que devemos refletir sobre o discurso do corpo, e apontar suas possíveis especificidades históricas, ou seja, o que foi interditado, observar suas continuidades e descontinuidades em relação a práticas temporal e culturalmente diferentes das nossas, levantar as especificidades dessas práticas conforme as particularidades do corpo.

Ele se tornou uma valiosíssima imagem para ser exibida na sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997), em que a nova superficialidade, a crise da historicidade e a produção de imagens e simulacros traduzem-se na padronização, na virtualização e na comercialização do corpo como objeto rentável. Neste cenário, o sujeito tem uma ilusão de liberdade, de que pode intervir no próprio corpo, reinventando-o a partir de escolhas individuais, sem se dar conta de

que suas escolhas são, geralmente, impostas pela mídia, espaço privilegiado do discurso sobre o cuidado de si⁵, que estabelece o corpo como produção simbólica.

Tendo como pressuposto a efetiva participação da mídia e suas especificidades técnicas atuais na produção dos discursos, acreditamos que, conforme nos sugere Courtine (2003; 2006a, 2009b), é preciso que empreendamos uma análise das mudanças do/no discurso, considerando, entre outros elementos, sua inscrição em novas materialidades que valorizam e estimulam a fluidez, a velocidade, o escoamento e a fugacidade na produção e apropriação dos discursos; o que se reflete nas representações discursivas sobre o corpo na contemporaneidade, e sua inscrição na mídia impressa, especificamente nas capas da Revista **Veja**, analisadas nesta pesquisa.

Compreendendo o corpo como uma construção histórica e cultural, a respeito do qual se articulam diferentes discursos e saberes científico-tecnológicos, buscamos investigá-lo nas capas da **Veja**, considerando que esta Revista é uma publicação de interesse geral e também um manual de conduta sociocultural, ferramenta de disciplina. O objeto de nossa pesquisa é o discurso sobre o corpo e seus sentidos passíveis de análise nas capas da Revista **Veja** que tratam do culto ao corpo, desde 1972 até 2011.

Diante disso, questionamos qual corpo a Revista **Veja** espetacularizou ao longo dos seus 44 anos de publicação e que corpos foram excluídos. Supomos que esta Revista impõe um corpo magro, jovem e saudável à população brasileira, alicerçado por um discurso científico, ao mesmo tempo em que interdita o corpo gordo, velho e doente.

Além do objetivo geral de analisar como o corpo é espetacularizado no discurso da Revista **Veja**, pretendemos especificamente, a) verificar de que maneira os dispositivos disciplinares e de controle agem sobre o corpo apresentado nas capas da **Veja**; b) analisar como os mecanismos de saber/poder no discurso do cuidado de si incidem sobre o corpo; c) analisar a ação da biopolítica sobre o corpo através dos efeitos de sentido produzidos pela relação entre as materialidades linguística e imagética; d) investigar espaços de resistência ocupados pelo corpo gordo, diante do padrão identitário de magreza.

Buscando dar conta do nosso objeto de investigação, elucidar nossa problematização, atingir nossos objetivos e comprovar nossa hipótese, empreenderemos uma discussão teórica inserida em um campo fronteiro da Linguística contemporânea, a saber: a AD. Em face da heterogeneidade constitutiva desse campo, que tem o discurso como objeto de análise, não há

⁵ Adentrar na noção do cuidado de si implica lidar com práticas de subjetivação. Em suas análises, Foucault (2007) privilegiou o modo como o poder penetra nos corpos e produz subjetividades. Por esse motivo, suas investigações voltaram-se para as tecnologias de si ou do “eu”, relacionadas ao cuidado de si.

um modelo de análise pronto. Desse modo, o analista do discurso ancora-se, concomitantemente, no arcabouço teórico que circunda a análise, haja visto que na AD, teoria e metodologia caminham juntas.

Inseridos na tradição daqueles que consideram o discurso midiático como sendo um objeto de estudo privilegiado dentro da relação entre a língua e a história, tecemos nossas reflexões acerca do entrecruzamento entre corpo, sujeito e identidade. Para isso, adotamos como embasamento teórico-analítico, os postulados pecheutianos, foucaultianos e as formulações discursivas de Courtine (2005, 2006, 2008, 2009a, 2009b). Além da AD, adentramos no campo teórico dos Estudos Culturais, no que concerne à questão da identidade, a partir de pesquisadores como Bauman (2001, 2005), Hall (2003, 2006), Silva (2003), dentre outros, e na noção de espetáculo, como desenvolvida por Guy Debord (1997). Esse aporte teórico permite vislumbrar o contexto sócio-histórico, peculiar a uma dada realidade que carrega práticas sociais capazes de identificar sujeitos e seu processo de identificação.

Considerando o diálogo entre Pêcheux e Foucault (GREGOLIN, 2004), por ocasião da terceira época da AD, ressaltaremos neste trabalho as contribuições do filósofo francês para a teoria do discurso, com sua analítica do poder e sua visão ética/estética da existência. Pêcheux (2008) compartilhou com a vertente teórica foucaultiana, isto é, com a preocupação de considerar as condições históricas de existência dos discursos em sua heterogeneidade.

O método arqueogenealógico, elaborado por Foucault, subsidia nossa análise, já que tal metodologia oferece condições para observar o corpo como uma fabricação histórica e analisar os sistemas de governamentalidade, isto é, as regras de conduta e prescrições que constroem, transformam, redefinem e mantêm os saberes sobre o corpo na pós-modernidade. A partir desse procedimento, analisamos na **Veja** conjuntos de enunciados efetivamente ditos por detentores de saber, especialistas de diversas ordens; dizeres que carregam elementos capazes de construir para os leitores imagens corporais modelares, objetivando-os como sujeitos. Tal objetivação se dá a partir do momento em que a Revista propicia que os leitores absorvam determinadas técnicas de cuidado de si, oriundas de diferentes ordens (médica, jurídica, econômica etc.) e campos discursivos (saúde, nutrição, estética etc.), envoltas em uma recomendação básica: “cuide de seu corpo, de sua saúde, de seu bem estar”.

Dessa forma, utilizamos algumas noções foucaultianas basilares, dentre elas: enunciado, discurso, formação discursiva, disciplina, controle, saber, poder, verdade, biopoder, biopolítica. O pensamento foucaultiano apresenta-se como uma ferramenta adequada para escavar as práticas corporais cotidianas inseridas em contextos sociais

múltiplos, na busca das descontinuidades, das regras, das disciplinas e de uma retórica corporal construída com base no controle e na resistência.

Foucault (2009) defende que, em qualquer sociedade, o corpo encontra-se no interior de poderes, que lhe impõem proibições e obrigações. O pensamento foucaultiano concebe um corpo submetido a normas por meio de práticas disciplinares, cuja pretensão é adestrar o sujeito com a finalidade de torná-lo dócil e útil. A partir da análise foucaultiana sobre as disciplinas, é importante destacar que as transformações sofridas na percepção do corpo são decorrentes das técnicas que recaem sobre ele.

Foucault interpretou o corpo como uma superfície para o exercício de relações de poder, como um “caminho” para a subjetivação. Na opinião de Dreyfus e Rabinow (2010, p. 125), “um dos maiores empreendimentos de Foucault foi sua habilidade em isolar e conceituar o modo pelo qual o corpo se tornou componente essencial para a operação de relações de poder na sociedade moderna”.

Dessa maneira, acreditamos que Foucault é uma escolha adequada para pesquisadores que não querem reproduzir teorias prontas, resumindo seus pontos principais para aplicar em objetos de investigação. Como pesquisadores, nossa principal tarefa é mostrar que certos conceitos são produtivos, que questionamos tais ou quais autores para submeter suas concepções a um empírico que fervilha em novas oportunidades de compreensão. É exatamente isso que pretendemos ao buscar em Foucault, elementos para observar a construção do corpo na mídia, a partir da análise dos discursos empreendida na composição dos corpos da Revista **Veja**.

Já que estamos interessados no poder sobre o corpo no cotidiano, poder este visto como uma “malha capilar de micropoderes” que se espalham sutilmente entre todos os sujeitos através de pequenas práticas repetitivas, as concepções de Foucault serão relevantes para nossa análise. Esse “poder capilar” está na realidade mais concreta e cotidiana dos sujeitos, está tão próximo que eles não têm como evitá-lo. Um poder que significa o controle diário, sistemático, repetitivo e minucioso do comportamento do corpo de cada um.

Partindo das considerações de Debord (1997), que ressaltam que estamos sob o império das imagens e que, cada vez mais, a realidade se confunde com as representações imagéticas, se faz necessário discorrer acerca de como esta hegemonia da imagem, que tanto permeia as manifestações pós-modernas, interfere na vida social em geral e, em particular, nas formas de relacionamento com a corporeidade. Isso justifica nosso interesse em trabalhar com a imagem. Temos consciência de que vivemos em uma cultura dominada por imagens, onde a mídia tem um papel fundamental na produção de narrativas que criam um universo de ilusão.

O "espetáculo" midiático atinge as diversas esferas sociais, produzindo uma "realidade à parte" ou o "hiper-real", conforme expressão de Baudrillard (2008), coleção de cópias cujos originais foram perdidos ou, dito de outra forma, em que o referente vivido pelos homens desapareceu.

Levando em conta a importância da imagem na contemporaneidade, também serão relevantes em nosso trabalho as contribuições da Semiologia Histórica para auxiliar na análise das imagens. Courtine (2009a; 2009b) abriu caminhos para o estudo das materialidades não-verbais que constituem a historicidade dos discursos. Ele elaborou as bases de uma Semiologia Histórica, a fim de pensar discursivamente as redes de imagens que constituem a cultura e o imaginário de uma sociedade. Dentro de uma perspectiva semiológica, Courtine (2008) escreveu a história do corpo, pela análise das mutações do olhar que lançou sobre esse objeto. De natureza antropológica, a Semiologia pensada por Courtine é, segundo suas próprias palavras,

baseada na identificação de índices depositados mais ou menos conscientemente no fio dos conjuntos significantes; apoiada em práticas nas quais a dimensão subjetiva daquele que produz o índice como aquele que o detecta não poderia ser eliminada, nem mesmo reduzida; práticas em que o uso da intuição, o golpe de vista, a 'clarividência' constituem-se como elementos essenciais (COURTINE, 2011, p. 158).

Esta semiologia tem o mérito de promover a questão da imagem e de sua análise. Nela não há signos, mas indícios, traços do surgimento de um sentido imprevisto. Os efeitos de sentido se dão “por meio da identificação, pela detecção dos indícios no material significativo da imagem, dos traços que foram deixados por outras imagens, e pela reconstrução a partir desses traços da genealogia das imagens de nossa cultura” (COURTINE, 2011, p. 160). Assim, analisar imagens consiste em identificar seus indícios.

O corpo e a imagem, interpelados por discursos, constituem uma cultura e um imaginário social que reverberam na produção e circulação de sentidos que sustentam as relações sociais. O discurso da mídia sobre e para o corpo feminino interpela-o como espaço de memória discursiva, espaço de contradição e (des)construção de identidades, já que o corpo é constituído por outros discursos. Mais uma vez, trazemos Gregolin (2008b, p. 32) para ratificar o que buscamos explicar: “ao analisarmos a construção identitária na mídia do ponto de vista da Análise do Discurso, nossa atenção volta-se para as práticas discursivas que

criam o ‘efeito de sentido identidade’ em textos híbridos, cuja materialidade é composta pelas linguagens verbal e não-verbal”.

Na contemporaneidade, a mídia ocupa um dos lugares centrais na produção das discursividades. Atuando tanto como meio de produção e circulação de textos, como fonte de discursos que fundamentam e orientam nossas atuais relações sociais, a mídia forma, ao menos, parcialmente, a opinião pública. Considerando o amplo espectro coberto pela mídia, não é novidade nenhuma atribuir-lhe o papel de quarto poder⁶ em nossa sociedade.

A mídia nos interessa como um dos pólos de produção, manifestação e circulação de discursos (e dos valores que deles decorrem), que caracterizam a sociedade contemporânea em suas práticas e em suas representações. Graças a seu poder de difusão de ideias, um dos papéis desempenhados pela mídia, assim como outrora o fora pela Igreja, é aquele da constituição, da reafirmação ou da negação de representações discursivas, ou seja, de imagens que constituem nosso saber sobre nós mesmos e sobre os outros, sobre o que constitui nossa identidade e sugere nossas práticas, em conformidade ou contrariamente à identidade do outro.

O papel da mídia caracteriza-se, então, pelo poder de produzir e sugerir projeções dos sujeitos e de suas práticas, logo, pelo poder de instaurar subjetividades. A crescente ocupação da mídia do lugar, tanto de responsável pela constituição das subjetividades, quanto de porta-voz da sociedade, e seu comprometimento com o consumismo, podem ser observados nos princípios que sustentam essa lógica do consumo: a instantaneidade das informações, a fugacidade das opiniões e o culto à novidade.

É nesse sentido que Jean-Jacques Courtine (2009b) se vale da metáfora concebida por Zygmunt Bauman (2001) a respeito da “modernidade líquida” (na qual tudo é consumível rapidamente), com vistas a assinalar uma mudança nas discursividades, uma passagem dos discursos sólidos para os discursos líquidos. Os primeiros, segundo o autor, correspondem às

⁶ O quarto poder é uma expressão criada para qualificar, de modo livre, o poder das mídias em alusão aos outros três poderes típicos do Estado democrático (Legislativo, Executivo e Judiciário). Esta expressão refere-se ao poder da mídia quanto a sua capacidade de manipular a opinião pública, a ponto de ditar regras de comportamento, influenciar as escolhas dos indivíduos e, por fim, da própria sociedade. Sobre o tema, existe um filme assim nomeado em português, mas com o título original *Mad City*. O filme discute o poder midiático sobre a opinião pública e apresenta o poder de manipulação da mídia para favorecer os interesses de terceiros e conquistar audiências. A mídia é considerada como o quarto poder porque manipula os indivíduos, forma opiniões, controla o comportamento e as atitudes da maioria das pessoas, que, muitas vezes, não conseguem distinguir entre a mentira e a verdade, acreditando em tudo que lêem ou assistem.

línguas de madeira, ou seja, aos conjuntos compactos e saturados de enunciados em estado sólido. Os segundos remetem às línguas de vento da mídia, da publicidade, o discurso do cotidiano, as novas materialidades do mundo pós-moderno concretizadas nos discursos (COURTINE, 2009b).

A partir das contribuições da Análise do Discurso, da História e da Antropologia Cultural, Courtine (2003; 2006a; 2009b), referindo-se às transformações da fala pública, sobretudo no discurso político, analisa essas transformações relacionadas com as mudanças sofridas nos modos de circulação dos discursos. Para o autor, não se pode mais ignorar que a mudança nos modos de produção e circulação dos discursos implicou também um novo olhar nos regimes de discursividade. Essa mudança traduziu-se, como dissemos anteriormente, em uma passagem de discursos sólidos para discursos líquidos. Assim, o surgimento de novas tecnologias, a apropriação dessas tecnologias pela mídia e o papel dessa instituição na produção dos discursos, que constituem o que é dizível em uma sociedade, exigem que busquemos novos instrumentos teórico-analíticos para compreender os discursos cada vez mais líquidos.

O percurso metodológico

Nosso estudo está situado no contexto da pesquisa qualitativa, que consiste em um conjunto de práticas descritivas e interpretativas que dão visibilidade ao mundo (DENZIN e LINCOLN, 2006). Nesse tipo de investigação, pretende-se compreender e descrever uma dada situação, revelando seus múltiplos sentidos, o que impõe ao pesquisador uma abordagem interpretativa. Na pesquisa qualitativa, busca-se também analisar a relação do objeto de estudo com outros, sua natureza e suas características, tendo em vista sua interpretação, uma vez que, à medida que temos a visão desse objeto sob diferentes contextos, há uma construção de conceitos cada vez mais diversificada. Desse modo, a análise qualitativa predomina ao longo de nossa pesquisa, devido ao tratamento interpretativo concedido ao *corpus*.

O caráter interpretativo incide sobre a descrição e explicação dos efeitos de sentidos sobre o corpo, enquanto prática discursiva, já que buscamos descrever, interpretar, investigar no lugar de mensurar, constatar ou deduzir soluções. Do ponto de vista de Moreira e Caleffe (2008), o termo interpretativo é mais inclusivo do que outros termos, pois evita que pesquisas neste viés tenham conotação de essencialmente não-quantitativas e aponta para características comuns às várias abordagens. O objetivo da pesquisa interpretativa é buscar apreender os significados das ações humanas e suas implicações para a sociedade.

Na AD, teoria e metodologia são inseparáveis. Dessa maneira, ao utilizarmos as ferramentas constitutivas do arcabouço teórico que nortearão a análise, estaremos ao mesmo tempo usando os dispositivos metodológicos. Além disso, neste campo não se faz análise utilizando-se apenas a materialidade do enunciado (linguístico ou não linguístico), mas buscando a história na língua (PÊCHEUX, 2008) e, em nosso trabalho, investigando também a história na imagem (COURTINE, 2005 *apud* MILANEZ 2006a). A metodologia na AD não consiste em uma leitura horizontal, isto é, em extensão do início ao fim do texto tentando compreender o que está dito. O procedimento analítico é possibilitado no batimento constante entre descrever/interpretar, ou seja, acontece no vai e vem entre a descrição e a interpretação, na qual se verificam, por exemplo, as posições-sujeito assumidas a partir das regularidades discursivas evidenciadas nas materialidades. As pesquisas no campo da AD possuem um caráter qualitativo-interpretativista. No geral, busca-se uma “exaustividade vertical” (ORLANDI, 2009), considerando os objetivos.

Elementos imagéticos e a relação destes com a linguagem verbal podem ser observados, com a finalidade de compreender os efeitos de sentidos produzidos pela relação entre as materialidades linguística e não linguística. A abordagem da AD é um instrumental teórico-metodológico que permite compreender os sentidos produzidos a partir da incompletude das elaborações, que, implícitos ou explícitos, expressam um momento histórico. Nessa perspectiva, não se separam forma e conteúdo, procurando-se compreender a língua não só como estrutura, mas, sobretudo, como acontecimento (PÊCHEUX, 2008).

A AD é um campo aberto a revolvimentos em seu terreno epistemológico, e atualmente o contato com novas discursividades requer a necessidade de novas ferramentas, novos conceitos. Por isso, em nossa análise, faremos um diálogo entre imagens, por entendermos que uma imagem sempre retoma outras, o que possibilita relacioná-las e analisá-las de maneira descontínua na História.

Por outro lado, ao se preocupar com as regras que regiam as práticas discursivas, enfatizando uma prevalência teórica sobre a prática e as instituições, Foucault utilizou o método arqueológico. Ao propor uma destruição das evidências, que reintroduzisse o descontínuo, que fizesse ressurgir o acontecimento no que ele tem de único e agudo, o filósofo utilizou a genealogia nietzschiana.

São tarefas do genealogista: promover a dispersão dos acontecimentos; manter o que se passou na dispersão que lhe é própria; promover um corte na suposta relação determinista entre a coisa e a palavra que a nomeia, problematizando as relações de saber-poder que produziram realidades, saberes e subjetividades, um modo de ser, de sentir e de pensar;

demorar-se sobre os documentos que narram o cotidiano e os detalhes considerados banais, que pareciam não ter história. Segundo Foucault,

A genealogia é cinza; ela é meticulosa e pacientemente documentária. Ela trabalha com pergaminhos embaralhados, riscados, várias vezes reescritos [...]. Daí, para a genealogia, um indispensável demorar-se: marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona; espreitá-los lá onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história [...]; apreender seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos [...] (FOUCAULT, 2008a, p. 15).

Constituição do *corpus*

Neste trabalho, foi feito um recorte de materialidades a partir das lentes da mídia – essa mesma mídia que é mediadora das experiências (THOMPSON, 2008), e que detém o poder tanto de retratar a sociedade quanto de transformá-la (GIDDENS, 2002). As materialidades foram selecionadas na mídia impressa, especificamente da Revista **Veja**, nas capas que abordavam o culto ao corpo.

Apesar de considerarmos que o *corpus* mantém-se em construção, o que permite incorporar novos elementos ao material já constituído, montamos nosso *corpus* delimitando enunciados discursivos sobre o culto ao corpo presentes nas capas da Revista **Veja**. Para isso, fizemos uma busca no Acervo Digital da Revista que disponibiliza todos os exemplares, desde a sua primeira edição, publicada em 11 de setembro de 1968. Nesta busca, interessavam-nos somente os exemplares que abordassem temas que destacavam o culto ao corpo. Assim, na pesquisa inicial, selecionamos 52 capas, publicadas entre julho de 1972 (Edição 203) a outubro de 2011 (Edição 2239)⁷.

Em seguida, através de um critério temático, selecionamos 25 capas consideradas representativas diante dos temas a investigar. Com a meta de alcançar os objetivos específicos propostos, montamos três séries enunciativas a partir das capas selecionadas. Os enunciados foram trabalhados seguindo o método arqueogenealógico foucaultiano, configurados como uma função enunciativa que se apresenta por meio de uma materialidade que não é restritivamente linguística. Esta série de materialidades discursivas foi organizada em três trajetos temáticos: a) atividade física e modelagem do corpo; b) plastificação do corpo; c)

⁷ Todas as capas foram selecionadas do Acervo Digital de **Veja**, que contém todas as edições da revista digitalizadas na íntegra. Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital Acesso em 20 de julho de 2011.

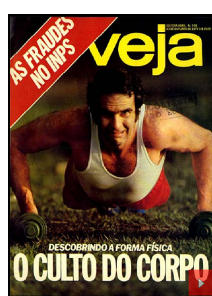
combate à obesidade. Considerando que os enunciados se entrelaçam e transpassam zonas de saberes e formações discursivas, cabe registrar que tais trajetos temáticos não são estanques nem homogêneos em seu funcionamento, estando sempre interligados.

A noção de trajeto temático desenvolve-se a partir da seleção de um tema, uma palavra ou expressão que será analisada no interior de um arquivo, permitindo acompanhar os sentidos advindos de uma memória discursiva. A análise de um trajeto temático remete ao conhecimento de usos da linguagem e tem interesse pelo novo no interior da repetição. Segundo Guilhaumou e Maldidier (2010, p. 165), “Esse tipo de análise não se restringe aos limites da escrita, de um gênero, de uma série: ela reconstrói os caminhos daquilo que produz o acontecimento na linguagem”. Na visão dos autores, esse acontecimento “não se confunde nem com a notícia, nem com o fato designado pelo poder, nem mesmo com o acontecimento construído pelo historiador. Ele é apreendido na consistência de enunciados que se entrecruzam em um dado momento” (p.164).

Por meio do arquivo, as coisas ditas não se acumulam amorfamente, se agrupam umas às outras a partir de múltiplas relações e se mantêm segundo regularidades específicas. O arquivo permite uma leitura que traz à tona dispositivos e configurações significantes que permitam flagrar o sistema da formação e transformação dos enunciados a partir de um trajeto temático ou de um acontecimento. Para que essa leitura seja possível, é necessário levar em conta, no discurso do arquivo, a materialidade linguística e a memória. Pêcheux (2010, p. 58) diz que é essa relação “entre *língua* como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo, e a *discursividade* como inscrição de efeitos linguísticos materiais na história, que constitui o nó central de um trabalho de leitura de arquivo” (grifos do autor).

Para organizarmos nosso material de análise, seguimos as grades de especificação, ou seja, os sistemas de particularização (FOUCAULT, 2008b), que nos levaram a observar nas capas da **Veja** a repetição recorrente de temas relacionados ao corpo. A seguir, apresentamos as capas que constituem nosso *corpus*.

a) Atividade física e modelagem do corpo

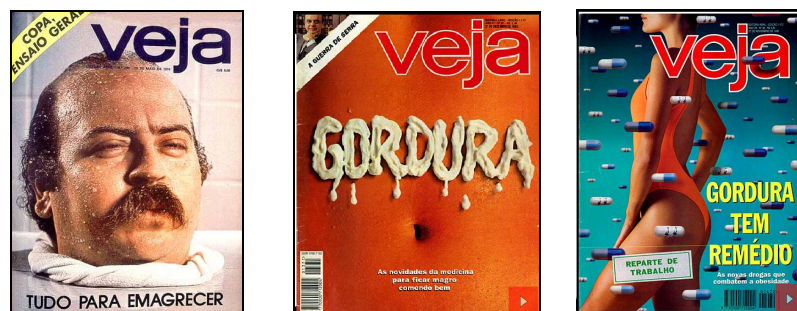




b) Plastificação do corpo



c) Combate à obesidade





Na AD, a montagem do *corpus* envolve diversos textos, de gêneros diferentes, veiculados em distintos suportes, mas que se debruçam sobre um mesmo tema, conceito ou acontecimento (SARGENTINI, 2007). Sua construção é guiada pela teoria e pela problemática da pesquisa, num movimento permanente de ir e vir. Podemos afirmar que o *corpus* é construído a partir de gestos de leitura, de interpretação e de compreensão do objeto de investigação. A AD trabalha com discursos efetivamente produzidos dentro de uma série enunciativa para investigar o processo de produção de sentidos em enunciados que apresentam rastros da memória e da história.

O enunciado é, para Foucault (2008b, p. 147), intrinsecamente suscetível de se tornar outro, diferente de si mesmo, deslocar-se discursivamente. A partir disso, ele concebe a noção de arquivo como um conjunto de enunciados efetivamente produzidos, como “a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares”. Definido por Foucault (2008b, p.146) como aquilo “que faz com que tantas coisas ditas, por tantos homens, há tantos milênios [...] tenham aparecido graças a todo um jogo de relações que caracterizam particularmente o nível discursivo”, a noção de arquivo é fundamental para compreender o movimento descontínuo entre discurso e história.

A montagem de um arquivo não é feita de forma aleatória, não se trata de uma “soma de todos os textos que uma cultura guardou”, de forma a registrar sua memória, muito menos de uma compilação de textos que foram produzidos por instituições autorizadas a registrar e conservar discursos dos quais se quer ter lembranças. Trata-se de definir, de delimitar e de

circunscrever o regime de formação e de transformação do que pode ser dito ou escrito; o arquivo dá condições de emergência aos enunciados, em um sistema de enunciabilidade.

Nesse sistema de enunciabilidade, está contido, como se fosse um depósito da memória social e histórica, aquilo que é dito sobre o corpo. Nos discursos da mídia, elementos desse arquivo são materializados nos enunciados jornalísticos, o que evidencia o trabalho da memória. É oportuno lembrar que essa retomada não ocorre apenas pela simples repetição, mas também pela transformação, pelo deslocamento e pela produção de novos sentidos. Como não existe enunciado que não suponha outro, em relação ao arquivo, o enunciado é aquilo que surge com valor de acontecimento dentro de um espaço povoado de outros enunciados.

Com o olhar voltado para o espaço midiático, debruçamo-nos em algumas sequências de enunciados verbais e imagéticos heterogêneos, descontínuos, dispersos no tempo, advindos de diferentes campos discursivos, mas que estabelecem, entre si, certa regularidade nas quais o discurso constrói o “verdadeiro” de uma época no que diz respeito ao corpo. Dessa forma, montamos as séries enunciativas que estão analisadas verticalmente neste trabalho. Considerando a descontinuidade e a dispersão dos enunciados, perguntamos: por que determinado enunciado apareceu na capa da **Veja** e não outro em seu lugar?

A definição das capas da Revista **Veja**, como documentos para análise, envolveu dois aspectos: o acesso e o conteúdo. O primeiro leva em conta a facilidade no acesso à documentação. No site veja.abril.com.br/acervodigital/ estão disponibilizadas todas as edições da revista, o que nos possibilitou selecionar as capas e reportagens que eram de nosso interesse. O segundo aspecto parte do pressuposto de que há nas capas uma regularidade de sentidos sobre o corpo, a qual convém analisar. Ao olharmos para as capas de revistas nas bancas de jornais, nos sites eletrônicos etc., percebemos a presença excessiva de imagens do corpo na maioria delas e a grande quantidade de artigos, anúncios e reportagens despertando a atenção dos leitores para os cuidados com o corpo. Incessantemente, outros corpos nos são oferecidos como modelo para que operemos sobre nosso próprio corpo, para que o transformemos, para que desejemos atingir um modo determinado de sermos magros, saudáveis, longevos, belos.

O fio condutor de nossas reflexões ao longo da realização deste trabalho está diluído em quatro capítulos, que situam o corpo na História e apresentam sua espetacularização na mídia, pontuando os saberes e poderes que incidem sobre ele, especificamente nas capas da Revista **Veja**.

No primeiro capítulo, intitulado *Pelas vias abertas na Análise do Discurso*, inicialmente, situamos o lugar de onde falamos, fazendo um sobrevoo teórico sobre o campo da AD a partir da sua terceira época, ressaltando o diálogo entre Michel Pêcheux e Michel Foucault nesse período. Em seguida, apresentamos as ideias do filósofo francês Michel Foucault, enfatizando sua contribuição para os estudos discursivos da linguagem. Além disso, evidenciamos algumas noções foucaultianas basilares para a análise do nosso *corpus*; descrevemos e caracterizamos as sociedades disciplinar e de controle e, por último, analisamos como atuam a biopolítica e o conjunto de biopoderes no investimento do corpo apresentado na mídia.

No capítulo seguinte, *O corpo em cena na Revista Veja*, lançamos inicialmente um olhar sobre a Revista **Veja**, mostrando suas características e sua importância na mídia. A seguir, através de um percurso histórico do corpo, com vistas a situá-lo desde o século XX até a contemporaneidade, analisamos a maneira pela qual os mecanismos de saber/poder no discurso do cuidado de si e os dispositivos disciplinares e de controle agem sobre o corpo apresentado nas capas da **Veja**.

Dentro do terceiro capítulo, *O espetáculo de imagens na ordem do discurso midiático*, por meio de um batimento descritivo-interpretativo, analisamos através dos efeitos de sentido produzidos pela relação entre as materialidades linguística e imagética, a onipresença do corpo espetacularizado nas capas da **Veja**,

No quarto e último capítulo, *Onde há poder, há resistência: o corpo gordo na mídia*, refletimos acerca do discurso sobre o corpo gordo nas capas da **Veja** e dos espaços de resistência ocupados por esse corpo, diante do padrão estético apresentado na mídia. Na sequência do trabalho, apresentamos as *Tessituras finais* acerca das discussões realizadas e as *Referências* que nos alicerçaram teoricamente.

Essas linhas introdutórias servem, portanto, para demarcar de qual corpo estamos falando: de um corpo permeado pelo horizonte interpretativo; elemento que entra em rede com outras séries, mostrando as maneiras como a gente deve viver, se conduzir, falar, andar, se comportar. O corpo diz o que pode e deve ser dito dentro de uma determinada formação discursiva e é investido por domínios de poder e de saber, ou seja, incluir-se como sujeito é ter o seu corpo dominado por preceitos institucionais, imprimindo-lhes marcas singulares. O corpo é, assim, o elemento que nos permite criar discursos que falam de nossas necessidades expondo nossos desejos e emoções.

O interesse de compreender criticamente a presença do corpo no interior da sociedade contemporânea é a base sobre a qual nossas reflexões são construídas. O corpo nosso de cada

dia está circunscrito à ideologia da perfeição e ao imperativo da saúde e da beleza, reduzindo-se a espectador e a consumidor voraz dos produtos da cultura de massa. A tarefa de investigar o culto ao corpo e a aparência na sociedade contemporânea é extensa e complexa, haja vista que este constitui um tema de fronteira, que se encontra em constante transformação.

Nesta pesquisa, defendemos a tese de que o corpo em cena nas capas da Revista **Veja** é o testemunho da historicidade do sujeito midiático como produto de uma subjetivação operada pelas técnicas do cuidado de si em um corpo visto como acontecimento discursivo e suporte para produção de supostas verdades, impostas como leis ou regras para construção de um corpo porta-voz de uma liberdade que às vezes aprisiona, mesmo sendo apresentado como um espetáculo.

Após apresentarmos nosso objeto, nossos objetivos, nosso percurso metodológico, nosso *corpus*, ao encerrarmos essas *Tesituras iniciais*, somos impelidos, mais uma vez, pela vontade de começar efetivamente e pelo receio de fazê-lo. Foucault nos alertou sobre os perigos que rondam os começos... Mas, é preciso “entrar nesta ordem arriscada do discurso”.

1 PELAS VIAS ABERTAS NA ANÁLISE DE DISCURSO

O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo ... tudo isso conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticoloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio (FOUCAULT, 2008a, p. 146).

1.1 O lugar de onde falamos

Este trabalho está inserido na grande área da Linguística. Nosso olhar não se volta especificamente para a língua em sua imanência; volta-se para o discurso, e isso significa aceitar que não se podem aprisionar os sentidos, mas que devemos tentar vê-los em seus transitórios enredos, porque “[...] inserido na história e na memória, cada texto nasce de um permanente diálogo com outros textos; por isso, não havendo como encontrar a palavra fundadora, a origem, a fonte, os sujeitos só podem enxergar os sentidos no seu pleno vôo” (GREGOLIN, 2001, p. 10).

A Análise do Discurso (AD) é o campo teórico escolhido para nos guiar neste trajeto, entendido como um campo de possibilidades que promove a articulação entre a materialidade dos enunciados, sua inscrição na história, sua inserção em formações discursivas e ideológicas, seu agrupamento e circulação em práticas sócio-culturais, em redes de significação na construção dos sentidos.

Esta perspectiva teórica defende que é na relação do sujeito com a exterioridade, mediada por práticas discursivas, que se pode compreender o processo de significação materializada no discurso e que não há como examinar a construção de sentido sem remeter ao acontecimento histórico presente na memória discursiva, como um espaço possível de deslocamentos, de lutas e de embates de forma que do já-dito possa irromper o novo no acontecimento discursivo.

Como seu próprio nome sugere, a AD aborda o discurso, não trata de língua nem de gramática. Etimologicamente, a palavra discurso “tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso, observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2009, p. 15). Considerando as ideologias e a história, elementos presentes no social, os discursos não são fixos, estão sempre em movimento, se transformam e acompanham as transformações sociais

e políticas. Ainda sobre essa noção, Fernandes (2007, p. 18) afirma que discurso implica “uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve [...] aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas”. Desse modo, o discurso não é a língua(gem) em si, mas necessita dela para tornar-se real, para ter materialidade.

Teoricamente, a AD passou por três épocas, que revelam as influências advindas dos pilares teóricos utilizados nem sempre de forma harmoniosa.

O que foi chamado de ‘três épocas da análise do discurso’ por Pêcheux revela os embates, as reconstruções, as retificações operadas na constituição do campo teórico da análise do discurso francesa. O solo epistemológico precisou ser revolvido e as mudanças delineiam os debates teóricos e políticos que surgiram de crises que atingiram a reflexão sobre como se dá a articulação entre o discurso, a língua, o sujeito e a História (GREGOLIN, 2004, p. 60, grifos da autora).

Ou seja, desde o nascimento da AD em 1969, até a morte de Pêcheux, em 1983, a teoria foi todo tempo repensada e essas reflexões sempre tinham como ponto nodal a articulação entre discurso, língua, sujeito e história.

É importante ressaltar que uma das características básicas que distinguem a AD proposta por Pêcheux de outras Ciências da Linguagem, que se dizem estudosas do discurso, relaciona-se diretamente com o conceito de discurso como um novo objeto de análise, diferente de enunciado e de texto, pois não pode ser pensado desvinculado da História. Dessa forma, ao inserir a exterioridade como elemento constitutivo dos sentidos, a AD “exige um deslocamento teórico, de caráter conflituoso, que vai recorrer a conceitos exteriores ao domínio de uma Linguística imanente para dar conta da análise de unidades mais complexas da linguagem” (GREGOLIN, 2001, p. 12).

Isso vai fazer com que, como pontua Gregolin (2003b), a história da Linguística do discurso possa ser visualizada, a partir dos anos 1960, por meio das vinculações que se estabelecem entre a Linguística e outras áreas do conhecimento, com o objetivo de buscar a interdisciplinaridade necessária para uma análise da enunciação, que necessariamente demanda que se articule o linguístico e seu exterior. Gregolin aponta três direções que esses estudos tomaram:

- a) o da sociolinguística, que não problematiza a relação entre o discurso e a sociedade, e, por isso, não consegue solucionar a relação entre a análise ‘interna’ e a ‘externa’;
- b) o de outras ciências da linguagem, como a Linguística Textual, que, embora tenham ultrapassado o limite da frase em suas análises,

permaneceram apenas ‘internas’, ou tomaram a ‘enunciação’ em sentido lógico;

- c) o de outros trabalhos realizados no campo da pedagogia, da sociologia, da história, da antropologia, etc. que, em sua maioria, embora apliquem conceitos da ‘linguística do discurso’, priorizam a abordagem temática, em detrimento dos aspectos linguísticos (GREGOLIN, 2003b, p. 22, grifos da autora).

Atualmente, podemos apontar uma nova direção nos estudos linguísticos: a da mídia. No campo midiático, as diferentes abordagens para analisarmos o discurso oferecem múltiplas opções para os estudos da linguagem. Nas últimas décadas, o centro de interesse de grande parte das tendências linguísticas deslocou-se da descrição de aspectos formais da língua para a descrição e interpretação de como os sujeitos fazem uso da língua, em situações concretas e variadas de uso. Os discursos divulgados na mídia, devido o seu caráter multiplicador, são de fundamental importância para construção da identidade, na medida em que, por um lado, instauram a possibilidade de novos discursos e, por outro, interferem na construção do nosso cotidiano. Nesta perspectiva, os discursos divulgados em revistas de circulação nacional, como a **Veja**, estabelecem novos sentidos, instituindo assim, as condições para a formação de novas identidades.

O lugar de onde tecemos nossa fala está situado na terceira época da AD, momento marcado por uma convergência entre as ideias de Pêcheux e Foucault. Esse diálogo entre os dois autores fica evidente na mudança de terreno dentro da teoria pecheutiana. Sob a influência de Foucault, Pêcheux deixou de analisar apenas discursos institucionais, que estavam relacionados a ideologias e lutas de classes, e passou a analisar, sobretudo, os discursos não-institucionais, ou seja, os discursos do cotidiano. Assim, ele mudou o foco de suas análises ao aproximar-se das resistências aos micro-poderes do cotidiano.

Nesta época, houve uma redifinição do conceito de formação discursiva. No artigo “A análise do discurso: três épocas”, escrito pouco antes de sua morte, em 1983, Pêcheux promove uma abertura para análise de discursos menos estabilizados e concebe um novo conceito de formação discursiva, tomado de empréstimo a Foucault.

Uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhes suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo, sob a forma de ‘pré-construídos e de discursos transversos’) (PÊCHEUX, 1997, p. 314, grifos do autor).

O discurso passa a ser visto sob o signo da heterogeneidade. A presença do outro no discurso acarretará mudanças significativas nesse terceiro momento. Um discurso é composto

por meio da relação com outros discursos envolvidos em sua constituição. Com essa nova visão, a heterogeneidade é posta em cena como espaço que remete à tematização das formas linguístico-discursivas do discurso-outro. A partir de um ponto de vista heterogêneo, o sujeito enuncia colocando discursos em cena ou pondo-se em cena no papel de outro.

Outras inovações foram presenciadas nesta época. Segundo Gregolin (2004), a aproximação de Pêcheux (distanciando-se das posições de Althusser) com a Nova História⁸, a partir da convivência com Jacques Le Gof, Pierre Nora, dentre outros historiadores, com Bakhtin e com Foucault, permitiu a abertura de novas perspectivas para a AD.

Diferente da História Tradicional, que memoriza os monumentos do passado, para transformá-los em documentos, a Nova História desmonta os documentos para compreender as suas condições de produção, de modo análogo ao procedimento da AD com os discursos. Esse movimento tem interesse pela análise das estruturas dispersas e invisíveis, pelas “práticas cotidianas” (DE CERTEAU, 2008), pelas “massas dormentes” (LE GOFF, 2003) e pensa as materialidades discursivas numa perspectiva que prestigia as relações dos dizeres “legitimados” com os múltiplos registros do cotidiano. Foucault reafirma a singularidade dos acontecimentos, que passam a ser situados na perspectiva de uma história serial, dentro de uma dispersão temporal na qual assumem um novo sentido.

Pêcheux foi influenciado pelas ideias de Foucault, trazidas para a AD através de Jean-Jacques Courtine. Essa influência abriu espaço para pensar o discurso em sua condição de estrutura e de acontecimento. O reflexo disso surgiu no texto “O discurso: estrutura ou acontecimento?” (PÊCHEUX, 2008), no qual a concepção de discurso recebeu novas incorporações, inserido na ordem da estrutura (língua) e do acontecimento (história). Nas palavras do autor,

não se trata de pretender aqui que todo discurso seria como um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas de sublinhar que, só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes de trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações

⁸ Movimento francês que revolucionou a História. Iniciado por Marc Bloch e Lucien Febvre, nas décadas de 1910-1920, teve sua origem na insatisfação com as análises históricas tradicionais, que reduziam a complexidade das situações a um jogo de poder entre grandes homens e países. A história tradicional focalizava apenas os ‘grandes acontecimentos’ e assim negligenciava os acontecimentos do cotidiano. Essa nova concepção da História, associada à *École de Annales*, estava agrupada em torno da revista *Annales: économies, sociétés, civilisations*, fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch, na França, em 1929. A Nova História é uma reação deliberada contra o paradigma tradicional da História. Os novos historiadores deslocam sua atenção dos grandes homens ou estadistas para as pessoas comuns, para a história das mentalidades coletivas, para a história dos discursos cotidianos ou das diversas linguagens existentes.

sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho de deslocamento no seu espaço [...] (PÊCHEUX, 2008, p. 56).

Na tentativa de estudar o discurso, de modo a compreender sua constituição como estrutura e acontecimento, Pêcheux analisa um enunciado em especial: *On a gagné* (Ganhamos), no momento em que esse enunciado atravessa a França após a eleição presidencial que culminou com a vitória de François Mitterrand, no dia 10 de maio de 1981. Esse acontecimento histórico, a eleição presidencial, entra no campo esportivo. “Era chegado o tempo de incorporar à análise ‘a língua de vento’ da mídia, o discurso ordinário, as novas materialidades do mundo ‘pós-moderno’ que se concretizavam nos discursos” (GREGOLIN, 2004, p. 154).

Ao fazer uma analogia desse enunciado com os enunciados que aparecem em eventos esportivos, Pêcheux trabalha a relação entre o político e o esporte, visto este ser um acontecimento da massa, e aquele da mídia, remetendo a um conteúdo sócio-político transparente e opaco ao mesmo tempo. O acontecimento jornalístico da mídia de massa apresenta-se como uma vitória esportiva, a memória está em jogo no acontecimento, ou seja, possibilidades de dizeres que se atualizam no momento da enunciação, como efeito de um esquecimento correspondente a um processo de deslocamento da memória como virtualidade de significações.

O uso de um enunciado esportivo no campo político só é possível devido à opacidade da língua, que produz derivas de sentidos, ou seja, um mesmo enunciado pode significar diferentemente em acontecimentos distintos. Ademais, Pêcheux trata também da questão da estabilização dos sentidos por meio dos universos logicamente estabilizados. O autor afirma que o enunciado sobre a eleição de Mitterrand é logicamente estabilizado, já que não se questiona a quem se refere o verbo “ganhar”, pois só pode se referir a Mitterrand no acontecimento em questão.

Não há de um lado o histórico e de outro o linguístico. O intradiscursivo (a língua) entrecruza-se com o interdiscursivo (o acontecimento) para produzir efeitos de sentido. A própria estrutura linguística é o lugar onde se produz a possibilidade do deslocamento e do equívoco. Os sujeitos que enunciam são duplamente determinados, a partir do jogo nas regras e do jogo com as regras. Eles agenciam, ao mesmo tempo, a possibilidade da regularidade e da desregulação. Dessa concepção do discurso como estrutura e acontecimento, derivam algumas consequências teórico-metodológicas, que orientam a análise de discursos diversos a partir dos anos 1980 e são essenciais para nossos trabalhos atualmente.

A partir de 1980, Pêcheux passou a ter uma nova visão dos dogmas marxistas, que influenciaram a sua obra, e aproximou-se das ideias foucaultianas. O afastamento da ideologia das lutas de classes, estabelecida pelo Marxismo, e a aproximação dos estudos arqueogenealógicos, desenvolvidos por Foucault, caracteriza uma desconstrução teórico-metodológica que encaminha o interesse da AD francesa para novas materialidades discursivas. Sobre esse momento histórico, Gregolin (2004) defende que houve um apagamento das questões ideológicas, uma “desmarxização”, um deslocamento,

no plano político, da leitura marxista que insistia na *luta de classes*, pois o panorama econômico estava em transformação: a ‘classe operária’ estava desaparecendo, adquirindo uma nova identidade como decorrência das reconfigurações econômicas da globalização e das novas relações no ‘mundo do trabalho’. Acrescentava-se, ainda, uma verdadeira revolução áudio-visual com a exponencial expansão da mídia que instalava o ‘reinado das imagens’, a fabricação de novas identidades, de novos desejos (GREGOLIN, 2004, p. 154, grifos da autora).

Pêcheux não ficou indiferente a essas transformações e se afastou completamente das ideias althusserianas. Sua insistência de pensar centralmente no linguístico já não cabia em uma nova sociedade plena de heterogeneidades: surgiam novas identidades, uma expansão midiática, uma supremacia das imagens etc. Tais mudanças ficam evidentes em seus textos publicados entre 1980 e 1983, por exemplo, em: “Delimitações, inversões, deslocamentos” (1990, p. 24), ele considera que, na sociedade midiática, “o olho é mais crível que o ouvido; diferentemente que um enunciado, uma imagem não tem alhures, não se pode aplicar a ela uma transformação negativa ou interrogativa”. Também no texto “O papel da memória” (2007), ele teoriza o papel da imagem como operadora da memória e do esquecimento.

“Já era hora de começar a quebrar os espelhos”, dizia Pêcheux em 1981, no prefácio da tese de Courtine (2009, p. 26). A AD alcançava uma dimensão que fugia ao projeto inicial para o qual foi articulada – fato que incomodava Pêcheux e o fazia reconhecer espelhos a serem quebrados.

Não podemos deixar de considerar a reviravolta nos escritos de Pêcheux, a partir dos anos 1980, quando ele revisou e consolidou a teoria. Essa guinada põe em questão as ideias marxistas e estruturalistas, que orientavam seus trabalhos anteriores e abre horizontes profícuos aos estudos do discurso, postulando, sobretudo, o inconsciente como impossibilidade do controle de si e do dizer, a heterogeneidade constitutiva do discurso e o equívoco como constitutivo da linguagem. Ao abandonar, definitivamente, o projeto de uma

Análise Automática do Discurso (AAD), o autor cedeu lugar a uma AD que assume a falta, o equívoco, a contradição e a incompletude como constitutivos da linguagem e do discurso e, portanto, do sujeito.

A obra “Discurso: estrutura ou acontecimento” (PÊCHEUX, 2008) desencadeou um processo de abertura para os estudos do discurso. Pêcheux mostrou, e se mostra, pelos textos que deixou, um filósofo disposto a se autocriticar e a rever suas posições teórico-metodológicas, postura de um pesquisador que culminou no final de sua trajetória em um pleno abandono da AAD.

O trajeto teórico de Michel Pêcheux sempre foi marcado por idas e vindas. A possibilidade de analisar os processos de constituição dos sentidos, a partir de um efeito de memória, parte de várias reconfigurações e transformações pelas quais passaram suas ideias, e tem culminância com a incorporação da noção de acontecimento, compreendida como ponto de encontro entre uma memória e uma atualidade (PÊCHEUX, 2008).

Malidier (2003) se refere a Pêcheux como um “semeador de ideias, de projetos e de programas”. O que ele semeou provocou o avanço da AD, a partir de aprimoramentos de antigos enfoques e delineamentos de novos. Por isso, questões relacionadas aos sentidos e ao sujeito continuam sendo discutidas dentro de uma perspectiva discursiva pecheutiana. Neste sentido, é relevante para nosso trabalho o aporte teórico fundamentado em Pêcheux, já que analisamos as materialidades linguística e imagética dos enunciados nas capas da Revista **Veja**, buscando a produção de sentidos desse discurso.

Os diversos deslocamentos teórico-metodológicos pelos quais a AD passou em seus percursos epistemológicos foram promovidos pelos trabalhos de Jean-Jacques Courtine (GREGOLIN, 2008b). A célebre publicação da sua tese sobre o discurso comunista endereçado aos cristãos, no número 62 da revista *Langages*, em 1981, foi definida por Malidier (2003, p. 69) como “uma tentativa de síntese extremamente brilhante entre as proposições de Foucault e a teoria do discurso”. No texto de apresentação dessa tese, traduzida e publicada recentemente no Brasil, dois analistas de discurso consideram que a obra

tem um estatuto de **divisor de águas** para os estudos do discurso, à medida que, apoiando-se na arqueologia foucaultiana, demonstra com dados, teoria e método o funcionamento heterogêneo da memória no discurso político, sem jamais descurar da articulação entre as duas dimensões constitutivas do discurso: a linguística e a histórica (PIOVEZANI e SARGENTINI *apud* COURTINE 2009a, p. 18-19, grifos nossos)

Cabe a Courtine (2009) a responsabilidade de ter trazido para o campo da AD francesa o legado de Foucault. Foi a partir da releitura que ele fez da *Arqueologia do Saber* que a AD se encaminhou para os estudos da heterogeneidade. Nas palavras de Gregolin, o trabalho de Courtine problematiza

a história das práticas comunistas por meio da análise da heterogeneidade constitutiva de sua discursividade. Essa abordagem é possibilitada pela apreensão das ideias de Foucault, principalmente do seu conceito de ‘formação discursiva’ para a análise do interdiscurso e das heterogeneidades. [...] É por essa via que Courtine, focalizando a heterogeneidade do discurso comunista, pode mostrar *enunciados divididos*, evidenciando o fato de que uma formação discursiva é sempre assombrada pelo seu antagonista. Essa contradição é constitutiva de toda formação discursiva (GREGOLIN, 2004, p. 174, grifos da autora).

Foucault (2000) considera o discurso como algo que exprime o poder, pois cria e instaura nos sujeitos modos de pensar e viver. O discurso publicitário faz muito bem esse papel no momento em que disfarça para persuadir os que estão à sua volta. Compreender o discurso como lugar de onde emergem significações torna mais plausível sua inteligibilidade.

A afirmação anterior de que os discursos estão sempre em relação a outros traz à tona a conclusão de que o discurso obedece a regras tanto de funcionamento quanto de construção dos sentidos. Esse fato também foi apontado por Orlandi (2003, p. 22), quando afirmou que "o discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto".

O acaso está fora de cogitação na irrupção dos discursos. Na perspectiva foucaultiana, o discurso designa um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem a regras comuns de funcionamento. Essas regras não são apenas linguísticas ou formais, mas reproduzem visões historicamente determinadas. “A ordem do discurso, própria a um período particular, possui, portanto, uma função normativa e reguladora e coloca em funcionamento mecanismos de organização do real por meio de produção de saberes, de estratégias e de práticas” (REVEL, 2005, p. 37).

Impulsionado pela abertura proporcionada através do trabalho de Courtine e dos “historiadores do discurso”, Pêcheux propõe a análise de novos objetos, estabelecendo a distinção entre dois tipos de discursividades: os universos discursivos logicamente estabilizados (inscritos nos espaços da matemática, das ciências da natureza, das tecnologias industriais e biomédicas e dos sistemas administrativos) e os universos discursivos não estabilizados logicamente (inseridos nos espaços dos discursos filosóficos, políticos, sócio-

históricos, estéticos e nos múltiplos registros do cotidiano). Ele argumenta que o campo da AD é determinado por estes últimos universos discursivos.

Gregolin (2003b) não apenas apresenta como se deu a constituição da AD na França, mas também analisa o contexto histórico e epistemológico do surgimento da AD no Brasil quase vinte anos depois de ter surgido em solo europeu. No Brasil, o termo “Análise de Discurso” é usado para designar uma ampla variedade de trabalhos, nem sempre sustentados pelas mesmas bases teóricas, e isso é consequência da importação tardia e desordenada, principalmente porque textos escritos em diferentes “épocas” da AD francesa serviram de embasamento para trabalhos de estudiosos brasileiros, sem que se considerasse que alguns pressupostos iniciais já haviam sido superados na França.

No seu início, o objeto de análise da AD era o discurso político, daí a denominação **Análise do** Discurso. Atualmente, essa situação mudou com a diversidade de materialidades discursivas que são objeto de pesquisa, mudando também a denominação para **Análise de** Discurso. Do campo verbal ao não-verbal, passando pelos temas sociais e por diferentes tipos de discurso (religioso, jurídico, científico, cotidiano), ou por questões estritamente teóricas, a AD no Brasil amadureceu, se consolidou e garantiu seu lugar no âmbito dos estudos da linguagem realizados pelas Ciências Humanas.

O terreno da AD possibilita trabalhar os processos de produção do sentido e de suas determinações histórico-sociais, o que favorece entender a linguagem como produção social, considerando-se a exterioridade como indispensável. Essa possibilidade de desvelar os sentidos tem sua história construída no Brasil, ou seja, a história da AD no Brasil vem se expandindo desde a década de 70, assim como a busca para entender seu espaço teórico e sua construção. Com uma história consistente que vem sendo estruturada há mais de 30 anos e se estende por boa parte do país, a AD no Brasil teve o marco inicial em Campinas, SP, nos anos 80, em torno da pesquisadora Eni Orlandi, “responsável pela introdução dessa linha teórica e pela formação de inúmeros pesquisadores filiados a esse campo do saber” (LEITE, 2004, p. 47).

Da matriz francesa, ficou o legado de Michel Pêcheux, que no Brasil teve desdobramentos e deslocamentos importantes e decisivos para a manutenção ainda hoje desse campo teórico com o prestígio que desfruta entre nós. Ao apontar tendências contemporâneas dentro do que caracteriza como Análise do Discurso do Brasil (AD do B), Villarta-Nader (2010) discute a fronteira entre AD francesa e AD do Brasil através de uma trajetória constituída por um deslocamento de uma contextualização epistemológica e problematização dos fundamentos da AD francesa. Nas maneiras de se fazer AD no Brasil, tem destaque a

extrema heterogeneidade dentro do seu campo epistemológico. Essa heterogeneidade é marcada nos espaços institucionais em que, de alguma forma, a AD é discutida e/ou trabalhada por estudiosos da área. Para Villarta-Nader, tais espaços são diferenciados, algumas vezes, por “silenciosas discordâncias teórico-epistemológicas”, outras vezes, por “confrontos e transgressões”. Algumas tendências podem ser mencionadas.

Há um viés pecheutiano, outro viés cada dia mais significativo em que a AD que (re)dialoga constantemente com Foucault e o faz (re)dialogar com Pêcheux. Há trabalhos baseados na teoria semiolinguística de Charaudeau e releituras da AD francesa em um ou outro aspecto. Ou com uma ênfase mais forte na psicanálise lacaniana, daquela que esteve presente na trajetória da AD francesa, ou numa influência bakhtiniana. Em alguns desses vieses predomina uma reinterpretação dos fundamentos althusserianos (VILLARTA-NADER, 2010, p. 182).

Por volta dos anos 1980, quando se tratava da AD, os estudos ainda eram reduzidos. Hoje a situação é bem diferente, pois existem vários grupos de pesquisa que estudam o discurso nas mais variadas formas, desde os discursos institucionalizados, perpassando pelos discursos diários. Retrospectivamente, as primeiras bases dos estudos do discurso foram os estudos linguísticos, de modo a relacionar conhecimento da língua e seus discursos pela linguagem humana. O quadro atual dos estudos discursivos mostra que ocorreram deslocamentos para novas pesquisas em várias direções, produzindo o acúmulo positivo de conhecimento sobre tais estudos, o que é relevante.

Na opinião de Baracuh (2010), o que se busca na análise dos discursos do cotidiano, em suas diferentes materialidades, é compreender as relações entre os discursos, a História, a memória e os poderes. A autora enfatiza a análise de imagens, “tão profícua nos trabalhos realizados no terreno da AD francesa feita no Brasil hoje”, como uma perspectiva aberta para os estudos linguísticos, no que respeita à materialidade não-verbal do texto e do discurso. Ela ressalta, ainda, as análises de discursos midiáticos nesses tempos de modernidade líquida, em que tudo é efêmero, “em que os valores, as escolhas modificam-se com extrema rapidez, devido a fenômenos como a globalização, a desterritorialização, tornando as categorias de pertencimento e de identidade, fluidas, instáveis, provisórias, descartáveis” (BARACUHY, 2010, p. 170).

Na opinião de Leite (2004, p. 47), isso mostra “quão frutuoso e desafiante é esse campo de investigação teórica”. Ainda segundo a autora, a abertura teórica da AD ampliou

conceitos operacionais e deslocou o foco de análise – do discurso político, institucional, para os discursos do cotidiano –, “o que leva Pêcheux a falar, nos seus últimos escritos em **análise de discurso** e não mais **do** discurso” (LEITE, 2004, p. 46, grifos da autora).

Ao comentar sobre os percursos da AD no Brasil e o papel dos analistas de discurso brasileiros, Ferreira (2008, p. 19) afirma que “estamos construindo a *aventura do discurso* a múltiplas vozes, como resultado de uma empreitada coletiva que, por vezes, faz ecoar aqui e ali dissintonias, desconfortos, estranhamentos” (grifos da autora). Conforme a autora, tais desencontros não chegam a incomodar. “Afinal, não poderíamos mesmo cair na ilusão de convivemos em ‘universos logicamente estabilizados’ dos quais já nos falava Michel Pêcheux” (p. 20). Na “aventura do discurso” contemporânea, cada vez mais, fazemos uma transposição dos discursos sólidos para os discursos líquidos. Essa mutação acontece devido à heterogeneidade das novas discursividades.

Atualmente, em várias regiões brasileiras, alguns grupos de pesquisa⁹ desenvolvem estudos discursivos que promovem um intenso debate entre as bases epistemológicas da AD e o pensamento foucaultiano, considerando o papel desempenhado pela História e o discurso como objeto de reflexão e análise à luz da Semiologia Histórica.

Faz parte da estratégia foucaultiana reconstruir nossas concepções e práticas cotidianas. E é isso o que buscamos. Sabíamos desde o início que essas escolhas nos colocariam inescapavelmente num terreno pouco estável. Mas é preciso que se diga que essa opção transcende a linha de pesquisa escolhida para este doutoramento. Desejamos que a AD nos guie pelos caminhos, mais ou menos ordenados, dessas páginas, e que seja um fulgor nos caminhos, totalmente movediços, da vida. Este é o lugar de onde falamos.

Ao utilizarmos os postulados teóricos de Michel Foucault neste trabalho, entramos na ordem arriscada de um discurso que provoca desconfiança, principalmente, no terreno da Linguística. Os esforços para que os conceitos elaborados por Foucault façam parte do quadro teórico da AD têm gerado boa recepção por parte de alguns, mas inquietações em outros. O principal argumento dos que são contrários à análise fundamentada em Foucault é que este não era linguista e, por isso, não pode subsidiar os analistas de discurso que pretendem fazer análises no seio da AD, a qual tem Michel Pêcheux como seu fundador.

⁹Na região Nordeste, destacamos: CIDADI (Círculo de Discussões em Análise do Discurso), coordenado pela Prof^a Regina Baracruhy, na UFPB; LABEDISCO (Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo), coordenado pelo Prof^o Nilton Milanez, na UESB; e GEDUERN (Grupo de Estudo do Discurso), coordenado pelo Prof^o Francisco Paulo, na UERN. Na região Sudeste, podemos destacar: GEADA (Grupo de Estudos de Análise do Discurso de Araraquara), coordenado pela Prof^a Maria do Rosário Gregolin, na UNESP; LABOR (Laboratório de Estudos do Discurso), coordenado pela Prof^a Vanice Sargentini, na UFSCar; GEF (Grupo de Estudos Foucaultianos), coordenado pelo Prof^o Pedro Navarro, na UEM e LEDIF (Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos), coordenado pelo Prof^o Cleudemar Fernandes, na UFU.

Para os que defendem o exercício de análise a partir dos textos de Foucault, a tarefa tem sido contornar o argumento de que a não formação em Linguística seja um obstáculo a reflexões a partir dos textos do estudioso. Tal tarefa tem sido desenvolvida por pesquisadores brasileiros, dentre eles, Gregolin (2004), que deu visibilidade ao desconforto de uns e à simpatia de outros. Do ponto de vista dessa pesquisadora, os escritos foucaultianos devem figurar como suporte para análise dos discursos praticada pelos linguistas. Segundo a autora, o filósofo não trabalhou especificamente uma teoria do discurso, mas seus conceitos e seus textos sobre vários temas podem fornecer elementos para uma análise discursiva. Trata-se de perceber que o pensamento de Foucault se dispersou em várias direções e ele

buscou compreender a transformação histórica dos saberes que possibilitaram o surgimento das ‘ciências humanas’ (o homem enquanto sujeito e objeto do saber) na sua fase chamada de ‘arqueológica’; tentou compreender as articulações entre os saberes e os poderes, na fase denominada de ‘genealógica’; investigou a construção histórica das subjetividades, em uma ‘ética e estética da existência’ (GREGOLIN, 2004, p. 19).

Sobre essa questão, Leite (2004, p. 47) argumenta que, “atualmente, há os linguistas para os quais a “AD não é linguística”, é “moda passageira” e outros que fazem questão de usar essa teoria como forma de inserirem seus trabalhos em um campo de vanguarda”.

1.2 A contribuição de Michel Foucault

Acreditamos que os escritos de Foucault tragam grandes contribuições ao nosso trabalho. Mas é preciso esclarecer que essa não é uma escolha impune, porque ela nos obriga a nos despir de uma série de agasalhos, que por muito tempo nos protegeram do desconforto das instabilidades. Não se pode escolher a perspectiva foucaultiana e continuar procurando as leituras uníssonas. Na companhia de Foucault, não é possível buscar as interpretações evidentes, mas também não se pode obstinadamente ir ao encalço de um sentido que estaria oculto, como se houvesse uma verdade que só o grande *expert* seria capaz de desvelar. Ou, como sintetiza Fischer,

[...] para Foucault, nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos. Há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento. Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão ‘vivas’ nos discursos (FISCHER, 2001, p. 198).

São muitas as contribuições de Foucault para a AD, principalmente nas segunda e terceira épocas, sobretudo, porque o filósofo francês elegeu o sujeito como principal foco de suas investigações, embora nem sempre tenha tido total clareza a esse respeito. Encontrar o ponto central de sua teoria parece ter sido uma preocupação constante de Foucault. O filósofo admite que, durante muito tempo, acreditou que sua principal preocupação havia sido “uma espécie de análise dos saberes e dos conhecimentos, tais como existem em uma sociedade como a nossa”.

Sobre a definição da formação discursiva, Foucault afirmou que,

no caso em que se puder descrever, entre certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* [...] (FOUCAULT, 2008b, p. 43, grifos do autor).

No que se refere à apropriação do termo, há encontros e desencontros entre Foucault e Pêcheux (GREGOLIN, 2004). Para Foucault, os enunciados, que manifestam uma contínua vontade de verdade, se relacionam com outros enunciados condicionados por uma série de regularidades internas, construindo um sistema que é em parte autônomo, ao qual se denomina formação discursiva (FD) e são essas formações que definem a identidade dos enunciados que as constituem. Sob essa perspectiva, o filósofo avalia o que possibilita o aparecimento e a legitimação dos discursos no verdadeiro de uma época.

Segundo Foucault (2008b), uma das características dos enunciados é que eles têm sempre margens povoadas de outros enunciados. O enunciado se relaciona com outras formulações discursivas que com ele coexistem. Há uma historicidade, uma memória, e há o processo em que os enunciados se re-atualizam em outros enunciados. Todas essas postulações indicavam já o entendimento de formações discursivas como dimensão essencialmente heterogênea.

A FD pode ter sua existência concebida quando, na dispersão dos enunciados, em suas irrupções enquanto acontecimentos discursivos e nos saberes que são convocados para tais práticas discursivas, se detectar certa regularidade no modo pelo qual os objetos são recortados, nos tipos de enunciação que mantêm ou apagam esses objetos, nos conceitos semelhantes ou incompatíveis que recobrem a existência material desses objetos e também nas estratégias que definem as escolhas temáticas circunscritas na realidade enunciativa dos objetos destacados pelo discurso.

Ao fazer uma análise retrospectiva da sua obra, sob o ponto de vista de que seu principal foco foi, de fato, a questão do poder, Foucault conclui que é a ligação do saber e do poder o que constitui o essencial da sua teoria. Isso fica evidente na afirmação:

durante muito tempo acreditei que aquilo de que eu corria atrás era uma espécie de análise dos saberes e dos conhecimentos, tais como podem existir em uma sociedade como a nossa [...] Mas meu verdadeiro problema é aquele que, aliás, atualmente, é o problema de todo mundo: *o poder* (FOUCAULT, 2006b, p. 224, grifo nosso).

Apesar de insistir que seu objetivo era, e sempre havia sido estudar as relações entre as redes de poder e saber, ele enfatizou seu interesse nas questões do sujeito, embora soubesse que esse não era um terreno fácil de ser percorrido. Esse interesse mostra-se presente na afirmação: “é o que somos – os conflitos, as tensões, as angústias que nos atravessam [...] o solo, não ousa dizer sólido, pois por definição ele é minado, perigoso, o solo sobre o qual eu me desloco (FOUCAULT, 2006b, p. 230).

Desde seu primeiro livro, *História da Loucura*, o alvo do seu trabalho foi sempre contestar diferentes aspectos da sociedade, revelando “suas fraquezas e seus limites”. Mas, para que suas obras não fossem consideradas proféticas, esclareceu que seu trabalho era intelectual e tinha como meta explicar zonas da cultura burguesa e instituições que influem diretamente nas atividades e nos pensamentos cotidianos do homem (FOUCAULT, 2006b, p. 306). Assim, mais do que preocupar-se com a relação entre saber e poder, ele preocupa-se com o que afeta diretamente o sujeito.

Em um dos seus últimos trabalhos, Foucault (2005, p. 231) reconheceu esse interesse, afirmando que seu objetivo “não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise”. Ele reafirmou que o ponto nodal de sua obra havia sido sempre o sujeito e afirmou que seu trabalho passou por “três modos de objetivação”, de transformação dos seres humanos em sujeitos. Para o filósofo francês, então, nos tornamos sujeitos a partir de três modos de subjetivação: pelos modos de investigação, pelas práticas classificatórias e pelos modos de transformação que nos são aplicados pelos outros e por nós mesmos.

E é justamente a problematização do sujeito que justifica a escolha desse filósofo como principal sustentáculo deste trabalho de pesquisa, já que investigamos o discurso sobre o cuidado de si, que estabelece o corpo como produção simbólica e incide nos processos de subjetivação. Sabemos, entretanto, que essa escolha implica vários riscos, já que esse filósofo

não deixou uma teoria pronta e acabada, ela foi sendo construída e reconstruída, como uma prática contra as investidas do poder.

Referindo-se à obra *As palavras e as coisas*, Foucault diz que a primeira parte do seu trabalho lidou com o modo de objetivação do sujeito do discurso, do sujeito produtivo e do sujeito ser vivo. A segunda parte, segundo ele, preocupou-se em estudar a objetivação do sujeito a partir do que ele chamou de “práticas divisórias”. E, referindo-se à *História da Sexualidade*, concluiu que naquele momento investigava o modo pelo qual nos tornamos sujeitos. Na obra *História da Sexualidade I* emerge uma leitura ética em termos de práticas de si sem que se abandone totalmente a leitura política dos mecanismos de poder. Segundo Dreyfus e Rabinow (2010), os três domínios são constituídos por três eixos sobre os quais o pensamento foucaultiano refletiu ao longo do tempo: o eixo da verdade, estudado em *Nascimento da Clínica* e *As palavras e as coisas*; o eixo do poder, estudado em *Vigiar e Punir*; e o eixo ético-estético, investigado em *História da Sexualidade*.

Dessa forma, Foucault não se presta ao leitor que quer se sentir sobre bases firmes e estáveis, pois, como alerta Gregolin (2004, p. 27), o leitor precisa preparar-se para entrar num “labirinto de figuras, deslocamentos, em que o que se nega é a base para o que se afirma”, por isso, caso o leitor esteja esperando definições pontuais, terá de acompanhar um texto em marcha, cuja problematização constitui uma maneira particular de dialogar com a “tradição” dos estudos filosóficos, históricos, linguísticos.

Foucault formulou conceitos como “biopolítica” e “biopoder” e propôs neologismos, como o de “governamentalidade” para analisar acontecimentos minúsculos, práticas singulares, discursos inglórios e o cotidiano de diferentes domínios. Tais conceitos e neologismos ainda hoje são usados como instrumentos de análise em diferentes áreas do saber: da Filosofia ao Direito, da Psicologia à Psiquiatria, da História à Sociologia, da Pedagogia à Literatura.

Além disso, a atualidade de seu pensamento é tributária da maneira como ele entendia a própria tarefa da Filosofia, nas poucas vezes em que tentou delimitá-la, no sentido de diagnóstico do presente, analítica da política, ascética de si mesma. Através de suas ideias, podemos questionar que problemas as práticas institucionais e os saberes nos colocam atualmente, como também o que faz que determinados discursos entrem no jogo do verdadeiro e do falso e outros não.

As influências dos trabalhos de Foucault e suas problematizações sobre o corpo podem ser encontradas em estudos históricos (COURTINE, 2005; SANT’ANNA, 2005a, 2005b), em abordagens sobre a sexualidade nas sociedades contemporâneas (LOURO, 1999), em

reflexões acerca do aprisionamento corporal a um padrão estético e suas implicações na subjetividade (NOVAES, 2011), em pesquisas sobre as modificações corporais na cultura contemporânea (ORTEGA, 1999, 2005, 2008), dentre outros trabalhos.

1.3 A arqueogenealogia foucaultiana

Ao ponderar sobre a filiação epistemológica de Foucault no campo da AD, Santos (2010) reflete sobre duas fases foucaultianas: a arqueológica e a genealógica. Desta última, ele ressalta a necessidade de compreender as posições dos indivíduos diante dos saberes e como tais posições influenciam o poder, a inclusão, a exclusão, a razão e a consciência. Nesta fase, busca-se, também, investigar as relações entre os indivíduos e os saberes, como, para que, de que forma, com quais características, com quais objetivos os indivíduos agem. Assim como Pêcheux, Foucault investigou as posições que os indivíduos ocupavam, a forma como se comportavam e a natureza de suas ações na sociedade e na história.

Ao se referir à sociedade, Santos (2010) discute a inserção dos indivíduos em saberes pertencentes a uma cultura; ao se referir à história, ele dimensiona a natureza das práticas de saberes entre os indivíduos em um dado tempo. De acordo com as características singulares dos tempos em que os saberes são produzidos, as práticas sociais ganham sentidos distintos e os saberes vão sendo (re)organizados socialmente. O autor situa o discurso historicamente “como testemunho de sentidos, produzidos numa conjuntura de saberes, traduzindo poderes e construindo uma memória” (SANTOS, 2010, p. 133).

O método arqueogenealógico, elaborado por Foucault (2005), guiará nossa análise, que será norteada pelas seguintes ferramentas conceituais: discurso, enunciado, formação discursiva, disciplina, controle, saber, verdade, poder, governamentalidade, biopolítica e biopoder.

Pela ótica foucaultiana, o discurso não tem uma origem a ser buscada, só existem relações que o engendram. Cabe ao analista buscar essas relações que se constituem historicamente e se alojam de forma viva nas margens do discurso. A maneira como o discurso circula nunca é aleatória, ela sempre é controlada por mecanismos de poder, pois tudo está imerso nas relações de saber/poder, implicadas mutuamente. É preciso focar a existência dos enunciados efetivamente ditos para que essas relações sejam identificadas. Desta perspectiva, surge a proposta de uma análise arqueológica do discurso, que consiste em escavar as condições de possibilidades de aparecimento de enunciados (FOUCAULT, 2008b).

Foi no livro *Arqueologia do Saber* que Foucault elaborou o seu método arqueológico, cujo objeto de análise é o saber de uma época. O principal objetivo desse método é compreender as condições histórico-sociais que possibilitaram a irrupção de acontecimentos discursivos, ou seja, o filósofo tem a preocupação de investigar por que aparece um determinado enunciado, e não outro em seu lugar. Noção molecular na AD, o enunciado é considerado unidade básica de análise discursiva. Na concepção de Foucault (2008b, p. 111), “pode-se dizer, de modo geral, que uma sequência de elementos linguísticos só é enunciado se estiver imersa em um campo enunciativo em que apareça como elemento singular”.

Quando Foucault afirma que os enunciados são povoados, em suas margens, por outros enunciados, ele enfatiza a ação da luta dos diferentes campos de poder-saber. E afirma a importância da análise arqueológica, segundo a qual se despreza a solenidade da ciência, para privilegiar textos e gestos nem tão inéditos assim, enunciados banais e discretos, ao lado das grandes e luminosas originalidades. Para o autor, não há enunciado

livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja. [...] Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis (FOUCAULT, 2008b, p. 112).

Para que ele seja enunciado, é preciso associá-lo a um campo adjacente, ou seja, ele deve estar dentro de um campo associado, por isso é sempre um “nó na rede”. Podemos afirmar que uma frase nunca é um enunciado porque ela é uma abstração, não é histórica. O enunciado é sempre efetivamente produzido, tem uma existência material e histórica. A materialidade é constitutiva do enunciado, que é repetível, ele precisa ter “uma substância, um suporte, um lugar, uma data. Quando esses requisitos se modificam, ele próprio muda de identidade” (FOUCAULT, 2008b, p. 114).

O sujeito do enunciado não é o sujeito gramatical da sintaxe, ele é uma posição que muda conforme o enunciado vai mudando. O mesmo enunciado vai mudar de sujeito de acordo com o campo associativo em que ele aparece. No filme de Wood Allen, “Todos dizem eu te amo” (1997), através de diversas narrativas, o enunciado “eu te amo” vai mudando à medida que o campo associativo muda. A cada vez que esse enunciado é dito, ele vai tendo significados diferentes, estabelecendo outros efeitos de sentidos. Por causa da deriva dos sentidos, a enunciação jamais será a mesma.

Nas palavras de Foucault, o enunciado,

ao mesmo tempo que surge em sua materialidade, aparece com um *status*, entra em redes, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferências e a modificações possíveis, se integra em operações e em estratégias onde sua identidade se mantêm ou se apaga. Assim, o enunciado circula, serve, se esquiva, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade (FOUCAULT, 2008b, p. 118-9, grifo do autor).

Para se ter um enunciado é preciso que exista um sujeito. No enunciado “A morte chega para todos”, o sujeito não é o ser empírico, nem o gramatical. A posição-sujeito deste enunciado vai variar, dependendo do sujeito. Este enunciado pode ser dito por um padre em uma missa de 7º dia, por um cientista, por um dono de funerária, etc. Todo enunciado tem um sujeito que é determinado por um lugar, pela posição-sujeito. Um mesmo enunciado pode ter vários sujeitos, já que varia a posição-sujeito, ou seja, o lugar ocupado por quem efetivamente produz o enunciado.

A função enunciativa é essencialmente relacional, daí porque o enunciado situa-se em um campo associado, é um “nó numa rede”, é povoado por margens, tem a função de fazer uma relação com outros enunciados na cadeia enunciativa onde ele se encontra. Desse modo, o enunciado depende dessa “rede” para adquirir sentido. Um campo associativo é mais amplo do que um contexto, que é situacional. Como ele é histórico, não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados.

Um enunciado tanto retoma algo já dito como também antecipa algo, ou seja, se projeta para o futuro. Sobre isso, Foucault (2008b, p. 111) afirma que “o enunciado se delineia em um campo enunciativo onde tem lugar e *status*, que lhe apresenta relações possíveis com o passado e que lhe abre um futuro eventual” (grifo do autor). Isso está relacionado com a memória e com a atualidade.

1.3.1 Sobre a noção de poder

Foucault (2010) discute o poder como algo que não está na relação direta entre dois adversários, mas que se trata do “governo” dos outros. Seu sentido está diretamente ligado a uma forma de conduzir os indivíduos ou os grupos, pois seu exercício é direcionado a agir sobre probabilidades de ação dos outros indivíduos. Assim, o governo dos outros é a estruturação ocasional do espaço de ação dos outros, pois sujeitos individuais ou coletivos

distribuem-se em um espaço onde possibilidades de condutas, reações e modos de comportamentos podem se realizar. Trata-se de ver o poder, não como algo global, maciço ou em estado difuso, concentrado ou distribuído, mas como exercício de “uns” sobre os “outros”. Ele se concretiza em ato, ainda que “se inscreva num campo de possibilidade esparso que se apóia sobre estruturas permanentes” (FOUCAULT, 2010, p. 242).

Ao discutirem as mutações da noção de sujeito discursivo, Fernandes e Alves Júnior (2009, p. 109) defendem que “a noção de sujeito nas teses foucaultianas coloca em pauta reflexões sobre o poder como integrante das relações cotidianas entre sujeitos e observável nos/pelos discursos”. Isso implica que “nas relações humanas, quaisquer que sejam, o poder está sempre presente” (p. 110), muitas vezes de forma sutil. Assim sendo, há relações de poder em todas as relações de sujeitos. Nessa perspectiva, os autores destacam que a liberdade é uma condição para existir o poder, uma vez que o poder é exercido somente sobre sujeitos livres e funciona como uma rede de mecanismos a que nada ou ninguém escapa.

Na concepção foucaultiana, o exercício de poder não é simplesmente uma relação entre sujeitos individuais ou coletivos; é um modo de ação de alguns sobre outros. O que quer dizer, certamente, que só há poder de uns sobre os outros. Foucault (2009, p. 27) admite que o poder e o saber estão diretamente implicados; que “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder”.

No texto *O sujeito e o poder*, (FOUCAULT, 2010) demonstra que o saber situa e adota o sujeito como dependente, e questiona as relações do saber com o poder, buscando conhecer a maneira pela qual o saber circula e funciona. Segundo o autor, o poder não estaria tanto em uma ou em outra instituição, mas em uma forma de poder que

aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos (FOUCAULT, 2010, p. 278).

Foucault fala em resistência e contra-poder. Onde há poder, há resistência – que não é anterior ao que se opõe. Ela é coextensiva e produz do mesmo modo, e é aquilo que possibilita a mutação do poder. Pensar em repressão é considerar um poder jurídico concebido por uma lei que nega aos sujeitos. Se o poder atua em todas as esferas sociais, produz indivíduos e afeta a sua vida cotidiana, não é de se espantar que ele atinja também a forma

mais concreta do homem: o seu corpo (MACHADO, 2008). As estratégias de poder e de resistência afetam as formas de exercício do poder da vida cotidiana.

Para o filósofo, a consciência do indivíduo sobre o próprio corpo só se deu devido a um investimento do corpo pelo poder. Segundo o autor, “o poder, longe de impedir o saber, o produz. [...] É a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico” (FOUCAULT, 2008a, p. 149).

Discutir o poder na sociedade contemporânea é, de certa forma, então, deter-se no regime de verdade que ela possui, já que toda sociedade tem sua política geral de verdade. Compreendida por Foucault como o conjunto de procedimentos regulados para a produção, legalização, repartição, circulação e funcionamento dos enunciados, “a verdade não existe fora do poder ou sem poder” (FOUCAULT, 2009, p. 12), sendo produzida no mundo através de múltiplas coerções, ao mesmo tempo em que nele gera certos efeitos de poder.

Em torno das disciplinas impostas ao corpo-máquina e do controle regulador no corpo-espécie desenvolveu-se a organização do poder sobre a vida. Na opinião de Machado (2008), o poder disciplinar age por meio da inscrição dos corpos em determinados espaços, do controle do tempo sobre eles, da vigilância contínua e da produção de saber através das práticas de poder. Conforme Machado (2008), o poder disciplinar não destrói o indivíduo, mas o fabrica; e o saber não é neutro, pois todo conhecimento, seja científico ou ideológico, só existe a partir de condições políticas que são as condições para que se formem tanto o sujeito quanto os domínios de saber. Para o autor, a disciplina é “uma técnica, um dispositivo, um mecanismo, um instrumento de poder [...]. É o diagrama de um poder que não atua no exterior, mas trabalha o corpo dos homens, manipula seus elementos, produz seu comportamento [...]” (p. xvii).

Há um controle sobre aquilo que fazem os indivíduos, sobre aquilo que eles podem fazer, aquilo que são capazes de fazer, aquilo que estão sujeitos a fazer, aquilo que estão na iminência de fazer. Existe uma “vigilância” na população, considerada como um conjunto de seres vivos, no sentido de que tenham corpos saudáveis considerados necessários para o mercado de trabalho. Esse controle social passa por uma série de poderes (médico, psiquiátrico, gestão dos corpos, instituição de uma política de saúde social etc.) articulados em dois tempos: trata-se, “de um lado de constituir *populações* nas quais os indivíduos serão inseridos [...], de outro, trata-se igualmente de tornar o poder capilar, isto é, de instalar um sistema de individualização que se destina a modelar cada indivíduo e gerir sua existência” (REVEL, 2005, p. 29-30, grifo da autora).

Na atualidade, é possível identificar a sobreposição de três dispositivos de poder na sociedade. O primeiro deles, descrito por Foucault (2009), no livro *Vigiar e Punir*, é o disciplinar. Ele incide sobre a otimização do corpo em termos de um sistema de recompensas em vista de condutas almejadas; e de vigilância e correção, para a prevenção ou correção de comportamentos indesejáveis. Este último tipo pode ser observável em instituições semiabertas como escolas, empresas, hospitais, como também nas famosas instituições de confinamento, caso dos manicômios e prisões. Ao se dirigir à superfície corporal, esses dispositivos proporcionam uma ortopedia moral e a constituição de um indivíduo normatizado segundo os imperativos morais e até mesmo mercadológicos.

O segundo dispositivo é o da segurança, que atua na preservação e cuidado da vida de uma população biologicamente determinada exigindo, em troca, a restrição de suas liberdades, a obediência a suas normativas, o pagamento adequado de seus impostos. Essa proteção, em função dos riscos e perigos internos ou externos, possui um elevado ônus, posto que, muitas vezes, está embutida a anuência dos cidadãos à atuação extralegal do Estado e seus mecanismos diante de outras populações potencial ou realmente consideradas perigosas. O terceiro dispositivo não incide, principalmente, no corpo ou, enfaticamente, na vida biológica, mas opera ao nível do controle das mentes, suas aspirações e desejos.

É importante salientar que esses três dispositivos atuam conjuntamente, ainda que seja possível mostrar que no recrudescimento da industrialização houve atuação enfática da disciplina; na formação e consolidação dos Estados nacionais, a acentuada operacionalidade do dispositivo da segurança; e nas sociedades pós-industriais e de serviços, marcadas pela decisiva influência da realidade virtual engendrada pela automação dos processos industriais e dos imperativos midiáticos sobre a política e as ideologias, a predominância dos dispositivos de controle.

Sobre a produtividade do poder, Foucault afirma que ele não é sinônimo de repressão, nem pode ser visto como um produto exclusivo do Estado. Segundo o filósofo,

se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalcamento, à maneira de um grande super-ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo [...] e também a nível do saber (FOUCAULT, 2008a, p. 148).

Na afirmação seguinte, a ideia da positividade do poder é reforçada por ele:

Temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele ‘exclui’, ‘reprime’, ‘recalca’, ‘censura’, ‘abstrai’, ‘esconde’. Na verdade, o poder produz: ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção (FOUCAULT, 2009, p. 161, grifos do autor).

O micropoder não tem uma ação exclusivamente negativa, ele pode ser também exercido de forma construtiva. Positivamente, ele produz comportamentos e corpos através de classificações, normatizações e adestramentos (FOUCAULT, 2008a). Podemos exemplificar a produtividade do poder com a questão do corpo. Provavelmente, em nenhuma época se falou tanto em corpo como na contemporaneidade. A maioria das revistas são manuais de conduta, de como alcançar um corpo propagado espetacularmente pela mídia. Há um grande aparato científico em torno desta temática. No campo dermatológico, por exemplo, jovens que, desde os 20 anos, visitam regularmente o dermatologista para evitar os efeitos do envelhecimento. Assim, as rugas que surgiriam aos 40 anos são prevenidas precocemente. Ao serem incentivados a praticarem determinados comportamentos, estes jovens produzirão corpos plenamente previsíveis e adestrados, em perfeitas condições de produtividade.

Foucault (2009) considera que o poder, na verdade, não tem um início definido, como também não tem um fim. Ele vai se modificando, se transformando ao longo do tempo, sendo permeado por múltiplas técnicas, se resignificando e se cristalizando nas instâncias sociais. Enquanto existirem discursos, o poder sempre existirá, continuará atuando mesmo no silêncio, nos não-ditos.

1.3.2 Da sociedade disciplinar à sociedade de controle

Com base nas concepções foucaultianas sobre a normatização do corpo, refletimos neste tópico sobre o corpo inserido nas sociedades disciplinar e de controle. O que Foucault (2009) compreendeu por corpo não é sistematizado facilmente. Mesmo assim, podemos extrair, especialmente a partir de *Vigiar e Punir*, o significado atribuído ao corpo em sua obra. Para isso, expomos, primeiramente, algumas relações entre corpo e poder disciplinar. Em seguida, discutimos o corpo dentro da sociedade de controle, abordando questões discutidas na contemporaneidade, dentre as quais a exposição espetacularizada do corpo na mídia.

Para Foucault (2009), o corpo é ao mesmo tempo um invólucro, uma superfície que se mantém ao longo da História. Ao contrário do sujeito que não existe *a priori*, e é constituído nas relações de poder-saber, o corpo preexiste como superfície transformável, moldável por técnicas disciplinares. Em algumas das suas inúmeras entrevistas, Foucault afirmou que

embora tivesse interesse em fazer uma história do sujeito moderno, ou seja, uma história da subjetivação, estava interessado, sobretudo, em fazer uma história do corpo. Deste modo, concomitantemente à história do sujeito moderno, o filósofo fez uma história política do corpo.

Essa preocupação foucaultiana com o corpo tem gerado interessantes frutos. Vários trabalhos exploram a ação que sofre o corpo pelas técnicas de poder presentes em instituições como escolas, hospitais, prisões, dentre outras. As influências das ideias foucaultianas podem ser encontradas em estudos históricos e em novas abordagens sobre o corpo na sociedade contemporânea. Dentre os estudiosos que investigam a temática do corpo na mídia, à luz de uma vertente foucaultiana, destacamos: Courtine (2005, 2008); Milanez (2006a, 2006b, 2007); Ortega (2005, 2008); Sant'Anna (2005a, 2005b); Veiga-Neto (2002a); Vigarello (2005, 2008, 2012), entre outros.

Grande parte da obra foucaultiana foi dedicada a compreender um sistema de exercícios corporais que seriam a própria expressão do poder na modernidade. Para Foucault (2009), o corpo é a peça central sem a qual o poder não tem condições de ser exercido. Segundo o autor, modernidade e disciplinarização do corpo são correspondentes. Ao descrever o funcionamento da sociedade moderna, ele desvendou o funcionamento de uma série de dispositivos disciplinares, presentes no interior das instituições que tomaram o corpo como objeto de sua ação.

A sociedade disciplinar se instaura a partir do início do século XVIII (FOUCAULT, 2009), compreendendo todos os dispositivos que regulam hábitos e comportamentos, com objetivo de assegurar a obediência às instituições disciplinares que organizam o campo social. As estratégias utilizadas pela sociedade disciplinar eram centradas no corpo. As tecnologias disciplinares se destinavam a todos os sistemas de vigilância ou instituições disciplinares: a prisão, a fábrica, o asilo, o hospital, a escola, entre outras. Foucault (2006) assinala que, no século XIX, o poder assume outro paradigma – o biopoder – que se caracteriza como um poder exercido por máquinas que organizam o “cérebro e os corpos”, um poder responsável não só pelo corpo individual, mas pela vida da população. O poder que toma por objeto a vida em duas funções nas sociedades modernas: “a ‘anatomo-política’ e a ‘biopolítica’ e as duas matérias nuas, um corpo qualquer, uma população qualquer” (DELEUZE, 1992, p. 80).

O poder na sociedade disciplinar não funciona em termos de dominação/sujeição. Ele investe nas instituições de modo capilar, suas práticas são reais, seus alvos são específicos, seus efeitos são duradouros e deles a sociedade capitalista tem retirado o máximo de proveito, como a sujeição do corpo.

Apesar das vantagens dos saberes normativos, não podemos ignorar o objetivo desses saberes de produzir “corpos dóceis”; corpos submetidos a um regime de poder. Segundo Foucault (2009, p. 118), “esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’”. Caracterizadas como técnicas que permitem a distribuição dos indivíduos por meio da individualização, classificação e combinação de seus corpos, trabalhando assim como um tipo de organização no espaço, as disciplinas permitem também o controle do tempo e a sujeição do corpo ao mesmo tempo para que haja produção com eficiência (FOUCAULT, 2009).

No livro *Vigiar e Punir* (2009), o filósofo francês expõe o funcionamento do “modelo carcerário” na sociedade contemporânea de forma mais explícita. Ele resgata o *Panoptikon*¹⁰ (*pan*: tudo; *optikós*: visão), estrutura arquitetônica idealizada pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham (1748-1832), para simbolizar o poder disciplinar. As disciplinas se manifestam em sua forma pura e originária na prisão, especialmente na utopia benthaminiana da prisão perfeita, em que o regime de vigilância ocorre de modo ininterrupto e invisível. Dessa maneira, os prisioneiros não sabem “quando” estão sendo vigiados e por isso comportam-se constantemente como se estivessem sendo vigiados. Neste aspecto reside a genialidade e perversidade do sistema panóptico: mesmo que nenhum vigia esteja na torre, os prisioneiros agem como se estivessem sendo vigiados.

Na concepção foucaultiana, o panóptico é o dispositivo que melhor caracteriza o poder disciplinar, posto ser ele pensado como um sistema arquitetônico constituído de uma torre central e um anel periférico que permite a quem se posiciona no centro visualizar tudo e a todos sem que seja visto. Isso faz com que aqueles que são vigiados tenham sempre a sensação de que estão sendo observados, de modo que se pode chegar ao momento em que a consciência da vigilância faz com que seja desnecessária uma vigilância extensa e objetiva. O panóptico de Bentham seria “o princípio geral de uma nova ‘anatomia política’ cujo objeto e fim não são a relação de soberania, mas as relações de disciplina” (FOUCAULT, 2009, p. 184). Ao aplicar o mecanismo da disciplina, este princípio possibilita a construção de um novo tipo de sociedade, que se alinha a um modo de aplicação disciplinar. Como bem discrimina Foucault, temos duas imagens da disciplina.

¹⁰ Edifício circular em que cada prisioneiro ocupa uma cela, totalmente visível para quem estiver na torre de vigilância situada no centro da construção. Os vigilantes da torre podem ver tudo sem ser vistos pelos prisioneiros nas suas celas.

Num extremo, a disciplina-bloco, a instituição fechada, estabelecida à margem, e toda voltada para funções negativas: fazer parar o mal, romper as comunicações, suspender o tempo. No outro extremo, com o panoptismo, temos a disciplina-mecanismo: um dispositivo funcional que deve melhorar o exercício do poder tornando-o mais rápido, mais leve, mais eficaz, um desenho das coerções sutis para uma sociedade que está por vir. O movimento que vai de um projeto ao outro, de um esquema da disciplina de exceção ao de uma vigilância generalizada, repousa sobre uma transformação histórica: a extensão progressiva dos dispositivos de disciplina ao longo dos séculos XVII e XVIII, sua multiplicação através de todo o corpo social, a formação do que se poderia chamar grosso modo a sociedade disciplinar (FOUCAULT, 2009, p. 173).

Baseado no panóptico, o poder disciplinar estabelece uma nova forma de exercício de poder: a vigilância invisível que permite classificar, qualificar e punir. Ao se debruçar sobre as radicais modificações de um poder soberano para as sutis técnicas de poder disciplinar, a partir do século XVII até o século XIX, Foucault mostra como o sujeito deixa de ser supliciado e passa a ser assujeitado ao poder soberano.

O poder disciplinar visa ao corpo e ao comportamento do indivíduo; para seu funcionamento foram inventadas ou adaptadas as escolas, prisões, quartéis, hospitais, hospícios; eles permitem vigilância, exame e punição a um só tempo, de modo eficiente, sem desperdício de tempo, e constituem, com sua arquitetura que joga como o visível (aluno, delinquente, louco, operário, soldado) e o invisível (o poder relacionado com o saber); trata-se, enfim, da sociedade do panoptismo.

A disciplina recortou o corpo na sua individualidade para a reprodução dos exercícios e a produção dos corpos dóceis, enquanto o biopoder tomou o corpo no conjunto da população, exercendo um exercício de governo da vida por meio do controle dos nascimentos, das mortes, das práticas sexuais, além da moradia, da instrução, do trabalho, tomando os corpos em conjunto e aplicando-lhes as leis e normas (FOUCAULT, 2005, p. 293). Tanto quanto para as disciplinas, o nascimento do “corpo organismo” também foi fundamental para o aparecimento do biopoder, que tomou o conjunto dos corpos, dando-lhes a face de uma população. Assim, a disciplina sobre os corpos individuais e o biopoder como um poder sobre a vida das populações compuseram, conjuntamente, todo um arsenal de aparatos dentro das instituições que sustentaram a sociedade moderna e uma forma específica de governo, chamada por Foucault de governamentalidade. Nos anos 1980, ele afirmou que estávamos deixando de ser modernos e anunciou que o próximo século seria deleuziano. Segundo Deleuze (1992), Foucault foi um dos primeiros a admitir que a sociedade disciplinar foi deixada para trás.

Conforme Hardt e Negri (2004), a obra foucaultiana possibilita reconhecer uma transição histórica, de época, nas formas sociais da sociedade disciplinar para a sociedade de controle. Na sociedade disciplinar o comando social é construído mediante uma rede dispersa de dispositivos que produzem e regulam os hábitos, os costumes e as práticas produtivas. Por meio de instituições disciplinares (prisões, fábricas, hospitais, escolas, universidades etc.), essa sociedade faz funcionar mecanismos de inclusão e exclusão. Na sociedade de controle mecanismos cada vez mais democráticos são distribuídos por corpos (em sistemas de bem-estar, em atividades monitoradas) e cérebros (em sistemas de comunicação, em redes de informação) dos indivíduos. Essa sociedade pode ser caracterizada por uma intensificação dos aparelhos de normalização de disciplinaridade. Como exemplo disso, temos a ditadura da beleza e do bem-estar, a obrigatoriedade de ser feliz conforme padrões estabelecidos.

Na contemporaneidade, os discursos sobre o corpo tentam discipliná-lo não mais como forma de punição, como demonstrou Foucault (2009) em suas análises da sociedade disciplinar, mas como forma de controle da população, que deve buscar o bem-estar físico e mental do indivíduo a qualquer custo. A maior atenção dedicada ao corpo e às práticas relacionadas a ele apenas reforçam e solidificam seu controle e dominação. É paradoxal a relação entre corpo e poder: quanto maior a atenção sobre o corpo, maior é o controle sobre ele.

Segundo Deleuze (1992), Foucault demonstrou que os limites temporais do modelo disciplinar estavam claramente demarcados e que este havia entrado em crise na segunda metade do século XX. Do ponto de vista do autor, os confinamentos da disciplina eram moldes produtores de subjetividades, ao passo em que os controles são uma “modulação”, isto é, uma moldagem que pode ser transformada continuamente, produzindo uma situação flexível da subjetividade que é a chave do controle.

As instituições, como a fábrica, o hospital, a prisão e a escola se transformaram em empresas, modificando a gramática que havia sido produzida pela sintaxe disciplinar, que se torna obsoleta na sociedade de controle. Ao analisarem o conceito deleuziano de sociedade de controle, Hardt e Negri (2004) consideram que a sociedade de controle pode também ser compreendida como uma intensificação das disciplinas.

Na sociedade disciplinar, o corpo e a vida são matérias fartas para o exercício da disciplina e do biopoder, produzindo corpos dóceis. Como um novo modelo de sociedade ou como a intensificação das disciplinas, a sociedade de controle também tem o corpo como substrato de sua produção subjetiva. Nesse contexto, há uma intensificação dos controles sobre o corpo, traduzidos em uma ampliação e transformação da biopolítica.

Trata-se do surgimento da ideia de que há corpos que podem desaparecer para que outros possam viver seguramente, em um mundo controlado pelas novas modalidades tecnológicas. Por outro lado, há também novas formas corporais de resistência e transgressão, as quais se apropriam das novas tecnologias e das artes, por exemplo. Uma gestão autônoma da vida e do corpo é uma empreitada transgressora no interior das tecnologias de controle. Para Deleuze (1992, p. 225-6), “os anéis da serpente são ainda mais complicados que os buracos da toupeira”.

No século XX, passamos de uma sociedade disciplinar para uma sociedade de controle. Essa sociedade ganhou contornos sofisticados com os dispositivos de informação instantânea e de valorização da visibilidade das ações e dos corpos dos indivíduos. No olhar deleuziano, a sociedade midiática é uma sociedade de controle. Essa sociedade aperfeiçoou as técnicas de controle, que agem quase despercebidas, de modo bastante natural, de maneira sutil, principalmente na publicidade. Na escola, por exemplo, uma técnica de controle é a lista de frequência, que verifica cotidianamente a presença ou não dos alunos na sala de aula. Esse tipo de controle é mais nefasto do que a disciplina. Podemos afirmar que o século XX foi disciplinador e o século XXI é controlador.

Os dispositivos disciplinares contemporâneos utilizam a vigilância fundada em saberes racionais e normativos. Estes “saberes” sempre visam a uma maior eficiência do corpo, mais saúde, bem estar, longevidade etc. Isso torna a vigilância algo desejado e não desprezado. Esta é uma grande astúcia da sociedade de controle: o poder controlador passa a ser desejado como algo positivo e prazeroso.

Atualmente, há um discurso mercantil, de base econômica e mercadológica na mídia, que leva o sujeito a consumir comida calórica (*fast food*) para que seja necessário o uso de produtos *light* e/ou *diet*, ou então fazer plásticas para ter o corpo cultuado na publicidade desses produtos. Há um investimento político dos corpos nos anúncios publicitários do tipo “como perder 7cm em 10 dias”; “emagreça 5 quilos em dois meses”. Assim, o sujeito é controlado sem perceber. Ele vai fazendo transformações no corpo para entrar na ordem do discurso midiático: “seja magro!” Esse discurso reafirma o ponto de vista de Foucault (2008a, p. 147): “encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: ‘Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!’”

Não se restringindo mais aos círculos institucionais, as disciplinas refinaram-se, expondo-se como táticas flexíveis de controle, indiciando, conforme Deleuze (1992, p. 216), a reformulação das sociedades disciplinares em sociedades de controle, “que funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea”. Com esta

transição, intensificou-se uma Biopolítica que, de acordo com Revel (2005, p. 27), representa uma Medicina social, “que se aplica à população a fim de governar a vida”, a fim de impor as formas de “bem-estar social”, inserindo a vida no campo do poder.

1.3.3 Sobre a noção de Governamentalidade

O poder passou a ser trabalhado na perspectiva do governo de si e do governo dos outros – inscritos nas relações de poder – e constituiu o cerne do trabalho de Foucault, até sua morte, em 1984. O desenvolvimento da noção de governamentalidade aparece na obra foucaultiana, na discussão sobre Biopolítica e biopoder, tanto no primeiro volume da *História da Sexualidade – A Vontade de Saber* (FOUCAULT, 2006a) quanto no curso *Em defesa da sociedade* (FOUCAULT, 2005). Entretanto, essa noção foi trabalhada, de modo marcante pelo filósofo, nos cursos ministrados no Collège de France, *Segurança, Território, População* (1977-1978) e *Nascimento da Biopolítica* (1978-1979) e, parcialmente, em *Do Governo dos Vivos* (1979-1980).

Antes de nos determos um pouco mais sobre o tema da governamentalidade, esclarecemos que governo não deve ser entendido nos termos em que é empregado atualmente, ou seja, como um grupo de pessoas à frente da gestão pública, ou a atividade exercida por aqueles que conduzem a máquina estatal, entre outros significados, mas sim como a maneira de dirigir a conduta do corpo-espécie ou do corpo-populacional, conforme o trecho, a seguir:

devemos deixar para esse termo a significação bastante ampla que tinha no século XVI. Ele não se referia apenas às estruturas políticas e à gestão dos Estados, mas designava a maneira de dirigir a conduta dos indivíduos ou dos grupos; governo das crianças, das almas, das comunidades, das famílias, dos doentes. Ele não recobria apenas formas instituídas e legítimas de sujeição política ou econômica, mas modos de ação mais ou menos refletidos e calculados, porém todos destinados a agir sobre as possibilidades de ação dos outros indivíduos. Governar, nesse sentido, é estruturar o eventual campo de ação dos outros (FOUCAULT 2010, p. 288).

Ao definir o exercício do poder como “um modo de ação sobre as ações dos outros”, Foucault o caracteriza como governo dos homens, uns pelos outros. Para este autor, a preocupação com a arte de governar surge a partir do século XVI e, no século XVIII, a Governamentalidade aparece como forma de governo sobre a vida dos outros e constitui um instrumento crítico de uma sociedade dominada pelos ideais do Liberalismo. Essa forma de

governo visa ao bem-estar da população, um biopoder (poder sobre a vida) que age sobre o indivíduo através de dispositivos de segurança que visam mantê-lo saudável para produzir e consumir.

A maneira como o poder se transforma entre o final do século XVIII e início do século XIX, ou seja, término da sociedade monárquica e começo da sociedade estatal objetiva governar tanto os indivíduos, através de procedimentos disciplinares, quanto a população em geral. O nascimento da Biopolítica ocorre no Liberalismo, um exercício do governo que busca maximizar seus efeitos e reduzir seus custos. Através de uma tecnologia de poder, a Governamentalidade tem como foco a população, conjunto de indivíduos que são controlados com o objetivo de assegurar uma melhor gestão da força de trabalho dentro da sociedade capitalista (REVEL, 2005).

É pertinente distinguir a noção do governo pela soberania, bem como do governo pelo Estado administrativo e/ou jurídico. Trata-se de um governo pelo controle das normas. A esse propósito, o diagnóstico de Foucault (2008c, p. 144-145) é “talvez, o que há de importante para nossa modernidade, isto é, para nossa atualidade, não é, portanto, a estatização da sociedade, mas o que eu chamaria de ‘governamentalização’ do Estado”.

Quando se observam formas de governo do corpo, relacionadas à saúde, não basta a ação do Estado, dos planos de saúde ou mesmo mecanismos de outra ordem. O sujeito é chamado a colaborar em seu próprio governo, pois os valores que influenciam como somos governados devem coincidir com aqueles que moldam a forma como governamos a nós mesmos. O volume e os descompassos dos discursos orientados para a constituição do corpo saudável são alguns dos motivos de resistências às técnicas de governo do corpo.

De acordo com Ortega (1999, p. 24), governo é um “conceito redentor”, cuja incorporação no aparelho conceitual arquegenealógico foucaultiano permitiu escapar da fundamentação circular do poder e da resistência. Desse modo, a temática do governo desponta para Foucault como um novo operador analítico que destrava o processo de suas pesquisas. Ortega afirma que, desde 1976, verifica-se um deslocamento teórico na obra foucaultiana que conduz “a substituição do conceito de poder pelo de governo, para, finalmente desembocar na temática do governo de si e da autoconstituição, isto é, em um deslocamento teórico no eixo do sujeito” (ORTEGA, 1999, p. 35).

Na Modernidade, compreendida nos termos foucaultianos entre o final do século XVIII e o século XX, predomina o exercício de um biopoder¹¹ articulado a uma multiplicidade de práticas “positivas” de poder, incidindo sobre a vida, tomando os corpos dos indivíduos como alvos e pontos de aplicação, investindo-os e produzindo-os conforme uma ordem moral, social, política, produtiva e normativa capitalista-burguesa. O biopoder recobre historicamente outra economia de poder antecedente, que era centrada no poder de causar a morte ou deixar viver. Os espetáculos públicos centrados na destruição de corpos foram extintos. Cada vez mais, valorizam-se economicamente os corpos, há um investimento na produtividade porque são necessários corpos aptos para o trabalho e ao mesmo tempo dóceis ao poder (FOUCAULT, 2006).

A Modernidade trouxe um conjunto de procedimentos discursivos e institucionais sobre a produção do corpo. Se a disciplina recortou o corpo na sua individualidade para a reprodução controlada de exercícios e a produção de corpos dóceis, o biopoder tomou o corpo no conjunto da população por meio dos exercícios de governo da vida. O biopoder tem a função de ordenar, classificar, nomear e excluir por meio da norma, a qual é o resultado das políticas de verdade sobre o corpo, a população e a vida (FOUCAULT, 2005).

Como método de análise histórica, proposto por Nietzsche e Foucault, a genealogia ocupa-se, segundo eles, dos corpos concretos, traçando a história da sua sujeição e produção nos jogos de saber/poder, que são exatamente aquilo que lhes dá forma, força e visibilidade – portanto concretude: volume e existência concreta – submetendo-os a regimes de utilidade e docilidade. Esta passagem do texto foucaultiano, “Nietzsche, a genealogia e a história”, é esclarecedora:

o corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia, como análise da proveniência, está, portanto, no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo (FOUCAULT, 2008a, p. 22).

Segundo Foucault, a arte de governar se deu devido à relevância da população. Ele explicita que

¹¹ O biopoder é o que caracteriza a moderna economia de poder e diz respeito à formação de uma diversificada tecnologia de poder que incide sobre a vida e toma os corpos como objetos, produzindo tanto os corpos dos indivíduos – pela aplicação de uma “anatomopolítica” – quanto os corpos coletivos das populações – por intervenções através de biopolíticas reguladoras (ORTEGA, 2005).

a população vai ser o objeto que o governo deverá levar em conta nas suas observações, no seu saber, para chegar efetivamente a governar de maneira racional e refletida. A constituição de um saber de governo é indissociável da constituição de um saber sobre todos os processos que giram em torno da população no sentido lato (FOUCAULT, 2008c, p.140).

1.3.4 Investimento nos corpos: biopolítica e biopoderes

Podemos conceituar Biopolítica como a maneira pela qual o poder tende a se transformar com a finalidade de governar o conjunto dos viventes constituídos em população, por meio de medidas disciplinares. Em outras palavras, é a junção de vários conceitos (poder, controle, governamentalidade), atuando sobre todos os aspectos da vida humana, através da aplicação e do impacto do poder político.

O termo biopoder pode ser definido como uma forma de poder que regula a vida social por dentro, acompanhando-a, interpretando-a, absorvendo-a e a rearticulando. O exercício do poder só pode ser concebido envolvendo muitos embates, pluralidade de forças que perpassam toda a sociedade ou, como diz Foucault (2003, p.89), “o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares”. Esta noção desenvolve uma concepção de poder que se distancia da que alia poder e repressão.

O biopoder, segundo Gregolin (2007b, p. 19-20), “materializa-se no governo de si: o sujeito deve autocontrolar-se, modelar-se a partir das representações que lhe indicam como deve (e como não deve) ser o seu corpo”. Isso remete ao que Foucault denomina Governamentalidade, o governo de si e do outro por meio de técnicas que produzem identidades. Segundo o filósofo, (2008a, p.146), “toda relação de forças é uma relação de poder”, em que as relações de forças se desenvolvem em uma rede de micropoderes e há sempre funcionamentos tensos e em atividade, mas que não se localizam especificamente nas relações entre Estado e cidadão, mas que se dão em todas as tessituras sociais, tendo como elemento de aplicação o corpo.

Assim como se modificam historicamente as condições concretas de produção social, política e econômica dos corpos, mudam-se de forma igualmente histórica as condições da sua estetização. É redundante afirmar que as concepções e padrões estéticos se transformam ao longo da história. Basta notar que o século XX foi muito rico em diversidade estética, fazendo, literalmente, desfilar na passarela da mídia sucessivas modas, variados padrões corporais, e também tecnologias, muitas delas médicas, de produção e modelagem dos corpos,

segundo uma estética corporal que se modifica historicamente. Não é o corpo que muda ao longo do tempo, mas sim o nosso olhar/discurso sobre ele.

A partir dos séculos XVIII e XIX, a ideia de biopoder aliou-se às reflexões sobre as práticas disciplinares como exercício de poder. Nesta época, as disciplinas se voltavam para o indivíduo e para seu corpo, para sua normalização e adestramento através de diversas instituições (escola, prisão, fábrica etc.) que docilizavam os corpos, tornando-os aptos para o trabalho. Nas palavras de Foucault (2006a, p. 151), o poder sobre a vida estava centrado em dois pólos. O primeiro centrou-se “no corpo como máquina: no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos”. Tudo isso caracteriza as “disciplinas: anatômo-política do corpo humano”. O segundo pólo estava centrado “no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade [...]” (p.152). Tudo isso envolve uma série de intervenções e “controles reguladores: uma biopolítica da população”.

A disciplina anatômo-política dos corpos, o biopoder, se aplica aos indivíduos e a biopolítica, a grande medicina social, se aplica ao governo da população. Dessa forma, a vida faz parte do campo do poder. A biopolítica governa a população por meio de procedimentos disciplinares, ou seja, se ocupa da gestão de biopoderes locais (saúde, higiene, alimentação, natalidade etc.) aplicados à população, na medida em que se tornam preocupações políticas.

Duas concepções distintas marcaram o desenvolvimento da biopolítica no século XVIII, dividindo-o em duas metades: inicialmente, havia um foco no corpo – entendido como uma máquina –, que deveria ser adestrado através das disciplinas, que potencializariam e aperfeiçoariam as suas capacidades; posteriormente, investiu-se no corpo-espécie, isto é, o corpo como lugar do desenvolvimento dos processos biológicos e dinâmicos dos seres vivos – “a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar” (FOUCAULT, 2006a, p. 131) –, o que gerou uma intervenção que visava ao controle e a regulação da população. Têm-se, portanto, as disciplinas do corpo e as regulações da população.

Os mecanismos de poder estão presentes em todos os aspectos sociais, principalmente no que se refere ao corpo. Para Foucault (2008a, p. 80), o controle da sociedade sobre os indivíduos começou no corpo, com o corpo. “Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política”.

O século XVIII foi descrito como o século das Luzes. Nessa época, houve o progresso das Luzes, ou seja, a luta do conhecimento contra a ignorância, da razão contra os sonhos, da experiência contra os preconceitos, do raciocínio contra o erro. Para Foucault (2005), era preciso se livrar dessa relação entre conhecimento e ignorância, combater os múltiplos saberes que brigam uns com os outros, dos saberes que se opõem entre si. Para ele, esse século é o século da emergência dos saberes técnicos.

O desenvolvimento do saber tecnológico nesse século foi pensado a partir dos saberes múltiplos, independentes, heterogêneos e secretos. Esse foi também o século do disciplinamento dos saberes, ou seja, da organização interna de cada saber como uma disciplina. Na opinião do filósofo francês, esse disciplinamento dos saberes, seu escalonamento como disciplinas, sua organização e hierarquização possibilitaram o aparecimento da “Ciência” e o abandono da Filosofia. A Ciência, como domínio geral, policiou as disciplinas do saber e ocupou o lugar da Filosofia.

O disciplinamento acontecido no século XVIII foi eficaz e bem sucedido. No que se refere ao saber histórico, houve um disciplinamento que impediu e fortaleceu os sujeitos através das lutas e contestações. As técnicas disciplinares se imbuíam dos corpos e tentavam aumentar-lhes a força útil através do treinamento dentro de uma tecnologia disciplinar de trabalho (FOUCAULT, 2006a).

Na segunda metade do século XVIII, duas tecnologias de poder são usadas: de um lado, uma técnica disciplinar centrada no corpo, que o manipula como foco de forças que é preciso tornar útil e dócil ao mesmo tempo; de outro lado, uma tecnologia não centrada no corpo individual mas na vida da população, que focaliza não o treinamento individual, mas a segurança do conjunto populacional em relação aos seus perigos internos, que procura controlar a população.

No início do século XIX aparece um novo elemento. Na acepção de Foucault (2005, p. 292), a biopolítica lida com a população, entendendo-a como “corpo múltiplo, corpo com inúmeras cabeças, se não infinito pelo menos necessariamente numerável”. Conforme o autor, a população é vista como problema “[...] a um só tempo científico e político, como problema biológico e como problema de poder” (*idem*, p. 293). Um dos fenômenos fundamentais desse século foi a assunção da vida pelo poder, uma tomada de poder sobre o homem como ser vivo. O efeito do poder soberano sobre a vida é exercido a partir do momento em que o soberano pode matar, assim, ele exerce seu direito sobre a vida. Um novo direito se instalou no século XIX: o direito de fazer viver e de deixar morrer.

Vista por Foucault como uma tecnologia de poder, a Biopolítica vai implantar mecanismos que têm funções bem distintas das funções que eram as dos mecanismos disciplinares. Nos mecanismos implantados pela biopolítica,

vai se tratar, sobretudo, é claro, de previsões, de estimativas estatísticas, de medições globais [...]; de intervir no nível daquilo que são as determinações desses fenômenos gerais [...]. Vai ser preciso modificar, baixar a morbidade; vai ser preciso encompridar a vida; vai ser preciso estimular a natalidade (FOUCAULT, 2005, p. 293).

O poder repressor e punitivo, descrito por Foucault, dá lugar à regulamentação da vida, tem a capacidade de produzir alguma coisa relacionada à sua manutenção, de acordo com a liberdade de escolha do sujeito. É a dimensão biopolítica da sociedade de controle, uma forma de poder que rege e regulamenta a vida, assimilando-a e reformulando-a. Trata-se do poder da vida e não sobre a vida.

Uma nova tomada de poder se instalou e se fez em direção, não ao homem-corpo, mas ao homem-espécie. No final do século XIX, depois da anátomo-política do corpo (indivíduo-corpo), instaurou-se a Biopolítica da espécie humana (indivíduo-população). Essa nova tecnologia de poder trata de um conjunto de processos relativos à proporção de nascimentos e de mortes, à taxa de reprodução, à fecundidade de uma população. Os processos de natalidade, mortalidade e longevidade constituíram, no final desse século, os primeiros objetos de saber e primeiros alvos do controle da Biopolítica. Eles são considerados os fenômenos coletivos, característicos da população.

O aparecimento do biopoder sobre o homem enquanto ser vivo gera um poder contínuo, científico, que é o poder de fazer viver. Tudo isso originou duas séries: 1) corpo-organismo (disciplina no corpo individual); 2) população – processos biológicos (regulamentação da vida e da morte). Na opinião de Foucault,

o poder é cada vez menos o direito de fazer morrer e cada vez mais o direito de intervir para fazer viver, e na maneira de viver, e no ‘como’ da vida, a partir do momento em que, portanto, o poder intervém, sobretudo nesse nível para aumentar a vida, para controlar seus acidentes, suas eventualidades, suas deficiências [...] (FOUCAULT, 2005, p. 295).

No século XX, segundo Foucault (2005, p. 301), é considerável a importância da Medicina, “dado o vínculo que estabelece entre as influências científicas sobre a população e sobre o corpo”. A Medicina é um saber poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e

sobre a população, e que vai ter efeitos disciplinares e regulamentadores. A norma é o que pode tanto se aplicar a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar.

Ao governar os sujeitos para que tenham uma vida melhor, com saúde, mais longa, a Biopolítica faz com que eles produzam mais para a sociedade. O sujeito tem que ser saudável para que seja produtivo socialmente. Isso atesta a positividade do poder explicitada por Foucault (2008a). Para trabalharmos com o discurso midiático, usamos sempre os conceitos de Biopolítica e de biopoder, já que neste discurso há uma relação entre saberes e poderes. A mídia discursiviza os fatos, a realidade em si mesma.

Na sociedade monárquica, o poder emanava de uma única pessoa, o rei, e a questão central era a morte. O rei decidia quem iria morrer e não se questionava esse poder que era dado apenas a ele. Na sociedade atual isso não acontece. Hoje, os governantes querem preservar a vida. A governamentalidade gira em torno da longevidade dos sujeitos. Não é à toa que a população mundial alcançou o patamar de 7 bilhões de habitantes. Há uma política globalizada para preservar e, conseqüentemente, prolongar a vida. Isso faz com que os sujeitos sejam produtivos por mais tempo e também consumam cada vez mais.

A inclusão da vida dentro dos mecanismos de poder, o governo da espécie e dos indivíduos considerados como corpos vivos, a tarefa de encarregar-se do problema da saúde, da tutela e da proteção da vida biológica da nação constituem o conjunto dos processos que caracterizam o advento da Biopolítica. Essas questões estão colocadas na mídia, especialmente nas revistas que compõem nosso *corpus*.

Para o filósofo francês, o corpo também é uma interpretação dependente de determinado “olhar”, ou seja, o corpo terá diferentes valores, dependendo de quem olha e do lugar de onde ele é olhado. Assim, o valor do corpo depende do lugar que ele ocupa. Essa percepção de Foucault (2007b) sobre o corpo pode ser ilustrada com a análise que ele faz da tela de Velásquez “As meninas”, no início do livro *As palavras e as coisas*. Essa tela retrata o próprio Velásquez pintando um quadro e algumas pessoas ao seu lado observando o modelo que está posando para o pintor, mas que, no entanto, não aparece na tela. Simultaneamente, o artista não pode ver a si mesmo e o objeto de sua representação. Da mesma forma, só podemos olhar para nosso próprio corpo através do olhar do outro e foi assim que Velásquez se retratou, através do olhar do outro. Com isso, Foucault (2007b) afirma que todo olhar “já é uma interpretação”, uma posição, um lugar de poder.

Que relação pode ser estabelecida entre o corpo e a análise foucaultiana sobre a tela de Velásquez? O corpo é sempre uma interpretação e o olhar interpretativo que o sujeito lança

sobre seu corpo depende do olhar lançado pelo outro sobre esse mesmo corpo. Na contemporaneidade, a busca incessante da mulher pela imagem de um corpo “perfeito” reside no desejo de capturar o olhar do outro para o seu corpo. Tendências exibicionistas alimentam as novas modalidades de construção do corpo, numa “espetacularização do eu”¹², que visa à obtenção de um efeito: o reconhecimento nos olhos do outro e, sobretudo, o cobiçado fato de ser visto. Nesse contexto, a subjetividade é estruturada em função da superfície visível do corpo, que se torna um espaço de criação e um campo propício para a expressão do que cada um é.

Os processos de subjetivação, por meio das relações de poder-saber, como descritas e analisadas por Foucault, atuam sobre o corpo do indivíduo através de técnicas disciplinares, ou seja, por meio do disciplinamento e governo do corpo. As novas formas de subjetivação cada vez mais se relacionam com os modelos idealizados de corporeidade. O culto à magreza e a rejeição dos corpos fora dos padrões dominantes se engajam aos discursos contemporâneos de disciplinamento e de controle dos corpos femininos como forma de reafirmar as relações de poder. Assim, possuir um corpo magro, atualmente, está relacionado, também, à questão simbólica do “poder”.

Portanto, a sociedade do consumo e do espetáculo, cujas imagens de mulheres belas, felizes e bem-sucedidas estão sempre em “cartaz”, produz um cenário perfeito para que o sujeito feminino deseje transformar seu corpo para corresponder ao desejo cultural e assim garantir um lugar no palco desse espetáculo e atrair o olhar do outro.

O corpo do novo milênio, plastificado pelas intervenções possibilitadas pelos avanços da tecnologia e da ciência, é cada vez mais jovem, busca continuamente a longevidade, é construído e reconstruído nas imagens da mídia, tornando-se utopia para cada corpo real.

A ditadura da beleza corporal não é exclusividade do século XXI, pois o corpo sempre foi instrumento de culto nos diversos momentos da história, embora em cada período os processos disciplinadores tenham sido diferentes. Segundo Foucault (2009), é assim que nasce a arte do corpo humano, que busca aperfeiçoar as habilidades do físico e formar relações que o tornem mais obediente e útil.

A sociedade busca adequar os corpos aos padrões estéticos estabelecidos, não mais pela coerção e sim pela sedução, revelando uma verdadeira ditadura da beleza, da magreza e

¹² A noção de espetáculo, desenvolvida por Guy Debord (1997), permite-nos refletir sobre a natureza das representações de corpo na sua apresentação contemporânea. O corpo contemporâneo ocupa um lugar central, e nas mídias se torna mais explicitamente um *corpo-espetáculo*, esta construção se articula fortemente com o consumo: é o surgimento do *corpo-mercadoria*. E o espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupa totalmente a vida social (DEBORD 1997).

da juventude. O controle sobre o corpo exercido pela sociedade vai “ao encontro” dos interesses do mercado (moda, mídia, publicidade etc.) e da indústria da metamorfose (cirurgias, tratamentos, equipamentos e medicamentos com fins estéticos) criando novos sentidos e necessidades para os “consumidores”.

Há uma moldagem do corpo, que ocorre como uma tática flexível de controle, caracterizando, conforme Deleuze (1992, p. 216), a transição da sociedade disciplinar para a sociedade de controle. A mídia exerce esse controle contínuo, intensificado por uma Biopolítica, que se repete sem cessar, como podemos verificar na capa da **Veja**, edição 2139, 18 de novembro de 2009, apresentada a seguir.

Figura 1 – CORPO. O novo manual de uso



Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital
Acesso em: 20 de Junho 2011

Sobre a descrição da capa, observamos que, tomando quase a página inteira, um corpo feminino, ao que parece, realiza um movimento de envergadura, como um alongamento. Este corpo em evidência não mostra seu rosto, está disposto contra um fundo branco e é traçado em papel quadriculado, símbolo da geometria, um corpo medido geometricamente, com medidas perfeitas, o que ratifica o corpo ultramedido. As linhas e os traços pretos feitos sobre o corpo definem suas formas e ângulos.

Esse esquadramento geométrico do corpo relaciona-se com o funcionamento das disciplinas que, segundo Revel (2005, p. 35), “exercem um esquadramento sistemático do tempo, do espaço e do movimento dos indivíduos”. É a imagem da informação estética como poder, o que reafirma as palavras de Foucault (2008a, p. 146) sobre a consciência corporal: “o

domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder”.

Na parte superior da capa, o nome da revista apresenta-se sobreposto à imagem sem apagá-la. No centro da página, o título da reportagem principal se sobrepõe em letras maiúsculas e arredondadas, na cor alaranjada, com um enunciado formado apenas por uma palavra: CORPO, escrita com uma fonte de formas finas e alongadas, em contraste com a fonte mais “cheia” das outras palavras. Esse enunciado parece se entrelaçar com a imagem, como se fosse uma tatuagem marcada na pele. Na parte inferior da página, destaca-se outro enunciado, também em letras maiúsculas, na cor vermelha: o novo manual de uso. Sobre esse enunciado, cabe tecer alguns comentários.

O enunciado “novo” leva em consideração que algo o precedeu e é tido como antigo. Desse modo, se existe um “novo manual” de uso do corpo, existiu um “antigo manual”, que conduz a um domínio associado de enunciados relativos a saberes e práticas direcionadas ao cuidado de si, exercido anteriormente por outros sujeitos. O fato de a Revista apresentar-se como um manual implica normas e formas de uso; instruções e práticas adequadas para se utilizar um objeto. Quando um corpo recebe um manual que o decifra, é porque é concebido como uma máquina, que possui um determinado funcionamento, alcançado, apenas, se o manual for seguido à risca. Ao considerarmos o corpo como objeto, atribuímos a ele enunciados que ganham o valor de verdade. Olhar o corpo como um maquinário implica uma objetividade do corpo, definido como um equipamento, um conjunto de peças e funções com uma utilidade. Isso está relacionado às técnicas corporais referentes a saberes de como utilizar o corpo de forma eficiente.

Mais duas informações são apresentadas na capa, antecipando o que será abordado na reportagem principal: “80% da saúde e longevidade dependem apenas de quanto a pessoa conhece seu organismo”; “Teste: em 50 questões descubra se você é um estranho para você mesmo”. Na primeira delas se recorre a um dado estatístico para legitimar o que está se propondo divulgar. A recorrência a elementos estatísticos provenientes das ciências exatas, tidas como inquestionáveis, é uma prática discursiva efetivamente válida. Na segunda, o leitor é impelido a expor-se e conhecer-se ao responder às questões de um teste, o que resulta no exercício do controle da mídia, nesse caso representada por **Veja**, para com o sujeito e dele para consigo mesmo.

A ordem do discurso incide na necessidade de o leitor conhecer seu próprio corpo, as produções da tecnociência criadas para o corpo, de se atualizar através de um “manual”

(posição assumida pela revista) que acompanha a produção ampla da ciência e da indústria (as marcas, os produtos, as técnicas e os tratamentos aconselhados, as melhores dietas).

Os manuais não são apenas uma instrução operacional, também disciplinam o uso, através das recomendações dos produtores para legitimar a garantia. Não seria absurdo pensar que as regras de uso ditam formas e hábitos de vida diferentes, são enquadramentos dos dispositivos de saber/poder. É comum a interdisciplinaridade das técnicas de controle no discurso sobre o corpo. Dos discursos médico e jurídico ao da sexualidade, encontramos toda sorte de combinação.

Nesta edição da **Veja** o corpo é alvo de uma política de “controle-estimulação” (FOUCAULT, 2008a) que objetiva trabalhá-lo, produzi-lo, expondo aos leitores as maneiras adequadas de agir para alcançarem a longevidade. Para isso, a Revista utiliza uma linguagem própria de um manual de uso e começa afirmando que o primeiro passo para uma longevidade saudável e feliz é conhecer o próprio organismo. Além disso, dita algumas regras sobre o controle do corpo, defendendo que nunca é tarde para se cuidar, já que “o poder de cada um sobre o destino de sua própria saúde, paradoxalmente, aumenta com o passar do tempo” (Veja, edição 2139, p.131) e que é possível controlar 80%, da saúde, mesmo sendo relapso até os 50 anos de idade.

Para efeito de verdade, o discurso da Revista é ancorado no discurso científico da Medicina que defende, através da “matemática da longevidade”, quantos anos é possível ganhar a mais de vida com a prática de hábitos saudáveis, mesmo depois da maturidade. Os números dessa matemática revelam os seguintes resultados: “ter uma vida sexual ativa, segura e prazerosa: + 8 anos; não fumar: + 5 anos; dormir bem: + 3 anos; manter o bom humor e conservar as emoções positivas: + 1,5 anos; fazer exercícios regulares: + 3 anos; manter-se intelectualmente ativo: + 1,4 anos; alimentar-se de forma regrada e prazerosa: + 3 anos” (Veja, edição 2139, p. 132). Além dessa informação numérica, a matéria apresenta um teste, com 50 questões, que objetiva medir o grau de conhecimento que cada indivíduo tem sobre o funcionamento de seu próprio organismo.

O leitor é colocado como o responsável pelo comando da saúde do seu corpo. Ao conhecer o próprio corpo, o leitor tem o poder de “mudá-lo, mantê-lo e fortalecê-lo” (Veja, edição 2139, p. 130) por meio de uma alimentação balanceada, exercícios físicos controlados, o controle do estresse e da felicidade. As novas tecnologias de gerenciamento da vida e do corpo são corolários de transformações profundas na forma de produção de conhecimento sobre a vida. O corpo saudável é decorrente de um conjunto de informações que devem ser melhoradas e reproduzidas (ORTEGA, 2008) para se viver mais e melhor.

A ideia do risco para a saúde e para o corpo saudável começa a tomar contornos importantes para o biopoder, na medida em que o cuidado para com a vida, já pensado por Foucault como definidor da modernidade, desloca-se em virtude da tecnologia. A Biopolítica incidirá sua ação no seu objeto de regulação política: a população. A conduta agora não é mais do homem como indivíduo disciplinado, mas da população como contingente economicamente regulada. O efeito disso será a construção de uma sociedade que trabalha suas tecnologias de poder no sentido de fazer da ação coletiva, uma rentabilidade cada vez maior. No final do século XIX e início do século XX, o Estado preparou, com toda a sutileza e aprendizado das antigas formas de poder, o que estamos vivenciando cada vez mais no tecido social e dentro de um processo inconsciente: mais do que disciplinar e vigilante, a sociedade se caracteriza por um controle virtual do indivíduo e da população. Ao deslocarem as relações de poder para o campo virtual, as novas tecnologias do século XXI caracterizam a sociedade de controle.

Ao ponderar sobre esse tipo de sociedade, Gregolin afirma que

na sociedade de controle (que se desenvolve nos limites da modernidade), os mecanismos tornam-se cada vez mais “democráticos”, cada vez mais interiorizados pelos sujeitos: esse poder é exercido por máquinas que organizam o cérebro (redes de informação) e os corpos (em sistemas de bem-estar, atividades monitoradas etc.) (GREGOLIN, 2007b, p. 18).

Segundo Deleuze (1992), não vivenciamos mais apenas o confinamento e a vigilância, que sequestram a vida do indivíduo e da massa à qual ele pertence, mas o controle, que modula ilimitadamente a vida. Hardt e Negri (2004) caracterizam a sociedade de controle como um cenário propício e indispensável para a formação e o desenvolvimento do arquétipo¹³ representado pela figura do Império, e de toda a sua sistemática de regulação e justificação. Para os autores, a sociedade de controle deve ser entendida

¹³ Conceito explorado em diversos campos de estudo, como a Filosofia e Psicologia. Gilbert Durand e Carl Jung são teóricos que desenvolveram seus trabalhos utilizando o conceito de arquétipo. Ambos permitem compreender como se dá a relação entre arquétipos, que, de tempos em tempos, se repetem para promover a ordem dos sentidos no mundo dos acontecimentos discursivos. Para Jung (2000), “os arquétipos [...] se comportam empiricamente como forças ou tendências à repetição das mesmas experiências”. Isto é, são modelos que servem de base para a formação de histórias vindouras. Faz-se necessário estudar os arquétipos devido à insistente reincidência destes na história do homem, ainda que inconscientemente. É o primeiro modelo, imagem ou impressão sobre algo. A noção de arquétipo se realiza, enquanto sinônimo de “imagem original”, que deve incontestavelmente estar relacionada com certos processos perceptíveis da natureza que se reproduzem sem cessar e são sempre ativos, mas por outro lado é indubitável que ela diz respeito também a certas condições interiores da vida em geral (DURAND, 1997).

como aquela (que se desenvolve nos limites da modernidade e se abre para a pós-modernidade) na qual mecanismos de comando se tornam cada vez mais ‘democráticos’, cada vez mais imanentes ao campo social, distribuídos por corpos e cérebros dos cidadãos. [...] A sociedade de controle pode [...] ser caracterizada por uma intensificação e uma síntese dos aparelhos de normalização de disciplinariedade que animam nossas práticas diárias e comuns, mas, em contraste com a disciplina, esse controle estende bem para fora os locais estruturados de instituições sociais mediante redes flexíveis e flutuantes (HARDT e NEGRI, 2004, p. 42-3).

A imagem do corpo se tornou imprescindível, de modo que podemos afirmar que hoje a subjetividade foi reduzida ao corpo, à imagem, à saúde, à juventude e à longevidade. O predomínio da dimensão corporal na constituição identitária permite sugerir, como fez Ortega (2005), a existência de uma “bioidentidade”. Como afirma o autor, se por um lado, para construir a “bioidentidade”, é preciso se submeter a uma bioascese, ou seja, adequar o corpo às normas científicas existentes sobre a saúde, os exercícios físicos, a longevidade, a nutrição, por outro é preciso ajustar o corpo às normas e padrões da sociedade do espetáculo. Não possuímos uma visão pura do nosso próprio corpo, mas somente uma “interpretação” acerca dele, bem como dos outros corpos.

Na contemporaneidade, as novas formas de subjetivação cada vez mais se relacionam com os modelos idealizados de corporeidade. Os enunciados que representam o corpo e o sujeito na mídia constroem o efeito de sentido em que o corpo ideal pode ser construído, principalmente, por meio do *fitness*. Enquanto a ciência estipula e delimita o corpo, o treino físico o modifica. Se não há o discurso da modificação, há o da aceitação limitada – limitada porque ela se dá a partir de uma gradação em que o corpo pode ser mais ou menos adequado, mas nunca estar fora da ordem e da norma constituída pelo saber e licenciada pelo poder.

Portanto, a sociedade do consumo e do espetáculo, cujas imagens de mulheres belas, felizes e bem-sucedidas estão sempre em “cena”, produz um cenário perfeito para que o sujeito feminino deseje transformar seu corpo para corresponder ao desejo cultural e assim garantir um lugar no palco desse espetáculo e atrair o olhar do outro.

Considerando a mídia como o palco adequado para a exibição do corpo, o capítulo seguinte apresenta “o corpo em cena na Revista **Veja**”. Dentro do trajeto temático que associa a atividade física à modelagem do corpo, analisamos como essa Revista tem registrado as transformações corporais do século XX, a partir dos anos 1960, discursivizando sobre o corpo ideal construído através de técnicas disciplinares, tais como os exercícios físicos, que modelam o corpo deixando-o cada vez mais inserido nos padrões estéticos vigentes.

2 O CORPO EM CENA NA REVISTA *VEJA*

O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia, como análise da proveniência, está, portanto, no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo (FOUCAULT, 2008a, p. 22).

2.1 Revista *VEJA* - um gênero discursivo como suporte textual

As capas de revista são consideradas gêneros discursivos secundários (BAKHTIN, 2003) por exigirem um processo de elaboração mais aprimorado do qual participam vários elementos em sua composição, tais como fotos ou imagens, letras em tamanhos variáveis que compõem títulos e subtítulos, além dos componentes que caracterizam o gênero, tais como assinatura e outras informações pontuais: data, número de edição, logotipo da empresa. Não há um enunciador, mas uma equipe de produção, responsável por anunciar as matérias veiculadas em cada edição: informações, reportagens, resenhas, geralmente de interesse imediato. Além disso, existe a necessidade de tornar os assuntos relevantes e atraentes para o leitor, de modo a provocar seu interesse pela aquisição do que está anunciado nas capas.

Configuradas também como um gênero discursivo, as capas de revistas cumprem um determinado papel comunicativo e um modelo mais ou menos estável de produção que conjuga o verbal e o imagético. Como toda capa de revista de natureza informativa, a **Veja** anuncia as principais manchetes das matérias contidas em seu interior. Geralmente, um assunto mais importante é destacado dos outros por uma manchete mais elaborada com o objetivo de criar impacto. Os assuntos secundários são sintetizados e distribuídos na capa em lugares estratégicos, em função do grau de importância. Desse modo, o conjunto desses elementos dispersos constitui uma unidade temática trabalhada em dois níveis – verbal e não-verbal –, cujos elementos de composição são os tipos de letras de tamanhos variados, as cores, a distribuição dos textos escritos e das imagens visualizadas na capa.

Nada é aleatório para essa organização interna significativa. Cada edição tem uma característica diferente da anterior em virtude dos assuntos pautados no momento, de acordo

com os interesses imediatos da editora e do público. Em função disso, os elementos de composição genéricos que constituem as capas, tais como o nome da revista, o número da edição, a data de publicação, a logomarca da empresa responsável pela publicação, situados em lugares estratégicos e bem visíveis, tornam-se também significativos na produção de sentidos, às vezes explícitos, outras, implícitos.

Nas capas da **Veja**, por exemplo, a cor que preenche as letras, tanto da assinatura quanto das manchetes, é variável, tendo em vista o tema do enunciado e sua relação com as cores escolhidas na composição do conjunto que lhe dá acabamento, o que se torna altamente significativo. Assim, o conteúdo temático, extraído dos assuntos em pauta no momento, a forma de composição e o tratamento estético fazem parte do gênero capa de revista informativa.

As capas da Revista **Veja** têm um modelo que permite o seu reconhecimento imediato como revista informativa. Conforme a caracterização genérica conceituada por Bakhtin (2003), cada revista apresenta um estilo individual, que a torna reconhecida pelo nome que ostenta como assinatura e que aponta para um dado trajeto de leitura. Um dos componentes de maior impacto são as personagens públicas do cenário político e cultural, cujas imagens estampadas nas capas exercem força persuasiva. O que elas expressam depende de vários fatores, entre eles, o enfoque com que a imagem é capturada, seu enquadramento e disposição na página, além da articulação com outros enunciados não-verbais, importantes na constituição do discurso. De acordo com o pensador russo, os enunciados não são neutros, expressam a ideologia de quem os enuncia.

Boas capas vendem e consagram uma publicação, mas para chegar a esse patamar, o discurso precisa convencer, envolver o consumidor, incitando-o a comprar a revista, que atinge esse objetivo recorrendo à versatilidade da capa. Na opinião de Scalzo (2006, p. 62), uma boa revista “precisa de uma capa que a ajude a conquistar leitores e os convença a levá-la para casa. Capa é feita para vender revista e o produto anunciado. Por isso, precisa ser o resumo irresistível de cada edição, uma espécie de vitrine para o deleite e a sedução do leitor”.

Em seu suporte impresso, as capas de revistas circulam interpretando fatos, divulgando discursos e ideologias, vendendo tendências e levantando polêmicas. São edições que, no íterim dos discursos publicitário e jornalístico, se pretendem objetivas e imparciais, por isso possuem uma cuidadosa composição verbal e visual, com o intuito de despertar a atenção do leitor, visto pelos seus enunciadores primordialmente como um consumidor a ser seduzido.

Segundo Curcino (2012, p. 190), entre os elementos tradicionalmente responsáveis pela significação e pelo sentido textual, a saber, o autor, o texto ou o leitor, encontra-se o suporte, que adquiriu essa responsabilidade recentemente com a difusão dos trabalhos do historiador do livro e da leitura Roger Chartier. O suporte é concebido, em sua materialidade significativa, como objeto que viabiliza ‘ler textos’, e que exerce influência sobre a leitura que deles se fará, sobre suas significações que “são dependentes das formas pelas quais eles são recebidos e apropriados por seus leitores” (CHARTIER, 1998, p. 12).

Na construção dos sentidos do texto, além do conhecimento prévio do leitor, desempenha importante papel a forma como o texto se apresenta a ele. O suporte textual, aquilo que comporta o texto ou, no dizer de Chartier (2001), a materialidade que dá existência ao texto, também pertence ao processo de produção de sentidos. A descrição do suporte contribui, assim, para o entendimento de como se configuram as práticas de leitura de determinada época e a leitura realizada por determinados leitores. Passemos, então, à descrição do suporte de que trata nossa análise.

As capas de revistas exigem um processo complexo de elaboração. Seu enunciador é representado por uma equipe, que possui uma intenção em comum com a linha ideológica da revista para a escolha da unidade temática que direcionará o resultado final. Cada capa traz a antecipação do que será exposto na edição, verbal e visualmente. Quanto à forma, os componentes verbais e visuais se distribuem por campos, esquematicamente, de modo relativamente estável, sendo os principais: 1) o campo na parte superior do suporte, destinado ao título da publicação, podendo figurar centralizado, ajustado à direita ou à esquerda; 2) o campo maior, onde se encontra a imagem principal centralizada; 3) a manchete principal ocupa campo específico, a qual é acompanhada de um subtítulo menos saliente; e 4) os outros destaques são localizados tanto na parte superior ou inferior da imagem, à esquerda ou à direita.

Como um produto jornalístico, a marca **Veja** aparece em todas as edições, na parte superior direita da capa, em letras e cores que lhe conferem maior destaque, para que seja a primeira informação lida pelo leitor. Ao enfatizar sempre seu nome na capa da revista, aposta na credibilidade de sua marca e no seu poder ideológico e mercadológico para atrair o leitor à sua compra na banca e/ou fidelizar seus assinantes.

Na mídia impressa, as capas de revistas sintetizam representações e imaginários ao explorarem largamente o corpo. Como exemplo, temos as revistas *Corpo a Corpo*, *Boa Forma*, *Women's Health*, *Men's Health*, dentre outras. Muitas vezes, as revistas se apresentam como detentoras da verdade, ditando as normas necessárias para que os sujeitos se enquadrem

no corpo propagado nas capas através de algumas práticas discursivas veiculadas que levam os sujeitos a prestarem atenção a eles próprios, procurando desde sempre se decifram e se reconhecerem como sujeitos de desejo.

Compartilhamos com o ponto de vista de Fonseca-Silva (2007, p. 19), que considera um instigante desafio penetrar o espaço da mídia ocupado pelas revistas, pois como artefatos culturais que circulam no cotidiano, elas funcionam como um campo discursivo formado por discursos heterogêneos sobre como mulheres e homens se constituem sujeitos históricos.

Diante do modo como o discurso das revistas influi na configuração dos corpos dos sujeitos leitores, também é pertinente a opinião de Milanez (2004) sobre a revista, considerada como um dispositivo de construção de identidades, porque serve à recriação de uma identidade que caracteriza uma experiência de alteridade para os leitores. Para ele, a revista possibilita a constituição de corpos modelares e de objetos desejáveis.

Em “sociedades de discurso” como a nossa, o papel da revista é conservar ou produzir discursos para fazê-los circular entre seus leitores. Segundo Foucault (2000), o ato de escrever, tal como se apresenta em nossa sociedade, institucionalizado no livro, no sistema de edição e no personagem do escritor, pode ser visto como pertencente a uma sociedade de discurso que se caracteriza, talvez, pela difusão, mas que não deixa de ser coercitiva. Essa coerção se liga às práticas linguísticas, por exemplo, da mídia que impõe uma singularidade na maneira de escrever com o uso da norma padrão e outros recursos por meio de imagens que não são compreensíveis a uma grande parcela da população.

Essas práticas são impostas porque, em nossa sociedade, existe um grupo de indivíduos que se apodera dos discursos com a finalidade de retê-los, usá-los, redistribuí-los. A Revista **Veja** faz parte desse grupo, onde seu papel é controlar a distribuição dos discursos em nossa sociedade. Esses discursos são acontecimentos que ganham visibilidade na materialidade da Revista. Tal assertiva é possível, tomando por base afirmações como estas, de Foucault, ao comentar sobre o acontecimento:

é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é efeito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é o ato nem a propriedade de um corpo; produz-se como efeito de e em uma dispersão material (FOUCAULT, 2000, p. 57).

Ao produzir discursos sobre corpo, a Revista **Veja** se investe de uma vontade de verdade, exercendo sobre os sujeitos leitores um controle por meio dos enunciados formulados acerca do corpo. Para controlar, a Revista pratica rituais que são institucionais e

entra na ordem do discurso porque satisfaz a certas exigências. Além disso, domina um número de regras que regem a troca e a comunicação, “figuras positivas que atuam no interior de sistemas complexos de restrição”. Trata-se de ver o ritual como a forma mais visível de restrição, porque ele “define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso”. A restrição causada pelo ritual determina “a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção” (FOUCAULT, 2000, p. 39).

Assim, as práticas institucionais dão forma às sociedades de discurso, que se encarregam de fazer circular os discursos religiosos, judiciários e midiáticos, associados à prática de um ritual que estabelece para os sujeitos que falam, em certa medida, propriedades singulares e papéis preestabelecidos. Conforme diz Foucault (2000), produzir discursos sobre política na mídia não é facultado a qualquer um, pelo contrário, é algo que se realiza num espaço mais ou menos fechado. Pela sua qualificação, a Revista **Veja** pode determinar os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e fazer a escolha do léxico que comporá o discurso sobre o corpo.

2.2 Um olhar sobre a Revista VEJA

Neste tópico, pretendemos apresentar um breve percurso histórico da Revista **Veja** para esclarecer o leitor acerca da constituição do papel desta revista que, enquanto instituição envolvida na produção de informações, torna o que está dito um saber aceito como verdade. Os efeitos que essas informações produzem nos leitores não são dissociáveis da história da Revista. Consideramos que essa Revista funciona como uma prática discursiva institucional, na dimensão de normatização e disciplinarização constitutivas da ordem de possibilidades do discurso, tal como defende Foucault (2000).

As revistas são artefatos culturais e pedagógicos que englobam a produção e a circulação de saberes, onde jogos de poder estabelecem determinados modos de ser que, graças às operações estratégicas que utilizam, passam a ser vistos como os únicos (e verdadeiros) possíveis (ROCHA, 2005).

A produtividade discursiva da mídia impressa também pode ser discutida a partir da análise de uma estratégia frequentemente utilizada: falar de uma realidade particular totalizando-a. E, neste procedimento, ao retratar ou descrever situações particulares como se fossem gerais (iguais para todos), faz com que os leitores, de alguma maneira, se reconheçam

em tais histórias. É este “processo de reconhecimento” que permite com que os leitores se sintam identificados, compreendidos, pois o discurso, ao descrever os fatos, seduz e sujeita.

As revistas semanais utilizam esse recurso de forma incisiva e contínua. De acordo com Rocha (2005, p. 179), “a periodicidade semanal, o formato, os recursos utilizados e o público a quem se destinam contribuem para que elas alcancem este duplo objetivo: totalizar para convencer”. Na maioria das vezes, as revistas se utilizam de imagens que, tão fortes quanto o texto escrito, sujeitam aqueles que se relacionam com elas, na medida em que os discursos que fazem sentido servem de estratégia pedagógica, de sedução e ao mesmo tempo de controle, adquirindo visibilidade em cada imagem, em cada sequência editada, veiculada e recebida.

Quando divulga e espetaculariza o uso de novas tecnologias, a mídia atribui valores e sentidos que, ao serem lidos, informam sobre, mas também induzem a adoção de determinadas práticas e criam conceitos persuasivos que nos fazem acreditar em algumas verdades e ignorar outras.

Ao refletir sobre o corpo apresentado na revista, Milanez (2006a) aborda o papel da reduplicação exercido pela revista. Como em um espelho, a revista reflete o que lhe é dado de fora, mas no interior de um espaço irreal, modificado. Nesse jogo de espelhos de mão dupla, a revista pode ser o retrato do homem contemporâneo, que ao se ver e se reconhecer refletido nela, já não é mais o mesmo.

Nossa opção pela Revista **Veja** ocorreu em função de sua representatividade, garantida pelo volume de sua circulação nacional e por sua presumida legitimidade institucional, em relação ao jornalismo impresso brasileiro de revistas de informação. Além disso, é um veículo midiático que exerce o papel de divulgar, informalmente, a ciência para o grande público, influenciando na visão de mundo das pessoas, levando-as a formar conceitos, percepções e comportamentos.

Considerada uma das revistas mais vendidas no país, com um número expressivo de 8.891.594 leitores¹⁴, com significativo e ininterrupto tempo no mercado editorial brasileiro (desde 1968), a Revista **Veja** é a terceira maior revista semanal de informação do mundo (em primeiro e segundo lugares estão *Time* e *Newsweek*, respectivamente). É um poderoso veículo de comunicação, vinculado com a realidade e com o enraizamento e circulação de ideias. Segundo dados recentes do Instituto Verificador de Circulação (IVC, 2012), a Revista

¹⁴Esta e outras informações sobre a revista **Veja**, apresentadas neste trabalho, estão disponíveis em <http://publicidade.abril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais>, no Publiabril, um portal de publicidade da Editora Abril, que contém dados gerais sobre todas as revistas publicadas pela Editora.

encerrou o ano de 2011 com a liderança absoluta do segmento de revistas semanais de informação. Alcançou a marca de 58,7% de cotas no mercado editorial brasileiro, o maior *market share* do segmento dos últimos 13 anos.

Criada com o objetivo de descrever e interpretar os acontecimentos para seus leitores, a Revista **Veja** discursiviza os fatos, apresentando sua versão como uma realidade, descreve e interpreta com a finalidade de explicar e desvendar os acontecimentos. Isso produz um efeito de verdade para os leitores, o que é dito põe-se a funcionar, talvez, como única possibilidade sobre os acontecimentos e, ao mesmo tempo, torna-os simples explicações que não alcançam a importância de cada um numa dimensão histórica mais ampla. Assumindo uma posição-sujeito do domínio do saber, a Revista determina o que pode e deve ser dito e o que não pode e não deve ser dito sobre as práticas no cuidado de si.

A **Veja** substituiu a revista brasileira *Realidade*, criada em 1966, pelo editor Roberto Civita. No período em que o país estava sob o jugo da ditadura militar, momento de forte discursividade de identidade nacional, a revista *Realidade* ajudou o país a se conhecer melhor. Tendo sua identidade ligada a uma época, taxada de ultrapassada, ela foi extinta em 1976, dando lugar a **Veja**, que já circulava há oito anos, desde 1968, publicada pela Abril Editora. Inicialmente, o nome da revista era *VEJA e leia*, com a primeira palavra em destaque.

A capa histórica da primeira edição (Figura 2), lançada em 11 de setembro de 1968, registra um período político que mostra o esforço da Rússia em propagar as ideias comunistas e manter sua esfera de influência durante a Guerra Fria, iniciada após a II Guerra Mundial, tendo o capitalismo dos Estados Unidos como força antagonista. Nesta edição, ao apontar divergências no comunismo soviético, **Veja** marcou sua posição política desde sua criação.

Figura 2 – Primeira Edição da VEJA



Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital
Acesso em: 20 de Junho 2011

Os americanos exerceram influência no bloco ocidental com a criação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), destinada a neutralizar a influência do bloco socialista. Em 1955, os comunistas reagiram com a criação do Pacto de Varsóvia, estabelecendo ajuda mútua em caso de agressões contra os aliados de Moscou. Nesse momento, o mundo estava dividido pela Guerra Fria entre duas potências: uma representante do capitalismo, os Estados Unidos; e a outra representante do comunismo, a União Soviética. O impacto da imagem da capa foi grande e a revista atingiu a venda de 700 mil exemplares.

Segundo dados recentes divulgados no site da Publiabril em 2011, a Revista **Veja** conta com um perfil de leitor de classe social média, com idade variando entre 25 e 50 anos, heterogêneo em sua abrangência, constituído em sua maioria por profissionais liberais e intelectuais, com nível de escolaridade significativo, por isso obedece a um projeto que procura atender a esse público.

Consolidada, ao longo dos anos, como veículo de informação, a Revista une entretenimento, educação, serviço e interpretação dos acontecimentos. Suas páginas apresentam uma gama de assuntos variados, oferecendo informações e enfatizando, às vezes, assuntos pessoais que possam facilitar o cotidiano do leitor. O fato de ser impressa sugere que transmite o que é verdadeiro, se impondo sobre aquilo que não é. O que é escrito na Revista não deixa de se apoiar num sistema institucional, que estabelece um conjunto de práticas que definem como o saber é distribuído nela. Assim, o discurso materializado na **Veja**, por exemplo, exerce sobre os discursos da maioria dos leitores, uma influência por meio de uma pressão e de uma sedução que se manifestam na Revista ao comentar, confirmar, explicar e aprofundar um fato.

Entre os diversos temas cotidianos que a Revista **Veja** pratica está a distribuição de um saber sobre o corpo – nosso objeto de investigação –, o que não é facultado a qualquer um, porque há em nossa sociedade “procedimentos de exclusão”. Entre estes, está a interdição que define papéis, isto é, “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2000, p. 9).

2.3 Do espartilho ao silicone

Neste tópico, almejamos compreender o corpo situado na História, em seus movimentos e confrontos. Esse percurso histórico possibilita perceber os elementos que aproximam e afastam o atual culto ao corpo do tratamento dado às questões corporais no

passado. Se a importância dada aos mecanismos para ter um corpo magro, saudável e bonito aumentou na contemporaneidade, é porque em outras épocas eles também existiam.

Enquanto matriz e suporte de significados, o corpo é complexo e pensado de diversas maneiras através do tempo e da História. A concepção do que seja um corpo esteticamente belo é sempre uma construção cultural, que varia de acordo com as sociedades existentes, variando, portanto, historicamente. Considerar o corpo pertencente à História nos conduz a uma dupla distinção: primeiro, levar em conta que a importância dada ao corpo varia historicamente; segundo, nos deter diante dos sentidos atribuídos ao corpo em diversas épocas. Para Sant’Anna (2005b), o corpo é memória mutante das leis e dos códigos de cada cultura, registro das soluções e dos limites científicos e tecnológicos de cada época, por isso não cessa de ser (re)fabricado ao longo do tempo.

Dentro da relação entre corpo e cultura, De Certeau (2008) defende que cada sociedade tem seu corpo, assim como tem sua língua. Da mesma maneira que a língua, o corpo está submetido à gestão social, enquanto matriz e suporte de significados. Pensar o corpo dessa maneira possibilita vê-lo como passível de mudanças, dentro de uma memória mutante dos padrões de cada cultura, expressando valores constituídos historicamente. Resultante de transformações ao longo do tempo, ele é impermeável às marcas da cultura, é um lugar prático direto de controle social.

Os historiadores Corbin, Courtine e Vigarello (2008) foram tomando consciência progressivamente para tornar possível uma *História do Corpo*. De acordo com esses autores,

a história do corpo feminino é também a história de uma dominação na qual os simples critérios da estética já são reveladores: a exigência tradicional por uma beleza sempre ‘pudica’, virginal e vigiada, impôs-se por muito tempo, antes que se afirmassem libertações decisivas repercutidas nas formas e nos perfis, movimentos mais aceitos, sorrisos mais expansivos, corpos mais desnudos. A história do corpo, em outras palavras, não poderia escapar à história dos modelos de gênero e das identidades (CORBIN, COURTINE, VIGARELLO, 2008, p. 13).

Sant’Anna (2005, p. 12) reforça que o corpo pertence menos à natureza do que à história. Para a autora, o corpo não cessa de ser (re) fabricado ao longo do tempo, pois é, ele próprio, um processo, é “memória mutante das leis e dos códigos de cada cultura, registro das soluções e dos limites científicos e tecnológicos de cada época”.

Marco inicial de nosso percurso, o espartilho afinava o torso feminino, acentuava a cintura e o peito e causava deformações na estrutura óssea. Lingerie usada para dar postura e

suporte aos seios das mulheres no século XIX, o espartilho era feito com barbatanas metálicas e se fechava com amarrações nas costas. Ao final do século, muitos médicos repreendiam o seu uso, pois de tão apertado, ele prejudicava os órgãos internos e o bom funcionamento do organismo, tanto que várias mulheres desmaiavam por falta de ar. Entretanto, o corpo bonito tinha de ter as silhuetas cilíndricas.

Figura 3 – Espartilhos



Disponível em: <http://insana-realidade.blogspot.com.br/2011/10/>
Acesso em 13 de maio de 2012

Esta peça do vestuário feminino foi criada por volta do século XVI, com o objetivo de reduzir a cintura e manter o tronco ereto, controlando as formas naturais do corpo e conferindo a ele mais elegância. A peça caiu em desuso no início do século XX quando foi inventado o sutiã. As conquistas femininas dessa época passavam também pela conquista de direitos sobre o próprio corpo. As mulheres lutavam por maior participação política, igualdade de direitos jurídicos e liberdade de ação. Antes indispensável, agora o espartilho era o grande vilão que atentava contra a saúde e liberdade das mulheres.

A beleza passou por transformações sempre atreladas à cena social. Assim, no século XVI, caracterizado pela moral religiosa medieval, a mulher devia ter uma beleza casta. Os espartilhos, tão apertados, podiam levar à morte. Assim, como observa Vigarello (2006), dicas e regimes alimentares para emagrecimento eram abundantes. O abandono do espartilho, no início do século XX, e um corpo mais flexível foram necessários à mulher.

O espartilho deixou de ser considerado como um instrumento de opressão e passou a ser visto como um símbolo de feminismo, muitas vezes relacionado ao erotismo. No início dos anos 1980, alguns estilistas trouxeram de volta à moda peças que antes tinham sido relegadas ao fetiche, dentre elas estava o espartilho. Essa moda *retrô* não durou muito. Em 1990, poucos espartilhos apareciam em coleções de estilistas famosos. Grandes estilistas de vanguarda fizeram com que tivesse seu renascimento na moda, a exemplo de Jean-Paul

Gautier, que teve suas peças usadas pela cantora Madonna, em uma das suas turnês. Nos últimos anos, tem crescido a procura pela peça devido as suas modelagens mais confortáveis, que proporcionam mais feminilidade, um resgate das curvas corporais e um novo estilo de se vestir.

Os conceitos de beleza modificam-se conforme épocas e valores a ela atribuídos, configurando padrões específicos aos seus contextos. Inserido neste contexto, o corpo gordo, que não está inserido no padrão estético do corpo, sofre conseqüente preconceito. A dimensão histórica e cultural deve ser contemplada quando se fala em estereótipo de beleza. No passado, mulheres gordas foram amplamente retratadas em quadros pintados por grandes artistas da Renascença. Em 1552, por exemplo, Veronese pintou *A bela Nani* (Figura 4), ideal de beleza feminino do Renascimento.

Figura 4 – La Belle Nani, Veronese



Disponível em <http://flickrhivemind.net/Tags/paoloveronese/Interesting>
Acesso em: 22 de maio de 2011

Com a linha do corpo feminino redesenhada, um móvel ganhou importância nos lares burgueses: o armário com espelho. O corpo nu passa a ser observado, detalhado, mas nada ainda que se assemelhe aos dias atuais. Segundo Vigarello, os tratados de beleza recomendavam “adotar espelhos de todos os tamanhos e de todos os tipos”. Ainda, nas palavras do autor, esse armário

penetra no salão, no quarto, no banheiro dos apartamentos de bom-tom, com seu espelho de pé, desdobrado em vários batentes para melhor multiplicar as vistas frontais e laterais da silhueta em conjunto ou do corpo desnudo. [...] O objeto invadiu os espaços da intimidade: o corpo nu, pela primeira vez, observa-se, detalha-se, de alto a baixo, ‘em todos os sentidos’ (VIGARELLO, 2006, p. 134).

Associado ao espelho surge um novo espaço “para si”: o banheiro, um lugar que permite “não ser visto”, usado para melhor se dedicar ao culto da beleza. A exigência é nova: dedicar tempo para se “fazer bela” (*idem*, p. 135). Isso evidencia não só uma mudança de comportamento, mas o advento da intimidade, pois a toalete deixa de ser feita com criados, e acontece apenas com um espelho.

Os discursos de estética surgiram no século XIX como efeito da industrialização e da urbanização. Como lembra Courtine (2005), esses movimentos transformaram os hábitos das pessoas e, conseqüentemente, seus corpos. A mudança da vida rural para a cidade tornou os corpos sedentários, que começaram a adoecer de males como o estresse. Para combatê-lo, a ginástica se torna essencial. Nesse período, surgem os *halteres* e pesos e, com eles, os corpos musculosos que se tornariam ícones de um novo modelo estético.

Com o processo de industrialização e revolução tecnológica, o corpo se torna um dos principais textos do capitalismo ocidental, e deve se modificar e se ajustar constantemente às necessidades de produção, configurando suas formas a partir dos processos biotecnológicos.

O começo do século XX chega com a produção cada vez maior de aparelhos de ginástica¹⁵ e as crescentes descobertas da Medicina. A partir disso, a política começa a olhar os corpos pelo sentido de dever civil. No Brasil, a Educação Física ganha mais atenção e aparece na Constituição de 1937 como disciplina escolar que deveria enfatizar o adestramento físico e promover a disciplina moral, a fim de preparar os alunos para o cumprimento de seus deveres cívicos e para a defesa da nação.

A questão do adestramento dos corpos é um tema abordado por Foucault (2009) na discussão do que ele considera serem técnicas de controle dos corpos. Para o autor, as bases das relações de poder e de ajustamento ao aparelho de produção do século XIX se fundam no processo de aparecimento de novas técnicas de controle dos corpos no espaço e de práticas como a punição, o exame e a recompensa.

Analisando as formas de punição e vigilância nos séculos XVIII e XIX, Foucault discorre sobre a transformação da punição (o suplício em locais públicos) para técnicas de distribuição espacial dos corpos a partir da estrutura panóptica benthaniana¹⁶, que re-organiza

¹⁵ Courtine (2005) vê, nesse contexto, o início da constituição do sentido de esporte como prática de consumo de massa, aspecto característico do *american way of life*, e que constituiu a prática que se tornaria o *bodybuilding* (fisioculturismo.) moderno: um conjunto de técnicas de exercícios corporais com máquinas e aparelhos que têm por objetivo tornar o corpo um conjunto de músculos bem definidos que possam ser vistos e apreciados. O corpo perfeito, nesse discurso, é o atlético, narcisístico, que se põe ao olhar do outro como objeto de espetáculo e que se quer como modelo de saúde e estética.

¹⁶ Referência ao Panóptico, modelo arquitetônico produzido por Jeremy Bentham, que consistia em um edifício circular no qual cada prisioneiro ocupa uma cela, totalmente visível para quem estiver na torre de vigilância,

arquiteticamente instituições como a escola, o hospital e a prisão, de forma que seja possível vigiar e adestrar os corpos. Isso estabelece novas formas de inter-relação e poder entre os indivíduos, institui novas políticas de controle sobre os mesmos que se mantêm nos séculos posteriores.

Se o corpo é a imagem da sociedade, que sociedade é essa que está representada nos corpos dos brasileiros? No final do século XX e início do XXI, parece ter ocorrido uma avalanche de trabalhos científicos que têm como objeto de pesquisa a construção do corpo na sociedade. Antes considerado tema sem muita importância social em um país pobre e com questões mais fundamentais, como desemprego, fome ou violência, o corpo passou a provocar a reflexão de antropólogos, sociólogos, historiadores, psicanalistas, educadores, entre outros profissionais que se interessam em entender nossa cultura.

Segundo Goldemberg (2007), foi no final do século XX e o início do século XXI que o culto ao corpo se tornou uma verdadeira obsessão, tornando-se um estilo de vida, pelo menos entre as mulheres das camadas médias urbanas. As mulheres de maior sucesso, nos dias de hoje, são as atrizes e as modelos. Antes desprestigiadas, as modelos adquiriram *status* de celebridade na última década e passaram a ter uma carreira de sucesso. Ganham um "nome" (BOURDIEU, 1990) a partir de seu corpo, sua aparência, sua beleza ou, como diria esse mesmo autor, seu capital físico.

Nos anos de 1980, o antropólogo Gilberto Freyre, de forma pioneira e polêmica, caracterizou o corpo da mulher brasileira: baixa, pele morena, cabelos negros, longos e crespos, cintura fina, "ancas" grandes, peitos pequenos. Criticou que este modelo estava influenciado pelo norte-europeu, com o sucesso de belas mulheres como Vera Fischer: alta, alva, loira, cabelos lisos, com um corpo menos arredondado. O corpo varia de acordo com o contexto histórico e cultural, é adquirido pelos membros da sociedade por meio da imitação prestigiosa: os indivíduos imitam atos, comportamentos e corpos que obtiveram êxito e que vieram a ser bem-sucedidos.

O padrão de beleza idealizado pelas mulheres foi construído a partir de imagens das modelos que dominaram as passarelas e as páginas das revistas a partir dos anos 80 e conquistaram *status* de celebridades na década seguinte. Desse modo, a simples escolha da personalidade a ser imitada já pressupõe um modo de responsabilização do indivíduo acerca de seu corpo. Nesse processo, a mídia assume papel fundamental: o corpo transformou-se no

situada no centro da construção. Os vigilantes da torre podem ver tudo sem ser vistos pelos prisioneiros nas suas celas. Neste aspecto reside a genialidade e perversidade do sistema panóptico: mesmo que nenhum vigia esteja na torre, os prisioneiros agem como se estivessem sendo vigiados.

mais belo objeto de consumo para um consumidor, quase sempre intranquilo e insatisfeito com a sua aparência (GOLDENBERG e RAMOS, 2007, p.32).

Na perspectiva foucaultiana, a produção discursiva é nutrida por uma vontade de verdade que opõe o verdadeiro ao falso. Neste sentido, a linguagem midiática, fundamentada em um princípio de “verdade”, exerce controle ao relacionar seus enunciados à realidade, o que funciona, por sua vez, a partir de determinados enquadramentos sociais e culturais.

Desde o século XIX, as sociedades burguesas consideraram o corpo como propriedade privada e responsabilidade de cada um. O corpo vestido, domado pela compostura burguesa e embalado pelo código das roupas, era o primeiro signo que o *self-made man* em ascensão, sem antecedentes nobres, emitia diante do outro. A aparência substituiu, com vantagens democráticas, o "sangue". O corpo bem-comportado de até poucas décadas atrás dizia: “sou uma pessoa decente, confiável, honrada e meus negócios vão bem”.

De modo panorâmico, ao longo do século XX, o corpo passou por três estatutos culturais básicos: 1) o corpo representado, descrito pelo olhar do outro, da Igreja, do Estado, da Arte; 2) o corpo representante, ativo, autônomo quanto às suas práticas, consciente do seu poder político e revolucionário, porta-voz do discurso de uma geração, contestador, sujeito do próprio discurso, agente e defensor de reformas que vão da sexualidade à política; 3) o corpo apresentador de si mesmo, aparentemente a serviço de uma cultura que se pauta pelo efêmero e pelo imediato, caracterizado como porta-voz de forma e não de conteúdos. Esse é o corpo reconstruído à base de cirurgias plásticas e implantes de substâncias químicas e que busca apagar da pele as marcas biológicas do tempo, ao mesmo tempo em que inscreve na forma física os sinais da corpolatria¹⁷. Este corpo é, em si mesmo, o próprio espetáculo.

No nascimento do século XX, o corpo é pouco passível de se transformar em agente de sua própria história e encenar seus próprios modos de apresentação no espaço público, é um corpo cuja saída de cena é tragicamente ilustrada pela marcha humana passiva rumo às câmaras de gás nazistas que fecham de maneira trágica a primeira metade do século. Na segunda metade desse século, passa-se do corpo representado para o corpo representante. A forma com que a imagem corporal é representada ao longo do tempo se transforma, sendo influenciada pelo próprio corpo e pelos valores sociais que informam sobre o que é o corpo ideal.

No decorrer dos últimos quarenta anos do século XX, as descobertas do corpo ganharam uma importância inusitada. Após os movimentos sociais da década de 60, por

¹⁷ Expressão usada por Codo e Senne (1995). Para os autores, os cuidados com o corpo adquirem uma conotação que beira o religioso e se articulam à alienação e ao narcisismo.

exemplo, o corpo foi redescoberto na arte e na política, na ciência e na mídia (SANT'ANNA, 2000). Foi facilitada a criação de revistas especializadas na análise das técnicas corporais, ligadas, por exemplo, à Educação Física, sem contar a emergência de trabalhos de artistas plásticos e fotógrafos, dispostos a evidenciar as centenas de usos do corpo na sociedade contemporânea. Depois das *pin-ups* dos anos 50¹⁸, o corpo feminino ganhava em leveza, rebeldia e buscava autenticidade.

Com o passar dos anos, principalmente com a chegada da década de 80, tais questões se aliaram a outras redescobertas do corpo: estas pregavam a necessidade de estimular o físico no *lazer* e nos esportes, sem esquecer de aliar o prazer ao pragmatismo. O estilo esportivo, característico dos eventos em clubes e estádios, conquistou milhares de pessoas que não eram atletas profissionais. No Brasil, depois das campanhas televisivas como “Mexa-se” e “Esporte para todos”, divulgadas nos anos da ditadura militar, assistimos à massificação das academias de ginástica e à banalização dos cuidados corporais que incluíam terapias, regimes e lazer.

Nos anos 1990, homens e mulheres musculosos e "turbinados" continuaram a fazer parte do cenário mundial. Nos grandes centros urbanos, houve uma aceleração do processo de diminuição das condições mínimas de lazer e de saúde. Neles, redescobrir o corpo começava a soar muito menos como moda ou um signo de modernidade, e muito mais como uma necessidade básica, ou como a única opção de garantia de um mínimo de qualidade de vida.

A Figura 5, apresentada a seguir, sintetiza o percurso das formas arredondadas do passado às formas retilíneas da contemporaneidade.

Figura 5 – Beleza sem padrão



<http://conversaentreamigasplus.blogspot.com.br/2012/07/o-peso-do-preconceito.html>

Acesso em: 14 de maio de 2012

¹⁸ *Pin-up* é uma modelo cujas imagens sensuais produzidas em grande escala exercem um forte atrativo na cultura pop. As *pin-ups* eram fotografias de celebridades consideradas sex symbols. Nos anos 40 e 50, era passatempo entre os soldados americanos pendurar (em inglês, *pin-up*) fotos de mulheres bonitas em seus alojamentos. Betty Grable foi uma das mais populares dentre as primeiras *pin-ups*. Um de seus posters tornou-se onipresente nos armários dos soldados norte-americanos durante a Segunda Guerra Mundial.

Na **Pré-História**, a *Vênus de Willendorf*, uma escultura de aproximadamente 12 cm, esculpida há mais de 22 mil anos, retrata uma idealização do corpo feminino totalmente diferente de hoje: os seios fartos, a barriga volumosa e os quadris largos representam a maternidade, considerado o maior atributo da mulher.

Nas representações artísticas da **Antiguidade**, as mulheres eram retratadas com e seios fartos e quadril largo, que eram o símbolo da fertilidade. *Vênus de Milo* (Afrodite) era a deusa que refletia o padrão feminino da época. Nesse período, a arte deveria representar a perfeição da natureza. O **Renascimento** trouxe a mulher representada na pintura, onde os cabelos alvos, a pele clara, pescoço longo e ombros e peitos fortes eram os modelos de beleza da época. No **século XIX**, as curvas ainda predominavam como padrão de beleza da mulher. O espartilho era uma peça fundamental na criação desse novo modelo: dando a forma de ampolheta ao corpo da mulher, com a cintura bastante fina, em contraste com os braços carnudos e pernas fortes. Apesar de o vestuário da época impedir que o corpo aparecesse muito, ele sugeria uma redução no volume, contrário ao estilo renascentista.

No início do século XX, a **década de 20** foi marcada pela estilista Coco Chanel, com seus moldes retos, valorizando a silhueta do corpo feminino. Durante toda a década, Chanel lançou uma moda após a outra, sempre com muito sucesso. As mulheres aderiram à moda de cabelos curtos e dos corpos esguios. Eram consideradas bonitas as mulheres com menos curvas, pouco seio e quadris estreitos. O que era admirado mesmo eram os tornozelos, talvez por ser a única parte do corpo que ficasse mais visível, mesmo assim encobertos por meias. A partir dos **anos 40 e 50**, o corpo da mulher começou a ser mais erotizado, mais curvilíneo e ficou à mostra. Atrizes como Brigitte Bardot e Marilyn Monroe são ícones desse período.

Os **anos 90** foram contornados pelo padrão idealizado da mulher alfa - uma mulher atlética, destemida e inteligente. O modelo pode ser evidenciado na personagem Lara Croft, de Tomb Raider, interpretada no cinema pela atriz Angelina Jolie, personagem que ganha curvas e ares de mulher que luta por causas nobres. Os **anos 2000** marcam, até hoje, a busca por um corpo mais magro. Um modelo representativo é a cantora Madonna, que exhibe em seus cliques musicais um corpo magro e atlético, musculoso e bem definido, mesmo tendo mais de cinquenta anos de idade. A cantora usa seu corpo para veicular suas ideias, o que comprova que o corpo conduz ao poder.

2.4 *Body-building*¹⁹: o corpo no século XX

A singularidade da presença do corpo no século XX é enfatizada pelas “mutações do olhar” lançadas sobre ele no decorrer desse século. Como afirma Courtine (2008, p. 10), jamais o organismo foi tão penetrado antes pelas tecnologias de visualização médica, jamais o corpo conheceu uma superexposição tão obsessiva, jamais as imagens das brutalidades sofridas pelo corpo nos campos de concentração durante a Segunda Guerra tiveram equivalente em nossa cultura visual.

A partir do final do século XIX, o corpo conquistou a liberdade de ser apresentado aos olhos alheios, já que antes era tradicionalmente coberto até o pescoço (VIGARELLO, 2006). Embora o corpo tenha se “emancipado de muitas de suas antigas prisões, sexuais, procriadoras ou indumentárias, atualmente encontra-se submetido a coerções estéticas mais imperativas e geradoras de ansiedade do que antigamente” (GOLDENBERG, 2007, p. 9). A liberdade pode, às vezes, aprisionar; levantar a censura sobre o próprio corpo.

Como descreve Vigarello (2006), é sobre a mudança de silhueta que se inaugura a beleza do século XX. Desapareceram as almofadas, as “armaduras” dos coletes e os corpinhos com aletas (espécie de asas pequenas) de barbatanas que ficavam por fora das saias. A expansão da indústria de cosmético popularizou os *rouges*, batons e outras maquiagens, rompendo por completo com a beleza da tez branca e leitosa, que lembrava o mármore da escultura e simbolizava a nobreza ao exprimir a vida distante do trabalho braçal.

O início do século XX assistiu a uma mudança radical da silhueta e dos padrões de beleza corporal, principalmente para as mulheres. Os corpos se libertaram e as formas se alongaram, como se as linhas do corpo ganhassem autonomia e acompanhassem a profunda transformação social em curso. Após ingressar no mercado de trabalho, a mulher buscou uma imagem de movimento e atividade por meio de uma elegância apropriada aos novos tempos de desenvoltura e liberdade. Uma nova mulher emergiu das profissões mais ativas e a conquista seus direitos fez com que ela passasse a valorizar e investir mais no seu corpo. O corpo feminino começou a ser trabalhado e passou a exhibir os signos da cultura física e da atividade esportiva, os músculos se tornaram visíveis, elásticos e deixaram de ser propriedade exclusiva do universo masculino (VIGARELLO, 2006).

¹⁹ Segundo Courtine (2005), o termo *body-building* equivale à noção de cultura física ou fisioculturismo, relativa a uma hipérbole muscular sem precedente. O *body-builder* refere-se a uma pessoa que constrói suas formas corporais, um escultor do seu próprio corpo através de musculação nas academias de ginásticas.

O século XX apresentou um novo conceito de corpo e estabeleceu outro espaço de representação do corpo na sociedade. A valorização de um foco que associa estética à beleza fez com que o corpo passasse a ser visto na perspectiva de um modelamento corporal, promovendo um culto ao corpo, que envolve as relações e intervenções na busca de um padrão de beleza idealizado cultural e socialmente. A mídia age com eficácia na supervalorização dessa aparência corporal, promovendo a busca constante do corpo ideal e incitando o desejo desse corpo e de todas as formas de consumo que nos aproximem dele.

Ao longo desse século, o corpo passou por mudanças radicais nos espaços público, privado, político e social. Embora o início dos processos de redefinição dos espaços e papéis do corpo remonte ao período entre as duas grandes guerras mundiais, a transformação da relação dos indivíduos com o próprio corpo consolida-se, verdadeiramente, na segunda metade do século XX, em consequência das mudanças de paradigmas decorrentes da reconfiguração do mapa geopolítico do mundo, após a Segunda Guerra Mundial.

Os conceitos de saúde e de beleza sofreram um deslocamento em relação a períodos anteriores. A conquista de um corpo saudável e belo passou a ser entendida como um objetivo individual a ser atingido por meio de um exercício intencional de autocontrole, através de força de vontade, restrição e vigilância constantes. Lupton (2000) defende que a obesidade passou a ser vista como sinal tangível de falta de controle, impulsividade, auto-indulgência, enquanto que o corpo magro é testemunho do poder da autodisciplina, exemplo do domínio da mente sobre o corpo. Durante as últimas décadas, a busca pelo corpo belo e saudável acarretou várias mudanças, por exemplo, a substituição do açúcar por produtos *diet* e dos alimentos gordurosos por outros *light*.

A década de 1920 marcou, significativamente, o desenvolvimento do culto à beleza. Impulsionou a indústria de cosméticos, a moda e outras atividades destinadas à fabricação de um padrão corporal, evidenciando um grande narcisismo e uma crescente exposição social. Do ponto de vista de Castro (2007, p. 70), “a preocupação com a beleza ganha força no decorrer do século XX. Na contemporaneidade, presenciamos a tendência à supervalorização da aparência corporal, que leva os indivíduos a uma busca frenética pela forma e volume corporal ideais”.

No processo histórico, o conceito de beleza se torna padrão e conquista visibilidade através de uma constante exposição midiática. De acordo com Eco (2004, p. 14) “[...], a beleza jamais foi algo de absoluto e imutável, mas assumiu faces diversas segundo o período histórico e o país”; e isso não apenas no que se refere à beleza física (da mulher, do homem, da natureza), mas também em relação à beleza das divindades, das ideias e das artes em geral.

Na Antiguidade Clássica, a ideia de proporção e harmonia revelou-se um dos traços marcantes da beleza. Assim, um ser, ou objeto para ser considerado belo deveria obedecer ao princípio do equilíbrio entre realidades opostas. O autor exemplifica esse princípio através da antítese entre o amor e o ódio, a paz e a guerra, o bem e o mal e esclarece que “a harmonia não é ausência, mas equilíbrio de contrastes”. Nesse sentido, a representação visual de uma bela donzela seguia as regras da justa proporção e harmonia. O artista, ao criar uma imagem, tinha o zelo de criar todas as partes do corpo iguais, desenvolvendo-o de maneira que seus membros mantivessem uma relação harmônica.

De acordo com Eco (2004, p.133), o princípio da proporção não é privilégio apenas das formas belas. Os seres feios também compõem a harmonia do mundo por meio da proporção e contrastes e a beleza nasce desses contrastes, isto é, das diferenças. A respeito dos monstros, o autor enfatiza: “embora existam seres e coisas feias, a arte tem o poder de representá-los de modo belo e a Beleza (ou pelo menos a fidelidade artística) dessa imitação torna o feio aceitável”.

A Idade Média trouxe um novo significado à tradição grega, que afirmava ser a beleza resultado da relação harmônica entre as várias partes de um todo. Houve um deslocamento de sentidos sobre a ideia de proporção no decorrer do tempo. A proporção, entendida pelos gregos, como critério de beleza, não era a mesma que artistas medievais e renascentistas exploravam em suas obras de arte, havia uma disparidade entre o ideal da proporção e aquilo que se representava ou se construía como proporcionado (ECO, 2004).

Em todos os séculos sempre foi destaque a beleza da proporção, entretanto, o sentido dessa proporção foi mudando. Ao longo dos séculos, os padrões de beleza mudaram muito. Marilyn Monroe, Leila Diniz e Martha Rocha personificaram a beleza para consumo difundida pela mídia no século XX, porém, nos dias atuais não seriam tão aclamadas pelos seus atributos físicos da época.

A partir da percepção que temos do mundo, do que está ao nosso redor, identificamos tanto a beleza quanto a feiúra. Na contemporaneidade, não podemos abordar essas questões sem considerar o papel que a mídia tem na difusão de imagens de corpos associados ao belo ou ao feio. Sobre a beleza do corpo, Eco (2004, p. 8) destaca a relatividade do conceito de beleza quando afirma que “Belo – junto com ‘gracioso’, ‘bonito’ ou ‘sublime’, ‘maravilhoso’, ‘soberbo’ e expressões similares – é um adjetivo que usamos frequentemente para indicar algo que nos agrada”.

Segundo a feminista americana Naomi Wolf (1992, p. 10-11), “a ideologia da beleza é a última que resta das antigas ideologias femininas que ainda tem o poder de controlar as

mulheres [...]”. As imagens de beleza difundidas pela mídia contrariam a situação real das mulheres e os seus corpos. Sobre essa situação, a autora questiona: “por que é que a ordem social sente a necessidade de se defender iludindo as mulheres reais, as nossas faces e corpos e reduzir o significado das mulheres a estas imagens da beleza reproduzidas interminavelmente formidáveis?” (WOLF, 1992, p. 18).

Como provável resposta a esse questionamento, podemos dizer que não vivemos apenas sob a ditadura do corpo, mas também, sob a égide do consumismo. Por isso, é necessário que as mulheres sintam-se incomodadas quando a silhueta fica um pouco mais gorda, não porque devem ser mais saudáveis, mas porque, se não se sentirem assim, não farão mais regimes e não consumirão mais produtos indicados para emagrecer. O segredo da indústria da boa forma é que as pessoas nunca conseguem permanecer em boa forma, já que a maioria dos indivíduos que fazem regime volta a engordar. Desse modo, o que se vende não é um sonho, mas um fracasso.

O século XX e suas condições de produção proporcionaram olhares diversos para o corpo. Neste século, com a efervescência do pensamento científico e tecnológico e, principalmente, com o advento da Psicanálise, o corpo sofreu deslocamentos no sentido de que era preciso entender essa máquina que nos constituía. Dessa forma, Courtine (2008, p.10) destacou que “jamais o corpo humano conheceu transformações de uma grandeza e de uma profundidade semelhantes às encontradas no decurso do século que acaba de terminar”. Ao refletir sobre as transformações corporais, Milanez afirma que

o corpo é o meio pelo qual o ser humano pode problematizar o que ele é e o que o movimenta no mundo em que vive. Essas práticas, acima de tudo, corporais é o que poderia se chamar de ‘artes de existência’, ou seja, práticas reflexivas e voluntárias por meio das quais os homens tanto se fixam regras de condutas quanto buscam transformar-se a si mesmos, modificando-se no que eles têm de mais singular ao seguir uma obra no qual se inserem determinados valores estéticos [...] (MILANEZ, 2006a, p.188-89).

Com o poder da mídia e das imagens no cotidiano humano, a discursivização sobre o corpo é acentuada, isto é, o corpo que é espetacularizado é aquele socialmente aceito e tomado como lugar de recompensas e desejo. No entanto, a mídia fala de uma posição discursiva ideologicamente constituída. Fonseca-Silva (2007, p. 208) pontua que no saber do século XX, a prática de exercícios físicos era “associada a interesses de cientistas, médicos higienistas e laboratórios de pesquisa, visando à produção de verdades sobre o cuidado com o corpo e ao controle dos indivíduos”.

Não é todo e qualquer corpo que saiu do recôndito para atrair olhares nos mais variados segmentos dos espaços públicos. O corpo mínimo, ou seja, o corpo magro é o que

obtem a concessão para exibição. Mas, não é qualquer corpo magro. Só é exibido no espetáculo midiático das imagens o corpo magro resultante de atividades físicas, dietas, cirurgias plásticas etc. Outros corpos magros, tais como, o anoréxico, o famélico, são silenciados no discurso da mídia, por não serem produtivos e úteis socialmente.

Na busca de registrar as transformações pelas quais o corpo passou, situamos nosso olhar dentro de uma perspectiva histórica a partir dos anos 1960.

Anos 1960

Os anos sessenta foram, talvez, os de maior transformação. Basta citar a Revolução de 1964; a fracassada tentativa de invasão de Cuba por parte dos EUA; os assassinatos de Kennedy em 1963 e os de Bob Kennedy e Martin Luther King em 1968; a primeira viagem tripulada ao espaço e a chegada do primeiro homem à lua, com o mundo assistindo tudo pela TV; o primeiro transplante de coração; a guerra do Vietnã; a morte de Che Guevara, na Bolívia; o protesto dos estudantes na França e, entre nós, o movimento estudantil tomou corpo e se organizou em oposição à ditadura.

A cultura, no começo da década, gozava de grande liberdade de expressão, mas a partir de 1964, após a revolução, as coisas mudaram e, no meio da influência internacional e da dura realidade brasileira, o meio artístico se dividiu, o mesmo acontecendo nas Artes Plásticas e na Literatura. De fora vêm movimentos como o Surrealismo, *Pop-Art*, Movimento Psicodélico, entre outros, que se sucediam rapidamente. No Brasil, prevalecia um clima de contestação presente nas passeatas, nos festivais musicais, nos concertos de rock. O movimento musical Tropicalismo valorizava o desvalorizado. Surgiu a imprensa alternativa que ditava moda e servia de orientação para grande parte da juventude. Na segunda metade da década, ser magérrima era o novo estilo adotado pelo público feminino.

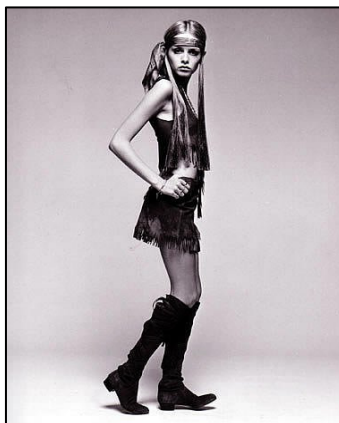
Esta época é conhecida por suas revoluções e liberações, quando, então, alguns *soutiens* foram “queimados” e a pílula anticoncepcional adotada. As imagens dos corpos nus não se restringiram mais às publicações especializadas: estavam estampadas em vários anúncios, nas capas de revistas e programas de televisão. E com o maior desnudamento do corpo, novos cuidados corporais foram inventados, juntamente com o surgimento de males até então pouco conhecidos, entre eles, a celulite.

Nos anos 1960, Twiggy²⁰ foi a primeira super-modelo. Ela tinha um semblante extremamente jovem, como também suas formas corporais. Seus cílios de boneca eram a

²⁰ Lesley Horn, mais conhecida como Twiggy, é uma atriz e cantora britânica, nascida na Inglaterra e considerada a primeira *top model* do mundo. Sua imagem quase andrógina, magérrima, miúda, com cabelos

marca registrada, tanto que a marca *Yardley* passou a vender diversos produtos para os cílios, tendo emprestada a imagem da modelo. Além disso, sua imagem passava inocência e alienação, ao contrário das mulheres maduras e determinadas retratadas em momentos anteriores no século.

Figura 6 – Modelo Twiggy



Disponível em <http://www.nossoarmario.com/blog/nossoarmario/parabens-twiggy>
Acesso em: 13 de junho de 2011

Nessa época, o corpo adotado era muito magro. A magreza da modelo Twiggy tornou-se o ideal desejado por muitas mulheres. Com o movimento hippie, também passou a ser padrão ter um corpo sem curvas e com os seios pequenos. Os anos 1960 provocaram uma revolução total no comportamento feminino, e nessa receita de liberdade, veio incluída a ditadura da magreza. Essa década foi o período áureo de uma corporeidade cultural, agente de si mesma, com manifestações políticas, musicais, pacifistas e em defesa da revolução sexual e da contracultura, ilustrada pelo movimento *hippie* e pela juventude norte-americana na luta contra a Guerra do Vietnã.

Desde o final de 1960, a preocupação com o corpo tem se ampliado através do desenvolvimento de mecanismos que buscam dar forma à relação do homem com o mundo social. As contribuições relativas a esses mecanismos foram inúmeras: o feminismo, a revolução sexual, a expressão corporal, a *body-art*, entre outras, como as emergências de novas terapias que atuam na transformação do corpo. De acordo com Sant'anna (2005), essa década representou um período de transformações aceleradas na história do embelezamento feminino brasileiro, com a ampliação do mercado de produtos industrializados ligados à higiene e aos cuidados pessoais.

Surgida no final dessa década, a Revista **Veja** acompanhou e registrou as transformações corporais do século XX. A partir dos anos 1970, foram publicadas edições que

loiros muito curtos e imensos olhos realçados com camadas de rímel e cílios postiços, tornaram Twiggy o ícone de beleza dos anos 1960.

abordavam a temática do corpo, ao tratar de assuntos como exercícios físicos, dietas, o culto ao corpo, dentre outros. Entendemos que essas são capas inaugurais de um discurso relativo ao cuidado com o corpo. Nelas há uma preocupação com o corpo magro e “sarado”²¹.

Anos 1970

“Nosso corpo nos pertence”, esse era o grito das mulheres no início dos anos 1970. Elas defendiam o direito ao aborto, à liberdade sexual, ao agenciamento dos seus próprios corpos. Mas, até que ponto tal tarefa foi bem-sucedida? Até que ponto muitas dessas mulheres não se encontram aprisionadas em seus próprios corpos, na justeza de suas próprias medidas, na busca permanente por um corpo ideal que, como tal, não pode ser atingido?

A emancipação feminina pôs fim aos espartilhos. Segundo Vigarello (2005, p. 32), neste momento, aparece uma nova cultura do corpo, que não deve mais ser buscada nos livros de civilidade, na expressão atenta das belas maneiras, da qual o espartilho é ao mesmo tempo a garantia e a testemunha, e sim nos livros de higiene, no recenseamento e na declinação de forças que apenas o exercício pode aumentar e convocar.

Em *Vigiar e Punir* (2009), editado pela primeira vez nos anos 1970, Foucault aponta como o corpo se tornou objeto de fortes regulações sociais. Nunca foi tão penetrado, auscultado, examinado, não só pelas novas tecnologias médicas, mas também pelas mutações do olhar delas decorrentes.

No Brasil, o ideal de corpo foi modificando com o passar dos anos. Na década de 1970, o estilo em voga era “Garota de Ipanema”, cantada por Vinícius de Moraes e Tom Jobim: estatura média, corpo roliço, muito busto, muito quadril, e cabelos pretos e lisos. O padrão específico dos costureiros da época era da mulher alta, exuberante, pele sempre queimada, pernas longas e corpo flexível.

A década de 1970 teve início com o governo brasileiro divulgando o “milagre econômico” e intensificando a repressão, nos chamados “anos de chumbo” do período militar, capitaneado pelo Presidente Médici. A fase de ufanismo foi até 1973, quando o modelo econômico já demonstrava sinais de fraqueza, e surgia, no âmbito internacional, a crise do petróleo. Os movimentos de cunho feminista perderam os radicalismos e assumiram posições de menos confronto com o sexo oposto, mas não deixava de se observar que a mulher

²¹ “Sarado”, registrado no Dicionário Aurélio com o sentido de “forte, rijo, resistente”, é utilizado, atualmente, para designar um corpo com musculatura definida e ausência de gordura. É usado também para se referir a um corpo que apresenta bom condicionamento físico, um corpo musculoso, adquirido na malhação em academias de ginástica. A respeito do prestígio social dos corpos “sarados”, ver Goldemberg (2007).

conquistava contornos mais nítidos na sociedade. A verdade é que os homens e mulheres resolveram investir mais neles próprios. Os exercícios físicos ao ar livre, o *Cooper*, a ginástica e a malhação faziam parte do cotidiano.

O corpo foi, várias vezes, redescoberto, pela moda da minissaia e do biquíni, nos mega concertos musicais ao ar livre, nas danceterias e outros recintos fechados, nas terapias individuais ou de grupo, na *yoga* e no corpo a corpo do combate militante. Redescobre-se, sobretudo, o poder do corpo jovem e, com ele, uma nova valorização da juventude avançará em sua carreira, atraindo pessoas de todas as idades.

Nessa década, o famoso médico cardiologista americano K. Cooper desenvolveu pesquisas sobre os benefícios dos exercícios para o sistema cardiovascular. Falava-se em um programa de aptidão física adequado, que propagava a atividade física como profilaxia para se viver mais e melhor. O discurso médico legitimando novas práticas corporais não teve suas origens com as pesquisas de Cooper e nem com qualquer outro pesquisador contemporâneo. Desde o século XIX, o discurso médico prega o cuidado com o corpo, sua higiene e seu controle, visando uma saúde estável.

Esse discurso adquire mais poder ainda quando acompanhado de um veículo que o torne digerível a diferentes camadas da população. E a Revista **Veja** fez isso na edição 203, em julho de 1972 (Figura 7), tornando-se um elo entre o profissional de saúde e o leitor leigo, ao publicar a primeira reportagem de capa sobre a importância da atividade física para a saúde, apresentando o novo fenômeno das grandes cidades do país: a prática da corrida, ou seja, do *cooper*.

Figura 7 – Os discípulos de Cooper



Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital

Acesso em: 20 de Junho 2011

A capa apresenta a imagem de várias pessoas praticando *cooper*, o que é explicitado pelo enunciado “Os discípulos de Cooper”. Os exercícios físicos ao ar livre, a prática do

cooper, a ginástica e a malhação são enaltecidas pelo discurso da Revista, que mesmo não sendo especializada na cultura física, apresenta uma reportagem sobre uma “vida melhor”, como sinônimo de juventude e vigor, exposta ao leitor através de “exemplos que deram certo”, induzindo homens e mulheres a investir mais neles próprios e se tornarem adeptos de atividades físicas.

As grandes reformas higienistas que ocorreram durante o século XIX, são um dos marcos desta nova forma de relação entre o homem e seu corpo. Este poder exercido no organismo é gerido pelo discurso médico que introduz a responsabilidade de sua integridade ao indivíduo. Segundo Foucault (2006), o biopoder apóia-se num discurso que antes se propõe a gerir a vida do que a subtrair. Das reformas higienistas, até aos apelos a um corpo moldado nos mínimos detalhes por exercícios físicos e dietas balanceadas, desenrola-se um longo processo que acompanha o desenvolvimento de uma indústria de consumo em massa.

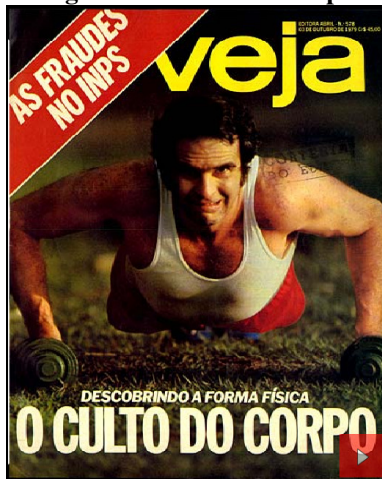
Os infinitos cuidados com o corpo atualmente giram em torno de como obter um corpo fisicamente melhor, como adiar a velhice, como prolongar a juventude etc. Afinal, “força, rigidez, juventude, longevidade, saúde, beleza são os novos critérios que avaliam o valor da pessoa e condicionam suas ações (ORTEGA, 2005, p. 157). É importante enfatizar o quanto os discursos corporais são direcionados às mulheres. Cuidar do corpo parece ser um comportamento exigido predominantemente às mulheres por imperar a “ideia de que a beleza está para o feminino, assim como a força está para o masculino” (SANT’ANNA, 2005a). Tal situação parece estar se diluindo na contemporaneidade, visto que os discursos atrelados à beleza ampliam possibilidades de investimentos em ambos os gêneros, masculino e feminino.

Na década de 1970 não houve representação do corpo feminino nas capas da Revista **Veja**. É marcante essa ausência, visto que, segundo Orlandi (2003), o silêncio também fala e gera exclusão do dominado pelo dominador. Este silêncio é interpretado como ruptura, porque o opressor exclui o oprimido impondo um silêncio. O contexto sóciohistórico desta década remete a um período em que a mulher estava iniciando uma liberdade, não só pessoal como profissional. A Revista pretendia ser apenas um meio de informação e discussão política, não tendo preocupação com temáticas ligadas ao mundo das mulheres. As capas em que apareciam mulheres eram, geralmente, as que mostravam uma mulher como personalidade pública ou que sofreu uma tragédia pessoal, comovendo o país.

Em 1979, a Revista iniciava seu processo de aperfeiçoamento físico, com o olhar voltado para um corpo “sarado”, mostrando a importância do culto ao corpo e exibindo o corpo masculino, em sua totalidade, na imagem de um homem com roupas de ginástica comuns, segmento que na época gerava pouco lucro financeiro, pois o consumo estético

estava sendo introduzido no mercado de consumo. O título da reportagem de capa, na edição 578 (Figura 8), apresentado em letras maiúsculas, na cor branca, traz uma afirmação didática e categórica: “Descobrimo a forma física. O culto ao corpo”. Mais uma vez, a Revista assume a posição de detentora do saber.

Figura 8 – O culto ao corpo



Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital
Acesso em: 20 de Junho 2011

A reportagem evidencia que a prática de atividades físicas tornava-se cada vez mais frequente nas capitais brasileiras. Parques, praias, jardins e avenidas passaram a ser ocupados por pessoas que pretendiam deixar o corpo e a saúde em boas condições. Na época, o presidente João Baptista Figueiredo também era adepto dos exercícios e, aos 62 anos, praticava equitação, corrida e levantamento de peso.

No enunciado “O culto ao corpo”, temos o atravessamento do discurso religioso. Prega-se uma veneração à uma forma física através de orientações, minuciosamente detalhadas em nove páginas, para manter a saúde e conquistar um corpo perfeito, que transformam e geram novas práticas sociais e de consumo. A reportagem da capa dá continuidade ao assunto: “O suor entrou na moda. A cidade grande está empurrando o brasileiro para fora de casa – para correr, andar de bicicleta, fazer ginástica. A forma física está em alta” (Veja, edição 578, p. 50). Na matéria, são apresentadas várias imagens de pessoas fazendo atividades físicas, parecendo felizes e realizadas. A mensagem do texto é que os leitores devem quebrar os tabus e fazer dos exercícios uma prática rotineira. Novos hábitos sociais e práticas de consumo são apresentados à sociedade.

Ao envolver-se com as informações necessárias para a manutenção de um perfil físico salutar, o leitor torna-se responsável por seu desempenho atlético. Isso retoma a ideia de Foucault (2008a) sobre o poder se impor na sociedade pelo corpo, mas não de maneira

dialética e sim complexa. O poder, longe de impedir o saber, o produz. As relações com o corpo se transformam continuamente, com novos conhecimentos científicos e práticas corporais.

A Revista assemelha-se a um manual regulador, ao determinar mandamentos e argumentos ao leitor, que passa a envolver-se com as informações necessárias para a manutenção de um perfil físico salutar e torna-se responsável por seu desempenho atlético e imagético. Desse modo, a reportagem ensina o leitor a compreender o próprio corpo, para cuidar melhor da saúde, a partir da reeducação de hábitos e atitudes. Retomando novamente Foucault (2008a), através de um conjunto de disciplinas foi possível constituir um saber sobre o corpo, ou seja, a partir de um poder sobre o corpo foi produzido um saber fisiológico, orgânico.

Courtine (2005) opina que tanto as práticas quanto as representações do corpo na sociedade de consumo de massa são atravessadas por estratégias multiformes da regulação dos fluxos, das matérias, das energias a incorporar, a canalizar, a eliminar. Nesse sentido, cada indivíduo torna-se o gestor de seu próprio corpo.

Anos 1980

Os anos de 1980 assistem a uma transformação cultural. O desencanto político dos anos de 1970, alimentado pelos anos de prevalência da Guerra Fria, parecia ter produzido uma geração apática, vítima dos efeitos do desencantamento do mundo e dos desejos incensados pelos revolucionários anos de 1960 e suas promessas e expectativas, não cumpridas e não realizadas, de um mundo livre, solidário e pacífico. Emerge, nessa época, o corpo porta-voz desse desencantamento, tal qual um narciso que substituiu o lago pelos espelhos gigantescos das academias e dos *shopping centers*, surge um indivíduo encantado consigo mesmo, com o brilho efêmero das tendências da moda, com o volume dos músculos e o vigor físico-corporal potencializado pela maratona de sessões de aeróbicas, pela alimentação saudável ou mesmo pela ingestão de suplementos químico-alimentares.

Esses anos marcam o início de um obsessivo culto ao corpo. Em todo o mundo surgem as academias e a cobrança de corpos perfeitos, belos e saudáveis. Para a época, ser bem vestido era apenas um detalhe se não houvesse um belo corpo. A febre da malhação e ginástica veio acompanhada das inúmeras academias que se ampliaram cada vez mais pelos centros urbanos. Conforme Courtine (2005), nesta época, cada indivíduo torna-se, “gestor” de seu próprio corpo. O *body-building* e outras práticas de gerenciamento do corpo se

desenvolveram no mesmo período, tais como, *jogging*, aeróbica, regimes de baixa calorias, cirurgias plásticas etc., todas elas sustentadas por uma cultura narcisista.

Incentivada pelo discurso midiático sobre a importância dos cuidados com o corpo, a geração dos anos 1980 no Brasil passou a ser uma consumidora regular do comércio do corpo e de todo o seu universo, alimentando o culto ao corpo na sociedade. Dessa forma, o corpo assumia um lugar de destaque na vida social do brasileiro, sendo exposto sem moderação pela mídia, que a partir do seu discurso enaltecendo o corpo belo, produtivo e saudável, tornava-se uma das principais responsáveis pela expansão do mercado consumista. Sobre esse momento, Courtine comenta que

os anos 80 conheceram um desenvolvimento considerável do mercado do músculo e do consumo de bens e serviços destinados à manutenção do corpo. Impérios industriais, com atividades diversificadas, ocuparam esta fatia do mercado relativa ao ferro, às vitaminas e ao suor, produzindo tantos aparelhos de musculação, quanto suplementos nutricionais, ou ainda publicando revistas especializadas sobre a boa forma, a saúde, os regimes alimentares e o desenvolvimento corporal (COURTINE, 2005, p. 84).

Das corridas em parques, o corpo passa às salas de musculação. Neste mercado da musculação, corpos como o da cantora americana Madonna ganham espaço. Com um corpo musculoso, a mulher parece querer provar que pode enfrentar os homens no mercado de trabalho e defender-se da violência. Foi-se o tempo em que as mulheres frequentavam as academias de ginástica para afinar a cintura e modelar as curvas, a fim de ficarem mais harmoniosas e sensuais. Cresce o número de adeptas e a moda é cuidar do corpo ressaltando os músculos, custe o que custar!

É justamente nos anos 1980, com a emergência absoluta do poderio econômico, militar e cultural dos Estados Unidos e sua influência sobre o mundo ocidental, que se consolidam os princípios do capitalismo liberal, caracterizado, basicamente, pela redução dos papéis do Estado e ampliação do poder econômico dos grandes conglomerados financeiros em todo o mundo. Valor supremo de uma geração de *yuppies* (*young urban professional*), a aparência tornou-se um fator complementar do desempenho, quando a necessidade de aparentar se ligou ao gosto pelo poder.

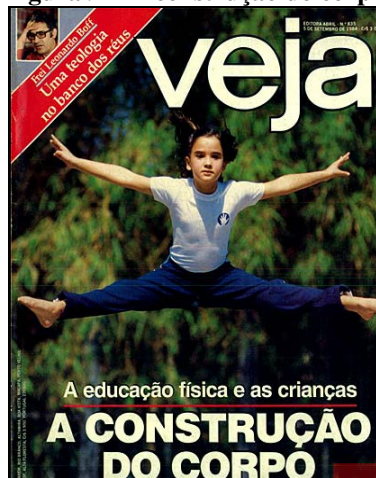
A partir dessa época, passam a ocorrer diversos fenômenos políticos, tecnológicos e culturais que exercem grande influência nos dias de hoje. O desmantelamento da URSS, a queda do Muro de Berlim, o crescimento do neoliberalismo, o lançamento da Internet, do videogame e dos aparelhos portáteis de música. Percebe-se na propaganda um entusiasmo com as imagens futuristas e tecnológicas; na TV, a globalização de imagens de *bodybuilders*

terá um grande impacto na cultura, como Schwarzenegger, Stallone, entre outros. O visual sofre uma radicalização, que parece ser o ponto culminante dos acontecimentos do século, com a popularização da tatuagem, do *piercing* e dos cortes de cabelo radicais, mexendo com os conceitos tradicionais de beleza.

Na segunda metade dessa década, momento em que a febre da ginástica aeróbica se difundia pelo Brasil, com a proliferação das academias de ginástica e a intensificação do discurso da geração saúde, surgiram duas das principais revistas voltadas à temática do corpo: *Boa Forma* (1986) e *Corpo a Corpo* (1987), ambas publicadas pela Editora Abril. Parece que o culto ao corpo chegou, no início dos anos 80, para ficar, e a mídia, como eficiente catalisador de tendências comportamentais, o assimilou rapidamente. A intensa preocupação com a saúde e a aparência corporal possibilitou que as revistas, surgidas nesta época, tivessem vida longa. A exacerbação do corpo, com a procura de um corpo perfeito, gerou na época a preocupação em manter hábitos saudáveis como a boa alimentação, a prática de exercícios.

Referente a este período, selecionamos uma edição da Revista **Veja** (Figura 9) apresentada como um manual para a construção do corpo. A preocupação com o aperfeiçoamento corporal tem continuidade na edição 835, publicada em 5 de setembro de 1984, com um título didático e objetivo: “A construção do corpo. A educação física e as crianças”, e ilustrada com a foto de uma menina em pleno salto, de braços e pernas abertos. De certa forma, a foto da criança sinaliza a imagem da liberdade, tão almejada na época em que o Brasil vivia um momento de contestação social, com o movimento das “Diretas Já”, que reivindicava eleições diretas para presidente, governador e outros cargos políticos.

Figura 9 – A construção do corpo



Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital
Acesso em: 20 de Junho 2011

A reportagem, de oito páginas, assemelha-se a um manual de Educação Física, com indicações de exercícios e recomendações para manter a saúde e conquistar um físico perfeito, que transformam e geram novas práticas sociais e de consumo. As legendas educativas, acompanhando as fotos das crianças praticando atividades físicas, indicam os atributos de cada modalidade e doutrinam os leitores.

O poder e o saber da Revista são demonstrados ao trazer o perfil físico da sociedade brasileira em uma afirmação autoritária: “o brasileiro amadurece fisicamente mais cedo que os europeus e americanos”. Outro exemplo que ratifica a posição de poder da revista é a publicação de uma tabela que indica os exercícios adequados para cada idade, atestada por professores e educadores da Universidade de São Paulo (USP), que traça o perfil e o desempenho da criança em diversas fases.

[...] De 2 a 5 anos: fase em que a criança aperfeiçoa sua coordenação; de 5 a 7: o desempenho motor permite a combinação entre flutuar, respirar e nadar, pular obstáculos, entre outros; de 7 a 10 anos: a criança já tem noções dos movimentos de adultos e deve refiná-los; de 10 a 15 anos: está na hora de fortalecer o muscular e de 15 a 18 anos: é tempo de se especializar em um único esporte (Veja, edição 835, p. 72-73).

Ao apresentar o exercício por meio de um especialista – nesse caso, um educador físico –, a Revista utiliza o argumento de autoridade tanto para constituir o seu discurso como verdadeiro como para criar no leitor um sentimento de confiança. A aproximação do leitor com o enunciado ocorre também ao apresentar os benefícios do exercício proposto, quando há o uso de elementos dêiticos (suas pernas, você desafia).

Estamos submetidos e somos efeito de uma dupla exigência, a do poder de produzir a verdade e a da verdade para exercê-lo. Se por um lado, somos impelidos à produção da verdade, por outro somos submetidos à verdade como lei ou regra, na medida em que ela produz os discursos verdadeiros de uma época e os efeitos de poder. Como afirma Foucault (2008a, p. 180), “somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder”.

Nos anos 1980 é situada uma nova relação entre o homem e seu corpo, a qual coloca a saúde e o bem estar como necessários para a sobrevivência nas cidades. Um novo estilo de vida foi encontrado em manuais e livros que fazem parte do cotidiano das classes médias e altas no Brasil. Partindo destas publicações, foi percebido em seus discursos um caminho que percorre do incentivo às corridas e alongamentos como um combate ao sedentarismo, à

necessidade de empreender rotinas avançadas de treinamento em prol da obtenção de físicos que priorizam antes um padrão corporal bem definido, “malhado”, do que a saúde em si.

Sobre as técnicas de gerenciamento do corpo que floresceram no decorrer dos anos 1980, Courtine observa que

são sustentadas por uma *obsessão dos invólucros corporais*: o desejo de obter uma tensão máxima da pele; o amor pelo liso, pelo polido, pelo fresco, pelo esbelto, pelo jovem; ansiedade frente a tudo o que na aparência pareça relaxado, franzido, machucado, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido ou distendido; uma contestação ativa das marcas do envelhecimento no organismo (COURTINE, 2005, p. 86, grifos do autor).

O autor afirma que a cultura visual desenvolvida a partir do corpo musculoso explodiu nos Estados Unidos, definitivamente, nos anos 1980, quando ocorreu um desenvolvimento considerável do mercado relativo a esse modelo corporal e do consumo de bens de serviços ligados a sua manutenção, além do discurso da mídia que reforça o tempo inteiro como este corpo é desejável e necessário.

O padrão corporal a ser seguido funda aqui suas bases. Desta forma, a mídia televisiva e impressa, difunde o ideal jovem de ser, independente da idade. Neste período, a indústria cosmética expande-se, tanto em sua propaganda, como em sua variedade de produtos, com fórmulas milagrosas para emagrecimento, associadas à difusão de necessidades de higiene beleza e esporte.

No Brasil, o fenômeno do culto ao corpo explode em 1990, ou seja, dez anos depois ter iniciado nos EUA. Nesse período, as práticas físicas, vistas como um meio para atingir o equilíbrio entre um corpo saudável, bonito e ativo, alcançam seu apogeu. A corrida em busca de um corpo perfeito pode ser traduzida na popularização das atividades físicas nas academias de ginásticas, assim como no aumento das cirurgias plásticas estéticas em busca do corpo ideal difundido pelo discurso midiático.

Anos 1990

Os anos de 1990 nascem sob a marca da velocidade e do automatismo dos fluxos de informações. É o tempo da consolidação da rede mundial de computadores, a Internet. A crescente preocupação da população com a saúde, por exemplo, acarreta um aumento de adeptos de corrida de rua, e faz surgir a moda de roupas esporte-*chic*: malhas coloridas, com *design* diferenciado e tênis combinando com as malhas. Outra característica dos novos tempos é o desejo de ser eternamente jovem. Esse desejo fez com que o *jeans*, antes somente usado

por jovens, passasse a ser disputado por pessoas de todas as idades, fazendo com que se sentissem mais livres, mais valorizados, parecessem mais jovens.

Nesse contexto, as políticas e técnicas corporais também passam por um vertiginoso processo quanto às mudanças físicas, que se tornam mais rápidas, até mesmo imediatas, sem necessidade de tempo de espera. Os resultados, antes obtidos apenas graças à frequência à academia de ginástica, parecem não mais atender às necessidades de mudanças imediatas que se deseja para a remodelagem do próprio corpo. Desse modo, o *jogging* é superado pelo bisturi com o apogeu da Medicina, especialmente, dos cirurgiões plásticos, assegurando transformações mediante uma simples passagem por mesas cirúrgicas, que adquirem o *status* de cenários mágicos nos quais o paciente entra com um corpo e sai com outro completamente esculpido, um corpo adequado aos parâmetros traçados pela cultura vigente e moldado ao sabor dos desejos daqueles que podem pagar pela reengenharia da própria estrutura corporal.

A década de 1990 tem início com o fim da Guerra Fria. Nos últimos anos do século XX, surge o DVD, o tênis com amortecedor, a ovelha *Dolly* é clonada, o presidente brasileiro Fernando Collor de Melo sofre o *impeachment*. No âmbito da moda, tornou-se mais comum o uso de *piercings* e tatuagens. A moda dessa década põe-se conforme um novo grito de guerra: o minimalismo. Termo proveniente do vocabulário da vanguarda artística dos anos 1970, que justificou a simplicidade ao extremo, com o uso de *t-shirt* e *jeans* pelos jovens. Em grande parte do mundo, a moda da cintura alta para o sexo feminino começou a desaparecer. A cintura desceu, especialmente a de adolescentes e jovens, que passaram a deixar do lado de fora a barriga e o umbigo.

A versão atlética do corpo e da vida que contagiava homens e mulheres de todas as idades fornecia um grande charme ao estilo empresarial, aliando a competição esportiva à competição nos negócios. A imagem dos nossos chefes políticos, por exemplo, não tardou a ser atualizada ao sabor da valorização do corpo esportivo em alta. Desde o presidente João Figueiredo, que nos anos 1970 foi capa da *Manchete* praticando *jogging*, a Fernando Collor, nas midiáticas performances em esportes radicais nos anos 1990, parecia que o corpo esportivo e performático havia se tornado a grande vedete, o símbolo maior de poder e eficácia. O valor da prudência parecia ter sido definitivamente trocado pelo do risco. A aceleração da vida colocava no terreno do feio e do atraso aqueles que não conseguiam ser mais rápidos, flexibilizarem regras, serem performáticos, polivalentes, leves, descontraídos.

Nesta década, houve um número bastante expressivo da representação do corpo feminino nas capas da **Veja**, e foram editadas as primeiras capas que abordavam o discurso

sobre a gordura. Tais capas estão discutidas no quarto capítulo, referente à temática do corpo gordo no discurso midiático.

A arte de se embelezar se expande no século XX. A nova mulher parece mais livre e ativa, com movimentos libertos e praticando esporte. A exibição ostensiva do corpo começa sua escalada, por um lado livre do espartilho, por outro, submetida a um verdadeiro escrutínio relacionado ao modo de controle da sociedade burguesa (FOUCAULT, 2005). Com o início do novo milênio, as mudanças começaram a ser mais velozes e a consciência ambiental passou a ser um estilo de vida. A maior valorização do corpo trouxe para as roupas uma busca pela sensualidade e perfeição e com o fim do *glamour* e do luxo, tudo fica desordenado e os conceitos mudam.

No decorrer do século XX, a imagem do que é saúde e do que é beleza sofre um deslocamento em relação a conceitos de períodos anteriores. A conquista de um corpo saudável e belo passa a ser entendida como um objetivo individual a ser atingido por meio de um exercício intencional de autocontrole, envolvendo força de vontade, restrição e vigilância constantes. Lupton (2000) afirma que a obesidade passa a ser vista como um sinal tangível de falta de controle, impulsividade, auto-indulgência, enquanto que o corpo magro é um testemunho do poder da autodisciplina, um exemplo do domínio da mente sobre o corpo e de um virtuoso sacrifício. A busca por um corpo belo e saudável durante o século XX acarretou, durante as últimas décadas, a substituição do açúcar nas gôndolas dos supermercados (e na mesa de uma significativa parcela da população que se sente interpelada pelo discurso da boa forma) por produtos *diet*.

Segundo Goldenberg (2007), o momento em que o culto ao corpo se tornou uma verdadeira obsessão foi o final do século XX e o início do século XXI, transformando-se em um estilo de vida, pelo menos entre as mulheres (e hoje também entre os homens) das camadas médias urbanas.

2.5 *Machine sexy body: o corpo no século XXI*

Para Le Breton (2007), a comparação do corpo a máquinas é a expressão dos valores da Modernidade que foram atribuídos ao corpo. O paradigma da Medicina moderna trata o corpo como um conjunto de órgãos que precisam ser regulados para não falhar. O corpo passou a ser identificado como uma máquina que envelhece e comete erros, precisando, assim, de consertos.

Os discursos das mídias valorizam o padrão de beleza que eles mesmos (re)criam, A mulher é considerada o belo sexo (LIPOVETSKY, 2000), é o corpo sensual, o *sexy body*. Contudo, tal padrão de beleza é uma representação e, portanto, distante do corpo biológico. Esse corpo-objeto não envelhece, é tratado, pesado, medido e, como afirma Silva (2001), torna-se uma máquina em que as peças recebem manutenção para serem eternas. Se seguir sempre os devidos cuidados, os *upgrades*, essa máquina não se torna ultrapassada, não se decompõe, muito menos envelhece. É um corpo-máquina (*machine sexy body*) programado para viver segundo padrões estéticos, consumindo tudo o quanto é possível para atingir essa imagem de *sexy body*.

Baitello (2005) estuda o corpo como linguagem e o considera como começo e fim de todo processo de comunicação. Entre as várias linguagens do corpo, considerando tempo e espaço, o estudioso conceitua o corpo máquina como

um corpo fabricado que tem como seu tempo o tempo presente. Um presente onipotente que se acredita infinito. Por isso seu tempo verbal está sempre no infinitivo: fazer, agir, trabalhar etc. [...] Não interessa o passado, não interessa o futuro, aqui vigora o tempo do fazer, o agora ativo (BAITELLO, 2005, p. 64).

O estudo discursivo sobre o corpo é também um processo de reflexão sobre a sua forma de significar, sobre o funcionamento discursivo que permite que ele ganhe sentidos. A abordagem discursiva faz ser necessária uma nova teorização sobre o corpo, pensando-o, tal qual a língua no discurso, em relação à sua historicidade e à sua especificidade material. Sem nos esquecermos que o corpo pertence a um sujeito falante, revestido materialmente de linguagem, consideramos o corpo também como produtor de sentidos e produzido por/na linguagem. Por trazer em si a presença do novo, o corpo é visto como acontecimento discursivo. Além do seu caráter biológico, “ele é produto de uma subjetivação marcada por uma imagem que nos remete a uma forma temporal determinada [...]”. O corpo subjetivado é a história de certa experiência do sujeito no mundo (MILANEZ, 2007, p. 13).

A imposição de um ideal de beleza corporal cada vez mais rígido implica, também, a propagação de novos tipos de condenação moral, que envolvem a acusação de negligência àqueles que não conseguem se enquadrar nesse padrão. Assim, os imperativos da prevenção e do *fitness* se tornam compulsórios, generalizando a obsessão pela saúde, pela juventude e pela beleza. Tais fenômenos parecem constituir novos vetores do biopoder, desenvolvidos na sociedade contemporânea.

Para refletirmos melhor sobre essa questão, neste tópico abordaremos o corpo dentro do trajeto temático voltado para a atividade física e a modelagem do corpo, através da análise de algumas capas da Revista **Veja**.

Na primeira década do século XXI, proliferaram as edições de revistas que espetacularizam o corpo. Durante os jogos olímpicos de 2000, realizados em Sydney, na Austrália, o desempenho físico dos atletas teve presença cativa no discurso da mídia. Corroborando com esse discurso, a Revista **Veja** (Figura 10), edição 1666 (13 de setembro de 2000), apresentou na capa um corpo feminino nu, todo na cor azul, destacado em um fundo preto com um título persuasivo: “O laboratório do corpo: as lições dos atletas sobre saúde cardíaca, peso, nutrição, longevidade e bem-estar”.

Figura 10 – O laboratório do corpo



Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital
Acesso em: 20 de Junho 2011

Davallon (2007, p. 31) considera “a imagem como um operador de memória social no seio de nossa cultura”. A imagem comporta no seu interior um percurso inscrito discursivamente em outro lugar (PÊCHEUX, 2007). Podemos verificar isso no corpo mostrado na capa, que opera como simbolização dos passos sincronizados da dança rítmica de solo ou da ginástica rítmica.

Ao consideramos a relação entre palavras e imagens, precisamos pensar em uma semiologia que leve em conta a forma como as palavras e imagens compõem o sentido, a maneira como as palavras estabelecem relações com as imagens. Por exemplo, na capa, a palavra *Corpo*, escrita em “itálico”, aparece meio “inclinada”, o que sugere a flexibilidade desse corpo que é esculpido, construído, refeito dentro de um laboratório.

A matéria da capa ratifica a solução didática e saudável para o estresse da vida moderna, apresentando um belíssimo ensaio fotográfico feito em preto e branco dos atletas, com seus corpos nus torneados de músculos. Não existe espaço para imperfeições. Na busca de transformar o corpo em uma máquina, a identidade é modelada nos músculos, como uma produção dominável. A coerção é feita pela demonstração do ideal físico, não há como obtê-lo sem vigilância e punição (FOUCAULT, 2009).

A Revista estabelece um diálogo unilateral com o leitor, habilitando-o como um profissional corporal que tem a obrigação de saber cuidar da saúde para dominar seu desempenho físico. O texto é direcionado aos resultados imagéticos e corporais obtidos pelos atletas que emolduram a capa e as dez páginas que compõem a matéria, um belíssimo atlas corporal atlético. Ao leitor, cabe apreender os ensinamentos das autoridades esportivas para transformar seu físico.

A reportagem de capa está fundamentada em discursos hierarquizados, estreitamente articulados, em torno de uma concepção racionalizada que propõe práticas reconhecidas institucionalmente, sempre por meio de profissionais da saúde, das práticas esportivas, da nutrição, ou qualquer outra autoridade que possua o direito de emitir tais discursos. São conselhos, preceitos, pareceres, observações, advertências, exemplos que remetem a uma mesma discursividade, um mesmo olhar que privilegia a adequação do sujeito às normas vigentes. Tais discursos impõem uma vontade de verdade que, como afirma Foucault (2000, p. 18), “apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos [...] uma espécie de pressão e um poder de coerção”.

Na sociedade midiática, em que as imagens são cada vez mais centrais, o corpo, como uma imagem a ser vista e apreciada, vem sendo progressivamente consumido, tendo por base os parâmetros de normalidade criados que, efetivamente, propõem diferentes práticas para o voltar-se sobre si. Assim, o que cada sujeito espera é poder ser apreciado e admirado nesse corpo que é passível de modificações contínuas nestes tempos em que ele aparece como responsabilidade individual de cada sujeito.

Nas capas da **Veja**, o “corpo-para-o-outro” (BOURDIEU, 2005) se converte em corpo-espetáculo. Em novembro de 2001, na edição 1728 (Figura 11), a Revista retomou o tema do corpo perfeito e apresentou-se como referência no assunto com uma reportagem de capa trazendo a seguinte manchete: “A ciência da boa forma. Depois de anos de estudos sobre o efeito da ginástica, os especialistas ensinam como melhorar seu corpo em poucos meses”. É interessante registrar a maneira como as letras em caixa alta, que compõem o título da matéria, estão distribuídas sob as curvas sinuosas do corpo feminino que aparece na capa.

Figura 11 – A ciência da boa forma

Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital

Acesso em: 20 de Junho 2011

A imagem apresenta apenas o tronco de uma mulher de corpo escultural. Parece ser comum em matérias sobre o corpo que o rosto da modelo não seja mostrado; é como se a identidade da pessoa da foto, que é marcada também no rosto, não tivesse importância. O que realmente faz diferença ou tem significado são os contornos deste corpo que apresenta características indicadas e desejáveis a todos os corpos femininos.

Na reportagem da capa aparecem informações sobre as partes do corpo que devem ser “trabalhadas”, a forma como são denominadas estas partes, o tipo de exercício adequado a cada uma delas, a frequência de repetições na semana etc. A Revista oferece também ao leitor um teste para saber se ele está ou não em forma e oferece ainda uma “receita para entrar em forma rápido”, garantindo que “graças aos avanços nos estudos sobre exercícios físicos, é possível perder peso e ganhar músculos em poucos meses” (Veja, 2001, p. 126). Todas as informações são disponibilizadas aos leitores em oito páginas, em uma visível tentativa de elucidar questões sobre o corpo, ressaltando a urgência de adaptação aos padrões sociais sempre cambiantes.

O discurso mantém o tom assertivo, imperativo e imediatista das edições anteriores, tão característico da atualidade, em que o efêmero simboliza o eterno. A reportagem, como o título afirma, objetiva mostrar uma “receita para entrar em forma rápido” e caracteriza o indivíduo que centraliza sua vida na construção do corpo: *body builder*. Obcecado pelo corpo, o *body builder* enxerga o seu físico como controle de sua vida, só tem preocupação em adquirir massa muscular, considera o treinamento físico a forma ascética de uma existência

dedicada aos músculos e à aparência, uma liturgia do corpo a ser moldado sem trégua (LE BRETON, 2007).

Os avanços nos estudos sobre os exercícios físicos possibilitam o indivíduo entrar em forma rapidamente, perdendo peso e ganhando músculos em poucos meses. O domínio do corpo é representado por uma vigilância constante exercida na academia, apresentada pela Revista como centro de coerção e reabilitação das mazelas corporais e da insegurança do sujeito moderno, ao afirmar que os exercícios físicos realizados em locais especializados são mais produtivos do que os caseiros. Afinal, desde os gregos, as praças esportivas eram consideradas verdadeiros templos sagrados.

A imposição de um ideal de beleza corporal cada vez mais rígido implica, também, a propagação de novos tipos de condenação moral, que envolvem a acusação de negligência àqueles que não conseguem se enquadrar nesse padrão. Assim, os imperativos da prevenção e do *fitness* se tornam compulsórios, generalizando a obsessão pela saúde, pela juventude e pela beleza. Tais fenômenos parecem constituir novos vetores do biopoder, desenvolvidos na sociedade contemporânea.

Treinar o corpo com o intuito de modelá-lo é tão recente e moderno quanto o seu próprio desnudamento (VIGARELLO, 2005). Essa prática se estendeu aos sujeitos plenamente, estabelecendo-se em lugares específicos, os “templos”, como as academias e também sendo assimilada em hábitos como uma corrida no parque, exercícios físicos como andar de bicicleta.

O culto ao corpo sai das academias e atinge o cotidiano dos sujeitos, libertando a prática do *fitness* da especificidade do local. Se por um lado passa a influenciar ainda mais a vida dos sujeitos, por outro, o abandono do templo não proporcionou ao treino a perda das regras ou a estrita demarcação do corpo, que é quantificado no tempo (por meio das séries, repetições dos exercícios) e no espaço (por ângulos, por proporções que se dão muitas vezes tomando como parâmetro o próprio corpo), é ordenado, estrategicamente posicionado por meio de técnicas corporais – técnicas essas que se mesclam com o próprio treino (até onde se é técnica, até onde se é treino?) e controlado pela disciplina.

Entretanto, ainda que científico, o conhecimento da Modernidade se dá em forma de hipótese, passível de ser retomada. Desconstruir o velho e promover o novo é uma das características modernas. Dessa forma, são possíveis enunciados que falam sobre “novos métodos” de se praticar o treino: o conhecimento em forma de hipótese e o apagamento das certezas, característicos da Modernidade, possibilitam que métodos de treino e *fitness* sejam remodelados, questionados e que surjam novos métodos que podem ou não ser uma forma de repressão aos anteriores. Para promover o novo, ele se constitui como verdade a ser adotada sem

questionamento e apoiada pelos especialistas – posições-sujeitos autorizados pelas relações de saber e poder para enunciar de tal lugar.

Ao interpelar o sujeito leitor, o enunciado cria uma relação de confiança e proximidade que torna possível uma mediação da experiência do culto ao corpo e o estabelecimento de padrões para esse corpo que contribuem para o processo de identificação. Diante do *body builder*, fala-se assim da construção do corpo pelo sujeito. Corpo esse que deve ter músculos definidos, ausência de gordura, força, ser sexualmente apelativo, ter flexibilidade e coordenação.

Outra capa da **Veja** (Figura 12), edição 1792, publicada em 05 de março de 2003, também apresenta um discurso sobre o *fitness*. O nome da Revista aparece em destaque na parte superior, com letras verdes e contornos brancos. A cor é um recurso que produz sentidos e verde sugere natureza, que tem relação com vegetais, folhas, hortaliças, chás, tudo isso remete a uma vida saudável. Alinhados no canto direito e centralizados na página, aparecem título (“Os limites do corpo”) e subtítulo (“Não é só suor: genética também determina os resultados da malhação”) da reportagem principal. O título, em caixa alta, é separado por uma linha (também na cor verde), isto é, um traço geométrico que denota demarcação, fronteiras. Essa linha representa questionamentos: até onde pode ir o excesso de exercícios físicos? qual é a fronteira?

Figura 12 – Os limites do corpo



Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital

Acesso em: 20 de Junho 2011

Na capa é materializado um corpo malhado, com contornos definidos que ficam nítidos pelas cores e pelo jogo de luz e sombra. A posição do corpo indica que ele está se exercitando. O corpo em exposição tem uma pele bronzeada, possui músculos bem torneados, que se sobressaem que estão flexionados por estarem trabalhando. É um corpo normatizado, mas desfigurado de feições, sem rosto. A roupa denuncia o suor produzido pelo esforço e deixa à mostra as formas e

contornos musculares. Os contornos do corpo são revelados com o propósito de mostrar sua constituição muscular.

Enquanto a imagem apresenta um corpo contorcido e contraído pela prática excessiva da malhação, o enunciado verbal revela que para se conseguir um corpo musculoso e bem torneado, é necessário mais do que um bom condicionamento físico. No enunciado “Não é só suor”, suor equivale à musculação. A vontade de controlar e modificar o corpo ocupa o lugar de mecanismos coercivos e exemplificam o que Foucault (2006a) denominou de biopoder, ou seja, a utilização de práticas, hábitos e exercícios físicos que conduzem a uma normatização do uso do corpo. O biopoder disciplina o corpo através das técnicas de malhação nas academias.

Os limites referem-se à malhação exacerbada através de uma obsessão estética. Os enunciados “limite” e “determina” se assemelham ao colocarem parâmetros corporais, ou seja, ao estabelecerem o que pode ou não ser feito no corpo por meio da musculação, de acordo com os saberes sobre o corpo. Tais saberes tornam-se verdades quando inseridos no campo científico. A Revista **Veja** discursiviza esses saberes na reportagem de dois modos: ora elogiando o leitor pelo corpo que a natureza lhe deu, ora ordenando-o a agir em busca de um corpo musculoso, para isso o corpo deve ser transformado e consertado constantemente.

Aos manuais cabe a função de regerar: ordenam ao sujeito o que fazer com seu próprio corpo, mostram como proceder com o *body building*, explicitam as normas, além de apontarem o resultado a ser alcançado para que o sujeito entre para a ordem do discurso tida como norma. Mas, por que essa necessidade de comprovar a cada instante a eficácia dos modelos de treino apresentados? Entra então em foco a questão da vontade de verdade, que faz com que o sujeito entre em uma ordem do discurso que estabelece aquilo que pode ou não ser dito, o aceitável e o inaceitável. A necessidade dos discursos científicos para realizar essa vontade de verdade se justifica pelas características da própria Modernidade, que se pauta na cientificidade e não mais no misticismo dos séculos anteriores (GIDDENS, 2002).

Consequência de um trabalho de agendamento e de tematização, por meio de operações enunciativas, que são, fundamentalmente, discursivas, o corpo-verão ilustrou a capa da **Veja** (Figura 13), em janeiro de 1997, na edição 1477, com a imagem de um casal exibindo corpos bem torneados, conforme o título, “Prontos para o verão”. Como subtítulo, a Revista apresenta “Como as novas técnicas de ginástica estão esculpindo os músculos nas academias”. Mais uma vez, é mostrado ao leitor que é preciso ter um corpo musculoso para estar dentro da ordem do discurso social.

Figura 13 – Prontos para o verão

Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital

Acesso em: 20 de Junho 2011

A Revista comenta sobre a nova receita das academias: “aeróbica para a saúde e definição muscular para a vaidade” e apresenta a malhação como a atividade financeira que mais cresce no Brasil. Ao defender a prática da musculação, afirma que “corpos esculturais não são exclusividade de quem vive da imagem: uma musculatura apumada está ao alcance de qualquer um graças a ginásticas precisas” (Veja, 1997, edição 1477, p. 69). Desse modo, a atividade física é apontada como o caminho para manter o corpo belo e saudável e a disciplina e dedicação são consideradas indispensáveis para a obtenção de um bom resultado. O corpo musculoso é visto como um objeto tangível de ser moldado e deve ser exposto como objeto de contemplação e sedução.

Com uma linguagem clara e objetiva, são apresentadas técnicas para o leitor trabalhar partes específicas do corpo. Braços, peitos, coxas, abdômen e quadril são mensurados em um jogo de números composto de frequência e repetições em séries de exercícios físicos que estabelecem normas de propriedade muscular. Medidas determinantes e determinadas fazem do indivíduo um objeto a ser modificado, se necessário.

A política da estética corporal, implantada e mantida pela Medicina moderna, legitima a prática quase compulsiva de um cuidado constante com o corpo, principalmente na estação do verão, época em que o corpo fica mais exposto nas praias ensolaradas do país.

A preocupação com o excesso de exercício físico, de forma compulsiva, podendo gerar prejuízos à saúde, é tema central da **Veja** (Figura 14) em fevereiro de 2008, na edição 2046. A capa exhibe uma mulher com um corpo musculoso, aproximando-se de um corpo

masculino. O título da matéria de capa questiona o controle imposto ao sujeito no cuidado com o corpo assim como as práticas de consumo geradas por esse controle sobre o físico e mostra quando o exercício começa a fazer mal para o corpo e a atrapalhar a vida do indivíduo.

Figura 14 – Assim é demais?



Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital
Acesso em: 20 de Junho 2011

A capa apresenta um corpo de mulher musculoso, somente identificado como feminino pelo rosto da modelo, que segura um *halter* e expressa cansaço pelo esforço ao executar o movimento repetitivo. A imagem reforça o discurso que denuncia os excessos nada saudáveis, praticados para se conseguir um corpo musculoso e “sarado”. A mulher parece estar concentrada na atividade. Essa concentração é expressa pela atenção na respiração. A reportagem da capa defende que “quem malha pesado todos os dias e não pode viver sem isso pode estar fazendo mal à própria saúde” (Veja, edição 2046, p. 57) e mostra quando o exercício começa a fazer mal para o corpo e a atrapalhar a vida do indivíduo.

Cresce o número de mulheres musculosas, cujos corpos são reconstruídos, modelados em academias de ginástica. Não é de hoje que a mulher começou a fortalecer sua musculatura, igualando-se fisicamente ao homem, visto que profissionalmente conquistou seu espaço. A definição do corpo em músculos passou a ser alvo tanto de homens como de mulheres, reflexo da busca pela igualdade de gêneros. À medida que as mulheres ficaram importantes profissionalmente, ficou evidente que a beleza adquiriu maior relevância para elas. Não foi suficiente trocar o vestido pelo terno, trocou-se também de corpo, isto é, o corpo frágil e delicado foi substituído pelo corpo forte e musculoso. Na opinião de Wolf (1992, p.36),

“quanto mais perto do poder as mulheres chegam, maiores são as exigências de sacrifício e de preocupação”.

Parafraseando Foucault (2009), os sujeitos dóceis da contemporaneidade são presas fáceis do consumo, gastam tempo, dinheiro e energia em excesso para se enquadrar no rígido modelo corporal da indústria da moda e do *fitness*, são versões modernizadas pela tecnologia do sujeito-corpo, criada pela ciência e pela Medicina. Tais sujeitos não representam ameaça para os valores estabelecidos e dificilmente podem trazer alguma contribuição para qualquer processo de mudança ou de questionamento da ordem social.

Para que tenham seu corpo transformado em um “corpão”, os sujeitos são “seduzidos” pelo discurso midiático a pensar no corpo como uma obra de arte, que se deve esculpir, copiando o modelo que estiver na moda e praticando a malhação que permite definir seu corpo, conforme o molde que está espetacularizado na mídia. O próximo capítulo aborda o espetáculo de imagens na ordem do discurso midiático. Nele, dentro de um batimento descritivo-interpretativo, analisamos enunciados discursivos inseridos no trajeto temático sobre a plastificação do corpo.

3 O ESPETÁCULO DE IMAGENS NA ORDEM DO DISCURSO MIDIÁTICO

É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. [...] Não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. [...] Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’ (FOUCAULT, 2009, p. 118).

3.1 A onipresença do corpo espetacularizado nas capas da VEJA

A noção de espetáculo, como desenvolvida por Guy Debord, permite-nos refletir sobre a natureza das representações corporais na contemporaneidade. Para o autor, “toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (DEBORD, 1997). Segundo ele, o espetáculo constitui o modelo da vida nas sociedades de capitalismo tardio contemporâneas, atuando por meio de diversas formas, especialmente através dos meios de comunicação. O mundo vivido passa a ser representado por imagens que tomam o lugar do real. Essas representações têm como marca uma enorme positividade, cuja principal afirmação é “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. Assim, como principal produção da vida atual, o espetáculo “não deseja chegar a nada que não seja ele mesmo”.

Nesse sentido, temos o fenômeno da espetacularização do corpo, do qual tem se ocupado a mídia. E é sobre esse corpo-espetáculo e esse espetáculo do corpo que montamos e analisamos nosso *corpus*. A espetacularização consiste, grosso modo, na conversão de um acontecimento, saber, objeto ou algo do tipo em evento inusitado, digno de propagação; que eleva o objeto (o corpo) ao nível de um espetáculo.

Embora o conceito de espetáculo não possa ser reduzido aos meios de comunicação de massa, “a vitrine do espetáculo”, sua face mais visível, seu monólogo ininterrupto e auto-elogiioso, é composta por este complexo sistema de mídias que Débord postula como modelo socialmente dominante, como “afirmação onipresente” da lógica da produção industrial e do consumo de massa, “presença permanente” das justificações do sistema ocupando o tempo livre do indivíduo, sob as mais variadas formas de produtos espetaculares: informação, lazer,

publicidade. Se, como observamos antes, nas sociedades contemporâneas, o corpo passa a ocupar um lugar central, e nas mídias se torna mais explicitamente um *corpo-espetáculo*, esta construção se articula fortemente com o consumo: é o surgimento do *corpo-mercadoria*. E o espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social (DEBORD, 1997).

Já que o corpo traz em si as marcas da sociedade, os sujeitos tentam imprimir nele as marcas que delimitarão o seu lugar nas significações sociais da vida cotidiana. Tais sujeitos se inserem na lógica da “sociedade do espetáculo” pensada por Debord (1997), na qual “parecer” é o bem supremo da civilização, acima do “ser” ou do “ter”. Não importa o comportamento que leva a um corpo saudável, o que importa é a imagem que se projeta no mundo. E a solução que a indústria da metamorfose apregoa é a de proporcionar uma bela aparência sem o ônus que ela pode trazer. O imediatismo faz com que uma lipoaspiração substitua uma alimentação saudável, um regime ou exercícios físicos regulares sem questionar os hábitos alimentares, o comportamento e a vida sedentária.

As imagens passaram a ter um papel central na sociedade consumista. Tudo se transformou em espetáculo, visto não como um conjunto de imagens, mas como uma relação entre pessoas, mediada por imagens. Conforme Debord (1997, p. 16), o espetáculo é a afirmação da aparência. “Ele se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Não diz nada além de ‘o que aparece é bom, o que é bom aparece’”.

Segundo Garcia (2005), a imagem corporal divulgada na mídia ganhou notoriedade e proporção. A busca do corpo ideal deixou, então, a retórica de uma vida saudável e se transformou em obsessão para muitos indivíduos. A cena contemporânea constrói diretrizes estéticas e plásticas e conseqüentemente influi na forma de como o corpo é vislumbrado pelo indivíduo.

O discurso midiático, com sua forte e invasiva onipresença na sociedade contemporânea, constitui uma engrenagem poderosa como forma modeladora dos corpos. Porém, como afirma Ferreira (2008, p. 20), ao mesmo tempo em que esse discurso “atua na direção da planificação niveladora dos sentidos, [...] ele produz efeitos distintos, não controlados, e que acabam, por vezes, dada essa *tensa alquimia* em que somos jogados, a provocar o efeito inverso de diluição e esfacelamento de sentidos” (grifos da autora).

Milanez (2004, p. 185) argumenta que “a mídia parece ocupar lugares, muitas vezes, previamente definidos, exercendo o saber de seu controle, deixando-nos de mãos atadas, olhando-nos na solidão”. A visibilidade é também a maneira como o poder se exerce sobre os indivíduos. Transforma-os em objetos de múltiplos e interligados olhares que se exercem por

meio do exercício diário de controle. É a configuração de uma nova visibilidade que surgiu no fim do século XVIII. Esse sistema de aprisionamento pode nos fornecer algumas perspectivas para analisar a mídia.

A mídia é responsável pela visibilidade pública dos nossos corpos, ou seja, por meio dela, os corpos são cada vez mais visíveis. Ela distribui seu discurso fazendo com que o *Panopticon* ganhe nova configuração, ou seja, molda o olhar de todos e, assim, todos se vigiam. Desse modo, a mídia arroga-se o direito sobre o sistema de visibilidade do corpo, é nela que o acontecimento discursivo relativo ao corpo se realiza. Gregolin (2004, p. 133) afirma que, em Foucault, o controle torna-se uma vigilância panóptica, praticada na sociedade moderna ao abrigo de uma diversidade de formatos: “que vão desde as câmeras colocadas em cada canto dos prédios até as estatísticas e os sistemas de segurança que são usados para aferir e modelar o cotidiano”. Esses formatos coexistem, enquanto sistema de visibilidade do panóptico, com um sistema de visibilidade mais geral: o da Mídia.

Não se trata de dizer que a visibilidade produzida pela mídia seja idêntica à do panóptico, mas, ao possibilitar a visibilidade de estilos de vida, a mídia se coloca no lugar de outro que diz o que deve ser feito para se tornar pertencente a um grupo aceito; tornando-se, portanto, um “vigia” que não pode ser determinado como aquele que impõe tendências. Panópticamente, a mídia incute no sujeito o poder que exerce.

Sobre essa questão, Navarro (2007, p. 97) considera que “o saber e o poder exercidos pela mídia permitem-lhe praticar um ‘panoptismo’ a partir de um lugar próprio, de onde tudo observa, mede, controla e transforma os fatos em acontecimentos históricos e memoráveis”. A visibilidade midiática produz sujeitos que, além de tentarem se enquadrar nos estilos de vida sugeridos, também vão vigiar outros sujeitos, tratando-os como inadequados através da interdição. Mas, ao produzir vigias, a mídia não perde seu posto, visto que o controle é exercido por meio de uma comunicação contínua que assegura o seu papel.

Ao conceber a mídia como uma “prática discursiva”, Navarro (2008, p. 226) leva em consideração a heterogeneidade de discursos que ela possui. Esses discursos, além de veicularem informações, produzem cultura e “geram no leitor um sentimento de pertença à determinada coletividade”. Conforme o autor, a heterogeneidade é constitutiva do discurso da mídia, porque nele falam diversos sujeitos, entre outros, o jornalista, o fotógrafo, o cartunista, o cientista político, o sociólogo, o historiador.

Foucault (2007) considera o corpo como o *locus* privilegiado de ação do poder e do controle social. Para ele, além das marcas da natureza, os corpos trariam impressos em si as marcas da cultura. Em nossa sociedade, essa ação da cultura sobre os corpos é, em grande

parte, promovida pelo discurso midiático. A visibilidade da mulher, relativa à aparência física (o espetáculo visível), corresponde ao olhar de um(a) espectador(a), quase sempre invisível, porque está fora das imagens. Apesar de invisível, ele ou ela são a fonte do olhar e aquele que olha, constantemente, sem ser olhado adquire uma posição de força, de poder. É o olhar disciplinador: “É o fato de ser constantemente visto, de ser sempre susceptível de ser visto, que mantém o indivíduo disciplinado na sua sujeição” (FOUCAULT, 2007, p.187).

Ao participar da construção e da divulgação dos padrões corporais em nossa sociedade, a mídia produz sentidos. De acordo com Debord (1997), na sociedade do espetáculo, os atos precisam ser visualizados e, se possível, estimados por muitas pessoas. Para tanto, torna-se necessário espectadores para avaliar o espetáculo, fato que rende às imagens um lugar privilegiado. Neste sentido, Birman esclarece que

a imagem é, pois, condição *sine qua non* para o espetáculo da cena social e para a captação narcísica do outro. A imagem é a condição de possibilidade da sedução e do fascínio, sem a qual o ideal de captura do outro não pode jamais se realizar neste festim diabólico de exibicionismo (BIRMAN, 2007, p. 188, grifos do autor).

Assim, a busca incessante da mulher pela imagem de um corpo “perfeito” reside no desejo de capturar o olhar do outro para o seu corpo. Tendências exibicionistas alimentam as novas modalidades de construção do corpo, numa espetacularização do eu que visa à obtenção de um efeito: o reconhecimento nos olhos do outro e, sobretudo, o cobiçado fato de “ser visto”. Nesse contexto, a subjetividade é estruturada em função da superfície visível do corpo, que se torna um espaço de criação e um campo propício para a expressão do que cada um é.

Nas capas que compõem nosso *corpus*, destacam-se os simulacros de corpos idealizados segundo um modelo de corporeidade que se inscreve na perspectiva do “parecer” para o outro. Nesses simulacros, ganham relevância os modos de constituição corpórea que se orientam mediante um conformar-se a uma estética corporal proclamada no social. O sujeito remodela seu corpo buscando reconfigurar sua aparência, segundo um modelo de corporeidade idealizado, tomando por base o predomínio do “parecer”, em oposição às relações do si consigo.

Trata-se do corpo refeito pela cirurgia plástica, pela prótese de silicone, por intervenções tecnológicas, de superfície ou invasivas que, muitas vezes, obrigam o sujeito a redimensionar suas relações com o espaço que o cerca. Nessa perspectiva, a dimensão orgânica do corpo é apagada. E um novo corpo é apresentado sem pêlos, livres de suor, dor,

fadiga, sensações, como postulam Deleuze e Guattari (1996), um “corpo sem órgãos”. Um corpo que não adoece, não se deprime, não engorda, não envelhece e tende à imortalidade.

Para Deleuze e Guattari (1996, p. 15), o organismo teria apenas a função de atuar como “fenômeno de acumulação, coagulação, sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil”. Nas palavras dos autores, “o corpo sem órgãos é o campo da imanência do desejo, o plano de consistência própria do desejo (ali onde o desejo se define como processo de produção, sem referência a qualquer instância exterior)”. Ou seja, por mais que a sociedade coloque barreiras ou formas de cercear a atuação do sujeito, a incapacidade de controlar o corpo faz dele um rebelde que não se deixa aprisionar ou que, pelo menos, subverte a tentativa de controle que vem do mundo exterior.

Por entendermos, assim como Foucault (2008a), o corpo como lugar no qual se inscrevem as leis sociais, por meio de práticas e discursos, nosso intuito é compreender o discurso produzido pela mídia atual relacionado ao processo de construção do corpo. Diante disso, cabe interrogar a importância da ciência na modernidade e sua influência sobre o sujeito, sua identidade e seu corpo. Como esses conhecimentos, enunciados a partir de uma determinada posição ou instituição (a ciência, o cientista, o conhecedor, o especialista) e inseridos em formações discursivas específicas, são refletidos no corpo do sujeito, e quais são esses saberes (permitidos e alicerçados por poderes) que essa forma de discurso lança sobre o sujeito e sua identidade – discursos esses que emergem no cotidiano da mídia impressa, especificamente na revista **Veja**?

A inserção do corpo na rede de saberes que discursivizam sobre ele estabelece, sempre, novas relações de poder, entendido aqui na perspectiva foucaultiana. Esse poder tem funcionado como um organizador de sistemas de classificação – sociais, culturais, políticas, econômicas –, interpelando cada um de modo a posicionar cada sujeito a ocupar seus devidos lugares nas representações que estão em jogo. Assim, interessa-nos delimitar/demarkar quais os mecanismos, produzidos em meio às relações de poder, que governam as práticas de significação do corpo e são tomados como verdade.

Nos anos 1980, a Revista **Veja** passou a publicar reportagens sobre os milagres realizados pelas cirurgias plásticas, tratamentos estéticos e cosméticos corretivos. A capa da edição 933, em 23 de julho de 1986 (Figura 15), situa o leitor a respeito da guerra declarada contra a feiura e as respectivas técnicas hedonistas, especialmente faciais, descobertas pela Medicina. A perfeição das formas femininas é estampada na capa com um sugestivo título, destacado em letras maiúsculas:

“A criação da beleza”. Logo abaixo, em letras menores, vem um complemento: “como a cirurgia melhora seu corpo e retarda o envelhecimento”.

Figura 15 – A criação da beleza



Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital

Acesso em: 20 de Junho 2011

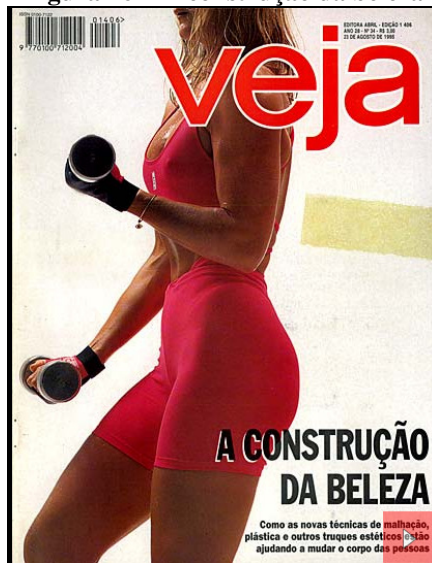
Os efeitos gráficos que ilustram a capa com luzes em néon mostram a evolução tecnológica da década e sinalizam a tendência de virtualização dos corpos, tão presente atualmente em expressões como “aplicação a *laser*”, “cirurgia sem bisturi”, dentre outros, assim como o uso dos recursos do *photoshop* trazendo outros significados. As práticas de consumo passam a se concentrar em um novo corpo, modificado pela ideia de compra da beleza e pela exatidão de medidas. O indivíduo é responsável por atingir o corpo perfeito a qualquer preço.

No discurso acerca da metamorfose corporal, a revista elabora sua teoria sobre a tríade da beleza e perfeição: consertar o que está errado, curar o que está doente e conservar o que está bem para que não se estrague. Na medida em que produtos e serviços estéticos são apresentados, relacionando o corpo, enquanto objeto de consumo, a uma imagem perfeita a ser perseguida e alcançada pelos leitores, **Veja** atribui ao corpo um significado versátil. Essa imagem corporal veiculada pela Revista é denominada por Camargo e Hoff (2002, p. 26) de corpo-mídia, que “apresenta-se como prótese, corrige as imperfeições do corpo natural e o torna refém de sua perfeição. É o ideal a ser perseguido, não no que se refere à essência, mas à aparência”.

Na sociedade individualizada do final do século XX, o corpo magro e plastificado transformou-se em um ícone a ser referenciado. Simbolicamente, os corpos renascem nos tratamentos estéticos, prolongando sua jovialidade e deixando-os aptos para consumirem mais produtos e serviços. A manutenção de um corpo belo é necessária para a realização profissional do indivíduo.

Em 1990, a Revista apresentou a temática do corpo plastificado quando comentou sobre “A construção da beleza. Como as novas técnicas de malhação, plástica e outros truques estéticos estão ajudando a mudar o corpo das pessoas” (Edição 1406, 23 de agosto de 1995). A capa (Figura 16) é dirigida às mulheres que devem malhar e submeterem-se a tratamentos estéticos e cirúrgicos para alcançarem o corpo escultural propagado na mídia.

Figura 16 – A construção da beleza



Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital
Acesso em: 20 de Junho 2011

Nesta época, a exigência da perfeição física já era um cenário que massacrava mulheres anônimas e servia como justificativa para que 90% delas confessassem não aceitar algum tipo de imperfeição física e que se possível se submeteriam a uma cirurgia plástica para corrigir alguma parte do corpo. O título da reportagem de capa confirma a disciplinarização da Revista: “A vitória sobre o espelho. A conquista da beleza, que causa tanta ansiedade, nunca esteve mais à mão do que hoje, com a ajuda da medicina e da ginástica”.

O leitor é coagido a remodelar seu corpo e reconfirmar o controle sobre sua vida. O discurso da Revista reafirma a necessidade de a mulher ser bonita e jovem como signo de aceitação e integração sociocultural. Nas páginas da reportagem, o argumento principal é que, com tantos recursos ao alcance das mãos e dos bolsos dos brasileiros e as facilidades de pagamento, nunca a beleza tornou-se tão imperativa no imaginário feminino: é obrigatório ser bonita, magra e saudável.

Pela primeira vez, a Revista exhibe as transformações provocadas por erros médicos nas cirurgias plásticas. São mostradas também algumas técnicas de coerção e punição, dentre elas, um macacão de *nylon* que quando ligado – eletricamente – pressiona os tecidos

gordurosos do corpo, ativando a circulação sanguínea, resultando na eliminação de toxinas pela urina.

Atualmente, na ânsia de moldar o corpo, muitas mulheres praticam *tight lacing* - "laço apertado" - cuja finalidade é perder medidas. Essa prática remete ao uso do espartilho como antigamente e pode trazer muitos riscos à saúde. Quem recorre a essa medida acredita que, ao usar a peça apertada sobre o corpo, poderá manter a postura ereta e terá mais êxito nas dietas, pois, com o estômago pressionado, não conseguirá comer muito. Confeccionado em várias camadas de tecido resistente, o espartilho contemporâneo possui reforços em alumínio ou aço inoxidável embutido para pressionar áreas estratégicas, quando a amarração das costas é puxada e apertada. Para modificar o formato natural da região, é preciso usá-lo diariamente e por longos períodos. Médicos, porém, desaprovam esse tipo de prática.

Apesar dos alertas, muitas mulheres se submetem a estas e outras práticas perigosas para conseguir uma silhueta perfeita. Isso comprova o quanto somos assujeitados por padrões de beleza. Plásticas, próteses, dietas, musculação são imperativos que funcionam como uma dobra, pois internalizamos o que vem “de fora para dentro”, nos produzindo e nos tornando sujeitos desses aprisionamentos. Os padrões de beleza mostram-se como algo possível e realizável se alguns passos de autogerenciamento forem seguidos, tais como: moderar a alimentação, exercitar-se continuamente, estar disponível a tortuosas intervenções cirúrgicas e, acima de tudo, admitir a necessidade de tais intervenções. Tudo isso alicerçado numa pseudo liberdade de gerir e transformar o corpo que, ao mesmo tempo, é submetido a tantos controles, mesmo após a liberação dos corpos femininos da prisão dos espartilhos.

Embora seja necessário se considerarem as inúmeras aberturas conquistadas pelas mulheres ao longo do tempo, é relevante atentarmos para discursos que não cessam de exercer controle (que da repressão deslocou-se para a estimulação). Atualmente, somos vítimas de coerções, as quais se investem também para dentro de nós, na construção do desejo de atualizarmos nossos corpos através de aparatos que estão disponíveis.

Assim, saberes oriundos de outros campos, médico, científico etc. vêm compor a oferta de sentidos midiática sob a figura de um “sistema perito”, constituído por um corpo de “especialistas” que, no campo midiático, operam estratégias de produção de sentido, com base em saberes oriundos de outras áreas. Este quadro de especialistas assume a figura de um conselho de consultores: nutricionistas, cirurgiões plásticos, professores de educação física, entre outros que, detentores de um “saber” especializado, reúnem conhecimento acerca do corpo feminino, visando a legitimar o discurso midiático.

Sobre essa legitimação do discurso midiático, Navarro (2010, p. 84) afirma que a mídia “é um campo institucional em que o sujeito que nela fala é, ao mesmo tempo, aquele que pode dizer a verdade dos fatos – pelo saber que detém sobre eles – e aquele que pode produzir os fatos na sua verdade e submetê-los à realidade – pelo poder que exerce na sociedade”.

No início do século XXI, em janeiro de 2001, a Revista **Veja**, na Edição 1683 (Figura 17) propõe uma reforma corporal e disponibiliza ao leitor outra matéria sobre o culto ao corpo. Nesta edição, a capa é composta por um rosto de uma mulher, retirando a própria pele, como se fosse uma máscara facial a ser descartada, juntamente com o persuasivo título, em letras maiúsculas: “De cara nova”. O subtítulo explica que “com operações mais baratas, alternativas de conserto para quase tudo e grandes médicos em atividade, o Brasil passa a ser o primeiro do mundo em cirurgia plástica”.

Figura 17 – De cara nova



Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital
Acesso em: 20 de Junho 2011

Com a eliminação da gordura e o enrijecimento dos músculos, cabe ao sujeito também eliminar suas marcas temporais, na busca da juventude eterna. A matéria da capa, intitulada “Brasil, império do bisturi”, comenta que “a facilidade e a rapidez com que o brasileiro se submete à cirurgia plástica transformaram o país no maior consumidor desse tipo de operação e num celeiro de médicos respeitados internacionalmente” (Veja, 2001, p. 84). Com uma linguagem objetiva e bastante clara, são registradas as facilidades encontradas pelo brasileiro para transformar seu corpo.

Dando credibilidade a este cenário promissor, números fantásticos de adesão às próteses e correções cirúrgicas são apresentados. Além das imagens corporais, fragmentadas de modo a informar melhor o leitor sobre o assunto, quadros estatísticos, misturam-se a fotos de cirurgiões famosos e de belas mulheres, que consolidam o trabalho das autoridades médicas, considerados “magos estéticos”. Compondo um mosaico mágico-corporal, ao lado de cada autoridade médica está posicionada a celebridade brasileira que foi esculpida.

A mídia adquiriu um imenso poder de influência sobre os indivíduos atribuindo à aparência uma dimensão essencial na sociedade do espetáculo. Para muitos especialistas da saúde, a mídia é uma vilã. Entretanto, em algumas ocasiões, ela é responsável pela exposição para toda a sociedade de problemas que dificultam uma vida saudável.

A Revista **Veja** assume esse papel na edição 1741, em 6 de março de 2002 (Figura 18), próximo ao Dia Internacional da Mulher, ao publicar uma capa com a imagem de uma mulher, de pele lisa e sem rugas, sendo retocada por três cirurgiões, representando escultores que retiram as imperfeições naturais, em um constante movimento de “estica e puxa” em uma pele que, metaforicamente, assemelha-se a um tecido sem nenhuma ruga.

Figura 18 – Os exageros da plástica



Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital

Acesso em: 20 de Junho 2011

Na parte inferior da capa, com destaque em letras maiúsculas, é veiculada a seguinte manchete: “Os exageros da plástica”, complementada, logo a seguir, pela afirmação: “os avanços da cirurgia estética são incríveis, mas é preciso evitar excessos”. Dessa maneira, a Revista se propõe a denunciar o aumento das práticas de consumo em relação ao culto ao corpo e as preocupações dos médicos com a constante reconstrução da beleza.

Com o título “Corpos à venda”, a matéria de capa discute os limites das intervenções e mostra que, movidos pelo desejo legítimo de ter uma aparência melhor, milhares de brasileiros recorrem à cirurgia plástica como quem vai às compras. É traçado um paralelo entre o aumento das cirurgias e o crescimento econômico e social da classe C, mostrando que a cirurgia plástica institui-se enquanto saber-poder, passando de serviço de elite – acessível anteriormente à classe A – a popular. É questionado o saber-fazer de quem redesenha os corpos. Segundo a Revista, boa parte dos médicos que afirmam ser capacitados não tem formação para praticar a especialidade.

Os corpos reparados são codificados e os resultados, pouco efetivos, expostos por uma matemática negativa sobre o culto ao corpo e à beleza. São apresentados em detalhes os saberes e modos de cuidar do corpo, sinalizando a aquisição de novas práticas corporais para o imaginário feminino.

As cirurgias plásticas fazem parte de um conjunto de práticas que constroem a imagem do corpo e reproduzem formas de pensar, sentir e agir, que o colocam como o ponto de contato principal no diálogo entre o indivíduo e a sociedade. Neste sentido, o simbólico modela o concreto, dá sentido a ele. O corpo é o local do conflito e as cirurgias estéticas são formas de intervenção da cultura que revelam o controle disciplinar dos corpos. A ordem social interage com o campo da saúde, ajudando a modelar o corpo de acordo com seus interesses e cabe aos sujeitos entender e utilizar essas estratégias, que tanto podem ser de resistência aos valores estabelecidos como de assimilação desses mesmos valores.

Cada vez mais, a subjetividade parece se ancorar na exterioridade da pele, nos sinais visíveis emitidos por um corpo que rivaliza constantemente pela captação dos olhares alheios em um mundo saturado de estímulos visuais. Assim, tendências exibicionistas e performáticas alimentam as novas modalidades de construção e consumo identitário, numa “espetacularização do eu” que visa à obtenção de um efeito: o reconhecimento aos olhos do outro e, sobretudo, o cobiçado fato de ser visto. Nesse contexto, a subjetividade é estruturada em função da superfície visível do corpo, que se torna um espaço de criação epidérmica e um campo propício para a expressão do que cada um é.

O poder da informação democratizada, aliado com a normatização da nova ordem corporal vigente, que oferece botox, silicone e lipoaspiração em várias prestações, chega ao leitor que passa a ter acesso a tratamentos estéticos corretivos. Percurso esse percorrido pelo poder, de acordo com Foucault (2008a): primeiro, o poder coage, por deter o saber; depois, é oferecido ao povo e divulgado como direito, mas não é gratuito. Desse modo, o poder é mantido, não mais imposto e sim desejado.

Na dupla “antes e depois”, o poder do saber e a aquisição do fazer caminham juntos. Isso está estampado na capa da edição 1872, de julho de 2004 (Figura 19), na qual duas mulheres são destaques, tendo ao seu lado fotos pequenas, pouco legíveis, que retratam como elas eram antes das cirurgias plásticas. Destacado em letras maiúsculas, o título tem uma relação com o discurso religioso: “O milagre da transformação”. Porém, ao lermos a matéria, constatamos que não há nenhum milagre e sim determinação e disciplina aliadas às condições econômicas favoráveis dos sujeitos que remodelaram seus corpos.

Figura 19 – O milagre da transformação



Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital
Acesso em: 20 de Junho 2011

Nessa forma de constituição corpórea, a dimensão estética do corpo se coloca em primeiro plano, reservando uma posição margeada ao plano subjetivo. Trata-se de um corpo construído na relação para o outro, centralizado na busca de uma plástica corporal admirada pelo outro, que lança mão de artifícios embelezadores que agem na superfície de sua aparência, figurativizados na cirurgia plástica, lipoescultura, próteses de silicone e intervenções estéticas de toda ordem. No limite desse procedimento, o corpo passa por um processo de desmaterialização e ganha uma nova identidade.

No discurso da Revista, constatamos a normatização do belo como comportamento natural. O poder deste discurso intensifica e dissemina coercivamente as formas de controle na sociedade atual. O discurso da **Veja** mobiliza um fazer-crer, que coloca em jogo a adesão ou não do sujeito leitor. O que está em jogo nessa relação não é, fundamentalmente, um dizer

verdadeiro, mas um “fazer-parecer-verdadeiro”, fundado na construção de efeitos de sentido. Neste sentido, cabe questionar como o discurso midiático faz parecerem verdadeiros os simulacros de corporeidades que divulga e que fundamentam seu discurso. Dessa maneira, possuir um corpo magro, jovem e bonito tornou-se o verdadeiro de nossa época. O mito da eterna juventude tende a construir corpos sem história, dos quais os sujeitos pretendem, com o auxílio da Medicina, apagar quaisquer vestígios do passado.

Tal discurso atua na construção de simulacros generalizantes de corporeidades, investindo em um padrão de corporeidade que se orienta pela perspectiva da saúde e beleza. Entretanto, o modelo de corporeidade assinalado, bem como os conceitos e noções instituídos em torno dele não correspondem a verdades absolutas sobre a saúde ou beleza, mas a estruturas modelares que atuam na redução e neutralização das diferenças, apontando para a edificação de estereótipos. A reiteração massiva dessas imagens tende a nos fazer enxergá-las como verdades únicas a serem seguidas, escamoteando outros modos de percepção do corpo.

Vale ressaltar que a arquitetura da beleza física é uma preocupação que tem acompanhado a história humana. Na Grécia Antiga, os corpos eram medidos e aperfeiçoados para serem exibidos à sociedade. A preocupação grega com composições geométricas ultrapassou os limites das construções e praças públicas e passou a influenciar o padrão físico de homens e mulheres.

Um conjunto de práticas abrange uma série de técnicas de gerenciamento do corpo e investimentos de vários campos, como a Medicina (tanto a Medicina estética quanto a clínica, com as cirurgias de redução de estômago, cada vez mais popularizadas entre as pessoas com sobrepeso); a Farmacologia (drogas emagrecedoras e rejuvenescedoras); a Nutrição (os complexos alimentares e vitamínicos, as dietas e o surgimento de alimentos de baixo teor calórico), além, é claro, do culto à forma física nas academias e no ambiente doméstico ou público, com o acompanhamento de um novo profissional específico produzido por essa cultura da corporeidade: o *personal trainer*²².

A ideologia da Revista é pautada no corpo liso, polido, talhado e jovem, em relação a um corpo divulgado e disseminado como um corpo verdadeiro, um corpo autêntico, que traz somente felicidades a seu usuário. O discurso da Revista se constitui como um poder exercido no sentido de “conduzir condutas” e, de certa forma, organizar as possibilidades a serem realizadas. A **Veja** utiliza-se de dispositivos de poder, entre eles, as imagens, que produzem

²² Profissional que monta e orienta um programa de atividades físicas específico para um indivíduo tendo em vista uma meta pré-determinada. Trata-se de um atendimento individual, mesmo que seja realizado em uma academia de ginástica.

significados idealizados para o corpo. Tais dispositivos regulam e governam as maneiras das pessoas pensarem e atuarem em relação aos seus corpos. Desse modo, as práticas discursivas (visuais e verbais), veiculadas pela Revista, produzem e instituem sentidos com os quais aprendemos a nos identificar.

Nossos corpos são modelados para que sejam “apagadas” as marcas inscritas no tempo vivido. Os sinais de natureza biológica, produzidos pelas transformações do corpo na sua existência, devem ser combatidos a qualquer preço, na medida em que eles representam a decadência inevitável do corpo rumo à velhice.

Para esse combate parece não haver limites. Sobre os limites dos mecanismos coercivos sobre o corpo, a revista **Veja** publicou uma reportagem especial na edição 2067, em julho de 2008 (Figura 20), na qual questionou os excessos de cirurgias plásticas realizadas no Brasil.

Figura 20 – Os limites do estica e puxa



Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital

Acesso em: 20 de Junho 2011

Com o título “Os limites do estica e puxa”, a capa apresenta a imagem de um rosto feminino, salientando os lábios, nariz, olhos e sobrancelhas, com a pele bastante esticada através de ganchos que puxam e repuxam partes do rosto como se ele fosse uma máscara que se molda facilmente. A reportagem registra o crescimento das cirurgias plásticas no Brasil e defende que o amor próprio de um indivíduo está mais relacionado ao sistema social do que às realizações individuais, pois é necessário mudar o corpo e, em seguida, divulgar a

metamorfose estética. A desqualificação do corpo, as modificações físicas permanentes, apresentadas como uma necessidade de autorealização, são questões discutidas na reportagem e confirmam a não aceitação do corpo “natural”, tal como ele se apresenta.

Vivemos em uma “cultura da máscara”, na qual a mídia constrói e divulga, ao mesmo tempo, modelos de beleza almejados e consumidos. A partir da plastificação corporal, a máscara usada passa a substituir o sujeito por um ser irreal, que persegue sempre um ideal de beleza, ou uma nova posição dentro de um grupo social. A relação entre o corpo real e o corpo ideal são aspectos que compõem a dominação dos corpos como forma de controle dos desejos. Nesse sentido, dispositivos de poder influem sobre o corpo, imprimem nele marcas de interdições, além de impor modelos e padrões disseminados, sobretudo, pela mídia, que detém e difunde os discursos da contemporaneidade.

A representação do corpo como uma máquina imperfeita e frágil que pode ser reconstruída e tornada “perfeita” pela ciência/tecnologia complexifica o cenário do totalitarismo da imagem e da aparência. Trata-se de um cenário fabricado pelo discurso médico da cirurgia plástica veiculado pela mídia e que colocou o Brasil na posição de segundo país que mais realiza intervenções deste tipo, atrás, apenas, dos Estados Unidos²³.

O discurso da Revista aborda o enorme poder atribuído ao cirurgião plástico, que exerce a competência de puxar, esticar, levantar, tirar e colocar próteses corporais. Não raro, ele acredita ser, além de médico, um artista plástico capaz de esculpir verdadeiras obras de arte. Tamanho é o poder concedido a esse profissional que originou um fenômeno social e de consumo no campo das cirurgias plásticas: o tratamento preventivo. Para comprovar que antes dos 40 anos as mulheres passam por vários procedimentos estéticos, são apresentados alguns exemplos na reportagem de capa: moças com pouco mais de 20 anos aplicam injeções de toxina botulínica na testa para prevenir as rugas de expressão; mulheres de 35 anos se submetem a *liftings*²⁴

A partir do discurso da **Veja**, constatamos que os regimes de verdade contemporâneos permanecem imersos em uma cultura somática, em vista da qual os corpos ganham visibilidade. Nesta perspectiva somática, o corpo é alvo dos mecanismos de controle e de produção subjetiva. Sobre o corpo contemporâneo, César (2009, p. 269) defende que “é ainda

²³ O Brasil é o segundo país no ranking mundial de cirurgias plásticas. Atualmente são realizadas mais de 1,7 mil cirurgias plásticas, ou seja, a cada hora, são 71 operações estéticas em pessoas que objetivam com o procedimento um corpo e um rosto perfeitos. O país só perde em número de plásticas para os Estados Unidos, o primeiro da lista em todo o mundo. De acordo com pesquisa do Ibope, 69% das cirurgias plásticas são estéticas. Fazem parte desta estatística, homens e mulheres já que hoje, 18% das operações são em homens.

²⁴ *Lifting* da face completo é um procedimento estético utilizado para corrigir a flacidez da pele tanto da face como do pescoço.

mais plástico e maleável, pois a ele se destina um número quase infinito de intervenções visando produzi-lo como mais jovem, mais magro, mais flexível, mais leve, mais ágil, mais versátil e mais rápido”.

O crescimento do número de cirurgias plásticas no Brasil e a expansão da indústria da beleza, dos cuidados com o corpo e da metamorfose corporal fazem parte de um processo mais amplo de medicalização, no qual a tecno-racionalidade médica é levada a novas esferas da vida cotidiana. A popularização desses serviços e a banalização desses procedimentos cirúrgicos levam a novas construções de sentidos sobre o corpo, colocando-o como um artefato a ser modelado, um corpo de ocasião, que atenda ao interesse do momento.

A beleza física passa a ser o grande espetáculo que o indivíduo pode apresentar à sociedade. Isso tem relação com o pensamento de Guy Debord (1997), para quem o que era vivido diretamente tornou-se uma representação. O mundo das aparências busca inspiração em obras de artes consagradas, na representação dos padrões clássicos da beleza. A Revista **Veja** (Figura 21), edição 2084, de 29 de outubro de 2008, discute a questão da beleza na matéria de capa.

Figura 21 – Beleza



Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital

Acesso em: 20 de Junho 2011

A imagem de um belo rosto feminino é apresentada com traçados de linhas pontilhadas, que remetem a possibilidades de cirurgias plásticas para alcançar um rosto mais perfeito. O rosto da imagem é um fragmento a ser modificado e espera-se uma mudança que

proporcione o ideal de beleza, a perfeição das formas. Os cuidados com o corpo se transformam em fonte de investimento e preocupação. Esculpir a silhueta começa a se tornar um dever, a beleza é submetida a um trabalho de pensamento que busca afirmar a confiança em si. Segundo Vigarello (2006, p.219), “o corpo é uma argila que se molda à vontade da cultura física e aos cuidados da beleza”.

No imediatismo de uma sociedade que cultua a beleza e que se rende aos fenômenos midiáticos, aumenta, cada vez mais, a necessidade de os indivíduos se exporem em conformidade com os padrões de uma beleza perfeita. O excesso de exposição de belas modelos, tornando-as celebridades, ditou um novo padrão de beleza para as mulheres. O mito da beleza nunca foi tão explorado antes como nos dias atuais.

Pensar na visibilidade e centralidade do corpo para nossa constituição tem a ver, fundamentalmente, com seus diferentes modos de valorização e exposição na mídia, produzidos por diversos fatores. Dentre eles, é possível destacar o envolvimento de questões de ordem científica e mercadológica, produtores de saberes e produtos a serem consumidos para os sujeitos cuidarem de seus corpos. A atual obsessão pelo corpo “é sustentada por uma indústria, um mercado e um conjunto de práticas” (COURTINE, 2005, p. 84).

Segundo Wolf (1992), a ditadura da beleza ainda tem o poder de controlar as mulheres e desviá-las de questões sociais importantes. Muitas mulheres não acreditam que são lindas até conquistarem a aprovação oficial de um cirurgião plástico. Há uma disciplinarização da mulher no sentido foucaultiano, vigiando e punindo, para conquistar a beleza ideal.

As cirurgias plásticas estéticas traduzem a ideia do corpo como objeto a ser modelado. Para Le Breton (2007, p. 29-30), “a cirurgia plástica não é a metamorfose banal de uma característica física no corpo; ela opera em primeiro lugar no imaginário e exerce uma incidência na relação do indivíduo com o mundo”.

Na cultura atual, marcada pela competição e pelo consumismo, o corpo através de sua imagem idealizada, torna-se uma ferramenta de reconhecimento e de ascensão social. Para tanto, a beleza feminina deve adequar-se a medidas e padrões estéticos valorizados pela sociedade atual. Nesse sentido, a atual concepção de beleza, na grande maioria, é pautada por ideais corpóreos inatingíveis aos quais quem não corresponde é excluído. Partindo dessa concepção contemporânea, aperfeiçoar o corpo objetivando atingir a perfeição ou aproximar-se ao máximo das regras vigentes de beleza, como manter-se jovem e magra, tornou-se o ideal feminino da atualidade. Nesse sentido, a questão tradicional de aceitar ou não o corpo herdado, na atualidade, transformou-se em como e até que ponto mudá-lo, tendo como meta corresponder aos ideais estéticos valorizados pela sociedade.

Ainda dentro do tema das cirurgias estéticas, a **Veja**, na edição 2239, em outubro de 2011 (Figura 22), publicou uma capa com a imagem de uma mulher com um corpo escultural, bronzeado, um corpo ilusório, que flagra a irrerealidade, distante dos corpos reais. Ao produzir uma capa como esta, a Revista faz um esforço inatingível de confundir o visível com o “real” e mostra as conquistas da ciência médica à disposição do leitor, com o intuito de fazê-lo se preparar para mostrar o corpo durante o verão.

Figura 22 – Projeto Verão



Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital
Acesso em: 20 de Junho 2011

Nesta capa observamos alguns dos atributos que o corpo-verão deve ter propostos pela normatização do biopoder e esse corpo deve se adequar a essas normas, que são moduláveis e efêmeras. O discurso da Revista induz o sujeito-leitor a buscar a normalização, a adequação às normas através dos recursos tecnológicos associados à Medicina.

O “corpo-verão” é “construído” por meio de técnicas disciplinadoras que são elencadas ao lado da imagem na capa. Metaforicamente, a inserção do corpo em andaimes possibilita vê-lo “em construção”, por meio de um discurso que prepara o corpo para ser mostrado no verão. Essa construção constitui um espaço de ação estruturado pela ideia de governabilidade da mídia. As técnicas, materializadas nas dez palavras de ordem ao lado da imagem, com o jogo dos verbos só no infinitivo, em tom imperativo, (“levantar, aumentar, esticar, chapar, enxugar, preencher, definir, desentortar, engrossar, enfeitar”), normatizam os procedimentos necessários para se obter o corpo ideal para frequentar as praias brasileiras

durante a estação do verão. A instituição do corpo-verão se inscreve no contexto mais geral da dimensão midiática na constituição das identidades contemporâneas.

Elaborada com cores levemente “douradas” (evocando o sol, o calor), a capa envolve o leitor no jogo proposto pelo espetáculo, ou seja, prender, mesmo que seja por pouco tempo, os leitores diante dos dizeres inscritos nela. Esse espetáculo camufla o controle que será exercido sobre o leitor. A capa não é espetacular pela referência direta ao corpo, mas pela produção da imagem principal e dos enunciados verbais.

Em primeiro plano, a capa destaca o corpo bronzeado de uma mulher de biquíni cercado por um grande andaime, com operários trabalhando, o que sugere ser “um corpo em construção”, condizente com os padrões e modelos de beleza da sociedade contemporânea e com as relações de poder estabelecidas para a representação do corpo como objeto de desejo e de consumo a ser “imitado” e “copiado” pelas demais mulheres. Um corpo planejado dentro de um projeto de beleza, conforme o título da matéria de capa “Projeto Verão”, prolongamento da juventude e espetacularização das suas formas, exploradas midiaticamente como elementos identitários, sobretudo no cenário brasileiro, onde, todo o tempo, reverencia-se a sensualidade dos traços corporais da mulher e do homem, associando-os à sexualidade dos trópicos.

No que diz respeito à adesão ao padrão corporal construído pelas coerções apresentadas pelos discursos propagados pela modernidade, o Brasil assume uma posição de destaque no cenário mundial²⁵. A condenação dos indivíduos por sua não adesão a projetos de construção de uma corporeidade canônica fica evidente até mesmo nas formas que os economicamente excluídos adotam para inscrever-se no cenário cultural. É latente a distinção entre o corpo real, que deve ser escondido, maquiado e modificado quando não se encaixa nos padrões sociais, e o corpo ideal, ilusório. Ao transmitir a ideia de corpo perfeito, a Revista exhibe um modelo de corpo no qual inexistem imperfeições como celulite, rugas e estrias. Esse ideal perseguido é, na verdade, um corpo virtual, que difere consideravelmente daquele tomado como real ou original.

Para legitimar seu discurso, a **Veja** se utiliza da voz dos especialistas, trazendo o discurso científico, provocando um “efeito de verdade” sobre o que enuncia (“A ciência, a tecnologia e a medicina ajudam mulheres e homens a chegar esbeltos à estação do sol”). Fazendo uso do discurso médico, a Revista tenta controlar o corpo. Isso reforça o controle da

²⁵ O Brasil ocupa o terceiro lugar no *ranking* global de mercado de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos, ficando atrás apenas do Japão e dos Estados Unidos. De acordo com dados divulgados pelo Instituto Euromonitor, a indústria cosmética brasileira faturou, em 2011, mais de 43 milhões de dólares. No período, foi o país que mais cresceu no setor (Fonte: **Revista Caros Amigos**, ano XVI, nº 57, Julho 2012, p. 20).

sociedade sobre os indivíduos que começa no corpo. Antes de tudo, a sociedade capitalista investe no biológico, no somático, no corporal. O corpo é uma realidade biopolítica.

A voz do especialista possibilita a coroação da “verdade” sobre o corpo. Trata-se, portanto, de tomar o enunciado da capa por meio do estatuto científico, que o constitui como legitimamente produzido num espaço visível, que assegura a ele sua condição de verdade. O fato de ser dito tendo um apoio institucional confere ao enunciado não só um caráter de informação, mas produz uma maneira de ver a realidade.

Nas sociedades ocidentais, a biopolítica colocou o discurso médico no centro de suas ações, visando à medicalização e disciplinamento. Essa medicalização da sociedade ocupa lugar central quando o assunto é velhice. Os discursos que circulam sobre o envelhecimento são geralmente atrelados ao discurso da Medicina. A prática de hábitos saudáveis, alimentação adequada, atividade física e o constante cuidar de si são estratégias biopolíticas para a padronização e uniformização das subjetividades visando à saúde e à contínua vigilância dos corpos.

O apelo mercadológico acaba gerando a “obsessão pelo corpo bronzeado, malhado, sarado, lipoaspirado e siliconado”, que desenvolve no indivíduo a sensação de completude, de conexão com o mundo ou de completo isolamento quando este ideal não é atingido. Assim, as ocorrências de bulimias, anorexias, e depressões denotam este sentimento de isolamento em relação aos demais indivíduos com quem se relaciona.

Na sociedade moderna, em que o corpo é o centro e através dele o sujeito constitui sua identidade, como diz Ortega (2008), o indivíduo pode ficar velho, mas não deve aparentar. A ordem na relação saber-poder sobre o envelhecimento é a seguinte: *mais velhos, porém, mais jovens*. O corpo que se submete às regras necessárias para a obtenção de um corpo-verão não envelhecerá.

Como vivemos numa cultura do corpo em que a juventude é concebida como um estilo de vida e não uma fase desta; através do autogoverno, do cuidado de si, o sujeito deve seguir as regras, que são as mesmas para todos. Exercitar-se, comer bem, manter o corpo jovem. Sob a moral da “boa forma”, um corpo cuidado, sem marcas indesejáveis (rugas, estrias, celulites, manchas) e sem excesso (gorduras, flacidez), mesmo sem roupas, está decentemente vestido. Como lembra Courtine (2005, p. 96), ao abordar o desvelamento do corpo masculino americano no final do século XIX, “um corpo de homem, se é musculoso, não está jamais verdadeiramente nu”. Na opinião do autor, na virada do século, o ideal corporal masculino exigia uma massa muscular aumentada.

Os procedimentos normativos apresentados na capa nos alertam para a irrealidade de um corpo proposto pela **Veja** como sendo nosso. Como veículo de comunicação, a Revista torna-se um canal de manifestação de um discurso normativo, ao se utilizar de palavras que agregam sentidos e visam despertar-nos para o uso real que fazemos dos nossos corpos.

Consequência de um trabalho de governamentalidade, o “corpo-verão” é resultante de um processo de enunciação, sendo impossível pensá-lo distante dos mecanismos que apontam para sua construção ou agendamento de discurso. Através de novas tecnologias, o corpo pode ser desfigurado e recolocado dentro das perspectivas que o desenham. Nada no corpo fica imune aos processos de intervenção e transformação.

Esta construção de sentidos operada pela mídia não se dá de forma simplesmente impositiva ou autoritária. O discurso da mídia é atravessado por outros campos discursivos, revelando sua heterogeneidade constitutiva e conferindo legitimidade ao seu discurso. O sentido de um enunciado numa determinada formação discursiva varia de acordo com o lugar ideológico e a posição ocupada pelo sujeito. Compreendemos então, que a formação discursiva pode ser definida como aquilo que pode ou deve ser dito num determinado enunciado e espaço.

A partir de um conjunto de discursos, práticas e procedimentos de várias naturezas que visam a tornar o corpo culturalmente adequado, capaz de atender às exigências de uma corporeidade supostamente ideal, existente no imaginário social, a Revista **Veja** (Figura 22) apresenta soluções para aperfeiçoar o corpo, ao ordenar procedimentos a serem realizados por um sujeito insatisfeito com seu corpo. Isso leva a mulher a práticas incisivas sobre o corpo, com a finalidade de esculpi-lo, milimetricamente, através de procedimentos que lhe garantam ter o corpo “perfeito”. O uso das palavras no tom imperativo objetiva estimular o consumo e a venda de produtos e serviços anunciados na reportagem e diminui o espaço de liberdade da leitora: a escolha é, portanto, modificar, reconstruir, corrigir, reformar, pois, o importante é ter um “corpo-verão”.

Alguns desses discursos atuam como mecanismos coercitivos de controle, de ajuste à norma social vigente, incitam a falar, pensar, sentir e agir de acordo com o discurso competente dos especialistas. Entretanto, os discursos não são neutros, possuem uma história, têm interesses que nem sempre se revelam no primeiro olhar.

Os sujeitos tornam-se responsáveis pela administração contínua de sua própria saúde por meio de conhecimentos médicos, psicológicos e farmacêuticos adquiridos através do discurso midiático. Os parâmetros estéticos estão cada vez mais presentes nesses processos que confundem Medicina, Estética, publicidade, espetáculo e informação “científica” para o

senso comum, dando a ideia de uma eficácia que nem sempre é real. Ou seja, Ética, Estética e Saúde Pública também se confundem, e pensar a relação “beleza x saúde” implica levar em consideração esses fatores, que estão aparentemente distantes, mas que acabam interferindo nos cuidados com o corpo, com a preocupação com a beleza e com a saúde.

A busca pela metamorfose corporal traduz um investimento narcísico que reflete a relação indivíduo x sociedade. O corpo é o suporte da transformação do sujeito desejante, nele são depositadas as expectativas de transformação do sujeito em sua relação com o mundo, buscando visibilidade por meio das transformações corporais, adicionando ou, ao contrário, extraíndo ou modificando o que não deve ser visto. Este desejo narcísico é fruto de idealizações que nem sempre correspondem à realidade e, em geral, correspondem a desejos e projeções de sujeitos que não conhecem a verdadeira dimensão desta necessidade de transformação, suas causas reais, nem as consequências adversas que podem vir a acontecer.

Faz-se necessário modificar um corpo para que ele se adeque a um padrão coercitivo que impõe *status* social. Cria-se, assim, um conflito entre o corpo real e o corpo ideal, determinado pelas coerções de poder impostas pela mídia que dissemina moda para roupas e para corpos. Assim, o corpo transfere-se de “morada física da pessoa” para “patrimônio sócio-histórico-moral” e é capaz de revelar símbolos e discursos da sociedade líquida pós-moderna.

A constante valorização do corpo “perfeito” induz a mulher a não aceitar sua própria imagem, modificando-a de acordo com os ideais de beleza vigente. Conforme Courtine (2005), as técnicas utilizadas para a transformação do corpo são sustentadas por uma obsessão dos invólucros corporais. Para o autor, o desejo de obter uma tensão máxima da pele, amando o que é liso, jovem e esbelto, contribui para que os indivíduos recorram às mais diversas formas para adequar seu corpo conforme os padrões exigidos.

Nesse sentido, os avanços tecnológicos proporcionam um vasto arsenal de técnicas capazes de transformar o corpo feminino com grande rapidez. Seja através de cremes, medicamentos, aparelhos que reduzem medidas e/ou cirurgias plásticas, o corpo contemporâneo parece poder modificar-se quase que instantaneamente. Dessa forma, os artifícios utilizados para conquistar o corpo belo e adequar-se aos padrões de beleza encontram no “céu o limite”. Quer seja modelado através de exercícios físicos ou modificado e formatado em clínicas estéticas, o corpo assume caráter de plasticidade.

Desse modo, saberes oriundos de outros campos, jurídico, médico, científico, etc., vêm compor a oferta de sentidos midiática por um corpo de “especialistas” que, no discurso midiático, operam estratégias de produção de sentido, com base em saberes oriundos de outros campos. O discurso da Revista se apropria de outros discursos para legitimar sua fala.

Médicos, nutricionistas, cirurgiões plásticos emprestam suas “vozes” e saberes na construção de uma fala de autoridade, detentora de uma “verdade” sobre o corpo feminino. O espaço das matérias é o local onde a manifestação de “vozes” de terceiros se faz com mais evidência. Caminhar dentro da Revista nos possibilita conhecer as técnicas de cuidado de si que transformam os sujeitos, criando novas identidades nesta época instantânea em que vivemos.

A técnica de usar a gordura para “preencher” os corpos insatisfeitos mostra o cuidado de si, destacado pelo momento histórico no qual nos inserimos, passando a ser um desejo mostrado, produzido por práticas sociais, divulgado na Revista aos olhos dos que queiram ver, além de se colocar como uma técnica de conhecimento de si e dos outros. Por isso, os verbos elencados imperativamente na capa investem no cuidado que o sujeito deve ter consigo mesmo, através de uma vigilância constante, usando as técnicas necessárias para transformar seu corpo na busca da beleza e da eterna juventude.

A relação do sujeito com o corpo subjaz os enunciados (verbais e imagéticos) que circulam na mídia. Enunciados como os que aparecem na capa da **Veja** (Figura 22) funcionam como estratégia de controle e disciplinamento dos corpos, efeitos da ação do biopoder que, no dizer Gregolin (2007a), materializa-se no governo de si e, por força dele, o sujeito deve modelar-se a partir das representações que lhe indicam como deve (e como não deve) ser o seu corpo. A incidência de enunciados referentes à plastificação do corpo é uma marca desse poder que visa à gestão do corpo.

À medida que é imposta ao sujeito a autonomia para investir em seu corpo, aumenta também a cobrança por um corpo adequado aos modelos sociais propostos. Para atingir o “corpo-verão”, o sujeito deve investir na determinação e autodisciplina, acentuando, assim, uma forma de (auto)controle que é frequentemente lembrada por meio da pedagogização midiática e que, conseqüentemente, é por nós internalizada.

De acordo com Foucault (2008a), o sujeito está sempre submetido a formas de controle e dominação e, paralelo a isso, é convocado a lançar um olhar cuidadoso sobre si, construindo suas próprias verdades sobre o seu corpo. É, assim, instaurado o imperativo: “Seja o escultor de sua própria silhueta” (VIGARELLO, 2006, p. 165). O corpo esculpido é, de acordo com a Revista **Veja**, aquele que tem as nádegas levantadas, os seios aumentados, a pele esticada, a barriga “chapada”, os dentes desentortados, as pernas engrossadas etc.

Na contemporaneidade, o corpo adquire sentido no *parecer* e não no *ser*, tem valor simbólico e, conseqüentemente, valor de troca. Esse corpo da mediatização torna-se descorporizado, na medida que o que “exprime” é justamente um corpo “perfeito”, belo, jovem, leve, quase sem “peso”, livre de rugas, isto é, um corpo que parece ignorar suas

próprias marcas constituintes, um corpo sem história. O corpo transformado em objeto passa a ser construído, formatado, reparado e esculpido. Na cultura contemporânea, o corpo ultrapassa os limites biológicos, não é mais um corpo natural como de outrora: é um corpo normatizado e homogeneizado, estruturado por medidas corporais cada vez mais utópicas.

A reportagem da capa, intitulada “Operação Verão”, apresenta uma imagem centralizada em duas páginas (Figura 23), destacando uma mulher bastante bronzeada e com um corpo esculpido, em um dia ensolarado à beira-mar.

Figura 23 – Operação verão



Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital
Acesso em: 20 de Junho 2011

A imagem da mulher está construída como se estivesse exposta em um *outdoor*. Aliás, as duas páginas abertas funcionam como a intericonicidade de um *outdoor*, não tem o mesmo tamanho, mas funciona da mesma maneira para o leitor. Isso é muito interessante, pois conduz a um deslocamento de suporte.

A reportagem apresenta uma relação de intervenções estéticas ou soluções mais garantidas “para quem quer se mirar com um sorriso de confiança [...] no imenso espelho coletivo do verão formado por praias e piscinas” (Veja, 2011, p.121). A matéria traduz os novos modos de subjetivação do corpo. Inscrito numa ordem do discurso do disciplinamento e controle do corpo, o sujeito é induzido a exercitar-se, a buscar o “corpo-verão”, malhado e definido, que é objeto de desejo na sociedade contemporânea. Le Breton (2010) destaca que o corpo é compreendido, na atualidade, como um espaço a ser cuidado e transformado por meio dos recursos tecnológicos disponíveis na busca da longevidade e do rejuvenescimento. Dessa forma, usando as tecnologias disponíveis e se inscrevendo no ideal de juventude pregado pela mídia moderna, o corpo fica cada dia mais plastificado.

Observando os efeitos da biotecnologia e da medicina estética nos dias de hoje, constatamos que o crescimento das indústrias de cirurgias plásticas aumentam os limites do corpo, a maneira como ele pode ser reformado, modificado, minimizado, rejuvenescido. A aflição vivida por Drummond no poema *As contradições do corpo*, ao dizer que quer romper com ele, enfrentá-lo, acusá-lo por abolir sua essência, é um exemplo dos conflitos que o sujeito enfrenta com o corpo. “Quero romper com meu corpo, quero enfrentá-lo, acusá-lo, por abolir minha essência, Mas ele sequer me escuta e vai pelo rumo oposto”. O corpo não corresponde à maneira como o poeta se vê. Esse conflito do homem com o corpo é antigo e a maneira de lidar com ele apresenta mudanças ao longo do tempo. Historicamente, o corpo foi tomado como prova material da finitude da vida e seu envelhecimento, muitas vezes, é um trauma para o sujeito.

Um conjunto de práticas ascéticas é apresentado na matéria da **Veja** para o cuidado com o corpo. As maneiras como esses cuidados se materializam provocam como efeito de verdade, a ideia de que todo sujeito pode retardar ou anular os efeitos do envelhecimento. Esse efeito de verdade está ligado à criação da ilusão de “unidade” do sentido que é uma estratégia do discurso midiático (GREGOLIN, 2007a).

3.2 Corpo e intericonicidade: os ecos da imagem

Pela via da AD, o corpo pode ser tomado como espaço de inscrição da memória discursiva bem como espaço de contradição e (des)construção de identidades. A partir do diálogo estabelecido com os pressupostos de Jean-Jacques Courtine, que tanto contribuiu para os trabalhos do campo da AD, Gregolin (2008b, p.21) destaca a proposta de Semiologia Histórica, afirmando que ela abriu caminhos para o estudo das materialidades não-verbais que constituem a historicidade dos discursos. “Trata-se, a partir de então, de elaborar as bases de uma Semiologia Histórica a fim de pensar discursivamente as redes de imagens que constituem a cultura e o imaginário de uma sociedade”

Considerando a relação entre a Semiologia e a História, Gregolin (2008b), endossa as ideias de Courtine (*apud* MILANEZ, 2006a) e Milanez (2006b) e pensa em um dispositivo analítico que leva em conta a existência histórica da memória de imagens, partindo do princípio de que as produções imagéticas são analisáveis se forem consideradas a anterioridade e a exterioridade. O pensamento de Gregolin é respaldado pela noção de intericonicidade, postulada por Courtine. Tal conceito admite que “toda imagem tem um eco” e não apenas a imagem externa, mas também a interna.

A imagem e o corpo, interpelados por discursos, constituem um imaginário social que reverberam na produção e circulação de sentidos que sustentam as relações sociais. Portanto, o discurso da mídia sobre e para o corpo feminino interpela-o como espaço de memória discursiva, espaço de contradição e (des)construção de identidades, já que o corpo é constituído por outros discursos. Ao analisar a construção identitária na mídia a partir da AD, Gregolin (2008b, p. 32) afirma que a atenção centraliza-se nas “práticas discursivas que criam o “efeito de sentido identidade” em textos híbridos, cuja materialidade é composta pelas linguagens verbal e não-verbal”. Pela AD, os sentidos não se findam, se constituem e se deslocam na história e ideologia. As imagens são produzidas e ditas por um sujeito²⁶ que as legitima.

Em suas formas, o corpo é sempre relacionado às condições de produção e à pluralidade de discursos que incidem sobre ele e que permitem suas transformações, assim como sua construção imaginária. O corpo é interpelado por sentidos oriundos de um olhar sócio-histórico e ideologicamente determinado. Olhar para os corpos na história permite dialogar com a nossa história. Sobre essa questão, Milanez argumenta

o corpo é o meio pelo qual o ser humano pode problematizar o que ele é e o que o movimenta no mundo em que vive. Essas práticas, acima de tudo, corporais é o que poderia se chamar de “artes de existência”, ou seja, práticas reflexivas e voluntárias por meio das quais os homens tanto se fixam regras de condutas quanto buscam transformar-se a si mesmos, modificando – se no que eles têm de mais singular ao seguir uma obra no qual se inserem determinados valores estéticos que respondem a certos critérios de estilo (MILANEZ, 2006b, p. 188-189).

Com o poder da mídia e das imagens sobre o cotidiano humano, é nítida a discursivização sobre o corpo que esses lugares vendem, o corpo socialmente aceito e tomado como lugar de recompensas, desejos e, conseqüentemente, pecados. Entretanto, a mídia fala de uma posição discursiva ideologicamente constituída. Orlandi expõe que

a memória tem suas características quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza

²⁶ Este sujeito é tomado como uma posição discursiva que dela enuncia ou também uma instituição a partir da qual se constitui.

dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (ORLANDI, 2009, p. 31)

Tendo em vista o objetivo proposto deste trabalho, verificamos que as imagens do corpo belo e saudável nas capas da **Veja** funcionam como um dispositivo de etiquetagem e de disciplinamento do corpo. Essa Revista impõe técnicas disciplinares para atingir um corpo idealizado e ao seguirem o que lhes é imposto, os sujeitos não ficam fora da ordem do discurso que estabelece os padrões de beleza alcançados por um corpo magro. Há uma saturação identitária através das imagens que buscam generalizar modelos de identidades socialmente úteis, pois estabelecem paradigmas, estereótipos, maneiras de agir e pensar que simbolicamente inserem o sujeito em uma comunidade imaginada. Com a construção de novas verdades em relação à Medicina e de todo o aparato tecnológico criado em função disso, surgiram possibilidades impressionantes. São permitidas à nossa geração intervenções em nossos corpos que antes não eram sequer imaginadas. Aos poucos o corpo foi se transformando em nosso maior bem, no mais visível e merecedor alvo de cuidados.

Um corpo aparentemente a serviço de uma sociedade que se pauta pelo efêmero e imediato, cujos discursos são líquidos (BAUMAN, 2001), na qual o reconhecimento vem do olhar de outro igual e não apenas de uma autoridade. O corpo magro produzido pela mídia não é apenas sinônimo de vida saudável, ele funciona como mercadoria, como investimento, com seu valor de troca. O estilo e a aparência se tornaram fundamentais no mundo contemporâneo, decidindo o sucesso ou o fracasso dos sujeitos.

Isso leva o sujeito a se impor mudanças oriundas dos progressos no campo da ciência médica, que permitem ao homem reconfigurar seus limites e potencializar seu poder sobre o corpo, possibilitando a reinvenção do corpo como produção simbólica, como forma de expressão, ampliando os limites e as condições de longevidade. Pois, no jogo discursivo da mídia, é preciso encontrar um meio de descobrir seus “furos”, driblar as regras e buscar um espaço entre a liberdade e a coerção, entre o controle desse jogo e os pontos por onde ele se deixa romper.

No mundo atual, em que as imagens são cada vez mais centrais, o corpo, como uma imagem a ser vista e apreciada, vem sendo progressivamente consumido, tendo por base os parâmetros de normalidade, que propõem diferentes práticas voltadas para o cuidado de si. O que cada sujeito espera é poder ser apreciado e admirado em um corpo que é passível de transformações contínuas e que aparece como responsabilidade sua. Considerando a relevância da imagem na sociedade contemporânea, no próximo capítulo, discutiremos como o corpo se

inscreve nesta sociedade, sendo ele uma superfície de acontecimentos (FOUCAULT, 2008a), marcado pela História e cada vez mais espetacularizado.

O corpo é parte de um acontecimento projetado e lançado nos enunciados cotidianos da mídia por meio de imagens como forma de espetáculo. Segundo Davallon (2007, p. 30), a imagem é antes de tudo um dispositivo que pertence a uma estratégia de comunicação: dispositivo que tem a capacidade de regular o tempo e as modalidades de sua recepção em seu conjunto ou a emergência da significação.

Courtine (*apud* MILANEZ, 2006a) reflete acerca de uma memória das imagens. Para este estudioso, toda imagem se inscreve em uma cultura visual sendo que essa cultura supõe a existência de uma memória visual, de uma memória das imagens. Para o autor, sempre que uma imagem é vista, outras são lembradas, rememoradas. Em outras palavras, toda imagem se vincula ao que lhe é exterior e se liga a elementos dispersos no social. O conceito de intericonicidade, elaborado por Courtine, vem elucidar algumas questões referentes aos contornos discursivos que as imagens assumem nas capas aqui apresentadas. Milanez (2006a) destaca o pensamento de Courtine²⁷ sobre o conceito de intericonicidade:

o que eu quis fazer ao introduzir a noção de intericonicidade foi sublinhar ao mesmo tempo os caracteres discursivos da iconicidade, isto quer dizer que eu pensei que mais que um modelo de língua, era um modelo do discurso que precisava fazer referência à imagem. Pareceu-me, nas pesquisas que eu conduzi antes sobre o discurso com, em colaboração e depois de Michel Pêcheux, que a noção de memória discursiva que eu introduzi tinha por natureza o poder de dar conta ao mesmo tempo da teoria e da metodologia. Eu me explico. Parece-me que a idéia de memória discursiva, aquela em que não há texto, não há discurso que não sejam interpretáveis, compreensíveis sem referências a uma tal memória, diria a mesma coisa de uma imagem. Toda imagem se inscreve em uma cultura visual e essa cultura visual supõe a existência para o indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens. Toda imagem tem um eco. Essa memória das imagens se chama a história das imagens vistas, mas isso poderia ser também a memória das imagens sugeridas pela percepção exterior de uma imagem. Portanto, a noção de intericonicidade é uma noção complexa, porque ela supõe a relação de uma imagem externa, mas também interna. As imagens de lembranças, as imagens de memória, as imagens de impressão visual, armazenadas pelo indivíduo. Imagens que nos façam ressurgir outras imagens, mesmo que essas imagens sejam apenas vistas ou simplesmente imaginadas (COURTINE *apud* MILANEZ, 2006a, p. 95).

²⁷ Entrevista com Jean-Jacques Courtine, realizada por Milanez em 27/10/2005, na Sorbonne, em Paris. In: MILANEZ, N. **As aventuras do corpo**: dos modos de subjetivação às memórias de si em revista impressa. 2006. 210 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara, 2006a.

Conforme Courtine, a produção das imagens depende de duas condições que se sustentam reciprocamente: uma que diz respeito a nossa faculdade em animar imagens inanimadas, tornando-as suscetíveis de diálogo e, outra, que está relacionada à capacidade das imagens de tomar corpo no suporte que as recebe (MILANEZ, 2006a). A intericonicidade constitui, então, um (des)contínuo diálogo entre uma imagem interna e as imagens externas que povoam os sentidos nos discursos, no caso desta pesquisa, sobre o corpo.

No que se refere à cultura do corpo na contemporaneidade, a imagem é fundamental, primeiro porque toda cultura do corpo passa por imagens corporais reais projetadas como espetáculos e, segundo, porque as imagens veiculadas pela mídia são indissociáveis do processo de construir um corpo ideal.

Desse modo, é possível descrever e analisar o funcionamento discursivo dos textos híbridos que circulam na mídia. A heterogeneidade das imagens que constituem o discurso da mídia é alvo do interesse de Gregolin. Sobre essa questão, ela afirma que

a imagem traz discursos que estão em outros lugares [...] Por estarem sujeitas aos diálogos interdiscursivos, elas não são transparentemente legíveis, são atravessadas por falas que vêm do seu exterior – a sua colocação em discurso vem clivada de pegadas de outros discursos (GREGOLIN, 2000, p.22).

Na ótica de Courtine (MILANEZ, 2006a), a intericonicidade refere-se ao fato de que as imagens carregam traços e memórias de outras imagens que se estabelecem por meio de repetições portadoras de novos acontecimentos imagéticos. O autor afirma que “toda imagem se inscreve numa cultura visual e essa cultura visual supõe a existência para o indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens”. Dito de outra forma, nenhuma imagem (ou discurso) é neutra, ela tem uma razão de existir, pois se vincula ao que lhe é exterior, a elementos dispersos no social, ao histórico, está ligada a outras imagens-discursos, sendo assim, é ideológica e ecoa sentidos.

Portanto, a intericonicidade supõe as relações das imagens exteriores ao sujeito como quando uma imagem pode ser inscrita em uma série de imagens, uma genealogia como o enunciado em uma rede de formulação, segundo Foucault. [...] Eu tenho a tendência a dar a essa noção de intericonicidade no momento uma extensão maior [...] da mesma maneira que o discurso é atravessado pelo interdiscurso (COURTINE, 2005 *apud* MILANEZ, 2006a, p. 95).

Dentro de uma trama que envolve imagens e palavras, o corpo muitas vezes é a figura central, com textos escritos e imagéticos entrelaçados em uma perfeita harmonia no jogo do convencimento. A partir da noção de poder que forma, investe e acumula o crescimento do saber, pretendemos pensar o papel da Revista **Veja** como uma instituição, onde esse poder é exercido sobre os leitores por meio da constituição de um saber sobre o corpo magro, bonito, jovem e saudável. Podemos tomar tanto alguns indícios da presença do controle dos corpos por meio da exclusão quanto por meio da inclusão. Como a magreza tem espaço discursivo legitimado na grande mídia brasileira, a constituição do corpo magro surge, quase sempre, com uma função enunciativa historicamente legitimada. Quando se trata da gordura, na mídia em geral, há uma tentativa de interditar os corpos gordos. Principal veiculadora de padrões estéticos, a mídia auxilia a criar, no imaginário social, estratégias de sedução do corpo magro.

Para ilustrar, selecionamos do nosso *corpus* uma capa da **Veja**, edição 2114, publicada em 27 de maio de 2009 (Figura 24), entre outras possíveis, para exemplificar este modelo corporal. O fascínio da mídia se explica porque a imagem possui uma dinâmica própria: o poder da imagem é incontestável e passível de apreensão imediata pelo olhar. A capa enuncia uma modelo magra, bonita e sorridente, usando um vestido que lembra folhas de acelga, hortaliça e ícone *fashion* das dietas e dos *spas*. Hoje podemos ficar mais magros do que nunca e ser facilmente influenciados pela mídia, que constrói um discurso considerado verdadeiro na busca de moldar corpos magérrimos.

Figura 24 – Emagrecer pode ser uma delícia



Disponível www.veja.com.br/AcervoDigital

Acesso em: 20 de Junho 2011

Com um título instigante: “Emagrecer pode ser uma delícia”, esta edição traz para os leitores 42 páginas com orientações de nutricionistas e receitas saborosas, isentas de calorias, feitas por famosos *chefs* de cozinha, além de informações relevantes que podem proporcionar uma vida mais saudável. Abaixo do título, estão seis formulações linguísticas que apontam os assuntos que são abordados na matéria de capa: as receitas *light* de 7 *chefs* consagrados; os 6 mitos mais resistentes sobre dieta; geladeira magra e geladeira gorda. Decida; ela está de dieta. Ele não; o que as magérrimas famosas não contam; como “pensar magro”.

Assim como Foucault (2000), compreendemos que esses dizeres não se deram aleatoriamente, visto que os discursos são controlados, selecionados e organizados por procedimentos sociais de controle, assim não se pode dizer o que se quer quando se quer, porque os discursos estabelecem uma ordem enunciativa, sendo regulados e moldados pelos gêneros que os constituem. Por isso, é preciso percebê-los não apenas em sua materialidade textual, mas na relação que eles mantêm com quem produz, com quem lê, com outros textos e com outros discursos possíveis.

O título “Emagrecer pode ser uma delícia” provoca a ideia de incerteza através dos vocábulos “pode ser”, ou seja, emagrecer pode ser uma delícia ou não, vai depender do que se come. Para convencer o leitor a emagrecer, o enunciado discursivo se complementa na imagem da modelo magra e bela. A eficácia da expressão “pode ser”, na cadeia enunciativa, vem de sua opacidade, a qual deixa entrever a multiplicidade dos sentidos na capa da revista.

É esse discurso que a **Veja** veicula, situando-se como detentora do saber e da verdade. Para isso, a Revista insere-se nas malhas do biopoder ao utilizar dispositivos que exercem poder sobre os sujeitos, monitorando-os para atingirem o corpo mínimo que está em evidência na mídia. Para driblar a ação da gordura sobre o corpo, a Revista emprega enunciados como “Emagrecer pode ser uma delícia”; “Dieta sem fome”; “Comer e emagrecer”; “Emagrecer sem sofrimento” ou “A lipo sem aspiração: uma máquina que destrói a gordura localizada sem necessidade de cirurgia. Não, não é sonho”. Todos sob o aval do rigor científico, atravessados pelo discurso médico e pela objetividade do discurso jornalístico, que tem reconhecido prestígio social.

O discurso *diet/light* discursivizado na mídia atual propõe que busquemos em sua materialidade verbo-visual as regras que permitiram a Revista enunciar, neste caso, que ser magro faz parte do verdadeiro da época, ou seja, ao acolher como verdade o discurso da dieta, relacionado com o da beleza, a Revista constrói seu regime de verdade em detrimento de outros tidos como falsos. Esse regime de verdade, segundo Foucault (2008a), é difundido

tanto por instâncias educativas quanto pela informação, e transmitido por aparelhos políticos e econômicos, entre eles a mídia e dentro dela, a Revista **Veja**.

No exercício do biopoder, essa Revista assume uma posição do sujeito que legitima a importância do corpo e apaga as fronteiras entre beleza, saúde, prazer e bem-estar, como podemos observar no enunciado da Figura 24 “Emagrecer pode ser uma delícia”. Abaixo deste enunciado, as seis formulações linguísticas que aparecem na capa indicam o domínio de saber que determina o que a revista pode e deve dizer sobre técnicas disciplinares eficazes para que seus leitores alcancem um corpo magro de forma prazerosa. Essa rede de formulações linguísticas apresenta sugestões e conselhos para uma alimentação saudável e saborosa que possibilitam um modo diferente de emagrecer, trazendo à tona o ideal de corpo dentro de uma premissa que associa emagrecimento a algo delicioso. É a mercantilização da vida!

Apesar de tantas conquistas, a mulher do século XXI vive em constante conflito com seu corpo e sua imagem, buscando atingir um modelo idealizado e imposto pela sociedade. Esse modelo é usado para instigar o mercado consumidor de certos produtos de beleza, fazendo circular uma série de imagens que generalizam modelos aos quais a mulher se submete, acreditando que todo sacrifício é válido. A obsessão em ser magra é fruto da sociedade que valoriza o corpo magro e longilíneo, associado normalmente à imagem da saúde e ao bem-estar físico, que modela os sujeitos a partir de representações que impõem como deve ser ou não os seus corpos. Chegar a esse modelo, entretanto, pode significar o comprometimento da saúde, pela ingestão sucessiva de produtos recomendados ao emagrecimento.

A imagem da capa tem uma inscrição na História que possibilita a produção de sentidos, atuando no sujeito leitor como âncora e como bússola, orientando seu trabalho de interpretação. Através da memória, é possível o sujeito buscar no que já foi visto, no repetível, o material para ressignificar e, assim, dar o efeito de encadeamento, de maneira a mostrar o “já-dito”. A respeito disso, convém retomar a afirmação de Maldidier (2003, p. 96): “o sentido se forma na história através do trabalho da memória, a incessante retomada do já-dito; o sentido pode ser cercado, ele escapa sempre”.

Certas imagens se tornam ícones, se tornam fundamentais e retornam constantemente. A composição de algumas imagens é comumente retomada como uma “imagem-monumento, pronta para a rememoração que irá materializar-se em inúmeros lugares textuais e discursivos” (GREGOLIN, 2011, p.95). Por exemplo, a clássica cena interpretada por *Marilyn Monroe* (Figura 25) no filme “O pecado mora ao lado”, em que a atriz tem sua saia levantada

pelo vento. Nesse mecanismo de retorno de ícones é interessante observar que os lugares em que essas imagens podem retornar são os mais imprevisíveis. A cena com *Marilyn* retorna, quase sempre instaurando efeitos de sentido sexual e, ao mesmo tempo, deslizando, seja na capa da **Veja**, seja em uma propaganda, seja em uma estampa de blusa etc.

Figura 25 – Marilyn Monroe



Disponível em <http://fabiofrases.blogspot.com/2010/07/marilyn-monroe.html>
Acesso em: 26 de janeiro de 2012

Por meio da imagem, a Revista se apropria de um discurso, cujo sentido já está alicerçado na memória social, para promover deslocamentos discursivos que resultam na desestabilização de antigos sentidos e no surgimento de outros novos. Nesse caso, a interdiscursividade opera como repositório de sentidos. Através da memória, um acontecimento histórico é suscetível de vir a se inscrever e isso acontece na imagem de *Marilyn*, em que, segundo Pêcheux (2007), a memória discursiva restabelece os implícitos necessários para que a leitura se torne legível.

O que vemos nas imagens é sempre reflexo de uma representação, de uma construção. Temos a associação de uma cadeia de significados que recupera e redimensiona outros sentidos, que fixa nossa memória e dialoga com outros elementos. Cada imagem é constituída por outras imagens. A toda imagem, sempre está associada uma memória, uma história, um discurso.

Assim, pensando o imagético em seu funcionamento discursivo, em sua materialidade na História, podemos afirmar que essa imagem dialoga com outra já produzida, já significada, que remete a uma prática discursiva também associada ao universo do corpo. Para promover esse efeito de sentido, a Revista **Veja** recorre ao papel da memória discursiva (PÊCHEUX, 2007) que permite um encontro efetivo entre as duas imagens.

No jogo enunciativo com imagens e palavras, sutilmente, a Revista direciona seu interlocutor a uma leitura que estabelece regras de comportamento, instituindo dispositivos por meio dos quais se instalam representações com a imagem da atriz, ícone da sensualidade: faça dieta e seja como a *Marilyn Monroe*, linda, sexy e sensual. Dessa forma, “os indivíduos são levados a prestar a atenção a eles próprios, procurando desde sempre a se decifram, reconhecendo-se como sujeito de desejo a partir de seus corpos” (MILANEZ, 2006b, p.87).

Na mídia impressa, o discurso tem relação direta com a construção de imagens, visto que a capacidade enunciativa da comunicação e, por sua vez, da língua, se inscreve na ordem do enunciado. A imagem, ao lado da notícia, cria efeitos de sentido e opera na produção de verdades cristalizadas socialmente. Ao observar como as imagens se constituem em discurso, Souza (2001) ressalta o quanto elas têm sido utilizadas para sustentar visões de mundo. A autora considera que, assim como na leitura da linguagem verbal, a interpretação da imagem prescinde de um olhar para a formação social do sujeito, a saber, o contexto no qual se encontra, e a relação com os aspectos social, cultural e histórico. Quando pensamos a imagem através do verbal, terminamos por descrevê-la, fazendo um trabalho de segmentação da própria imagem.

A palavra fala da imagem, descreve-a e traduz, mas jamais revela a sua matéria visual. Por isso mesmo, uma imagem não vale mil palavras, ou outro número qualquer. A palavra não pode ser a moeda de troca das imagens. É a visualidade que permite a existência, a forma material da imagem e não a sua co-relação com o verbal. Tratando a imagem como um produto cultural, Davallon aponta a eficácia simbólica dos registros visuais enquanto operadores de memória social, “porque a imagem é antes de tudo um dispositivo que pertence a uma *estratégia de comunicação*: dispositivo que tem a capacidade, por exemplo, de regular o tempo e as modalidades de recepção da imagem em seu conjunto ou emergência de significação” (DAVALLON, 2007, p. 30, grifos do autor).

Segundo Manguel (2001), todos os nossos pensamentos são acompanhados por imagens, e, muitas vezes, estas tomam o lugar das coisas em nossas vidas. Como acredita o autor, desde que somos gerados, ainda no ventre de nossas mães, somos acompanhados por imagens. Quando habitamos o útero materno, a imagem mais presente é a imagem acústica, é

a voz da mãe que nos acalenta e nos transmite segurança quando ainda nem abrimos os nossos olhos para o mundo.

3.3 A constituição identitária do sujeito na mídia

Para Foucault (2010), o sujeito é histórico e constituído pelos acontecimentos discursivos e práticos. Ele problematiza a questão do sujeito em sua relação com o saber-poder, relaciona o poder à construção do verdadeiro de uma época e mostra que a verdade é uma construção histórica. O autor também relaciona o poder ao corpo, visto que sobre o corpo são impostas proibições e obrigações dos sujeitos, assim, o corpo é alvo de controle exercido cotidianamente na vida dos sujeitos.

Se o corpo é o principal elo entre o sujeito e o mundo, é ele também que traduz o diálogo “natureza e cultura”. O corpo é socialmente construído e nele se materializa a relação sujeito x sociedade, tornando-se a arena onde acontecem os discursos e conflitos simbólicos que refletem questões do nosso tempo, refletindo também uma sociedade marcada pela valorização do individualismo, narcisismo, hedonismo e consumo. A construção da identidade está atrelada a ele, e, em alguns casos, a (re)construção do próprio corpo é um dos mecanismos de reconstrução da identidade, da auto-estima e do estabelecimento da relação com o mundo. As representações do corpo operam de acordo com as representações disponíveis na sociedade.

Na AD existe uma relação entre a produção do saber que naturaliza o sentido, com o poder que estabelece as regras da formação do referido saber. O que define de fato o sujeito é o lugar de onde se fala. Foucault (2008b, p. 139) afirma que "não importa quem fala, mas o que ele diz não é dito de qualquer lugar". Esse lugar é um espaço de representação social (pai, professor, médico, motorista, etc.), que é uma unidade abstrata, pois, na prática, essa posição-sujeito é atravessada pela dispersão. Temos o hábito de ligar o indivíduo a uma identidade, a nomear para familiarizar, a generalizar para domesticar. Sem nos darmos conta, somos consequência da atuação de macro poderes institucionais múltiplos como a Família, a Escola, a Igreja etc., que agem sobre nossas vidas para forjar representações de subjetividade e impor formas de individualidades. Foi o que Foucault chamou de técnicas de si, ou seja, procedimentos que fixam, mantêm e transformam a identidade, em função de determinados fins.

As discussões realizadas no terreno teórico dos Estudos Culturais contemporâneos que tratam das imbricações entre identidade e diferença são importantes para entender o quanto o

Eu e o Outro estão entrelaçados. Neste campo de estudo, a identidade é tratada como móvel e transitória, produzida através de representações construídas por meio de embates de relações de poder que, nessa disputa, ganham o direito de construir certas representações sobre quem somos e como deveríamos ser.

Os Estudos Culturais revelam que o mercado global medeia a vida social de forma crescente, e que nesse meio as identidades desvinculam-se umas das outras e se fragmentam. Para os seguidores desse descentramento, o movimento de deslocamento dos indivíduos de seu lugar no mundo social representa a chamada “crise de identidade” (HALL, 2006). As concepções de identidade, segundo Stuart Hall (2003; 2006), Zygmunt Bauman (2001; 2005) e Tomás Tadeu da Silva (2003), fabricam um cenário teórico sobre a noção de identidade na pós-modernidade que coloca à prova a solidez de algumas noções nesse tempo de aberturas e definições.

Podemos compreender as identidades – modos pelos quais cada um dá sentido a si e aos diferentes grupos – como produzidas por meio de processos de diferenciação, ativados no movimento de identificar-se e desidentificar-se frente aos outros. As identidades são fabricadas através de discursos que atravessam os indivíduos, convidando-os a ocuparem uma ou outra posição de sujeito (HALL, 2006)

Ao conceber o sujeito como um ser construído historicamente, Hall (2006) aponta três categorias desenvolvidas nas sociedades ocidentais: 1. O sujeito do Iluminismo, era visto como totalmente centrado, unificado, dotado de razão, consciência e ação, cujo centro consistia em um núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia. Era uma concepção individualista do sujeito e de sua identidade; 2. O sujeito da Modernidade, sociológico, que não é autônomo, mas resultante da interação cultural com o mundo que ele habita, com outras pessoas importantes para ele que direcionam valores, sentidos e símbolos. Nesta categoria, a identidade é interativa e preenche o espaço entre o mundo pessoal (interior) e o mundo público (exterior); 3. O sujeito da pós-modernidade, formado por várias identidades, todas fragmentadas, na maioria das vezes, contraditórias e mal resolvidas. Nesta categoria de sujeito, a identidade é formada e transformada continuamente, a partir das representações e interpelações que cercam os sujeitos.

A partir da terceira categoria do sujeito, o autor discute a problemática da identidade. Para ele, na pós-modernidade “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2006, p. 7). Na

sociedade contemporânea, as identidades deixaram de ser únicas e fixas para serem móveis e múltiplas, adquiriram novos significados, são mutantes.

Vivemos uma crise de identidade, que desloca nossas estruturas centrais e abala nossos quadros de referência que servem de ancoragem estável na sociedade. As identidades são fluidas, líquidas, estão sempre em contínua mudança, em oposição ao sólido. A liquidez é uma característica identitária do sujeito pós-moderno. Do ponto de vista de Hall (2006, p. 13), “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando para diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”.

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento [...] Ela permanece incompleta, está sempre ‘em processo’ sempre ‘sendo formada’. Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento (HALL, 2006, p. 38-9, grifos do autor).

A abordagem dada à questão da identidade no campo da AD procura analisá-la do ponto de vista discursivo, entendendo-a como “efeito de sentido produzido pela/na linguagem” (GREGOLIN, 2007b). Neste campo teórico, o sujeito interpreta o mundo através do seu discurso, que por sua vez, é construído pela ideologia e pelas relações de poder que interferem nas construções identitárias e nas relações sociais.

A questão da identidade na sociedade pós-moderna remete a um sujeito que outrora possuía uma identidade definida, única, e agora está fragmentado, é receptáculo de múltiplas identidades, algumas vezes contraditórias. Esse é o sujeito pós-moderno, que não tem uma identidade estável, devido, entre outros fatores, à atuação marcante da mídia no processo da globalização que torna as mudanças muito rápidas e constantes. Ainda sobre essa temática, Hall (2003, p. 112) enfatiza que “as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora ‘sabendo’ sempre que elas são representações, que a representação é sempre construída [...] a partir do lugar do Outro”.

As relações de poder, imbricadas numa rede de saberes, atuam através ou sobre os corpos, em determinados contextos, produzindo efeitos de sentido, produzindo identidades sociais e culturais singulares. Silva afirma que a identidade não é um produto acabado, ela é demarcada por meio de processos de produção da diferença. A diferença e, portanto, a identidade, não é um produto da natureza: ela é produzida no interior de práticas de significação, em que os significados são contestados, negociados, transformados (SILVA, 2003).

Como um pensador que reflete a respeito da fluidez desse novo tempo da contemporaneidade, Bauman é o sociólogo que defende uma utopia possível na sociedade líquida²⁸. Para ele, novas reflexões compõem o cenário da pós-modernidade. Trata-se de um momento contrário ao pensamento moderno que se amparava na razão. Na atualidade, as afirmações são questionadas, as ambiguidades norteiam o sujeito e as identidades são ambivalentes.

Hoje, os padrões e configurações não são mais ‘dados’, e menos ainda ‘auto-evidentes’; eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir (BAUMAN, 2001, p. 14).

Bauman (2005) considera que a pós-modernidade é marcada por uma visão do mundo humano totalmente pluralista ou por uma visão multifacetada das identidades. Hall (2006) também alerta que novas identidades surgem e fragmentam o indivíduo no mundo moderno, antes visto como um sujeito unificado. Desse modo, as identidades estão em colapso. Uma diferente mudança estrutural está transformando as sociedades modernas e fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça, e nacionalidade que, antigamente, tinham sólidas localizações como indivíduos sociais. Na opinião de Hall, essas transformações estão também “mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito” (HALL, 2006, p. 9, grifos do autor).

Esse deslocamento do indivíduo, tanto do seu lugar no mundo social e cultural, quanto de si mesmo, constitui uma “crise de identidade” vivida pelo sujeito pós-moderno. A identidade, antes considerada como um elemento homogêneo, unificado, singular, dado *a priori*, estanque e definitivo, passa a ser observada como uma construção, instável, mutável, fragmentada, descentralizada, heterogênea, enquanto processo da multiplicidade de dizeres que se formulam na sociedade (HALL, 2006).

O autor observa que, contrariando a bem definida e localizada identidade no mundo cultural da sociedade moderna, as identidades na atualidade estão fragmentadas, e se encontram “sob rasuras”, em fronteiras menos definidas e menos sólidas. Assim, a identidade

²⁸ Expressão usada por Bauman (2001) para se referir à concepção de “pós-modernidade”. Segundo o autor, nessa sociedade, repartida em fragmentos mal coordenados, as existências individuais são fatiadas numa sessão de episódios fragilmente conectados e as sensações são, pela própria natureza, tão frágeis e efêmeras, tão voláteis quanto as situações que as desencadearam.

é pensada como uma dispersão, uma pluralidade, escorregadia e móvel. Na modernidade tardia, há uma perda da estabilidade. A mídia entra no jogo dessa mobilidade e tenta definir uma estabilidade, dar um efeito de homogeneidade identitária para os sujeitos.

O corpo é a imagem física de uma identidade que se busca hoje com sofreguidão para que possamos perceber quem somos. As transformações desse espelho de identidades são constantes, são projetos quase sempre inacabados ou imperfeitos, com as possibilidades sempre em aberto e onde a essência do Ser não é tida como estática e absoluta. Cada vez mais, de forma mais intensa, essa necessidade do indivíduo moderno se entrelaça com a necessidade de possuir bens de consumo que significam algo acerca da sua essência. O corpo, eleito como suporte de significados que se pretendem construir, é palco das imagens que invadem a mídia e que apresentam, elas próprias, propostas de identidade.

Para Le Breton (2007, p, 7), a identidade constitui-se na associação com a experiência corporal, visto que do corpo nascem e se propagam “as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator”. Na contemporaneidade, ao traçar a modelagem do seu próprio corpo, o sujeito modifica o eixo da subjetividade que se relaciona à exterioridade, enfatizada na revelação pública do eu e nas estratégias de garantir visibilidade.

Sem dúvida, estamos vivendo tempos singulares na constituição do sujeito pós-moderno. Na esteira de Debord (1997), é possível afirmar que, além das instituições basilares como Família, Escola, Igreja e Estado, outras instituições e espaços culturais são centrais para a fabricação das subjetividades e identidades, numa época em que as tecnologias de informação e comunicação contribuem para que ocorram mudanças nos modos de as pessoas perceberem a si, aos outros e ao mundo, considerando-se que esse mundo muda rapidamente.

As marcas dessas mudanças, caracterizadas na pós-modernidade pela efemeridade, liquidez das identidades (BAUMAN 2005), descartabilidade, centralidade das mídias, a cultura do espetáculo e do consumo, entre outras, vêm reconfigurando paisagens subjetivas e criando novos modos de viver, novos corpos. Como atesta Hall (2006), na pós-modernidade, as identidades são fluidas e estão em permanente experimentação. Na ausência de grandes referenciais nos quais se apoiar, os sujeitos vinculam à mídia sua possibilidade de acesso ao mundo e de construção de laços sociais. O cotidiano é um dos conceitos centrais, portanto, para compreender as micro-relações dos indivíduos, os modos como se apresentam no espaço público e de que forma suas representações incidem na sociedade.

As identidades são fabricadas socialmente a partir do estabelecimento de diferenças, e essas diferenças são produzidas tanto por sistemas simbólicos de representação, como por sistemas de exclusão. As identidades não se opõem às diferenças, mas dependem delas para constituir-se (WOODWARD, 2003). No entanto, o que se registra é a formulação, pelo discurso midiático, de um modelo de identidade corporal que todos devem seguir e aderir à similaridades, sendo marginalizada qualquer fuga desse padrão identitário.

Conforme Bauman (2005), a questão da identidade surgiu com a necessidade de se criar uma nova ordem, haja vista a desintegração da organização da sociedade, em que aqueles que habitavam a margem, invadiram as áreas centrais. Logo, o pertencimento foi colocado como um problema e, sobretudo, como uma tarefa.

As guerras pelo reconhecimento quer travadas individual ou coletivamente, em geral se desenrolam em duas frentes, embora tropas e armas se desloquem entre as linhas de fronteira, dependendo da posição conquistada ou atribuída segundo a hierarquia de poder. Numa das frentes, a identidade escolhida e preferida é contraposta, principalmente, às obstinadas sobras das identidades antigas, abandonadas e abominadas, escolhidas ou impostas no passado. Na outra frente, as pressões de outras identidades, maquinadas e impostas (estereótipos, estigmas, rótulos), promovidas por ‘forças inimigas’, são enfrentadas e – caso se vença a batalha – repelidas (BAUMAN, 2005, p. 44-5).

Hall (2003) argumenta a favor da necessidade de se examinar a identidade como uma prática discursiva. Isso significa ver a identificação “como uma construção, como um processo nunca completado – como algo sempre em processo”. Para o autor, a identidade

não é, nunca, completamente determinada – no sentido de que se pode, sempre, ‘ganhá-la’ ou ‘perdê-la’; no sentido de que ela pode ser sempre, sustentada ou abandonada. Embora tenha suas condições determinadas de existência, o que inclui os recursos materiais e simbólicos exigidos para sustentá-la, a identificação é, ao fim e ao cabo, condicional; ela está, ao fim e ao cabo, alojada na contingência. Uma vez assegurada, ela não anulará a diferença (HALL, 2003, p. 106, grifos do autor).

Importa destacar que nessa perspectiva, não se ignora totalmente a tentativa tradicional, biológica, de fixação de identidades, mas a redescoberta do passado é parte do processo de sua construção. Assim, conforme Hall (2003), as identidades precisam ser compreendidas como sendo produzidas em locais históricos e institucionais específicos, porque elas são construídas dentro e não fora do discurso.

Logo, a questão da representação vem à tona no processo de identificação. Enquanto prática de significação, a representação envolve relações de poder, sobretudo o poder que define quem é incluído e quem é excluído. Nas palavras de Woodward,

a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2003, p. 17).

Uma vez considerado que as identidades são formadas por meio da diferença, os sistemas simbólicos dão sentido às desigualdades sociais, justificando a exclusão e a estigmatização de alguns grupos (WOODWARD, 2003). A identidade, pois, não é o oposto da diferença, mas depende dela.

Com relação à construção da identidade, Kellner (2001) salienta que, tradicionalmente, a identidade era construída em função de algo coletivo, que perpassava grupos e tribos. Na modernidade, ela foi criada em função de uma individualidade particular, já nas sociedades de consumo pós-modernas, em que há um predomínio da mídia, a identidade

tem sido cada vez mais vinculada ao modo de ser, à produção de uma imagem, à aparência pessoal. É como se cada um tivesse de ter um jeito, um estilo e uma imagem particulares para ter identidade, embora, paradoxalmente, muitos dos modelos de estilos e aparência provenham da cultura de consumo; portanto, na sociedade de consumo atual, a criação da individualidade passa por grande mediação (KELLNER, 2001, p. 297).

A circulação de enunciados sobre o corpo na mídia é feita por meio de procedimentos de controle, e o corpo magro é espetacularizado. A mídia pode ser considerada como uma superfície de emergência de enunciados que retomam, deslocam e ressignificam sentidos sobre o corpo. Estabelecemos como objetivo compreender como a governamentalidade sobre o corpo, inscrita nas práticas discursivas da mídia impressa, nas relações entre saber, poder e verdade, possibilita a divulgação do corpo gordo como resistência à exclusão.

A cultura da mídia, intensamente presente em nossos dias, assume papel fundamental para a construção de identidades cada vez mais fluidas, instáveis (BAUMAN, 2005).

Ademais, a mercantilização de todos os tipos de imagens e simulacros intensifica a fragmentação e a desestabilização de identidades que elas próprias visam estruturar. A esse respeito, Kellner considera que

[...] o próprio capital é o demiurgo da alegada fragmentação pós-moderna, da dispersão de identidades, das mudanças e da mobilidade. Contrariando o que dizem Baudrillard (1976) e outros – que a pós-modernidade constitui uma ruptura com o capital e com a economia política –, o que detectamos por trás dos fenômenos de cultura pós-moderna é a lógica do capital (KELLNER, 2001, p.329).

Diante de uma sociedade onde a imagem predomina, a vida passou a ser perpassada por uma era de plasticidade absoluta, na qual o sujeito consumidor pode assumir diferentes formas, representar diferentes papéis. O corpo apresenta o modelo necessário para se viver dentro da sociedade das imagens; uma sociedade na qual somente é sujeito quem segue o modelo das imagens veiculadas pela mídia, ratificando assim a máxima do “consumo, logo sou”.

As imagens lançam códigos de representações visuais na sociedade, para serem decodificados de acordo com o sistema simbólico cultural vigente, afinal, “ao examinar sistemas de representação, é necessário analisar a relação entre cultura e significado” (WOODWARD, 2003, p. 17). As representações visuais, em sua essência, apresentam o reflexo da identidade do indivíduo a partir de práticas de significação, que estão imersas em um sistema simbólico, transformando o indivíduo no sujeito representado. Nas palavras de Woodward (2003, p. 18), “é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos”. Desse modo, verifica-se o poder que as imagens possuem sobre a determinação da identidade dos indivíduos. A identidade viabiliza-se como um jogo de signos realizados por imagens, que circulam aceleradamente, contagiantes como um processo viral. Não imagens com uma sombra referencial, mas simulacros que se incorporam aos sujeitos, criando outros tipos de relação com o mundo físico.

Parafraseando Kundera (1999), Nunes (2012) reflete sobre a “insustentável leveza” dos discursos em tempos de modernidade líquida que vem suscitando novas formas de recepção pelos sujeitos sociais. Na acepção da autora, essa nova ordem líquida dos discursos

diz respeito a uma relação tempo-espço em que prevalece o transitório, o móvel, o versátil (no lugar do fixo, do sólido, do duradouro). Apreender a liquidez dos discursos na contemporaneidade é, também, reconhecer a mobilidade com que circulam: rastrear sua errância das instituições que lhes

fabulam aos grupos a que se endereçam. Isto é, cartografar as derivas de sentido: das estratégias discursivas de formulação aos jogos interpretativos a que se sujeitam no cotidiano (NUNES, 2012, p. 219-20).

Nunes (2012) nos dá um arremate para este capítulo, concebendo que a mobilidade dos discursos e a fugacidade dos sentidos caracterizam as sociedades atuais. Essa liquidez está presente na complexidade dos processos de circulação dos discursos veiculados pelas mídias contemporâneas. Tais discursos inscrevem-se nos fluxos do que Bauman (2001) denomina “modernidade líquida”, o atual momento da sociedade em que a efemeridade das relações atinge todas as esferas da vida.

Considerando a interdição não apenas do corpo gordo, mas também do corpo magro doente, feio e anoréxico, em contradição com a exposição midiática do corpo magro saudável e “sarado”, construído pelas técnicas disciplinares da plastificação e dos exercícios físicos realizados nas academias de ginástica, no próximo capítulo, discorreremos sobre as possibilidades de rompimento com o discurso midiático, refletindo sobre as resistências dos sujeitos frente à normatização de uma moldagem corporal apresentada pela mídia como verdade da época.

4 ONDE HÁ PODER, HÁ RESISTÊNCIA: O CORPO GORDO NA MÍDIA

Esta resistência de que falo não é uma substância. Ela não é anterior ao poder que ela enfrenta. Ela é coextensiva a ele e absolutamente contemporânea. Para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele. Que, como ele, venha de ‘baixo’ e se distribua estrategicamente. [...] a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência (FOUCAULT, 2008a, p. 241).

Neste capítulo, direcionamos nosso olhar para as práticas discursivas do cotidiano (DE CERTEAU, 2008) relacionadas ao corpo gordo veiculado pela mídia. Tal direcionamento nos possibilita mostrar as “bordas” do discurso hegemônico da mídia representadas pelo corpo gordo. Pretendemos averiguar até que ponto esse corpo é sinônimo de resistência, já que ele rompe com a hegemonia do discurso midiático. Como ponto de partida, cabe indagar: quais conhecimentos/verdades estão sendo produzidos e veiculados na mídia sobre o corpo gordo?

Nossas escolhas gravitam em torno de uma excessiva valorização de práticas de controle corporal, ou seja, novas práticas de bio-ascese²⁹ contemporâneas que expressam modos de existência em que aparece como prioridade a perfeição corporal. Enquanto na Antiguidade as práticas de si tinham por função produzir singularidade, sujeitos resistentes às representações exteriores, constituindo-se como sujeitos éticos, as novas práticas de bio-ascese expressam o desejo de uniformização. Como afirma Ortega (2005, p. 145), “a ideia de uma ascese exclusivamente corporal, as bio-ascese contemporâneas, é completamente estranha para o pensamento antigo”. Essas práticas expressam uma preocupação com a aparência, com o olhar que os outros põem sobre si em vez das preocupações que envolviam os gregos, de inquietação frente ao seu ser.

Na contemporaneidade, sob a égide da saúde, a sociedade é estimulada a combater o mal do século: o excesso de peso. O cerco à gordura aumenta. Assim, de maneira coercitiva, o sujeito é intimado a se enquadrar em programas de emagrecimento que exigem disciplina e persistência para adquirir um corpo magro. Esse corpo é o referente a ser alcançado não apenas em nome da estética, mas em nome da saúde.

²⁹ Ortega (2005) diferencia as práticas de bio-ascese contemporâneas, entendidas como práticas de assujeitamento e disciplinamento, das práticas ascéticas da Antiguidade, vistas como práticas de liberdade.

4.1 Corpo gordo: normal ou anormal?

A grande máxima socrática – “conhece-te a ti mesmo” – pode ser traduzida atualmente como “cuida-te de ti mesmo”. Cuidar de si na pós-modernidade significa cuidar do corpo, sentir-se bem a partir de regras de conduta e de princípios impostos como verdades e prescrições, através da exposição incessante de imagem de corpos belos. Essa exposição midiática cria efeitos de sentido e opera na produção de verdades cristalizadas.

Dessa maneira, o sujeito é submetido a um mecanismo social disciplinar sobre seu corpo em diferentes contextos e suas escolhas são impostas por estratégias do poder. Em se tratando do corpo, enquanto acontecimento discursivo espetacularizado, a mídia impõe um corpo magro, jovem e saudável à população brasileira, alicerçado por um discurso científico, ao mesmo tempo em que interdita outros. Diante deste contexto, neste capítulo, pretendemos refletir sobre o corpo gordo, silenciado diante do dispositivo da magreza apresentado no discurso midiático.

Na ótica de Fischler (2005) e Le Breton (2010), o corpo, cujas formas causam mal-estar social, é o corpo transgressor. De acordo com Le Breton, no discurso estético, a transgressão está na deformação, no estranho, em corpos como o de *Franskenstein*, que é um corpo de vida e morte ao mesmo tempo. Para o sociólogo, estes corpos transgridem os limites do simbólico e de todas as leis que permitem nomeá-los, classificá-los, identificá-los. Nas palavras do autor,

a condição do homem é corporal. Subtrair-lhe alguma coisa, ou lhe **acrescentar**, coloca esse homem em posição ambígua, intermediária. As fronteiras simbólicas são rompidas [...] toda modificação de sua forma engaja outra definição de sua humanidade (LE BRETON, 2010. p. 64, grifo do autor).

Ao buscarem construir suas identidades, na sociedade contemporânea, os sujeitos estabelecem distinções sociais através das escolhas que formatam uma variedade de estilos de vida. Contudo, essas escolhas não são livres de pressões e limites impostos socialmente. O culto ao corpo constitui, na contemporaneidade, uma prática resultante de coerções sociais; basta lembrarmos as situações de desprezo e o desprestígio experimentado pelos obesos em nossa sociedade (FISCHLER, 2005).

Atualmente, o cuidar do corpo não tem a conotação ética adotada pelas sociedades estudadas por Foucault (2007a). Hoje assistimos a um cuidado de si que não está a serviço da

liberdade, mas corresponde à adaptação dos sujeitos à normatização da sociedade. Para Ortega (2008), as práticas ascéticas modernas fazem parte da biossociabilidade. Nesse novo paradigma, o biopoder tem no corpo um lugar privilegiado de ação. Ação essa, que na gestão da saúde, da longevidade, das performances corporais usa “o discurso do risco” como mecanismo no exercício do poder sobre o corpo social.

Na opinião do autor, os constantes discursos sobre a saúde e o corpo perfeito são resultantes da interação do capital com as biotecnologias e a Medicina. Os processos de subjetivação implicados nas novas práticas enfatizam os cuidados corporais, médicos, higiênicos e estéticos na construção das identidades. Segundo o autor, a ideia de que podemos moldar nossos corpos como quisermos está fazendo com que características como obesidade ou velhice passem a ser vistas quase como anormalidades. É como se só fosse idoso ou obeso quem não é responsável, quem não se cuida.

Além de discriminados, esses "novos desviantes" terminariam frustrados por não serem capazes de atingir o ideal socialmente imposto. O corpo é maleável, mas tem um limite. A propagação midiática de um ideal de maleabilidade total pode ser muito tirânica para os sujeitos que não conseguem atingi-lo. Seria ridículo dizer que devemos comer gordura como resistência, só porque dizem que não se pode fazer isso. Diante do paradoxo daqueles que se tornam escravos da saúde, o importante é ser saudável para fazer as coisas de que se gosta, e não para poder cuidar da saúde o tempo todo.

As estratégias de poder e de resistência afetam as formas de exercício do poder da vida cotidiana e classificam os indivíduos em categorias. Segundo Ortega (2005), os frequentes discursos sobre saúde e corpo perfeito são resultantes da união do capital com as biotecnologias e a Medicina. Os comportamentos, as escolhas dos alimentos, os cuidados com a saúde são norteados por um discurso que categoriza os indivíduos como responsáveis, vigilantes e bons e, ao mesmo tempo, por oposição, como irresponsáveis, desviantes e maus.

Através da legitimidade do discurso médico, os discursos sobre saúde incentivam o consumo de alimentos *diets* e *lights*, que apontam para a imagem de um corpo saudável, sem calorias extras, portanto “em forma”. A obesidade, símbolo de distinção social em determinados períodos históricos, vista antes como metáfora de riqueza ou poder, na atualidade perde seu simbolismo em função de “riquezas qualitativas”. Hoje, é a qualidade de vida, o bem-estar, a saúde e o corpo leve que são considerados, pois são vontades de verdade predominantes.

Na sociedade atual, os meios de comunicação nos estimulam a comer e nos intimam à magreza, empurram-nos para os fogões com receitas para emagrecer. Contraditoriamente,

exaltam a boa mesa e o regime, a arte culinária e a dietética. É privilegiado um estilo de vida em que alimentos calóricos são cambiados em prol de alimentos menos calóricos, provocando o surgimento de um mercado paralelo que produz a quem pode pagar pela diferenciação. Legumes, frutas e verduras são produzidos sem agrotóxicos, e uma infinidade de produtos, fabricados com baixas taxas de calorias. Porém, a diferenciação tem um preço, e só pode usufruir de uma alimentação “melhor” quem pode pagar por ela.

Gordura já rimou com formosura numa época em que o peso do corpo ainda não era um severo pesar. Seria errôneo supor que nossos antepassados acolhiam facilmente os obesos. Há séculos, repulsa e prestígio rondam os mais pesados e impõem regimes. Em seu mais recente livro, agora traduzido e publicado no Brasil, o historiador francês Georges Vigarello (2012) esmiúça os elogios e críticas que, desde o fim da Idade Média, fizeram do gordo uma figura impressionante, objeto de reprovações morais e estudos científicos.

Segundo o autor, no século XVIII, surgiram graus de gordura e a ideia de que os mais gordos não representam apenas um excesso quantitativo e sim uma desordem. Passou-se a falar mais em obesidade do que em corpulência. A palavra obesidade, derivada do latim *obesitas*, surgiu nos dicionários franceses desse século, já relacionada à Medicina. Nessa época, o excesso de gordura passou a ser sinônimo de impotência. E se transformou em ocorrência mórbida no século XIX, quando diversos problemas, respiratórios, digestivos e circulatórios, foram associados ao obeso.

Sobre as várias histórias na trajetória milenar do gordo e do obeso, Vigarello (2012) afirma que, primeiramente, existe a história moral, que atribui um comportamento transgressivo aos muito volumosos, como se sua gordura resultasse de uma gula incurável. Há ainda a suposição de que eles comeriam os alimentos que pertencem aos outros, transgredindo a ordem social. Em segundo lugar, existe a história estética do gordo, relacionada às categorias do belo e do feio. Em momentos de carestia, a saúde supõe barriga cheia e corpulência. Mas, há ainda uma história do interesse médico. Para a Medicina antiga, por exemplo, a saudável passagem dos humores entre as diversas partes do corpo podia ser obstruída pela gordura acumulada. Acreditava-se que seu excesso sufocava e enfraquecia.

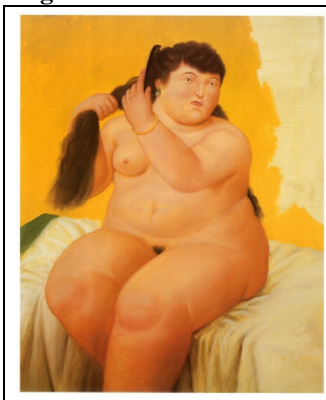
No século XIX, o sentido da palavra obesidade ganhou em detalhamento e profundidade. A palavra passou a incluir fases avançadas do problema. Mas, também, houve uma dominação do critério estético. É este critério, sobretudo, que transformou a obesidade em algo recusado socialmente. As revistas femininas começaram a mostrar que o corpo exibido nas praias durante o verão podia trair as formas das roupas que o cobriam durante o inverno, a publicar artigos sobre dietas e exercícios e a destacar mulheres magras. Os

anúncios publicitários associavam a magreza à jovialidade. O porte atlético e magro era ilustrado pelas revistas. No final do século XIX e no início do XX, a imagem do corpo magro foi promovida à exposição e aceitação midiática. Alguns corpos magros são interditados no discurso midiático. Entre eles, temos o corpo magro produzido por distúrbios alimentares, como bulimia – doença em que a pessoa provoca o vômito após as refeições – e anorexia – quando o indivíduo deixa de alimentar-se por considerar-se obeso.

Ainda de acordo com Vigarello (2012), o mais importante era o volume do corpo e não o seu peso. Nem todos sabiam o próprio peso, ele não fazia parte das identidades. Muitos se consideravam gordos quando não conseguiam fechar seus cintos e quando as roupas ficavam justas. No começo do século XX, algumas balanças foram instaladas nas estações de trem e, nos anos 1920, surgiu a valorização de uma magreza tonificada. Cresceram, desde então, os relatos sobre os problemas dos obesos, assim como o desejo de modificar suas formas físicas, inventando uma nova anatomia.

Na obra de Fernando Botero, pintor e escultor colombiano, são retratadas figuras rotundas, inspiradas no Renascimento italiano. Sua característica marcante é a criação do volume em suas pinturas, expandindo as figuras e comprimindo o espaço em torno delas. Parece óbvio que ele não considera as mulheres gordas feias e por isso as pinta. Provavelmente, seu ideal de beleza está próximo do corpo cheio de curvas. Apreciando algumas de suas obras é impossível ver feiúra nas mulheres gordas pintadas pelo artista. São todas gordas, lindas, sensuais e sedutoras. Tudo nos seus quadros é volumoso, como podemos observar na tela apresentada na Figura 26, a seguir.

Figura 26 – Tela de Botero



Disponível em <http://ardotempo.blogs>

Acesso em: 25/03/2011

A tela de Botero mostra uma ação corriqueira, expressa na delicadeza do movimento da mulher em pentear os cabelos, no ritual íntimo da vaidade feminina. Essa delicadeza

parece destoar com o corpo gordo, de grossas pernas, delicadamente entrecruzadas, revelando por entre as volumosas coxas o pequeno sexo, e um seio sensualmente à mostra. Como no romance de Milan Kundera (1999), na nudez de Botero, leveza e peso, mais que suas divergências semânticas, se entrelaçam compondo sentido.

Nas telas de Botero, a “gordura” é associada ao bom viver, à saúde, à alegria de viver, à boa disposição, aos prazeres dos sentidos. Ele é um pintor figurativo e suas figuras são cheias, redondas, ou mesmo corpulentas, mas este exagero apenas reflete uma preocupação estética e, sobretudo, possui uma função estilística.

Ao observarmos atentamente a pintura, somos tomados por sensações diversas. Há um estranhamento inicial, pois nossos olhos foram acostumados a captar a beleza em corpos escassos de carnes e aceitar contornos corporais magros. Como acontecimento discursivo, essa tela se torna um documento histórico, inscreve-se em uma materialidade e estará à disposição de futuros aparecimentos, pois “um acontecimento discursivo abre sempre a possibilidade do seu retorno” (GREGOLIN, 2011, p. 91). A tela de Botero é um acontecimento discursivo inscrito em uma materialidade, em uma forma, que estará sempre à disposição de futuros discursos.

Alguns acontecimentos discursivos, já instalados na memória cultural, retornam constantemente, como acontece com a imagem na capa da Revista **Veja** (Figura 27). A edição 1514, publicada em 24 de setembro de 1997, com o título destacado em letras maiúsculas: “O golpe nos gordos” traz na capa uma imagem de um corpo feminino protuberante.

Figura 27 – O golpe nos gordos



Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital
Acesso em: 20 de Junho 2011

A imagem é acompanhada de um enunciado verbal: “O golpe nos gordos”, referente à proibição dos remédios para emagrecer. Esta capa evidencia a heterogeneidade constitutiva do discurso midiático. Ela é atravessada por outro discurso, do campo das Artes. A imagem da mulher gorda dialoga com um feixe de outros enunciados imagéticos em que a matriz do sentido é a arte de Botero, ou mesmo algum outro artista do Renascimento italiano. A inscrição desse acontecimento na memória, a partir da materialidade imagética permite, ao mesmo tempo, seu retorno e a rememoração do estilo singular do corpo obeso nas telas do pintor colombiano. Trata-se de uma atualização de uma memória visual enraizada na História, em nossa cultura.

Segundo Pêcheux (2008), os sentidos são sempre eivados por outros discursos que os atravessam e, por isso, são produzidos no cruzamento entre uma atualidade e uma memória. Esse caráter heterogêneo insere o discurso na História: não há um único enunciado que não retome outros e com eles dialogue; não há um único enunciado sem margens, ele está sempre povoado por outros enunciados. Dessa forma, os sentidos acontecem em uma dispersão.

O enunciado imagético retoma Botero e conserva dele determinados traços. Por meio da intericonicidade ele foi transformado em um acontecimento atual. Nessa transformação, cruzam-se sentidos da aceitação da gordura renascentista com o combate à gordura da atualidade. A intericonicidade produz sentidos que se digladiam no interior dos discursos, produzindo representações sociais e efeitos identitários.

Todo discurso se faz na tensão entre o mesmo e o diferente, entre algo que se mantém na memória e algo que se renova e assume novos sentidos. No mesmo discurso há uma memória do já-dito e uma mudança que aponta para as novas formulações e sentidos, são duas forças que trabalham juntas, mas em direções diferentes permitindo que os sujeitos e os sentidos se manifestem (PÊCHEUX, 2007, 2008). Como um “nó em uma rede”, as duas imagens, presentes na tela de Botero e na capa da Revista **Veja**, dialogam numa rede interdiscursiva em que se repetem e se confrontam, num jogo incessante de produção de sentido. Considerando que todo discurso tem sua margens povoadas por outros discursos (FOUCAULT, 2008b), podemos afirmar que há uma “deriva de sentido” entre as duas imagens, já que toda imagem tem um eco, conforme defende Courtine (2005 *apud* MILANEZ, 2006a).

Cabe aqui uma afirmação de Gregolin sobre essa rememoração, que produz, segundo ela, um efeito de “história ao vivo”, a partir da

instantaneidade da mídia, que interpela incessantemente o leitor através de textos verbais e não-verbais, compondo o movimento da história presente por meio da ressignificação de imagens e palavras enraizadas no passado. Rememoração e esquecimento fazem derivar do passado a interpretação contemporânea, pois determinadas figuras estão constantemente sendo recolocadas em circulação e permitem os movimentos interpretativos, as retomadas de sentidos e seus deslocamentos. Os efeitos identitários nascem dessa movimentação dos sentidos (GREGOLIN, 2007b, p. 16).

Tomando como contexto uma sociedade que cada vez mais produz um ideal de corpo baseado em padrões midiáticos, o corpo se molda e é tomado por imagens construídas e estereotipadas de um ideal a ser atingido. Assim, no imaginário coletivo, este ideal de forma física consolida e impõe violentamente como parâmetro de beleza o corpo magro.

Na pós-modernidade, a visibilidade e o reconhecimento no olhar do outro são fundamentais na definição do que cada um é, cotidianamente, submetido a uma série de dispositivos que apontam para o culto à beleza. Assistimos a um crescimento desmesurado da obesidade em todo o mundo, e a uma curiosa consequência dessa expansão: a lipofobia, uma rejeição cada vez mais visceral aos tecidos adiposos que naturalmente habitam o corpo humano.

Em se tratando da discussão sobre a obesidade, Gilman (2004, p. 339) traz importantes contribuições, ao advertir sobre como este conceito é escorregadio, em geral, associado às noções de doença e deficiência. Desconstruindo as possíveis definições do termo, o autor indaga: o que é a obesidade? E, em seguida, afirma: “embora existam conjuntos de definições médicas contemporâneas da obesidade, também é claro que a definição daqueles que são obesos muda de uma cultura para outra com o passar dos tempos”.

Foucault discute as conformações e catalogações que operam nos corpos como questões políticas. Nas palavras do filósofo,

o corpo está também diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder dele se apoderam imediatamente, elas o investem, o marcam, exigem dele signos [...]. Esta tecnologia política do corpo é difusa, raramente formulada em discursos contínuos e sistemáticos; compõem-se frequentemente de peças e pedaços, faz funcionar uma aparelhagem de processos discordantes (FOUCAULT, 2009, p. 30-31).

O culto ao corpo contém em si um caráter de exclusão e desconfiança relacionados àqueles que não estão dentro dos padrões estéticos da contemporaneidade. Os rígidos padrões de perfeição corporal são perigosos, porque ao integrarem alguns indivíduos nas normas culturais da sociedade, também excluem os demais. Em uma sociedade que enaltece

genericamente o corpo, corre-se o risco de negar os corpos diferentes e fora dos padrões, que não se encaixam na modelagem existente. O corpo é espaço de coerção, de controle e adequação a padrões estanques de beleza e juventude.

Segundo Gregolin (2007b, p. 19-20), no governo de si, “o sujeito deve autocontrolar-se, modelar-se a partir das representações que lhe indicam como deve (e como não deve) ser o seu corpo”. O corpo é concebido como “uma realidade bio-política” (FOUCAULT, 2008a), alvo de uma política de “controle-estimulação” que objetiva trabalhá-lo, produzi-lo, expondo os sujeitos às maneiras de pensar e de agir adequadamente na sociedade, incitando-os à interiorização e à incorporação de convenções idealmente construídas.

Não somos totalmente livres para construir nosso corpo, pois estamos sujeitados moralmente e aprisionados pela ditadura do corpo perfeito. No passado, rompemos com os espartilhos, nos anos 1970, queimamos sutiãs, mas hoje é o próprio corpo, modificado por plásticas e por exercícios que se impõe ao olhar rígido, de formas contidas por um lado, e exacerbadas, por outro. Sobre essa questão, Foucault afirma que

o domínio e a consciência do seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do próprio corpo... tudo isso conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. Mas, a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação do seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor. [...] O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo (FOUCAULT, 2008a, p. 146).

Apesar da “vigilância panóptica” da mídia, do seu olhar invisível sobre o sujeito, ele não se constitui em um alvo inerte, visto que a transitoriedade e circularidade do poder permitem o surgimento de fissuras, nas quais a libertação dos corpos emerge. Assim, longe “de ser um autômato passivo, o sujeito vive numa constante tensão entre a aceitação e a recusa do poder, numa espécie de batalha entre a relutância do querer e a intransitividade da liberdade” (GREGOLIN, 2004, p. 103). Segundo Milanez (2006a), temos uma possibilidade de agir na brecha que nos é deixada, não sendo totalmente controlados, massacrados o tempo todo. Desse modo, é possível respirarmos momentos de liberdade mesmo sendo cerceados pelo discurso midiático.

Embora seja considerada, algumas vezes, como o quarto poder, a mídia não estabelece uma dominação total sobre os sujeitos leitores; pelo contrário, existem aqueles que resistem

aos seus posicionamentos, aos seus tentáculos. O que observamos é a presença de micro-poderes, pulverizados nas relações interindividuais e institucionais, efetivadas nas escolas, na mídia, na família, na polícia, nos hospitais, no Estado, na Igreja, etc.

As disciplinas, segundo Foucault (2009, p. 118-19), possibilitam “o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade. [...] a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’”. Ela aumenta as forças do corpo e diminui essas mesmas forças.

A linguagem não apenas narra acontecimentos e sujeitos, mas os constitui. Quando nomeamos alguém de “gordo”, não nos referimos apenas ao seu excesso de peso, mas também a outros significados atribuídos ao “ser gordo”, os quais não lhe são inerentes, tais como ser uma pessoa desatenciosa com o próprio corpo, comilona, sedentária. Levando em conta o seu caráter produtivo, a linguagem constitui os sujeitos, produz identidades, inclui e exclui, aprova e marginaliza.

Ao discutir sobre a ordem que caracteriza o pensamento moderno, Bauman (2001) defende que nada é mais artificial que a naturalidade. Os padrões de comportamento e de beleza sobre o corpo são elaborados a partir de contextos históricos e culturais. Nessa perspectiva, o corpo é construído e reconstruído ao longo do tempo em diferentes culturas. O que entendemos hoje como um corpo belo, saudável e normal é uma construção histórica e cultural, situada e datada.

Segundo Courtine (2008), no século XIX, na Europa, espetáculos realizados com corpos com deformados, considerados monstruosos, eram exibidos ao público curioso em ver o diferente, o exótico, o bizarro. O estudo de Courtine exemplifica, do ponto de vista discursivo, como a questão do corpo que pode se mostrar e pode ser olhado é uma questão histórica que se relaciona aos discursos estético, religioso, político e médico. Em feiras, barracas, salões, festas populares, circos itinerantes, corpos nomeados como “o homem-elefante, a menina-macaco, as crianças de duas cabeças e quatro braços ligados pelo tronco”, além de gigantes, anões e albinos, eram exemplos de espécimes sobre os quais os olhos dos espectadores podiam pousar sem vergonha, examinar, admirar, demorar-se em percorrê-los.

Entretanto, nesse mercado do olhar, o corpo monstruoso, ainda no século XIX, vai ceder lugar a outros campos de visão a partir do momento em que a Medicina e a Antropologia dele se apropriam como seu objeto de estudo e o deslocam da posição do espetacular para o cientificamente analisável, classificável, explicável.

Para Fischler (2005), o corpo transgressor não é necessariamente um corpo monstruoso, de formas não-humanas, mas um corpo que parece não se adequar a determinadas leis sociais. Segundo o estudioso, o corpo é um signo imediatamente interpretável por todos de nossa adesão ao vínculo social, de nossa lealdade às regras de distribuição e da reciprocidade, e nesse sentido, o corpo obeso hoje é também um exemplo de corpo transgressor. Diferentemente do século XIX, em que até certo momento, a gordura representava a classe alta, saúde, prosperidade e respeitabilidade social, no século XXI, a obesidade representa o corpo que transgride as leis, que se imagina comer mais do que tem direito, e trabalhar menos do que deve, e que por isso deve retribuir com a ocupação de papéis sociais que compensem isso (o gordo deve ser simpático, extrovertido.). A transgressão para ele se relaciona às leis e papéis sociais.

O conceito de obesidade esbarra com as conformações do normal e do anormal, indicando os aspectos da construção cultural do corpo, na atualidade. Foucault refletiu sobre como as conformações e catalogações que operam nos corpos constituem questões políticas. Na sua opinião,

o corpo está também diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder dele se apoderam imediatamente, elas o investem, o marcam, exigem dele signos [...]. Esta tecnologia política do corpo é difusa, raramente formulada em discursos contínuos e sistemáticos; compõem-se freqüentemente de peças e pedaços, faz funcionar uma aparelhagem de processos discordantes (FOUCAULT, 2009, p. 30-1).

O corpo gordo é considerado fora da “normalidade”, termo entendido como aquilo que foi instituído, dentro da norma, como culturalmente “correto”, em uma determinada época. A anormalidade é estabelecida discursivamente e resulta de práticas discursivas, construídas através de processos históricos e culturais. Nesta questão, é relevante a aproximação com as ideias de Foucault (1997), que põe em xeque o que é anormal e desnaturaliza aquilo que é tomado como verdade de uma época. Historicamente, as anormalidades estavam ligadas ao crime, ao mal, às aberrações (FOUCAULT, 2001). Os estereótipos atuais contra os gordos, idosos e outros sujeitos que destoam do padrão do corpo ideal têm o mesmo efeito estigmatizador e excludente.³⁰

³⁰ A aversão aos obesos, a lipofobia, é um caso extremo dessa tendência estigmatizante. Os estereótipos do obeso o apresentam como um transgressor que viola as regras básicas do jogo social relacionadas ao cuidado de si (ORTEGA, 2005).

Na perspectiva foucaultiana, a aversão a corporeidades “disformes” é fruto do processo de sujeição ou dos processos contínuos e ininterruptos que sujeitam os corpos, dirigem os gestos, regem os comportamentos.

Esta relação de poder de corpos normais/corpos anormais reflete um passado histórico ainda bastante atual, encoberto apenas pelo discurso da oportunização e da acessibilidade. Na obra *Os Anormais*, Foucault (2001) nos alerta sobre como essas relações podem desdobrar-se em locais de poder a favor da hegemonia da norma. O livro apresenta uma reconstrução genealógica do conceito de “anormal”, erigido durante o século XIX, que inicialmente se dá em meio ao embate entre os saberes jurídicos e penais, até uma psiquiatrização do desejo e da sexualidade, no fim do século XIX. Permeando essa reconstrução, o autor apresenta elementos que servem para definir diferentes personagens que antecedem o “anormal”, os dispositivos que servem à sua definição, a raridade ou a frequência da aplicação desta noção e a tecnologia de poder que lhe corresponde.

O processo de disciplinarização corresponde aos mecanismos de normatização, isto é, aos processos de nomeação e separação entre o indivíduo ‘normal’ e o ‘anormal’. Esse processo de separação é fundamental em se tratando da produção do sujeito moderno, o sujeito normalizado. Para o filósofo francês, o conceito de anormal de nossos dias é tributário do final do século XIX, e deriva de relações de reciprocidade que se estabeleceram entre três figuras distintas, reprováveis socialmente, cada qual com histórias e trajetórias diferentes, mas que se entrecruzaram. Conforme Foucault (2001), o grupo dos anormais se constituiu em correlação com um conjunto de instituições de controle, com uma série de mecanismos de vigilância e de distribuição. Esse grupo se formou a partir de três categorias: o monstro moral, o indivíduo a corrigir e o onanista.

A primeira categoria, o monstro humano, “combina o impossível e o interdito”. Foi a primeira a adquirir autonomia, no final do século XVII. As malformações, como os gêmeos siameses, ou os hermafroditas, passaram a ocupar lugar de destaque, na medida em que subverteram, além da lei natural, as leis da sociedade e as leis da justiça. Deixaram de ser exceção apenas à norma biológica, passando a violar também o direito constituído: leis de casamento, cânones de batismo, regras de sucessão. Além da condição de monstrosidade e da interdição social, esse tipo anormal é considerado perigoso.

A periculosidade do monstro moral conduz a uma inversão do crime monstruoso ao monstro criminoso. A pergunta que será dirigida ao médico: “este indivíduo é perigoso?”, permitirá o estabelecimento de uma relação de pertinência entre as condições de doença e de infração. É preciso perguntar “que monstrosidades podem existir por detrás de pequenas

anomalias?”, ou “qual o grande monstro que se oculta por detrás de um gatuno?” (FOUCAULT, 2001, p.128).

A partir dessa categoria do monstro moral, pretendemos pensar sobre o sujeito, que é o viés do nosso trabalho. Foucault diz que esse monstro é marcado por dois elementos: o jurídico e o biológico. Há uma lei que exige que o sujeito seja, ou não, de determinada forma, esteja, ou não, dentro de uma determinada ordem, e esse tipo de ordem é marcada pelo corpo. Esse tipo de monstro ocupa uma condição daquele que está contra as leis da natureza.

A segunda categoria, o indivíduo a corrigir, é

o mais correlato das técnicas de adestramento, com suas exigências próprias, do que dos imperativos da lei e das formas canônicas da natureza. O aparecimento do ‘incorrigível’ é contemporâneo ao estabelecimento das técnicas de disciplina, a que se assiste durante os séculos XVII e XVIII (FOUCAULT, 1997, p. 63).

Por ser, ao contrário do monstro, sempre frequente, o indisciplinado induzirá ao acirramento da vigilância: “se frequente, sempre vai ser difícil determiná-lo”, explica o filósofo e acrescenta, “paradoxalmente, o incorrigível, na medida em que assim o é, requer mais e mais tecnologias de corrigibilidade e reeducação” (FOUCAULT, 2001, p. 73).

A soberania da lei e de seu aparato jurídico sofre um deslizamento em favor de técnicas de disciplinamento aplicadas sobre o corpo, sobre o comportamento, por militares, educadores especiais, supervisores, inspetores, técnicos, profissionais de saúde. O internamento em instituições fechadas consagrou-se como a medida intermediária entre a interdição judiciária – procedimento negativo – e a correção – procedimento positivo (FOUCAULT, 2001).

A última categoria, do onanista, a criança masturbadora, é a mais recente, surgiu em meados do século XIX, e foi contemporânea ao desenvolvimento das teorias da sexualidade infantil, ou às teorias da psicopatologia das perversões. Tais teorias deslizaram das práticas de confissão da Reforma Protestante e o seu policiamento dos pecados, entre os quais o desejo sexual. O contexto de referência estreita-se ainda mais, agora sobre o indivíduo, seu corpo, seus pensamentos, aplicados à nova tecnologia de poder. Por outro lado, sua frequência, maior do que a de indisciplinados, conduz a um estado permanente da vigilância. O saber-poder médico conquista definitivamente o seio das famílias, normatizando, controlando e regulando a relação entre pais e filhos. O médico herda o papel do padre: em lugar de interrogatórios, consultas, em lugar de penitências, tratamentos e conselhos. Como descreveu Foucault (2001,

p. 74) “a pequena família incestuosa que caracteriza nossas sociedades, o minúsculo espaço familiar sexualmente saturado em que somos criados e em que vivemos formou-se aí”.

Para cada uma das categorias, o filósofo evidenciou histórias e trajetórias autônomas. Contudo, suas especificidades se modificaram e confundiram, se mesclaram em convergências e deslizamentos. Desse modo, a genealogia dos anormais se formou a partir do estabelecimento de uma rede regular de saber-poder, que sustenta o conceito de anormal, reunindo estas três categorias.

A época atual parece ter elegido o obeso como o novo monstro. Ninguém fala que não gosta de gordos, mas eles são tratados com certa indiferença. O preconceito contra obesos é um fenômeno historicamente recente, que teve início com a ascensão do capitalismo. Antes, a obesidade era vista como fraqueza. Hoje, como incompetência. É uma lógica econômica, porque um corpo magro é sinônimo de agilidade, enquanto o gordo, de ócio e improdutividade, características condenadas pelo capitalismo.

Na contemporaneidade, o corpo passa a ser um importante sinal de diferenciação. Pode-se visualizar um movimento incessante de procura do apagamento das marcas das diferenças em favor da construção de um mundo harmônico e que, por isso, busca minar e desativar o que difere, marcando com uma identidade o que burla, desenquadra, rompe, destoa dos enclausurados parâmetros contemporâneos de normalidade que engessam os sujeitos e seus corpos.

O corpo é uma produção social, e isso fica claro ao observarmos que as sociedades são compostas por códigos culturais distintos que prescrevem diferentes tratamentos e usos dos corpos, que hoje se concentram numa vida centrada na aparência física. Vigarello (2005) mostra que ocorreu uma verdadeira metamorfose nos corpos ao longo do século XX. Os corpos magros, finos, musculosos e bronzeados conquistaram seu espaço. As marcas deixadas nos corpos pelas atividades físicas (músculos) e pelo banho de sol (bronzeado) tornaram-se atributos fortemente valorizados pelas pessoas. Houve, assim, uma transformação do corpo e a beleza tornou-se uma das principais receitas da juventude. A silhueta esbelta e esportiva, os membros musculosos e sem gordura localizada tornaram-se ideais de beleza.

Se a biopolítica, diferentemente do poder disciplinar, se preocupa com as populações e não mais com os corpos individualizados, é pertinente pensar que além de diversos mecanismos reguladores citados por Foucault (controle da natalidade, da fecundidade, do meio geográfico, do meio hidrográfico, das cidades, higiene e saúde pública, etc.) também há, a partir do século XX, o controle da massa corporal que se estende à população. Daí o combate à obesidade ter se tornado uma biopolítica, na medida em que a vida, efetivamente,

se tornou uma preocupação política. A vida tornou-se um alvo privilegiado do poder e, a partir disso, um objeto de dominação.

Deleuze (1992) também tem um papel relevante nessa discussão, na medida em que a sociedade de controle, caracterizada por ele, nos ajuda a pensar a regulação ininterrupta que sofrem as pessoas obesas. Tal regulação, estimulada tanto pela mídia quanto pelo discurso científico, legitima o corpo gordo como um corpo marcado pela falência moral e que, portanto, deve ser corrigido, modificado e aperfeiçoado.

Se na sociedade disciplinar o sujeito era adestrado, vigiado, domesticado e esquadrinhado nas instituições, hoje ele é controlado em todos os locais. Foucault nos ajuda a entender isso com a categoria “biopolítica” e seu conjunto de biopoderes e Deleuze (1992) aprofunda a questão ao afirmar que hoje vivemos numa sociedade de controle. Nessa sociedade, o sujeito nunca está completo e é sempre regulado. O gordo precisa travar uma guerra cotidiana em prol da vida. O controle é sempre contínuo e ininterrupto sobre a necessidade de emagrecimento.

Na nossa sociedade, o sujeito que não está dentro do padrão de beleza divulgado pelos meios midiáticos é considerado “anormal”. No discurso da beleza existe um princípio de segregação, ou seja, a exclusão do sujeito gordo. E esse processo pode ser compreendido como um procedimento de controle. O sujeito “gordo” é segregado da sociedade devido ao seu corpo. É divulgado constantemente um modelo inatingível de beleza, que os sujeitos sabem que não poderão jamais alcançar, uma vez que a perfeição é apenas uma ilusão e está longe de ser atingida. Não só a mídia está envolvida nesse processo, mas todo um conjunto de instituições que delimitam normas para os sujeitos.

4.2 O discurso sobre o corpo gordo na Revista VEJA

O corpo parece ter uma importância vital na atualidade, uma vez que serve como instrumento de comunicação e para demarcar fronteiras. Dessa forma, sinaliza grande parte das relações que mantemos conosco e com os outros, tornando-se um objeto a ser incessantemente renovado, transformado. Estamos inseridos em um mundo no qual o culto da aparência gera um dos preconceitos mais penetrantes, embora mais negados. Neste estudo, o corpo gordo é entendido como uma categorização fabricada na cultura, por meio da marcação da diferença. Como afirma Woodward,

essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão *social*. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de *sistemas classificatórios*. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos (WOODWARD, 2003, p. 39-40, grifos da autora).

É preciso, pois, distinguir dentro do sistema classificatório aplicado na sociedade atual (magro, gordo, obeso) os limites, ou seja, a medida que uma dada cultura determina para eles. Os critérios, as medidas, os limiares variam de acordo com a história. A tendência em naturalizar o corpo magro em oposição ao corpo gordo é crescente na pós-modernidade.

Os gordos, dito anormais, nomeados como diferentes, entre outros, não foram sempre os outros da esfera social, não são desde sempre nomeações negativas, mas passaram a ser no momento em que vozes em que ecoavam esses ditos tomaram estatuto de verdade frente a outros discursos. Nesta questão, o olhar tem uma grande relevância, pois, “é o olhar que colocamos sobre as coisas que, de certa maneira as constitui. São os olhares que colocamos sobre as coisas que criam os problemas do mundo (VEIGA-NETO, 2002b, p. 30).

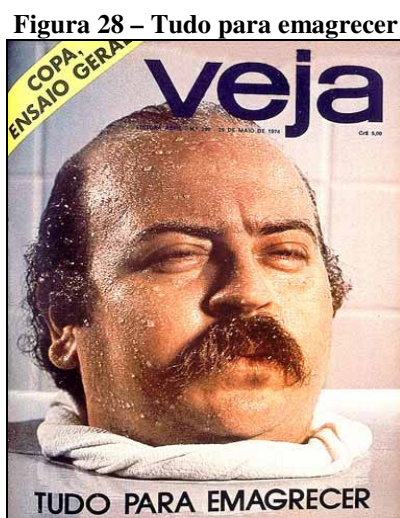
Cabe salientar que as identidades constroem-se a partir dos olhares que lançamos sobre os outros, sobre nós mesmos e, ainda, a partir dos olhares que os outros nos lançam. Assim, os modos de os sujeitos se voltarem para seus corpos relacionam-se com a imagem que os outros têm de nós. A cultura contemporânea do narcisismo, ao remeter as pessoas continuamente a buscarem o testemunho do espelho, não considera que o olhar do outro é o espelho mais nítido. É o reconhecimento dos outros que confirma nossa existência e o que somos ao longo da vida. A aprovação de si no olhar do outro funciona como um modo de o sujeito perceber que está em consonância com o que esperam dele.

Há muito tempo existe uma dualidade entre magro e gordo, no que se refere ao padrão de beleza, gerando novos signos e costumes sociais que foram registrados na literatura e discutidos por estudiosos ao longo do tempo. Miguel Cervantes criou um dos personagens mais marcantes da literatura, Dom Quixote, uma figura magérrima, acompanhada por seu fiel escudeiro, obeso, Sancho Pança. Conforme Sant’Anna (2005a), inúmeras sociedades acolheram com satisfação a presença do gordo e desconfiaram da magreza como se esta expressasse doença. Entretanto, no decorrer do século XX, os gordos precisaram fazer um esforço para emagrecer que lhes pareceu bem mais pesado do que o seu próprio corpo.

O discurso da mídia constrói posições particulares para os sujeitos: em oposição ao sujeito-feio, o discurso sobre a beleza produz o sujeito-belo. Neste ponto, é cabível o ponto de vista de Gregolin (2007a; 2007b) sobre como os discursos se confrontam, se digladiam, envolvem-se em batalhas, expressando as lutas em torno de dispositivos identitários, já que os sujeitos são sociais e os sentidos são históricos. Desse modo, a identidade do sujeito magro e belo é imposta às pessoas. Os que não se adequam ao território marcado da beleza são excluídos. Devemos assumir nosso corpo ou nos enquadrar na modelagem do corpo ideal para sermos considerados belos?

A espetacularização do conteúdo midiático fez com que a mercadoria e o corpo se aproximassem cada vez mais, convertendo o mesmo em um bem de consumo. Ter um corpo “perfeito”, “bem delineado”, “em boa forma”, significa a vitória sobre a natureza, o controle do sujeito sobre seu próprio corpo. A gordura, a flacidez, o sedentarismo simbolizam a indisciplina, o descaso, a falta de controle. As pessoas são culpadas pelo fracasso do próprio corpo, o qual, sem dúvida, é vigiado e punido (FOUCAULT, 2009).

A Revista **Veja** exibiu o corpo gordo pela primeira vez na capa da edição 299, publicada em 29 de maio de 1974 (Figura 28), com a imagem da cabeça de um homem, como se estivesse sendo servida em uma bandeja. A partir dessa imagem, podemos resgatar os elementos semiológicos que constituem a sua memória longínqua, recuperando outras imagens semelhantes.



Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital
Acesso em: 20 de Junho 2011

Considerando, segundo Courtine (2005, *apud* MILANEZ, 2006a), que toda imagem tem um eco, a imagem da capa sugere a relação com outra. As imagens da memória, as

imagens de impressão visual, armazenadas pelo indivíduo, fazem ressurgir outras imagens. Neste caso, a cabeça de João Batista que foi entregue em uma bandeja a Herodes, conforme o discurso religioso cristão.

Qualquer discurso se constrói como um mosaico de citações, que absorvem e transformam algo já dito antes. Esse cruzamento de enunciados encontra-se, pois, nas colagens pictóricas que se constituem da interferência de uma multiplicidade de outras imagens, um mosaico de imagens. Ao afirmar que os enunciados são povoados, em suas margens, por outros enunciados, o filósofo endossa a ação do interdiscurso, evidencia a heterogeneidade e a importância da análise arqueológica uma vez que não há enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série.

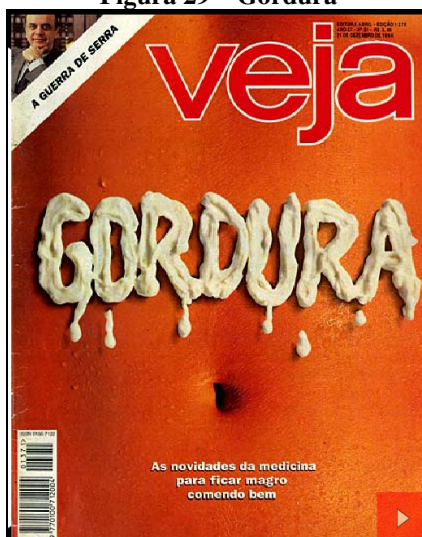
Ainda sobre a imagem da capa, observamos que todo o restante do corpo é omitido, o que sinaliza que um novo corpo tem que ser construído e como solução, o título é imperativo e enfático: “Tudo para emagrecer”. Enquanto detentora da informação, a Revista **Veja** representa o saber e o poder. Assim, o leitor que comprar o exemplar, saberá tudo sobre o assunto, ou seja, o que é necessário fazer para emagrecer.

Na reportagem da capa, intitulada com um neologismo que busca causar impacto no leitor: “A galopante dietomania”, são exibidos vários corpos gordos, alguns exemplificando o “antes” e “depois” do emagrecimento. Na matéria, a obesidade é tratada como um problema de saúde e não representa uma necessidade de tratamento estético vital como é na atualidade. A gordura é a grande vilã e é preciso eliminá-la. Para isso, são apresentados os discursos autorizados de médicos, endocrinologistas, nutricionistas e cirurgiões plásticos sobre emagrecimento e dietas (posição autorizada para enunciar com critério de verdade da época), como se um indivíduo fosse um objeto qualquer que pode ser reformado facilmente. Sobre o discurso médico, Le Breton (2007) comenta que tem a finalidade de dominar a vida e controlar a genética, tornando-se uma instância normativa, um biopoder, um modo científico de gerir o destino do indivíduo.

A gordura já era um tema polêmico, ou seja, o corpo gordo já era estigmatizado. A espetacularização do corpo pelo discurso midiático converteu-o em um bem de consumo. Ao corpo é atribuído um valor sociocultural que integra o indivíduo a um grupo e ao mesmo tempo o destaca dos demais. Ter um físico perfeito, bem delineado, significa a vitória sobre a natureza. A gordura, a flacidez, o sedentarismo simbolizam o descaso, a indisciplina. Os indivíduos são culpados pelo fracasso do próprio corpo, o qual, sem dúvida, é vigiado e punido (FOUCAULT, 2009).

Nos anos 1990, a Revista **Veja** dedicou-se à construção de um modelo corporal feminino e concentrou seu discurso em termos como bem-estar e qualidade de vida. A gordura foi a grande vilã da década e tornou-se necessário eliminá-la, em busca de um corpo perfeito. Esta preocupação foi expressa na edição 1371, em 21 de dezembro de 1994 (Figura 29). De forma muito criativa, a capa exibe a imagem de uma barriga sem nenhuma saliência, com a palavra “gordura”, em letras brancas e caixa alta, acima do umbigo. É interessante observar que estas letras parecem estar repletas de gordura, que vão aos poucos derretendo, o que causa impacto nos leitores. Abaixo do umbigo, em letras menores, destaca-se o subtítulo sobre: “As novidades da medicina para ficar magro comendo bem”.

Figura 29 – Gordura



Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital
Acesso em: 20 de junho de 2011

A matéria de capa objetiva controlar os leitores quanto ao excesso de peso. O texto apresenta informações sobre obesidade e tabelas de calorias gastas em algumas atividades físicas, além de procurar responder questões preocupantes: “por que as pessoas engordam?”; “qual o tipo de alimento que mais engorda” etc. Ao produzir um discurso sobre o corpo gordo, marcado pela ideia de negligência, doença, anormalidade, a Revista **Veja** procura mostrar para os leitores o corpo que eles não devem ter.

Como a gordura é considerada o mal da década de 1990, a edição de 27 de novembro de 1996 (Figura 30) estampa na capa a manchete: “Gordura tem remédio”. A matéria principal apresenta “as novas drogas que combatem a obesidade”. A capa destaca uma mulher usando um maiô que realça o seu corpo magro e esguio. A mulher está entre cápsulas de

medicamentos que aparecem, metaforicamente, como se fossem balas que estivessem sendo “disparadas” em meio a um combate, cujo alvo é a gordura corporal.

Figura 30 – Gordura tem remédio



Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital
Acesso em: 20 de junho de 2011

A reportagem da capa utiliza um discurso bélico, no qual termos lexicais como “aliados”, “guerra” contra gordura, “combate” à obesidade, entre outros, mostram que a Revista trava uma grande batalha contra as calorias. A solução apontada para a perda de peso de um indivíduo obeso é o uso de uma droga desenvolvida por cientistas americanos, o *redux*. Apoiada nos discurso médico e nutricional, a Revista esclarece os benefícios gerados com o uso do novo remédio, aliado à prática de atividades físicas e uma dieta calórica.

Com a promessa de sanar os males estéticos, o remédio é oferecido aos corpos atormentados pelo excesso de peso e pela gordura. A responsabilidade do sujeito sobre o controle da gordura é transferida para o medicamento. Além do resultado eficiente, há o conforto do leitor, em especial a mulher, sua única atitude deve ser ingerir o remédio para obter um corpo perfeito, sem nenhum esforço físico – verdadeira promessa nirvânica. O poder concedido à solução farmacológica possibilita uma pausa na coerção corporal, liberando a mulher da vigilância calórica cotidiana.

Le Breton (2007, p. 23) opina que a Medicina interfere na natureza com a finalidade de dominar a vida e controlar a genética, “tornando-se uma instância normativa, um biopoder, uma forma científica e cruel de enunciação do destino”. No discurso da Revista **Veja**, o corpo é pensado como um objeto indiferente, um simples suporte do indivíduo, tornando-se uma

matéria prima a ser retrabalhada, na qual a identidade se dilui, entre textos, imagens e recursos gráficos virtuais veiculados.

Mantendo ainda o olhar voltado para a gordura, a Revista publica, em fevereiro de 1998, a edição 1532 (Figura 31), exibindo na capa a foto de uma modelo gorda, sorridente e simpática, segurando entre os dedos uma miniatura de uma balança.



Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital
Acesso em: 20 de junho de 2011

Para a maioria das pessoas, a gordura é considerada uma “vilã”. Entretanto, a **Veja** faz estremecer essa “verdade” quando afirma que “a gordura não faz tão mal à saúde quanto parece”. Apesar do temor quanto ao excesso de peso acusado pela balança, o saber da reportagem traz solução para o corpo volumoso. No início da matéria, é apresentada uma pesquisa feita com várias mulheres. De cada dez entrevistadas, nove declararam insatisfação com o próprio corpo, manifestando o desejo de emagrecer, eliminar rugas, perder barriga etc. Tais desejos servem de pano de fundo para a matéria.

A balança é um guia constante e um impávido juiz da obesidade. A mensuração da obesidade, por muito tempo subjetiva e aproximada, padronizou-se hoje em dia: as silhuetas e pesos estão quantificados e as normas universalizadas (VIGARELLO, 2012). Através da biopolítica, a população é adestrada a manter um determinado peso, conforme o que é considerado “normal”, ou seja, dentro da norma.

À medida que aumenta o índice de massa corporal³¹, a pessoa é considerada mais gorda. O discurso médico-científico, que indica que a obesidade é uma doença, vem sendo compartilhado pela mídia. Da mesma forma que o discurso midiático divulga a magreza como padrão de beleza, divulga que a obesidade é um problema de saúde. Entretanto, o “estar gordo” ou “estar magro” pode ser definido na relação aos outros e não ao ICM. Os sujeitos podem se perceber gordos ou magros, a partir do olhar dos outros em relação a si próprio.

Através de uma exposição de dietas, regras, opiniões e depoimentos, o leitor é adestrado quanto aos seus modos de comer e de cuidar-se, adequando-se aos padrões estabelecidos pelo discurso midiático. Para ajudar o leitor obeso a diminuir sua estrutura adiposa e com o objetivo de validar a reportagem, várias autoridades da área da saúde e celebridades opinam sobre a alimentação saudável e a prática de atividades físicas, mecanismos disciplinadores e de controle, necessários para combater a gordura.

Com o subtítulo de “Falência moral”, a Revista apresenta o “Manual da obesidade” e defende que “nossa cultura de valorização da magreza transformou a obesidade em um símbolo de falência moral. Denota descuido, preguiça, desleixo, e falta de disciplina” (Veja, edição 1532, p. 64). Como argumentou Fischler (2005), estamos na época da “lipofobia”, caracterizada por uma obsessão à magreza e uma rejeição quase maníaca à obesidade. Ao valorizar a magreza, a sociedade contemporânea transforma a gordura em um símbolo de falência moral, e o sujeito gordo, mais do que apresentar um peso socialmente inadequado, passa a carregar um caráter pejorativo.

É pertinente pensar que além de diversos mecanismos reguladores citados por Foucault, também há, a partir do século XX, o controle da massa corporal que se estende à população e às massas. Daí o combate à obesidade ter se tornado uma biopolítica, na medida em que a vida, efetivamente, se tornou uma preocupação política. O corpo gordo passa a ser visto como um corpo marcado pela falência moral e que, portanto, deve ser corrigido, a fim de valorizar a vida. A biopolítica busca controlar a quantidade de gordura existente no corpo da população. Ser gordo não é somente um problema estético ou social, ser gordo constitui-se num problema político, isto é, numa forma de dominação.

No mundo ocidental vive-se hoje um paradoxo: ao mesmo tempo em que há uma oferta excessiva de alimentos altamente calóricos convivendo com um estilo de vida que

³¹ A massa corporal ideal para as pessoas é definida pelo seu peso dividido pela altura ao quadrado ($IMC=PA^2$), que vai resultar na seguinte normatização: IMC abaixo de 20 = magro; IMC entre 20-25= normal; IMC entre 25-30= sobrepeso; IMC entre 30-35= obesidade leve; IMC 35-40= obesidade moderada; IMC acima de 40= obesidade mórbida.

incentiva o sedentarismo, há também uma valorização do corpo magro como preferencial do padrão estético. Esse contexto faz crescer, velozmente, o mercado das dietas, dos produtos e serviços indicados para a perda de peso. Esse mercado lucrativo está baseado na existência da magreza como padrão de estética.

Podemos afirmar que o conjunto de mecanismos regulamentadores da população atua e interfere na relação entre saúde e massa corporal. Esta tem sido objeto de controle e intervenção, na medida em que se constituiu no século XX uma biopolítica que também se direciona a esse fim. A preocupação em ser gordo ou ser magro não é meramente individual, ou apenas fruto da pressão midiática, mas um efeito da biopolítica sobre as populações.

O tema das dietas é abordado pela Revista **Veja** em várias publicações, entre elas a edição 1689, de 28 de fevereiro de 2001. A tonalidade escura da capa contrasta com a cor branca do título em caixa alta: “Dieta sem fome”. Em letras menores, mas também destacado na capa (Figura 32), o subtítulo é polêmico: “Contra a corrente da medicina tradicional, os regimes de baixos carboidratos estão de volta. Motivo: funcionam”. Essa afirmação contradiz o discurso convencional que culpa os carboidratos pelo aumento de peso.

Figura 32 – Dieta sem fome



Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital
Acesso em: 20 de junho de 2011

A capa desta edição exibe a imagem do corpo de uma mulher que vai, aos poucos, “desaparecendo”. Em suas mãos, ela segura uma fita métrica, símbolo de repressão e vigilância das medidas corporais, que nesta imagem equivale à parte inferior do corpo. Apenas o busto permanece intacto. Segundo Vigarello (2012), no século XIX, o busto era considerado uma parte nobre do corpo humano, por ter maior proximidade com o céu. As

partes inferiores do corpo, próximas da terra, desaparecem e a cintura fina, motivo de tantos tormentos para as mulheres, dilui-se na fita métrica.

A diferença fundamental dos dias atuais para o século XIX é que, na contemporaneidade, o mínimo sinal de gordura é desprezado. Hoje, deseja-se um corpo absolutamente magro, sem nenhuma adiposidade. Os referenciais de obesidade e magreza mudaram com o tempo. Conforme Fischler (2005, p. 79), no passado, era “preciso ser bem mais gordo para ser julgado obeso e bem menos magro para ser considerado magro”.

Em 2005, o tema da gordura voltou às capas da Revista **Veja** na edição 1935, em 14 de dezembro (Figura 33). Com o sugestivo título: “Adeus ao pneuzinho”, a sedutora capa expõe uma mulher nua que cobre os seios com as mãos e tem seu corpo envolvido por um pneu, simbolizando a serpente que biblicamente convenceu Eva a comer o fruto proibido, o que motivou sua expulsão do paraíso terrestre. A gula é um dos sete pecados capitais cristãos que se cometido pode levar à expulsão do Éden estético no qual desejamos viver. Além disso, a serpente, um réptil venenoso, leva à morte, assim como a gordura, conforme o discurso saudável da atualidade.



Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital
Acesso em: 20 de junho de 2011

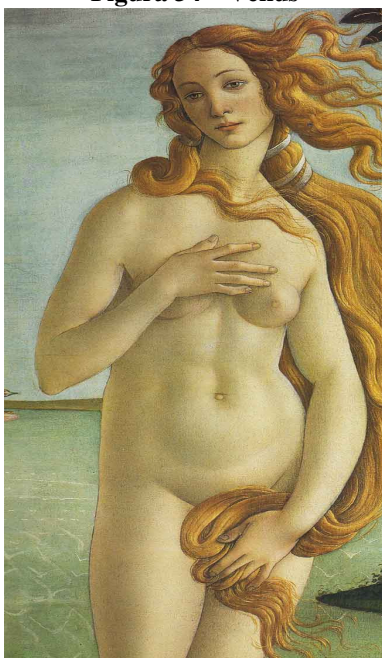
Mais uma vez, o corpo em evidência não tem rosto. A Revista **Veja** não escapa do apelo à sensualidade nas fotos, expressado pelas poucas roupas ou pela nudez, em que são revelados os contornos corporais, aparentemente justificados pela necessidade de serem mostrados os resultados dos tratamentos e cuidados sugeridos. A exposição de corpos bonitos,

principalmente femininos, parece ser o atestado de pessoas saudáveis e a passagem para a felicidade dos sujeitos.

Na capa, a cor verde, presente no plano de fundo, parece relacionar-se com o tema da matéria, a saúde. Trata-se de uma reportagem sobre a nocividade da gordura intra-abdominal, que atinge tanto homens quanto mulheres. Entretanto, a escolha enunciativa na manchete da capa traz a imagem de uma mulher despida, apresentando, em volta da cintura, apenas um pneu, aludindo, metaforicamente, ao popular “pneuzinho”, ou seja, a gordura abdominal. Este pneu esconde a parte genital da modelo, que cobre os seios com as mãos, apresentando as linhas do tronco levemente inclinadas para a direita. O encontro dessas linhas, em sua região central, culmina em um pescoço retesado, aparentando um estado de languidez que gera o efeito de sentido de voluptuosidade, sensualidade e sedução.

A imagem da capa dialoga na memória com outras imagens, dentre elas, podemos destacar a pintura *O Nascimento de Vênus*, de Sandro Boticelli, que representa a deusa Vênus emergindo do mar como mulher adulta, conforme descrito na mitologia romana, e a figura mitológica de *Lillith*³².

Figura 34 – Vênus



Disponível em

<http://www.mlahanas.de/Greeks/Mythology/Master4.html>

Figura 35 – Lillith



Disponível em

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Lilith>

³² Mitologicamente, ela é referida como a primeira mulher de Adão, que o abandonou partindo do Jardim do Éden por causa de uma disputa sobre igualdade de sexos, passando depois a ser descrita como um demônio. Em outra passagem é acusada de ser a serpente que levou Eva a comer o fruto proibido.

Como postulado por Courtine (2005) “toda imagem se inscreve em uma cultura visual”. Desse modo, a memória visual de tudo que se vê faz com que as imagens ecoem. Essa relação entre imagens internas e externas ao sujeito foi denominada pelo autor de intericonicidade. São imagens que fazem surgir outras imagens, vistas ou apenas imaginadas. A relação mais imediata entre a Vênus de Boticelli e a modelo na capa da **Veja** acontece pela colocação das mãos cobrindo os seios. O pneu enrolado no corpo da modelo também é um ícone que se identifica com a cobra que aparece enrolada no corpo de Lillith e com os cabelos da deusa Vênus, todos usados para esconder a genitália. Apesar de esses efeitos de sentido se originarem de campos discursivos diferentes, eles ocorrem simultaneamente.

Metaforicamente, a eliminação da obesidade é comparada a uma atitude sagrada. De acordo com o discurso da Revista, é necessário evitar a ingestão de “pecados” alimentares, eliminando assim os males calóricos. Como Wolf (1992) afirma, a beleza estética tornou-se uma religião a ser seguida pelas mulheres. Nesse âmbito, cabe ao sujeito a responsabilidade pelo governo de si, vigiando suas próprias ações e o seu comportamento.

O “pneuzinho”, assim denominada popularmente a gordura localizada, deve ser eliminado. Os excessos abdominais, ou seja, as bordas corporais são rejeitadas e eliminadas como uma prática social normatizada pelo saber estético. Com fim mercadológico, o saber saudável é transferido para a mulher de forma lúdica, registrando significados rígidos salutar e rejeitando imagens flácidas e gordurosas. Dessa maneira, “barriga chapada”, “pneuzinho”, “medo de balança”, “gordura tem remédio”, “guerra das dietas”, “efeito sanfona”, entre outros, tornam-se enunciados repressivos cotidianos que legitimam o corpo magro no imaginário feminino.

Predomina o discurso médico, com as falas de especialistas utilizadas para dar um caráter científico à matéria. Outra característica comum é que o eixo condutor das reportagens expressa certa ambiguidade entre saúde e estética, mediada pela lógica da subjetividade: a estética pode ser melhorada com a cirurgia plástica e/ou a atividade física e isso leva à satisfação pessoal, o que contribui para a saúde do paciente, numa temerosa tentativa de estabelecer relação linear entre estética e saúde.

Na edição 2152, que foi às bancas em 17 de fevereiro de 2010 (Figura 34), a ênfase recai sobre o denominado “efeito sanfona”, prática experienciada por indivíduos que, em busca da boa forma, vivem com frequência as oscilações da balança. Para estes sujeitos, a Revista enuncia na capa o final desse engorda/emagrece. Esse enunciado materializa a vontade de verdade do discurso da **Veja**, ao se colocar como verdade absoluta. Os demais

enunciados escritos em letras menores e localizados logo após o enunciado principal servem para endossar a verdade revelada pela Revista.

Figura 36 – O fim do efeito sanfona



Disponível em www.veja.com.br/AcervoDigital
Acesso em: 20 de junho de 2011

A imagem que aparece como pano de fundo da capa é a de um corpo feminino esbelto e possuidor de curvas bem delineadas. Tal corpo estabelece uma relação harmoniosa com os padrões de beleza e de boa forma apregoados no cerne social e é apresentado para o(a) leitor(a) de **Veja** como a única meta a qual se deseja atingir. A cor alaranjada do biquíni e o tom dourado das letras que compõem a palavra “sanfona” aproximam-se das cores quentes atribuídas à sensualidade. É interessante também ressaltar o efeito causado pela dobradura das letras que formam a palavra “sanfona”. O efeito sugerido e a própria palavra se fundem, de modo que signifiicante e significado são representados na imagem.

O enunciado principal da capa evoca outros enunciados que remetem a práticas discursivas e não discursivas relacionadas ao universo do corpo, da beleza e da saúde. O efeito sanfona é alvo de práticas discursivas situadas em vários campos do saber, dentre eles a Medicina, que considera este efeito como negativo, de modo que o anúncio de seu final é aguardado com entusiasmo. Os quatro outros enunciados que aparecem na capa reafirmam o discurso veiculado pela Revista e os sentidos dele resultantes. Todos eles estabelecem uma relação com o enunciado principal, trazendo à tona, cada um a seu modo, o ideal de boa forma como uma premissa sustentada na associação entre corpo, beleza, juventude e saúde.

“Os dez mandamentos da manutenção do corpo ideal” é um discurso transversal enunciado pela Revista para sacramentar o corpo. São apresentados conselhos e dicas de sacrifícios, com a exclusão do prazer e a manutenção da vigilância punitiva ao corpo. O discurso religioso persiste em outro enunciado: “Os 5 pecados de quem não consegue ficar magro”, sendo eliminados dois em relação aos sete pecados capitais cristãos.

A reportagem apresenta um título persuasivo e didático: “Como perder e (atenção) manter o peso”, que impõe à mulher o seu saber-poder com novos modos de tratar o corpo, induzindo-a não só a desejar um corpo magro, mas tentar alcançá-lo de qualquer jeito. Dentro de uma perspectiva foucaultiana, a Revista afirma que: “depois da dieta, vem o maior de todos os desafios: preservar a silhueta alinhada. O segredo está na eterna vigilância: não descuidar jamais dos novos hábitos, sem transformá-los, no entanto, em uma camisa de força” (Veja, edição 2152, 2010, p. 87).

O que dá legitimidade a um discurso é o reconhecimento daquele que diz como autoridade para dizê-lo, ou seja, não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância. Assim, a legitimidade na matéria ancora-se em dois pontos: a força da imagem de quem fala e a credibilidade do discurso do especialista, tido como competente e verdadeiro (discurso científico).

A legitimidade conferida pelo discurso dos especialistas – médicos, nutricionistas e professores de educação física – está embasada no seu ilusório caráter de verdade absoluta, levando o sujeito a buscar nele a verdade para os seus próprios dizeres. Cabe considerar que os sujeitos leitores assumem e repetem como verdadeiro o discurso científico pelo fato de ele estar ancorado em um conhecimento considerado *a priori* legítimo, fazendo com que esse discurso se torne hegemônico e representativo das formas de pensar e de agir dos coletivos, aspecto no qual reside o poder e o controle social dessa formulação discursiva.

Hoje, o biopoder atua no campo da estética, transformando o corpo em produto, em máquina serial, e da mesma forma como Foucault (2006a) falava da necessidade de utilizar a discursividade para controlar e intervir na sexualidade, a Estética se encontra nesse lugar privilegiado de assunto do dia. Nunca se falou tanto em dieta, alimentos saudáveis, recomendáveis, alimentação (in)adequada, controle de calorias, índice de massa corporal, obesidade, anorexia, bulimia, ou seja, práticas disciplinares, procedimentos reguladores que remetem a uma vontade de verdade que “tende a exercer sobre os outros discursos uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (FOUCAULT, 2000, p.18). E no caso do discurso da **Veja**, podemos perceber o quanto são excluídos todos os discursos que não compartilham com a “vontade de verdade” difundida pela Revista.

O autor do discurso, como sujeito autorizado a falar, desenvolve sua argumentação a fim de que ela soe como indiscutível, apoiada simultaneamente na “mudança” e na tradição. Esse autor, que possui a capacidade técnica e científica que lhe dá o monopólio da autoridade, tem condições de impor as regras e a forma de acesso não só às regras como também à possibilidade da fala, pois “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (FOUCAULT, 2000, p.36).

4.3 Lugares de resistência

Longe de propiciarem a inclusão de todos, os espaços urbanos frequentemente excluem as pessoas gordas, seja na sala de cinema com suas cadeiras apertadas ou nas pequenas roletas de ônibus e entradas de metrô. É sempre um desconforto ter que se encaixar nos espaços e padronizações impostos ao corpo.

A fotografia, dentre outros meios, faz parte da construção deste ideal e padronização do corpo apresentando frequentemente o corpo perfeito, que todos deveriam ter. Esta construção contamina o olhar e assim cada vez mais intervenções cirúrgicas são a ilusão do alcance deste corpo. No entanto, este corpo ideal é a projeção de uma imagem, seja da modelo, da atriz ou da cantora, e tudo isso sem levar em consideração que uma imagem não pode ser nunca alcançada, pois este corpo ideal que se apresenta nas imagens midiáticas é um corpo frequentemente manipulado e ajustado para se constituir como aparência.

Entretanto, a partir da década de 2000, mudanças vêm ocorrendo com a inserção de corpos diferentes no discurso midiático, principalmente na publicidade. O campo publicitário abriga imagens diversificadas de corpos que não se restringem à questão étnica, o negro, o moreno, dentre outros, mas também abriga o corpo envelhecido, o deficiente e outros corpos fora do padrão estético divulgado pela mídia em geral.

Deste modo, ao lado dos corpos modelos de beleza, que têm seu lugar assegurado na mídia e na publicidade, encontram-se os corpos diferentes. Uma variedade de estéticas corporais traz à luz segmentos de mercado identificados em decorrência de mudanças promovidas no *marketing*. A segmentação dos públicos promove a aparição de representações de corpos anteriormente não contemplados no discurso midiático. A presença de corpos diferentes responde ao movimento de ampliação do mercado. São corpos que escapam à norma, às regras e à moral contemporânea. Serão estes os novos lugares de resistência?

A presença destes corpos pode ser vista como uma transgressão ao estabelecimento de uma norma, tal como sinaliza Foucault (2008a). A transgressão é a expressão exata da

resistência ao poder. Na modernidade institucional, abordar a transgressão é também descrever formas de resistência ao poder, pois, para Foucault (2008a), o corpo capturado e produzido nas redes de poder da sociedade disciplinar e biopolítica é também o corpo que resiste às manifestações do poder, já que “onde há poder há resistência”. Todavia, o pensador francês já nos mostrava as dificuldades de resistir ao poder, ao mesmo tempo em que, ao descrever a sociedade disciplinar, ele também demonstrava aquilo que nós estávamos deixando de ser.

Foucault (2009) reconhece que a docilidade do corpo, exercício do poder de uma sociedade disciplinar, não quer dizer que os indivíduos sejam autômatos, aceitam passivamente todas as determinações do poder. Se assim o fosse, viria a estagnação, o fim da história. A resistência do sujeito permite a ruptura na rede de sentidos, embora o filósofo reconheça que a sociedade procurou um amoldamento cada vez mais controlado entre as atividades produtivas e o jogo das relações de poder.

A estética condena os corpos que olha como transgressores de um parâmetro de beleza, normalidade ou reciprocidade. Vislumbrando o outro lado da moeda, Foucault (2008a) vai dizer que onde existe poder, existe uma resistência sendo gestada. Na realidade, a resistência é também imanente ao poder, e as relações de poder só existem porque existe uma multiplicidade de pontos de resistência, isto é, são resistências, no plural (FOUCAULT, 2008a). Por isso, assim como o poder, as resistências são também pontos móveis, nômades, inventivos, muitas vezes improváveis e espontâneos, provocadores de clivagens, reagrupamentos e singularizações. As resistências percorrem os próprios sujeitos e também constituem seus corpos; produzem rupturas, constituindo o novo.

Para Fischler (2005), a questão que é discutida na mídia é se os gordos são culpados por sua obesidade. Na França, segundo o autor, na maioria dos casos, eles são considerados como os únicos responsáveis por sua condição, mas de maneira implícita. Existe um julgamento moral contra eles. A obesidade simboliza uma transgressão da ordem social. Na falta de um reconhecimento social maior, o gordo pode restituir seu débito junto à sociedade sob a forma de zombaria, exercida, na maioria das vezes, em seu próprio detrimento. No Brasil, a situação é muito semelhante e podemos ver várias comédias e muitos humoristas obesos rindo de suas formas avantajadas.

Na contramão da imposição de uma aparência do corpo magro, a artista paranaense Fernanda Magalhães³³ se lança na construção de uma poética fotográfica que tenta dar conta de problematizar esta questão e de propor novas representações para o corpo da mulher gorda. Este ideal de corpo pauta-se cada vez mais em uma suposta higienização, o corpo gordo é subjugado muitas vezes como indício de doença, tem-se horror à gordura. Como afirma Magalhães,

chegou-se a tal distância dos corpos, dos cheiros, do suor e da gordura que tudo cheira plástico. Assim é que se vive em um mundo no qual a imagem, o artificial e a aparência são mais importantes que o corpo real, natural. Num mundo asséptico que cultua um corpo higiênico. O higienismo como processo de mudança e limpeza das cidades. A retirada das pessoas dos espaços, dos cortiços, a saúde com o discurso que justifica a readequação dos espaços urbanos. Discursos médicos vão dos espaços aos corpos, promovendo uma limpeza geral que pretende um desengorduramento de tudo (MAGALHÃES, 2008, p. 79).

Confrontadas com a dura exigência imposta pela mídia de serem magras e sedutoras, algumas mulheres ousam mostrar um corpo que, supostamente, “ninguém quer ver” e transformar também sua própria visão sobre si.

A produção da artista visual Fernanda Magalhães é um exemplo dessa ousadia, que coloca em evidência corpos de mulheres gordas. Suas posturas, artística e política, demonstram um compromisso ético com o presente, uma crítica contundente aos regimes de verdade de nosso tempo, que são reforçados por estruturas de poder. Em sua trajetória artística, a rebeldia é uma constante. Ao pesquisar as representações do corpo das mulheres gordas no imaginário social, mostra que esse corpo diferente também é investido de erotismo e desejo, contrariando as imposições sociais de valorização do corpo magro.

A obra de Magalhães é uma resistência à apologia à magreza. Ela apresenta trabalhos com posições políticas e reflexivas, que abordam o corpo de mulheres gordas, recusados por não se enquadrarem nas expectativas sociais e nas imposições culturais. Ao despir esses corpos silenciados e apagados, a artista se contrapõe às imagens homogeneizadas expostas nas mídias, as quais engessam a pluralidade de formas, cores e tamanhos dessa matéria despadronizada chamada corpo. Ela não se identifica com a norma da beleza plástica a

³³ Fernanda Magalhães, fotógrafa e artista plástica, utiliza os corpos de mulheres gordas, além de seu próprio corpo, como imagem e modelo para várias obras, dentre estas um projeto intitulado *As classificações científicas da obesidade*. Este projeto realizou uma exposição no SESC Belenzinho, em São Paulo, em dezembro de 2000.

qualquer preço e questiona a obrigatoriedade de seguir às cegas as recomendações de alguns discursos médicos, construindo para si argumentos de defesa a esses enquadramentos.

Na exposição artística *Classificações Científicas da Obesidade* (Figura 35), são apresentadas figuras humanas gordas e magras em tamanho natural, suspensas por fios de *nylon*. O procedimento é irreverente, porque a artista recorta a imagem central dessas imagens, esvaziando o corpo e mantendo apenas suas margens. Subvertendo a lógica da padronização científica, a artista produz uma obra onde evidencia, pela inversão da perversa lógica dos cortes e exclusões, o espaço corpóreo através do qual se definem e se esquadrinham as pessoas gordas.

Figura 37 – Classificações Científicas da Obesidade



**Exposição artística de Fernanda Magalhães
Realizada no SESC Belenzinho, São Paulo, em dezembro de 2000.**

O discurso médico que caracteriza os tipos de obesidade é capturado pela artista, que responde através de retratos corporais ocos, sem massa e sem gordura. O discurso médico fala – “você tem que cortar a gordura” – Magalhães recorta a gordura do interior dos corpos. As formas criadas escapam, são linhas de fuga que respondem às caracterizações tanto do discurso médico-científico como do discurso sobre a saúde e a beleza dos corpos. São as margens desse corpo, ironicamente expostas como sobra, que marcam uma identidade não aceita. Sabemos bem como classificações pretendem normatizar e controlar os corpos, desde o início da Modernidade. Homossexuais, deficientes físicos, loucos, gordos, judeus, mulheres, prostitutas: inúmeras classificações científicas formatam e sujeitam corpos em regimes pré-estabelecidos de verdade.

O “corpo contemporâneo”, modificado, exercitado, plastificado, pode ser concebido dentro da encruzilhada colocada por Foucault em termos das formas de “governo de si” e de “governo dos outros”. Assim, as tecnologias corporais, nas suas formas mais variadas de aplicação, podem ser tomadas no interior de uma dupla dobra, como define Deleuze, pois, além de serem o produto do controle, são ao mesmo tempo “linhas de fuga” ou pequenas transgressões do tempo presente, visto que talvez não sejam mais possíveis as grandes transgressões. Nossos corpos são, ao mesmo tempo, técnicas “quase-autônomas” de individuação, assim como também são o resultado de técnicas totalizantes das estruturas do controle contemporâneo.

Considerando a ideia da “dupla dobra”, apresentamos dois exemplos de corpos transgressores. Em primeiro lugar, Vera, personagem criada por Pedro Almodóvar no filme *A pele que habito*, que é ao mesmo tempo cobaia e prisioneira de um cirurgião plástico e tem seu corpo de homem transformado em um corpo feminino. É um corpo que escapa à norma e ao controle resultante de intervenções cirúrgicas (com implante de silicone nos seios, nádegas, depilação definitiva etc.). Em segundo lugar, o corpo exposto pela artística plástica Fernanda Magalhães, uma ficção autêntica da ausência de carnes, órgãos e peso. O contorno gordo criado por ela é a própria realização do corpo sem órgãos (DELEUZE & GUATARRI, 1996). Corpos aspirados, que atingiram o peso de uma pluma, flutuando suspensos por fios de nylon. São corpos esvaziados em lugar de plenos.

Certamente, os corpos desfilados e suas formas de representação escapam à norma, às regras e à moral contemporânea. Mas, todavia eles podem ser considerados como corpos de resistência aos poderes e aos controles? Podemos responder afirmativamente, já que eles constroem sentidos e significados que envolvem regulação, resistência, transgressão e poder.

O indivíduo engendrado segundo os parâmetros do meio em que vive, entende que uma mente ativa depende de um corpo ativo e jovem. Logo, atribuirá ao corpo a função de diretor de suas ações. Nesta concepção, a mente seria subordinada ao corpo, ao passo que este tomaria o papel de representante do indivíduo enquanto ser. Sendo assim, se o corpo adquire tal amplitude e importância para existência, este se torna também algo a ser exposto. Esta exposição ressalta os resultados empreendidos na obtenção de corporeidades correspondentes com o modelo que o momento propõe. Desta forma, cria-se no indivíduo um sentido de obrigação em se apresentar mediante a sociedade com um corpo que não a choque.

Este corpo, que pode ser considerado o avesso do “ideal”, o qual causa certo incômodo tanto no indivíduo como no meio social, muitas vezes, é “acobertado”, não se traduz de maneira explícita. Utilizando o exemplo de um indivíduo obeso, como uma destas

corporeidades avessas aos “modelos saudáveis”, comportamentos como um olhar mais demorado sobre este corpo, algumas brincadeiras à mesa em relação à comida não ser suficiente reforçam a aversão a tal corpo como algo que foge à normalidade.

Como se nota, o corpo obeso é acusado de falta de cuidado, de preguiça, falta de controle e planejamento. Segundo Sant’Anna (2005b), para nossa sociedade, a gordura representa perda de velocidade e ocupação de espaço. Assim, a lentidão esboçada por um corpo obeso lhe faz recair a culpa por atrasos, por falta de articulação nos movimentos, ou seja, torna qualquer atividade menos produtiva. Na atualidade, quando espaço e tempo são os motores de uma sociedade consumista, utilizá-los de forma não produtiva acaba por se traduzir em algo inconcebível.

Ao contrário da obesidade, a magreza denota agilidade e energia. Porém, o corpo obeso não pode ser entendido como o “único inimigo da boa forma”, pois quando se fala em magreza, refere-se a um corpo trabalhado, para a magreza, longe das marcas da desnutrição, um corpo que se deseja magro, que se quer ostentar determinada roupa, acompanhar determinada tendência. Assim, pode-se entender que a imagem construída em torno de uma corporeidade ideal tem como matéria-prima um desejo narcísico que conduz a uma perfeição relativa à tendência vigente.

Diante desses aspectos, o corpo se constitui como lugar de conflito e disputas não só dos saberes e discursos, mas também um conflito do sujeito com o próprio corpo: ora ele o cultua, ora o nega e segrega. Ora se apropria, ora é apropriado pelo outro. É nesse jogo que se dá o processo de subjetivação do sujeito e ele é chamado a assumir uma posição. Assim sendo, estudar o sujeito no viés da mídia possibilita o entendimento dessa mediação e subjetivação e torna-se fundamental caso se tenha em vista a descoberta do homem moderno e atual, uma vez que a própria mídia é um importante instrumento das tendências modernizantes.

O corpo aparece controlado, seja pelo treino, pela estética ou pela ciência. O poder recai sobre ele em diversos níveis, seja por meio dos micropoderes e biopoderes do cotidiano que seduzem o sujeito à mudança da alimentação, à prática de técnicas corporais que mantenham a sua performance e a sua capacidade de reprodução, ou intervenções mais drásticas que regulam a sua existência e constituição como corpo, a sua codificação genética que uniformiza os sujeitos dentro de uma mesma espécie biológica e delimita o corpo normal do anormal.

O discurso da Revista **Veja** sobre o corpo contribui para a formação de crenças, estereótipos, idealizações sobre a construção de corpos perfeitos. Pois, através da

configuração de novos paradigmas, esta realidade discursiva e biotecnológica reconfigura o corpo, estabelece novas relações sociais, cria e modifica a vida. Neste horizonte novas relações entre saber e poder são configuradas, originando novas formas de reconfiguração dos corpos, segundo novas biopolíticas aplicadas à população, atuantes no controle, sujeição, criação e modificação da vida. Com base no saber científico, a **Veja** legitima o corpo magro, devido a estar modelado, disciplinado, “sarado”, como ideal, sinônimo de saúde, felicidade e alegria. Assim, é declarado um cerco à gordura. A magreza, quando indicativa de um corpo saudável, de uma alimentação adequada e benéfica apresenta-se como símbolo de distinção.

TESSITURAS FINAIS

Assim como são difíceis os começos, é sempre arriscado dar um fim, ainda que relativizado, a um tema sem fim. Como concluir um texto calcado em pontos polêmicos e em verdades atuais? Entretanto, podemos sublinhar algumas questões e reafirmar certas ideias expostas ao longo do texto.

Tal como se exige de um autor, estas palavras finais abordam questões que abrem caminhos para novas pesquisas. Este trabalho não se encerra aqui, até porque nenhuma pesquisa é concluída; pelo contrário, se abre ao debate e continua em novos caminhos, em trilhas (des)conhecidas. Por considerarmos a AD um campo de saber heterogêneo por natureza, caracterizado pela multiplicidade de olhares, de memórias, de embates e (re)construções, no qual os sentidos se movimentam e se produzem como efeitos (PÊCHEUX, 2008), terminamos nossas discussões como efeito ilusório.

Usamos o pensamento foucaultiano como uma “caixa de ferramentas” que possibilita abrir caminhos em termos de transgressões aos discursos impostos sobre nossos corpos, como resistência aos modos de objetivação e subjetivação aos quais estamos sujeitos, possibilitando assim o exercício de práticas de liberdade. Tais “ferramentas”, criadas pelo filósofo francês, ganharam sentido na tela da História ocidental, como pincéis manipulados nas nuances da teoria foucaultiana.

Na sociedade contemporânea, a mídia pode ser vista como uma prática discursiva na qual poder e saber se articulam por intermédio de jogos de verdades que produzem sentidos sobre a constituição dos sujeitos modernos. Nesta pesquisa, aventuramo-nos nos trilhos do discurso midiático, objetivando descrever e interpretar os mecanismos de produção de sentidos sobre o corpo na Revista **Veja**. Considerando que a espetacularização corporal da sociedade brasileira é retratada, dissecada, observada e ditada por essa Revista, verificamos que ela apresenta um corpo normatizado, de acordo com os costumes sociais e as práticas de consumo de cada período histórico.

As lentes do discurso da **Veja** atuam na perspectiva da normalização, criando sujeitos “midiaticamente informados”, dentro de um padrão estético rígido. Manipulando um poder-saber, a Revista impulsiona o sujeito leitor a querer transformar o corpo. No percurso da manipulação, a transformação do sujeito ocorre mediante a incorporação dos meios de se atingir um corpo modelar: cirurgias estéticas, dietas, atividades físicas, estratégias e truques para ficar mais bonito, mais jovem etc. Ao transformar o corpo mediante tais estratégias, e

tornar pública sua transformação, o sujeito tem diante de si novos papéis e, por meio deles, a ilusão de uma “nova” identidade e de estabelecer, mediante os contornos do corpo, um modo de subjetivação, ou seja, de se exprimir e se distinguir dos demais. Cada vez mais é assídua a busca do sujeito por algo que só existe enquanto simulacro visual, cultuado como espetáculo no e pelo discurso midiático, enquanto corpos de luz: o *néon* da contemporaneidade.

A governamentalidade é dirigida para todos e exercida por todos numa sociedade de controle com excesso de informação e moderação. Há cada vez maior vigilância, monitoramento e prevenção. A alimentação saudável, a perda de peso, o controle das taxas, a prática de atividades físicas, a obsessão narcísica com a saúde e a longevidade, com o corpo esbelto e com a beleza são “verdades” da época atual.

Observamos que em todas as capas analisadas é reforçado um paradigma de corpo que obedece a convenções estabelecidas socialmente, ou seja, um corpo magro, musculoso, plastificado, jovem e bonito, e isso é discursivizado por vários enunciados que exprimem a vontade de verdade do momento atual, dentre os quais: “A criação da beleza. Como a cirurgia melhora seu corpo e retarda o envelhecimento”; “As novidades da Medicina para ficar magro comendo bem”; “Gordura tem remédio. As novas drogas que combatem a obesidade”; “Prontos para o verão. Como as novas técnicas de ginástica estão esculpindo os músculos nas academias”; “Dieta sem fome”; “A ciência da boa forma”; “Emagrecer pode ser uma delícia”; “O fim do efeito sanfona” etc. A construção de um corpo magro, bonito, saudável e jovem é produzida e estimulada no discurso da **Veja** produzindo uma memória discursiva que se reconfigura na repetição intensa desse corpo.

O corpo encena no espetáculo midiático, sem que haja qualquer possibilidade de prever o futuro e seus limites. Apresentado cotidianamente na mídia, ressalta os controles sofridos por determinadas coerções sócio-histórico-culturais, tais como, praticar atividades físicas, alimentar-se bem, manter-se sempre jovem, vestir-se dentro da moda. Verificamos na Revista **Veja** a recorrência de um discurso com o objetivo de impor padrões de comportamento, estilos de vida. Imposição esta que vem acompanhada de um tom de ordem. Tal prática nos revela o papel da mídia face à interpelação do indivíduo em sujeito, ao agenciamento identitário.

Se há sujeitos que são diferentes do padrão estético vigente, há também diversas maneiras para que todos sejam enquadrados nele. Para isso, a Revista **Veja**, de maneira pretensiosamente neutra, disponibiliza informações, seja através da fala de especialistas, de resultados de pesquisas, de novas descobertas científicas, o que dá veracidade ao seu discurso.

Nas reportagens, o discurso científico assume o papel de legitimar a imposição de regras e normas de comportamento alicerçadas no discurso biomédico.

Um dos aspectos mais perversos no processo de estigmatização do gordo é a noção propagandeada da existência de um corpo perfeito e de que é fácil ser adquirido, basta querer. Assim, o gordo possui um corpo indesejável numa sociedade que propaga todos os meios para se conseguir o corpo perfeito. Através de uma suposta neutralidade, e de uma legitimação pautada nas descobertas da Medicina, o discurso da Revista **Veja** enfatiza a necessidade de o indivíduo ser saudável, bastando para isso, “entrar em forma” e não apresentar os “quilos em excesso”. Para se alcançar esse corpo, os sujeitos são disciplinados, controlados. Desse modo, terão como recompensa um corpo, delineado, sem volume, esculpido como uma obra de arte.

Não buscamos descobrir “verdades”, até porque, na concepção foucaultiana, verdade é o conjunto de regras que têm o propósito de atribuir ao verdadeiro, efeitos específicos de poder. As verdades advêm da sociedade e são construídas nos discursos, os quais são perpassados por relações de poder. É absurda a crença de que a verdade é única, pois ela está inserida em um jogo polifônico, caracterizado pela heterogeneidade discursiva, no qual os discursos são moventes, e o corpo, veículo de prazer e liberdade, é aprisionado por uma lógica capitalista, sendo padronizado e normatizado. A cultura da perfeição, aliada ao conhecimento técnico científico das cirurgias plásticas, pode ir contra princípios éticos, incitando os sujeitos a dietas e plásticas, muitas vezes, desnecessárias.

Observamos que o leitor é interpelado a assumir uma posição de segunda pessoa do discurso, seja por meio dos verbos no modo imperativo ou uso pronominal. Observamos também a tentativa de conquistar esse indivíduo, fator que contribui para a instauração de um efeito de verdade nos enunciados. Essa vontade de verdade ocorre pela utilização recorrente do discurso dos especialistas, lugares autorizados do dizer.

A mídia participa, em especial, da construção social do corpo. Seria ingênuo de nossa parte presumir uma neutralidade no discurso midiático, até porque, como reflete Foucault (2000), um discurso nunca é neutro. Nesse sentido, consideramos que é preciso dar relevância aos discursos produzidos e reproduzidos nas diferentes manifestações culturais e, principalmente, as de grande alcance populacional, pois a relação que o sujeito constroi com seu corpo é atravessada por estes discursos.

É necessário preservar a nossa singularidade, assim como a dos que nos rodeiam. Esta singularidade depende de preservarmos questões sobre “o que estamos fazendo de nós mesmos?” e “o que estamos fazendo com os outros?”. O que estamos fazendo de nossos corpos? Como está se dando, contemporaneamente, a produção de si e dos outros? Quais as

possibilidades deste corpo? Retomando Foucault: porque não fazer da vida uma obra de arte? Não no sentido de “expor este corpo como uma peça rara e solitária”, mas antes de percebê-lo como parte integrante da natureza.

Pensar na vida como uma obra de arte é pensar numa subjetividade que escapa da categorização, da produção padronizada e voltada ao imediato. Uma vida levando em conta tais parâmetros não significa uma abstinência total da atividade física, um abandono do cuidado com a saúde e a higiene. Tais práticas em si não produzem sozinho o corpo coagido e encapsulado, mas são tidas como veículo primordial para que se instalem os mecanismos de poder.

O sujeito passa a ter noção do próprio corpo a partir dos exemplos fornecidos pela mídia por meio das formas simbólicas. O desnudamento dos corpos é um fator a ser considerado. Se o início do desnudamento dos corpos e a perda do pudor tornaram possível o surgimento do culto ao corpo, na Modernidade ocorre uma inversão de valores, por meio da qual o corpo se mostra justamente para evidenciar suas formas. Essa nova ordem torna possível observar o funcionamento dos processos de docilização do corpo. Com a mudança das formas de punição e controle operadas durante a Idade Média, o olhar assumiu um papel fundamental. E é esse dispositivo que atua através da exposição do corpo, tornando possível assim o seu controle através de uma moderna e complexa modalidade de *Panopticon* que mantém o seu funcionamento também por meio da mídia.

A ciência assume o papel de conhecedora do corpo, um lugar autorizado e legitimado para enunciar sobre ele e construí-lo pelo discurso, uma vez que ele não é pré-existente. Essa tomada de posição da ciência pode ser vista por meio da presença constante da voz dos especialistas de diferentes áreas (Nutrição, Fisiologia, Educação Física, Psicologia, Medicina) presentes nos enunciados analisados.

Verificamos que a Revista **Veja** exerce controle sobre o corpo assumindo o papel de um manual que apresenta técnicas disciplinares. Tais técnicas corporais permitem entender que cada movimento do corpo é cultural, faz parte do saber e é sancionado pelo poder; a forma como o sujeito utiliza o seu próprio corpo e se dispõe do corpo do outro, com ou sem o uso de instrumentos, está condicionada e regulamentada pelas relações de saber e poder, pelo social e histórico. O corpo é construído discursivamente pela **Veja** a partir do controle de fatores como a atividade física, a estética e a ciência, biopoderes do cotidiano que conduzem os sujeitos à mudanças no seu estilo de vida.

Vale dizer que essas considerações não terminam com um ponto final, definitivo. Ainda há muito a se dizer. A forma como delimitamos o nosso *corpus* determinou o modo de

análise, mas o nosso objeto de estudo permanece aberto para novos olhares, novos sentidos, novos dizeres. Nenhum discurso está acabado. À medida que dizemos o “já-dito” sobre o corpo, retomamos outros dizeres e abrimos possibilidade para novos sentidos, construindo discursos a partir de reconstruções e desconstruções. Entretanto, o momento requer que coloquemos um ponto final do nosso discurso.

De forma alguma esta pesquisa tem um caráter finito. Ela se caracteriza como um olhar dentre muitos sobre um conjunto de enunciados, de forma que ainda há um vasto campo a ser descoberto, o qual permite ainda que assuntos como a resistência aos discursos vigentes sobre o corpo possam ser analisados e constituam um olhar de outro ângulo sobre o corpo e os processos de sua constituição.

REFERÊNCIAS

- BAITELLO, Jr. Norval. **A era da iconografia**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- BAKHTIN, Mikail. (VOLOCHINOV) **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARACUHY, Maria Regina. Análise do Discurso e Mídia: nas trilhas da identidade nordestina. **Veredas on line**. n. 2, 2010, p. 167-177. Disponível em <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/04/artigo-131.pdf>
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. **Identidade**: entrevista a Benedetti Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**. A Psicanálise e as novas formas de subjetivação. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CAMARGO, Francisco C; HOFF, Tânia M. C. **Erotismo e Mídia**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2002.
- CASTRO, Ana L. **Culto ao corpo e sociedade**: mídia, estilos de vida e cultura de consumo. 2. ed. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2007
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Tradução Mary Del Priori. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.
- _____. **Cultura escrita, Literatura e História**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CODO, W.; SENNE, W.. **O que é corpo(latria)**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CORBIN, A.; COURTINE, J-J.; VIGARELLO, G. (Orgs.). **História do corpo**: 3. As mutações do olhar. O século XX - 3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- COURTINE, Jean-Jacques. Os *stakhanovistas* do narcisismo: *body-building* e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, D. B. de. (Org.) **Políticas do Corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005, p. 81-114.

_____. **Metamorfoses do discurso político:** as derivas da fala pública. Tradução Carlos Piovezani e Nilton Milanez. São Carlos, SP: Claraluz, 2006.

_____. O corpo anormal – História e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, A.; COURTINE, J-J.; VIGARELLO, G. (Orgs.). **História do corpo:** 3. As mutações do olhar. O século XX - 3. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 253-340.

_____. **Análise do discurso político:** o discurso comunista endereçado aos cristãos. Supervisão da tradução Patrícia C. R. Reuillard. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009a.

_____. Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas. In: GREGOLIN, M. do R. e SARGENTINI, V. (Orgs.) **Análise do Discurso:** heranças, métodos e objetos. São Carlos, SP: Claraluz, 2009b, p. 11-19.

_____. Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário. In: SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; (Orgs.). **Discurso, Semiologia e História.** São Carlos, SP: Claraluz, 2011, p. 145-162..

CURCINO, Luzmara. Suporte e sentido: questões de leitura e análise do discurso. In: GREGOLIN, M. R. F. V.; KOGAWA, J. M. M. (Orgs.) **Análise do Discurso e Semiologia:** problematizações contemporâneas. Araraquara, SP: FCL-UNESP Laboratório Editorial, Cultura Acadêmica, 2012, p. 207-227.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, P. *et. al.* **O papel da memória.** 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007, p. 23-34.

DEBORD, Guy. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. In: _____. **A sociedade do espetáculo.** Tradução Estela Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 165-237.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. 14 ed. Tradução Luce Giard. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum* sobre as sociedades de controle. In: _____. **Conversações.** Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992, p. 221-224.

_____. ; GUATTARI, Félix. **Mil platôs.** Capitalismo e esquizofrenia. Tradução Aurélio G. Neto *et al.* Vol 3. São Paulo: Editora 34, 1996, p. 9- 29.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.) **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOMINGOS, J. J. **Discurso, poder e subjetivação.** Uma discussão foucaultiana. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2009.

DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault.** Uma trajetória filosófica. 2. ed. Tradução Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário:** introdução à arquetipologia geral. Lisboa: Presença, 1997.

ECO, Umberto. **História da beleza**. Tradução Eliana Aguiar. São Paulo: Record, 2004.

FERNANDES, Cleudemar A. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos, SP: Claraluz, 2007.

_____. ALVES JÚNIOR, José A. Mutações da noção-conceito de sujeito na Análise do Discurso. In: SANTOS, J. B. C. (Org.) **Sujeito e subjetividade**: discursividades contemporâneas. Uberlândia, MG: EDUFU, 2009, p. 103-119.

FERREIRA, Maria C. L. **Da ambiguidade ao equívoco** – a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

_____. A ciranda dos sentidos. In: ROMÃO, L. M. S.; GASPAR, N. R. (Orgs.). **Discurso midiático**: sentidos de memória e arquivo. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2008, p. 13-22.

FISCHLER, Claude. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, Denise B. de. (Org.) **Políticas do corpo**. 2. ed. Tradução Mariluce Moura. São Paulo: Estação Liberdade, 2005, p. 69-80.

FISCHER, Rosa M. B. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197-223, novembro/2001.

FONSECA-SILVA, Maria C. **Poder-Saber-Ética** nos discursos do cuidado de si e da sexualidade. Vitória da Conquista, Ba: Edições UESB, 2007, p. 59-67.

FOUCAULT, Michel. Os anormais. In: _____. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Tradução Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **A ordem do discurso**. 12 ed. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

_____. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. Aula de 17 de março de 1976. In: _____. **Em defesa da sociedade**. 4. tiragem. Tradução Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 285-315.

_____. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. 9. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2006a.

_____. Diálogo sobre o poder. In: **Ditos & Escritos**: Estratégias, Poder-Saber vol. IV. 2. ed. Organização e seleção de textos Manoel de Barros da Motta. Tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b, p. 253-266.

_____. **História da Sexualidade III**: o cuidado de si. 9. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2007a.

_____. **As palavras e as coisas**. São Paulo. Martins Fontes, 2007b.

_____. **Microfísica do poder**. 25. ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2008a.

_____. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008b.

_____. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008c.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 36. ed. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. **Michel Foucault**. Uma trajetória filosófica. 2. ed. Tradução Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 273-295.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GILMAN, Sander L., Obesidade como deficiência: o caso dos judeus. **Cadernos Pagu** (23), Campinas, SP: Editora da UNICAMP, Jul./dez. 2004, p. 330-353.

GODOI, Edileide de S. **A produção da identidade paraibana na propaganda da culinária nordestina**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. (Org.) **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 7-17.

_____.; RAMOS, M. S. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, M. (Org.) **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 19-40.

GREGOLIN, Maria do R. V. Recitações de mitos: a História na lente da mídia. In: _____. (Org.). **Filigranas do discurso: as vozes da História**. Araraquara, SP: FCL / Laboratório Editorial / UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2000, p. 19-34.

_____. Análise do Discurso: o sentido e suas movências. In: GREGOLIN, M.R.V.; CRUVINEL, M.F.; KHALIL, M. G. (Orgs.) **Análise do Discurso: entornos do sentido**. Araraquara, SP: Laboratório Editorial/Acadêmica, 2001, p. 9-34.

_____ & BARONAS, R. **Análise do Discurso: as materialidades do sentido**. São Carlos, SP: Claraluz, 2003a.

_____. Análise do Discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C. A. e SANTOS, J. B. C. dos (Orgs.). **Teorias linguísticas: problemáticas contemporâneas**. Uberlândia, MG: EDUFU, 2003b, p. 21-34.

_____. (Org.) **Discurso e mídia**. São Carlos, SP: Claraluz, 2003c.

_____. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos & duelos**. São Carlos, SP: Claraluz, 2004.

_____. AD: descrever – interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In: NAVARRO, P. (Org.) **Estudos do texto e do discurso**: mapeando conceitos e métodos. São Carlos, SP: Claraluz, 2006, p. 19-34.

_____. Discurso, História e a produção de identidades na mídia. In: FONSECA-SILVA, M. da C. e POSSENTI, S. (Org.) **Mídia e rede de memórias**. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2007a, p. 39-60.

_____. Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Dossiê. Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, vol. 4, nº 11, Nov. 2007b, p. 11-25.

_____. No diagrama da AD brasileira: heterotopias de Michel Foucault. In: NAVARRO, P. (Org.) **O discurso** nos domínios da linguagem e da história. São Carlos, SP: Claraluz, 2008a, p. 23-36.

_____. J-J Courtine e as metamorfoses da Análise do Discurso: novos objetos, novos olhares. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. R. (Org.). **Análise do Discurso**: heranças, métodos e objetos. São Carlos, SP: Claraluz, 2008b, p. 21-36.

_____. Análise do Discurso e Semiologia: enfrentando discursividades contemporâneas. In: SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; (Orgs.). **Discurso, Semiologia e História**. São Carlos, SP: Claraluz, 2011, p. 83-105.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, Eni P. (Org.) **Gestos de Leitura**. 3. ed. Campinas, SP: EDUNICAMP, 2010, p. 161-183.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 103-133.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 41-60.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: estudos culturais identidade e política entre o moderno e pós-moderno. Tradução Ivone C. Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

JUNG, Carl G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

_____. **A sociologia do corpo**. 4. ed. Tradução Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Tradução Bernardo Leitão *et al.* Campinas, SP: EDUNICAMP, 2003.

LEITE, Maria R. B. **Entrevendo oásis e silêncios no discurso da propaganda turística oficial sobre o Nordeste**. Tese de Doutorado em Letras. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara, SP, 2004, 267p.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Tradução Miguel S. Pereira; Ana L. Faria. Lisboa: Relógio d’Água, 1983.

_____. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LOURO, G. L. **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LUPTON, Deborah. Corpos, prazeres e práticas do eu. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 25, n. 2, jul./dez. 2000, p 15-48.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 25. ed., Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MAGALHÃES, Fernanda. Classificações científicas da obesidade In: **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceito**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006.

_____. Corpo re-construção ação, ritual, performance. In: GARCIA, W. (Org.). **Corpo e Subjetividade** – estudos contemporâneos. São Paulo: Factash, 2008.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Tradução Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MILANEZ, Nilton. Corpos ilimitados. Funk e Aids na revista – um espelho do leitor. In: GREGOLIN, M. R. V. (Org.) **Análise do Discurso**: entornos do sentido. Araraquara: UNESP, FCL, São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001.

_____. A disciplinaridade dos corpos: o sentido em revista. In: SARGENTINI, V. & NAVARRO-BARBOSA, P. (Orgs.) **Michel Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder, subjetividade. São Carlos, SP: Claraluz, 2004, p. 183-200.

_____. **As aventuras do corpo** - dos modos de subjetivação às memórias de si em revista impressa. Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2006a.

_____. O corpo é um arquipélago: memória, intericonicidade e identidade. In: NAVARRO, P. (Org.) **Estudos do texto e do discurso**: mapeando conceitos e métodos. São Carlos, SP: Claraluz, 2006b, p. 62-92.

_____. A escrita do corpo fios e linhas do jogo escriturístico na Revista. In: FONSECA-SILVA, M. C.; POSSENTI, S. (Org.) **Mídia e rede de memória**. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2007, p. 77-91.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

NAVARRO, Pedro L. Uma definição da ordem discursiva midiática. In: MILANEZ, N.; GASPAR, N. R. (Orgs.) **A (des) ordem do discurso**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 79-93.

_____. Discurso e mídia: elementos do método arqueológico para análise da produção discursiva da identidade. In: ROMÃO, Lucília M. S.; GASPAR, Nádea R. (Orgs.). **Discurso midiático: sentidos de memória e arquivo**. São Carlos, SP: Pedro & João, 2008, p. 225-244.

_____. Mídia, memória e identidade. In: FONSECA-SILVA, M. da C.; POSSENTI, S. (Org.). **Mídia e rede de memória**. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2007, p. 93-110.

NOVAES, Joana, V. Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social. In: DEL PRIORE, M.; AMANTINO, M. (Orgs.) **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2011, p. 477-506.

NUNES, Maíra F. M. A insustentável leveza do discurso: as mídias como objeto da AD na modernidade líquida. In: GREGOLIN, M. R. F. V.; KOGAWA, J. M. M. (Orgs.) **Análise do Discurso e Semiologia: problematizações contemporâneas**. Araraquara, SP: FCL-UNESP Laboratório Editorial, Cultura Acadêmica, 2012, p. 207-227.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

_____. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2009.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. Da ascese à bio-ascese ou do corpo submetido à submissão ao corpo. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. **As imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p.139-173.

_____. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. In: ORLANDI, E. P. & GERALDI, J. W. (Orgs.) **Cadernos de Estudos Linguísticos**. (19) Campinas, SP: IEL-UNICAMP, jul./dez. 1990, p. 7-24.

_____. FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F. e HAK, T. (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução Bethania S. Mariani *et al.* 4. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1997a, p.163-252.

_____. A análise do discurso: três épocas (1983). In: GADET, F. e HAK, T. (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethania S. Mariani *et al.* 4. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1997b, p. 311-318.

_____. Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso. **Cadernos de produção**. 2. ed. UFRS, nº1, Novembro, Porto Alegre, 1998, p. 47-55.

_____. O papel da memória. In: ACHARD, P. *et. al.* **O papel da memória**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007, p. 49-57.

_____. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. 5. ed. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2008.

_____. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Tradução Eni P. Orlandi *et. al.* Campinas, SP: Editora Unicamp, 2009a.

_____. O estranho espelho da Análise do Discurso. In: COURTINE, J. J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos, SP: EDUSFCar, 2009b, p. 21-26

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (Org.) **Gestos de leitura**: da história no discurso. 3. ed. Tradução Maria das Graças L. M. Amaral. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2010, p. 49-59.

REVEL, Judhit. **Foucault** - conceitos essenciais. Tradução Nilton Milanez e Carlos F. Piovezani. Revisão Maria do Rosário Gregolin. São Carlos, SP : Claraluz, 2005.

ROCHA, Cristianne M. F. **A escola na mídia**: Nada fora do controle. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

SANT'ANNA, Denise B. de. (Org.) **Políticas do corpo**. 2. ed. Tradução dos textos em francês Mariluce Moura. São Paulo: Estação Liberdade, 2005a.

_____. Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres. In: RAGO, M.; ORLANDI, L. B. L.; VEIGA-NETO, A. (Orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze**: ressonâncias nietzschanas 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005b, p. 99-110.

SANTOS, João B. C. dos. A Análise do Discurso do Brasil: entre Pêcheux, Foucault e Bakhtin. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.) **Da Análise do Discurso no Brasil à Análise do Discurso do Brasil**: três épocas histórico-analíticas. Uberlândia, MG: EDUFU, 2010, p. 119-159.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2006.

SARGENTINI, Vanice. A noção de formação discursiva: uma relação estreita com o *corpus* na análise do discurso. In: BARONAS, R. L. **Análise do Discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos, SP: Pedro & João, 2007, p. 215-222.

SILVA, A. M. **Corpo, Ciência e Mercado**: reflexões acerca da gestão de um novo arquétipo da felicidade. Campinas, SP: Autores Associados: Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

SILVA, Tomaz T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 2. ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 73-102.

SOUZA, Tânia C. de. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. **Ciberlegenda** Número 6, 2001. Disponível em: www.uff.br/mestcii/. Acesso em 23 de agosto de 2010.

VEIGA-NETO, Alfredo. As idades do corpo: (material)idades, (divers)idades, (corporal)idades, (ident)idades. In: LEITE R. G. (Org.). **O corpo que fala dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002a, p. 35-64.

_____. Olhares. In: COSTA, M. V. (Org.) Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002b, p. 23-38.

VILLARTA-NADER, Marco A. Tendências da Análise do Discurso do Brasil (AD do B): murmúrios e silêncios constitutivos. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.) **Da Análise do Discurso no Brasil à Análise do Discurso do Brasil**: três épocas histórico-analíticas. Uberlândia, MG: EDUFU, 2010, p. 181-201

VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo**: história da obesidade no Ocidente. Tradução de Marcus Penchel. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **A história da beleza**: o corpo e arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje. Tradução Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

_____. Panóplias corretoras: balizas para uma história. In: SANT'ANNA, D. B. de. (Org.) **Políticas do corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005, p. 21-38.

WOLF, Noam. **O mito da beleza**. Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 7-72.